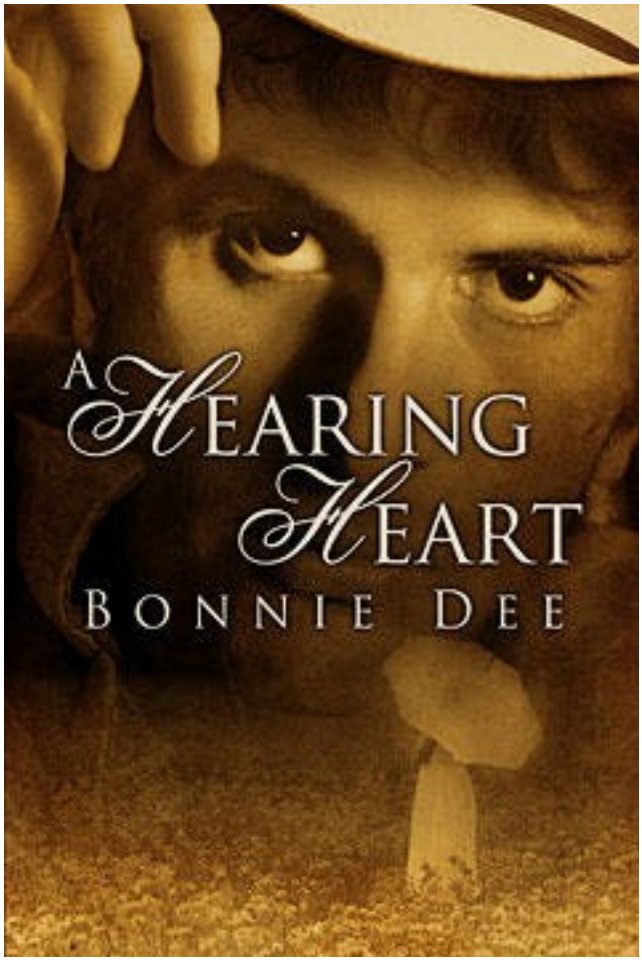

Ouvindo o Coracao

Título original:**A Hearing Heart**

Bonnie Dee

Tradução/revisão: **A.S.Candido**

Grupo RR – Blogs Românticos&Calientes e RomantiCon

Revisão final/formatação: **Mell**

Nota: Uma linda história de amor...que nos faz pensar!

Uma história que abrange sobre preconceitos, tolerância, ensinamentos...

E centralizado em tudo isso está Catherine e Jim, que mesmo com suas diferenças superam tudo

Com a descoberta do amor!

Mell

Ouvindo o Coração

Por Bonnie Dee
publicação Liquid Silver

Sinopse:

O coração transmite mensagens para além do que os ouvidos podem ouvir.

Após a morte de seu noivo, Catherine Johnson, uma professora de Nova York em 1901, viaja para Nebraska para ensinar numa escola e escapar de suas lembranças tristes.
Uma tarde, a violência explode na cidade sonolenta. Catherine salva o surdo-mudo, Jim Kinney, da tortura por bandidos bêbados.

Quando ela se encarrega de sua educação, ensinando-o a ler e assinar cresce a atração entre eles. O calor e humor neste homem silencioso transcendem a necessidade de expressão e os olhos diziam a ela tudo que ela precisa saber sobre seus sentimentos por ela. Mas as barreiras e os obstáculos da diferença de classe e do estigma de sua deficiência são quase intransponíveis para a sua fixação em crescimento.

Será que desrespeitando as regras da sociedade Catarina iria deixar-se amar de novo?
Jim pode fazer o seu caminho para sair da pobreza como um homem surdo em um mundo de audição?
E juntos eles vão bater o barão ladrão corrupto que tem um estrangulamento na cidade?

CAPITULO UM

Broughton, Nebraska, 1901

Catherine Johnson saiu da estação pela passarela de madeira, segurando a sua sacola de compras em uma mão e um embrulho em papel pardo no outro braço. Uma brisa cortou através de sua blusa branca e enrolou a sua longa saia azul, em torno de suas pernas. A areia subiu em seu rosto fazendo seus olhos piscarem. Pelo menos a estrada não era lamacenta, mas ela enfrentou uma longa caminhada de volta para a fazenda McPhersons, carregando todas as suas compras. Ela ficaria contente quando sua permanência terminasse e ela fosse morar com os Albrights na cidade. Este vaivém de casa em casa era uns dos aspectos mais desagradáveis de ensinar em uma escola rural. Às vezes, ela desejava nunca ter deixado Nova York para vir a Nebraska. Num sábado à tarde em White Plains, ela estava dando uma volta por um caminho de tijolos no parque, chafarizes e canteiros de flores que enfeitam o caminho. Aqui em Broughton, ela lutava contra o sempre presente vento e poeira asfixiante, enquanto os seus sapatos batiam em um ritmo desigual nas placas disformes na calçada.

A cidade estava tranqüila para um sábado, as ruas estavam quase vazias. Ela estava indo até o

último prédio na estrada principal, onde a poeirenta estrada tornava a se curvar, quando vários homens irromperam de um salão a direita na frente dela. As portas giratórias bateram em aberto, encostando contra a parede.

Catherine gritou e caiu para trás, deixando cair um dos seus pacotes. Seu coração martelada no peito.

Um magro homem sem queixo e atarracado, com barba preta arrastou um homem entre eles. Atrás deles, veio um sujeito corpulento com pálpebras pesadas, e olhos sonolentos. Ele gritava maldições, usando palavras que Catherine nunca tinha ouvido falar. O único homem que ela reconheceu era o que os outros seguravam pelos braços Jim Kinney, um surdo-mudo que trabalhava na cocheira.

Ele olhou para seus captores através de uma franja de cabelo escuro.

O homem corpulento na frente de Jim o golpeou com um soco em seu estômago. A mão estável duplicou com uma lufada de ar expelido, em seguida, para a respiração ofegante.

O homem de barba preta o puxou para cima e socou a um magro queixo, agarrando a cabeça para o lado. Jim gritou, um som rouco sem palavras. Ele girou e empurrou com os pés o homem que o atingiu, em um aterrando golpe sólido em seu peito que o jogou para trás.

"Amarre-o" disse o homem de olhos caídos.

"Ensine a ele algum respeito."

Catherine estava paralisada no local, horrorizada, mas muito chocada ao reagir quando uns dos homens pegou um cabo de sela do cavalo ao lado do carona. Quando ele começou a amarrar as mãos de Jim, ela finalmente encontrou sua voz.

"Parem com isso! Parem! "

Ela deixou cair os embrulhos e a sacola na calçada, levantou as saias e correu em direção a eles.

"Deixem ele em paz!"

Por um segundo, olhos escuros Jim reconheceu ela, registrando sua presença diante dos homens enquanto o arrastavam pela rua, gritando de alegria e ignorando Catherine como se ela estivesse sem voz.

"Parem!"

Ela gritou em frustração impotente, apertando as mãos em seus lados. Os ombros largos do homem de barba negra bloqueou sua visão da rua. Ela empurrou ele, o cheiro azedo de suor e álcool franziram o seu nariz, lhe dando náuseas.

O líder tinha montado a cavalo e envolveu a ponta da corda em torno da sela. Jim lutava para libertar as suas mãos até que a corda esticou e o empurrou para a frente, forçando a manter o ritmo com o cavalo. O cavalgou em sua montaria bruscamente e acelerando sua caminhada para

um trote. Jim correu por trás, tropeçando, quando tentava se manter em seus pés.
Catherine gritou por socorro o mais alto que pode. Alguns homens saíram do salão, enquanto outros saíram das lojas ao longo da rua.
"Ajudem!" Ela gritou novamente,com o pânico crescendo em seu peito ameaçando submergir sobre ela.
"Alguém o ajudem."
Jim não conseguia acompanhar a velocidade do cavalo. Ele tropeçou, caiu e foi arrastado ao longo do solo. Espantado pela criatura em seus saltos, o cavalo relinchou e mergulhou adiante. Uma nuvem de poeira de seus cascos esconderam o corpo se arrastando sobre o solo por trás dele.

O homem puxou a cabeça do cavalo para cima, virou-se e deu meia volta para onde seus companheiros estavam rindo e gritando em incentivo.
Pessoas emergiram da barbearia, do mercantil e armazéns de alimentos e todos ficaram para assistir. Ninguém iria interferir, podendo arriscar a ira dos homens bêbados.
O cavalo correu para Catherine. Sem um pensamento, além de parar, ela correu para a estrada, agitando os braços e gritando. O animal parou em suas patas traseiras diretamente em frente dela, jogando o seu cavaleiro ao chão. Por um momento, tudo o que ela podia ver era cascos voando e o corpo escuro passar acima dela. Pois o cavalo era muito alto estando em pé sobre duas pernas. Um insano pensamento passou em sua mente antes do animal cair de quatro. Ela tomou as rédeas e arrastou os dedos pela mandíbula quente do animal. O cavalo soprou uma respiração em seu rosto com um som suave de bufar macio.
"Shh. Calma. Calma ", ela cantarolou, acariciando seu pescoço. Mudou-se ao lado e alcançou um a corda amarrada a cela. Mesmo estando em seus dedos do pé com o peito pressionado contra
o cavalo, o flanco arfando ela mal conseguia alcançá-lo, e o nó estava tão apertado que ela não poderia soltá-lo. Catherine olhou o corpo empoeirado de Jim esparramado na estrada, e o homem se levantando lentamente a seus pés, amaldiçoando enquanto limpava as suas roupas.
Agora que a crise havia passado, alguns homens da loja de animais saíram na rua e agarraram o líder dos bandidos, enquanto alguém correu para chamar o xerife. Alguns fregueses da taverna agarraram os outros dois jagunços. Murdoch, o taverneiro ajoelhou-se na estrada ao lado de Jim e desamarrou seus punhos, amaldiçoando sob sua respiração.
Catherine caminhou até o corpo imóvel inclinado ao lado e observou ao Murdoch verificando os

seus membros e os ossos quebrados.

"Ele está vivo?"

Ela agachou-se ao lado deles, com sua saia se agrupando em torno dela, e olhou para a coberta de poeira no chão. Os olhos do homem estavam fechados e o sangue escorria dos cortes em seu rosto.

"Ele está inconsciente, mas acho que ele está bem. Maldição! Se ele tivesse se mantido fora do seu

caminho ".

"Ele precisa de um médico."

"Já mandei alguém buscá-lo."

Catherine puxou o lenço da manga e esfregou no sangue no rosto de Jim.

"O que aconteceu?"

"Os tolos de Drunken pediram outra rodada. Shirley estava ocupada cuidando de outra mesa, então eles gritaram para Jim pegar as suas bebidas. Claro, que ele não poderia ouvi-los. Ele está lá para varrer, e não atender as mesas. Eles começaram a gritar, o agarrou e arrastou-o para fora. "

Catherine retomou a sua pergunta do por que ele tinha levado tanto tempo para fazer alguma coisa.

Empurrando para trás uma mecha de cabelo escuro de Jim, ela examinou a ferida no seu têmpora.

"Eu pensei que Mr. Kinney trabalhava na cocheira.

"Trabalha lá também. Tem um quartinho de trás dos estábulos. Cristo! Onde está o maldito médico?

Perdoe a linguagem. "

Uma jovem correu para eles, a saia erguida o suficiente para mostrar suas meias listradas e o caminho até os joelhos. Seu cabelo vermelho caiam soltos nas costas emoldurando seu rosto redondo, e bochechas rosadas. O decote de seu vestido revelava mais do seu colo, que subiam e desciam ofegantes.

"O médico está fora em uma chamada, Sr. Murdoch. Ele está bem? "

"Maldição! Espero malditamente que não há nada quebrado. Acho que o que todos nós podemos fazer é levá-lo de volta para seu quarto. "

Vários homens se reuniram ao redor, e juntos, três deles levantaram corpo de Jim. Ele gemeu, e abriu os olhos, seu e se focou em Catherine.

Ela sorriu.

"Está tudo bem. Você ficará bem. "

Ele piscou, mas ela não sabia se ele havia entendido. Ela apenas havia visto o homem, uma ou duas vezes desde que ela se mudou para lá, e as pessoas diziam que ele era lento, bem como os surdos e mudos.

Acompanhou a pé ao lado dos homens com ele, ela manteve seu olhar travado com o dele em um tentativa de oferecer incentivo. Os olhos que a olhavam eram focados e inteligentes. Ela quase podia ver os seus pensamentos pela cintilação deles, mas sem voz para dar substância a estes pensamentos permaneciam trancados dentro dele. Catherine percebeu que ele não era deficiente mental em tudo.

Os homens o levaram através das portas do estábulo, e Catherine perdeu o contato com Jim. Seu estômago se agitou, que não foi surpreendente, pois tinha um cavalo empinado que quase pisoteou ela. O xerife teria, provavelmente, perguntas para ela como a principal testemunha da briga, mas agora ela tinha a intenção de ver o que ela poderia fazer para ajudar Jim Kinney.

Ela seguiu os homens.

* * * *

Seu corpo doía em mil lugares. Cada osso machucado. Cada centímetro de pele exposta estava dolorido. Ele sentiu como se tivesse sido arrastado pela rua atrás de um cavalo. Jim sorriu pela ironia, então gemeu quando um dos homens o levantou o seu lado direito.

Ele olhou para os três rostos acima dele. Murdoch franziu a testa. Sua boca movia sob o bigode dizendo algo duro a John Walker. Jim reconheceu o terceiro homem da loja de animais. Seus rostos estavam esticados pelo esforço de carregá-lo e suas mãos o seguravam ferozmente o machucando como o inferno. Desejou que eles os soltassem e o deixando conseguir voltar para seu quarto. Mesmo que tivesse que se arrastar seria menos doloroso.

Jim Walker olhou em volta, para quem estava segurando as pernas dele, e tentou pegar um outro vislumbre da professora. Ela deve ter ido embora.

Ele queria saber se algum de seus ossos estavam quebrados, perguntou se alguém tinha chamado um médico, e como ele ia pagar. E quando ele seria capaz de trabalhar de novo? Sem o seu corpo, ele estava em apuros. É por isso que ele sempre cuidou muito bem de si mesmo, cuidando para se manter saudável e evitando situações perigosas. Por uma vida de prática, ele tornou-se adepto a evitar bêbados ou intimidações no qual teria que mostrar a sua virilidade com seus punhos e o encontrou um alvo fácil.

Mas hoje não tinha estado em alerta. Ele estava pensando em Shirley Mae e no que ela tinha feito com ele na noite anterior. Ele havia pago apenas pelos cuidados de suas mãos. Era tudo o que podia pagar, mas ele estava desesperado por algo mais do que o seu próprio toque. Shirley dera a ele um boquete de graça. Ela apontou para o pente de strass em seu cabelo, o que ele tinha encontrado um dia, enquanto varria o bar e deu a ela, então ela inclinou a cabeça e tomou a ereção na boca. Com essa lembrança na mente, ele não teve conhecimento dos três homens bêbados até que o agarraram.

Agora Walker e os outros homens estavam manobrando Jim pela estreita porta do seu quarto. Ele cerrou os dentes para não gritar enquanto eles empurraram o seu corpo. Quando o puseram em seu cama, ele exalou em alívio.

Seu pequeno quarto estava lotado de corpos, mas em breve todos os homens, exceto seus dois patrões, Murdoch e Rasmussen, saíram. Eles falaram juntos um momento. Ele não podia ver o seu

lábios para lê-los e estava cansado demais. Seus olhos foram a deriva se fechando.

Eles abriram novamente a pressão do lado de Murdoch em seu ombro. Ele explicou lentamente que o médico estava fora em uma chamada, deu um tapinha no ombro de Jim e saiu da sala.

Mr. Rasmussen sentou na beirada da cama, ajeitou os óculos no nariz e franziu a testa, sinal de que ele não sabia o que estava fazendo. Ele pode ser capaz de envolver uma perna esticada de cavalo, mas o que ele sabe sobre as pessoas? Jim inalou uma respiração profunda e a dor atravessou seu flanco. Algo estava errado com seus esforços. Ele apontou para o lado dele, deixando

Rasmussen entender. O homem concordou e começou a desabotoar o que restou da camisa.

Um movimento na porta chamou a atenção de Jim. A professora estava lá em seu vestido azul e branco florido com o seu narciso, e cabelos coloridos. Um ligeiro aroma de perfume de lírios flutuava sobre ele. Ela era como um jardim de flores, enchendo o sombrio espaço.

Ela hesitou, olhando para Rasmussen antes de entrar no quarto. Apenas alguns passos trouxe-a à beira da cama de Jim.

Ele não conseguia parar de olhar para ela como toda as pessoas pensavam que ele era um idiota. A visão de sua forma fresca e feminina em seu quartinho era inacreditável, além de que ele estava tonto e perto de passar sua dor na cabeça. Seu olhar se fixou nos lábios dela.

"Existe alguma coisa que eu posso fazer?"

Ela perguntou Rasmussen.

O cavalariço virou-se para ela e Jim não pôde ver sua resposta. Miss Johnson assentiu e saiu da sala. Ele sentiu uma dor que não tinha nada a ver com seu corpo ferido quando ela desapareceu de vista.

Rasmussen levantou o tronco de Jim, tirou sua camisa de mangas compridas e camiseta, e o abaixou de volta para a cama. Cores e luzes piscavam na frente de seus olhos e as bordas de sua visão escureceu. Oh Deus, o seu pior pesadelo se tornou uma realidade. Ele ficaria cego pelo golpe na cabeça e ficaria totalmente desamparado. Seu pulso vibrou loucamente com o pânico aumentando por nele. Ele engasgou para respirar.

"O que foi?" Rasmussen franziu a testa.

"Onde dói?"

Jim apontou para sua cabeça.

"Você levou um golpe, mas vai dar tudo certo. Eu garanto ".

Como diabos você sabe? Você mal entende de cavalos! Jim assentiu com a cabeça, com a mandíbula apertada.

De repente, a professora estava de volta. Ela tinha um balde de água em uma das mãos e algumas panos limpos na outra. Oferecendo-lhes a Rasmussen, ela olhou para Jim.

Seus olhos se arregalaram quando viu seu torso nu e ela rapidamente desviou o olhar.

Rasmussen levantou, indicando como ela deveria lavar o sangue e a poeira do rosto e do corpo de Jim. Ele explicou que iria buscar medicamentos. A professora olhou para Rasmussen enquanto saia do quarto, com boca aberta, como que para protestar, então fechou-a e voltou para Jim. Seu sorriso era tenso.

"Você.Lê. Lábios? "

Ela falou cada palavra com cuidado.

Ele balançou a cabeça.

"Eu vou limpá-lo."

Ela estava sentada na cama ao lado dele, pressionou seu quadril contra o seu intimamente quente. Ela mergulhou um dos panos, apertou para fora se inclinou para pousar sobre o sangue em sua têmpora. Estava frio.

Ele deixou seus olhos ir a deriva submetidos à pressão do pano molhado contra o seu rosto. Ela segurou seu queixo em sua mão enquanto ela se banhava a testa, bochecha e pescoço. Sua mão

era suave e com aroma de lírios muito mais forte com ela tão perto. Abaixou deste aroma de flores, ele podia sentir o cheiro de seu corpo, um aroma secreto feminino.

Jim abriu os olhos, vendo-a curvar para lavar o pano no balde. Seu dourado cabelo estava recolhido para trás em um coque na nuca. Com alguns cachos de seu cabelo em torno de seu rosto. Duas sobrancelhas castanhas perfeitamente arqueadas,iluminando sua expressão de concentração sobre os olhos azul-céu. Arremessou a sua língua para fora, molhando os lábios, e seu coração deu um

sobressalto no peito.

Voltando-se para ele, ela começou a dar tapinhas de novo, desta vez sobre o corte em seu ombro. Um rubor cresceu em seu rosto lhe dizendo que estava desconfortável tocando ele. Uma senhorita não fazia essas coisas com um homem estranho. Ele não conseguia parar de olhar os seus olhos, mesmo que ela não lhe devolvesse o olhar. Ele nunca tinha visto olhos tão azuis.

Tudo o que ele sabia sobre ela foi que era a nova professora. Ele a tinha visto na cidade algumas vezes. Uma vez, no mercantil que ele viu quando ela riu e falou com uma menina. Seu sorriso e o doce carinho que ela tinha mostrado para com a menina também o fez sorrir. Ele também a viu de pé frente a escola, mas ele não a conhecia de nome. Ninguém tinha dito isso na frente dele e ele não poderia perguntar. Não havia nenhuma razão para ele saber disso. Mas agora ele estava desesperado para ter uma palavra dela, uma forma de ler seus lábios e entende-la, mesmo que ele não possa imaginar como soavam as palavras.

Jim tocou a mão dela e ela parou. Ela finalmente olhou para ele. Ele apontou para ela e ergueu as sobrancelhas, pedindo o seu nome.

"Catherine Johnson."

Sua mão tocou-lhe no peito e seus lábios se moviam lentamente ao longo de cada sílaba.

A imitando, ele sentiu seu nome com sua língua "presa" e moveu os lábios. Sem conhecer o som, ele nunca poderia saber as formas. A memorização veio fácil para ele. Jim acenou e sorriu, aceitando o tom de seu nome.

* * * *

Ele era muito mais esperto do que a fizeram crer as outras senhoras da cidade, que alegavam que ele era um idiota inofensivo. Catherine nunca tinha dado ao jovem que trabalhou na coxia um

momento de reflexão. Por que o seu mundo e o dela nunca se cruzaram? Agora, ela tinha sido energicamente catapultada para a sua vida, sentado ao seu lado na realização de um ato íntimo e pessoal. O dia tinha desviado de seu 'Normal' caminho reto para um caminho torto. Catherine não tinha visto tanta pele masculina na sua vida inteira. Não era decente mesmo para os operários trabalharem sem camisa em público, principalmente em algum lugar onde uma senhorita poderia ver. No entanto, ela foi para o Museu Metropolitan, em Nova York com a sua tia e primos uma vez que não tinha visto muito mais do torso nu de um homem. As estátuas nuas e pinturas a tinham chocado, embora ela tivesse escondido a sua reação diante de seus parentes cosmopolitas.

O corpo de Jim não era como, as lisas estátuas de mármore branco. Sua pele era quente e suave sob a ponta dos dedos. O arranhão no ombro dele estava sangrando e outros cortes e hematomas manchando a sua pele. Lavou a poeira, de sua pele bronzeada e texturizada com pequenas sardas e pintas. O peito dele era maior parte lisa com apenas uma aspersão de cabelos escuros, de seu umbigo até a cintura das calças por uma pista fina de pêlos. A visão do escuro mamilos no peito enviou uma onda de fogo no rosto de Catherine e um ardor entre as suas pernas. Este corpo masculino muito real era definitivamente parecido em nada com as estátuas no museu.

Seu estômago tinha sido arranhado na estrada. Pequenos grãos foram incorporados na pele, e ela dificilmente poderia ignorar a área, simplesmente porque a deixava nervosa. Empurrando a hesitação de menina de lado, ela lavou o abdômen também.

A respiração de Catherine travou enquanto ela limpava o estômago. Os músculos se contraíram quando o pano acariciou sua pela mais forte. Seu rosto queimou "e seu sexo se contraiu. Ela inclinou-se para mergulhar o pano no balde novamente.

Felizmente, no momento em que ela apertou-o para fora, o Sr. Rasmussen entrou no quarto com ataduras e medicamentos.

"Se você puder me ajudar um pouco mais, moça, eu gostaria de verificar se tiver quebrado algo no caso de haver qualquer costela quebrada. Eu não acho que nada esteja quebrado ou ele estaria com muito mais dor agora, mas eu vou chamar o Doutor Halloran mais tarde. "

Juntos, eles sentaram Jim. Ele gemia porque o ergueram. Catherine se moveu para sentar-se atrás dele e apoiou seus ombros enquanto o Sr. Rasmussen envolveu a atadura em torno de seu dorso. Cabeça de Jim descansou um pouco acima de seu peito, queimando através do tecido do vestido e em seu corpo. Seus mamilos se endureceram e outra onda de calor queimou sobre ela.

Seu cabelo era quase preto e muito brilhante. Alguns fios caíram sobre sua testa e ela queria recolhe-los. Com seus cabelos e olhos escuros e pele morena ele poderia ter sangue índio ou talvez ele fosse do mediterrâneo. Ele certamente não parecia em nada como os imigrantes alemães e checos que haviam em Nebraska. Como ele acabou nesta cidade? Qual era a sua história? Ela estava desesperadamente curiosa para saber tudo sobre ele.

"Pronto." A voz do Sr. Rasmussen a assustou. Prendeu o fim da ligação com vários pinos. Jim parecia uma múmia que Catherine havia visto no museu.

"Você pode ir até a loja e pegar algo para aliviar dor a de cabeça? "

"Claro." Catherine deslizou por trás de Jim e baixou o corpo de volta na cama. Levantou-se, ansiosa por escapar deste sentimento alarmante crescendo dentro dela.

Uma vez mais o olhar dela encontrou Jim. Seus olhos se fixaram nela com força em torno, como para comunicar algo que ela não entendia. Ela correu da sala.

Fora do estábulo, ela inalou um profundo suspiro de ar fresco, libertando a mente da turvação de emoções estranhas, antes de atravessar a rua em direção ao armazém geral.

Na frente de vários negócios, alguns grupos de pessoas estavam discutindo o emocionante evento do dia. Onde estavam todos quando ela estava gritando por socorro quando Jim foi arrastado pela rua? Catherine procurou pelos embrulhos e as sacolas no calçadão onde ela caiu, mas eles tinham sumido.

"Miss Johnson, o que aconteceu? Ouvi dizer que foi quase pisoteada! "

Pearl Jalkanen, a mulher do barbeiro, correu na direção dela.

"Horrível! Me conte tudo! "

Catherine fez um gesto em direção.

"Eu tenho que ir..."

"O xerife prendeu os homens. Os jogou na cadeia. "

Abe Jalkanen, cheirava veementemente a pomada que ele usava em seus cabelos ralos, surgiu ao lado de sua esposa.

"Como está o jovem?"

Neal Hildebrandt, o proprietário da loja de animais se juntou a eles.

" Jed contou que a maior parte de sua pele foi arrancada fora. "

"Por favor. Mr. Rasmussen pediu-me para obter da loja um pó para dor de cabeça. Sr. Kinney está tudo certo, embora ele possa ter algumas costelas quebradas. Saberemos mais depois que o médico o veja . "

Ela cutucou para passar por Pearl e continuou em direção à loja. Dentro da loja teve mais comentários e perguntas com os parabéns pelo seu heroísmo. Catherine manteve as suas

respostas breves, ela comprou o pó para dor de cabeça. Algum tipo de alma bondosa trouxe as suas compras e bolsa para a loja, assim que os recolheu voltou para a estábulo.

No caminho, o xerife Nathan Scott interceptou-a.

"Miss Johnson. Pode vir a o gabinete do xerife? Eu preciso de você para me dizer sobre o que aconteceu. "

"Depois que eu deixar esse pó para Mr. Kinney. Você já o perguntou?"

O xerife franziu a testa, os cabelos finos loiros com alguns fios brancos, enquadravam seu rosto, largo e faces rosadas fazendo-o parecer com um querubim intrigado.

"Não. Ele não pode falar. O que ele poderia me dizer? "

Catherine passou os pacotes que tinham caído de seus braços.

O policial Scott se inclinou.

"Sinto muito, senhorita Johnson. Deixe-me transportar isto para você ".

"Sr. Kinney não pode falar, mas ele pode se comunicar. Tanto o Sr. Rasmussen e Murdoch pode dizer isso. Ele não é estúpido. "

Ela lutou para manter a irritação em sua voz. Ela não sabia por que ela se sentia tão defensiva em nome de Jim. Até hoje ela agia, como toda essa gente, como ele fosse débil mental. O xerife não havia motivo para pensar de forma diferente, e era verdade que Jim não podia facilmente responder as perguntas.

O grande homem acompanhou-a até a farda onde o Sr. Rasmussen se encontrou com eles e tomou o pacote de papel de Catherine.

"Ele está dormindo. Vejamos isso mais tarde. O jovem vai ter uma noite ruim por estar ferido. "

Ela sentiu uma onda de decepção pois ela não tinha nenhuma razão para ver Jim novamente. A força deste sentimento a espantou. Qual era o problema com ela? Talvez fosse simplesmente por tê-lo salvado, ela se sente responsável por ele. Deve ser isso.

Mr. Rasmussen deu ao xerife a sua estimativa pelas lesões de Jim. Scott tomou notas e o agradeceu antes de voltar a Catherine novamente.

"Miss Johnson, se você não se importa ir no escritório comigo, eu posso levá-la ao McPhersons depois que nós conversarmos. Conserva uma longa caminhada. "

"Tudo bem." Catherine suprimiu um suspiro, de repente, exausta e vacilante como o choque pela experiência pego com ela. Jim poderia estar morto agora, em vez de simplesmente ferido, ou ela poderia ter sido pisoteada pelo cavalo empinado. Sua raiva se inflamou pelos perigosos, homens bêbados que haviam perpetrado o crime, e ela queria ter certeza de que ficariam trancados.

Com um olhar final após as barracas na porta fechada do quarto traseiro, Catherine seguiu Nathan Scott do estábulo.

* * * *

Jim estava na escuridão de seu quarto sem janelas e olhou para a linha de luz ao redor da porta. Ele realmente não tinha dormido quando Rasmussen saiu, mas queria ser deixado sozinho para pensar sobre tudo o que tinha acontecido naquele dia, inclusive o desabrochar abrupto de sua ridícula atração pela Catherine Johnson.

Ele gesticulou o nome dela, sentindo a sua forma e a visualizando em sua mente. Naturalmente que ele tinha notado a bela mulher que estava na cidade. Todo homem em Boughton provavelmente notou. Ela era bonita e levava um ar de sofisticação e elegância muito diferente das mulheres da comunidade. Jim gostaria de saber mais sobre ela, mas até hoje, ela não tinha sido nada mais que um vislumbre de beleza passando por ele.

Agora que ela tinha o tocando com as mãos e aqueles olhos azuis focados nele, seu sangue correu com um desejo impossível. Ele poderia ficar olhando em seus olhos por horas. Mas depois percebeu que seu desejo era inútil. Ele poderia também desejar que o sol entrasse na terra ao imaginar que esta mulher volte a entrar neste quarto de novo. Ele ainda não pôde descobrir por que ela esteve ali afinal.Sua memória da luta com os homens no salão estava fragmentados. Um momento foi arrebatador, as mãos ásperas próxima o agarrou. O inesperado do ataque foi quase pior do que a dor. Ele odiava ser pego de surpresa. Mas uma imagem ficou claro em sua mente. Por uma fração de segundos antes que o arrastaram pela rua, tinha visto a mulher, o rosto, com olhos arregalados e horrorizada.

O resto foi um borrão quando ele perdeu a consciência por um tempo. Quando ele voltou a si mesmo, estava deitado no chão com os rostos flutuando sobre ele, ter os olhos de Catherine foi algo para o segurar, uma âncora para a sua mente flutuante. Pity teve provavelmente inspirado ela para ajudar o enfermeiro Sr. Rasmussen, mas pelo menos tinha levado o próximo.

Jim não conseguia relaxar. Seu corpo latejava de dor. Seus braços sentiam como se tivessem sido deslocados. Esfregou as queimaduras de corda em seus pulsos e olhou para a escuridão, com medo de fechar os olhos em seu próprio quarto, por algo receoso vir a ele enquanto ele dormia.

Lentamente, com cuidado, ele se sentou e balançou as pernas para fora da borda da cama. Levantou-se e o quarto girou em volta dele. Mancando até a porta, ele deslizou a maçaneta, e estava travando firmemente. Ele mancou de volta a sua cama e deitou em seguida, ele puxou o cobertor em cima dele.

Ele finalmente foi capaz de fechar os olhos, mas ainda não conseguia dormir com as imagens diferentes o distraindo; como um cabelo loiro brilhante, uma boca macia rosada que sorria e falava diretamente a ele, olhos azuis como um céu de Agosto, que olhava para ele e realmente o olhou.

Ele era um bobo por sonhar com uma mulher que lhe tinha feito uma simples bondade e, provavelmente, não o reconheceria na amanhã seguinte, se o visse na rua. Ainda assim, repetia seu nome na mente mais e mais vezes ...*Catherine Johnson*. E sua forma brilhante o mantinha na escuridão de seu quarto solitário.

Capitulo Dois

"Temperança! Essa é a solução para muitos dos males da nossa nação. "

Sra. Albright falou em voz alta o suficiente para sua voz chegar a toda a congregação, embora fossem fora do edifício da igreja após a missa todos permaneceram conversando em grupos ou se dirigiram para casa. "Precisamos fazer o nosso conselho livre de álcool para a segurança dos jovens como Miss Johnson. Quando eu penso em como a situação poderia ter acabado! Minha querida, você foi nada menos do que uma heroína, salvando a este pobre idiota como você fez, mas você não deve nunca se colocar no caminho do mal. "

"De fato. Uma coisa tão terrível. "

Pearl Jalkanen, Alicia Van Hausen e Lily Hildebrandt todos flutuavam em torno de Catherine, acariciando-lhe o braço e elogiando-lhe a sua bravura.

Catherine aceitou as suas solicitações com um sorriso, se perguntando se realmente havia mesmo uma pessoa que se lamentava por Jim Kinney ter sido vítima do um ataque. Ela queria muito ir ver como ele estava, mas não sabia como poderia escapar de sua reunião após a igreja num engajamento com os Van Hausens. Sua posição como professora fez dela uma procurada efetuada na comunidade e Alicia Van Hausen se sentiria diminuída se Catherine cancelasse.

A maioria de seus alunos assistiram à missa, e eles também começaram a se reunir em torno de Catherine, ansiosos por ouvirem a história de como Miss Johnson tinha deixado os homens tão acabados para que o xerife Scott pudesse prendê-los.

Quando a reunião havia finalmente terminado, Catherine se reuniu num desejo olhar para baixo na esquina da rua quando ela acompanhou aos Van Hausens pela a curta distância a pé de sua casa.

"Você sabe como Mr. Kinney está?", Ela perguntou ao Sr. Van Hausen.

"Será que o Dr. Halloran foi vê-lo ontem? "

"Eu não sei", o banqueiro respondeu. "Isso o que aconteceu ontem foi bastante perigoso. O menino teve sorte de estar vivo pelo o que eu soube. "

"Graças a você, senhorita Johnson. É lamentável que você teve que testemunhar esta cena horrível."

O filho mais velho dos Van Hausen, Charles, caminhou ao lado de Catherine. Em seu chapéu-coco e paletó, com seu bigode bem aparado, era o caixa do banco considerado um dos os melhores partidos da cidade.

Catherine sorriu, mas voltou sua atenção para sua irmã, Melissa, caminhando ao outro lado dela. Ela não estava ansiosa para incentivar as atenções de Charles e sabia que ele estava interessado nela.

Melissa, era um dos seus alunos do segundo grau, agarrou-se a sua mão e sorriu para ela.

"Eu não posso esperar até que você venha ficar em nossa casa. Você é a professora mais bonita que eu já tive. "

Catherine sorriu e balançou a mão dela.

"E você é uma aluna maravilhosa."

Viver com as famílias de seus alunos era uma bênção e uma maldição. Catherine amaria escapar das crianças e de toda a conversa da escola no final do dia e ter a privacidade que ela deseja quando voltasse para casa. Mas compartilhar em suas vidas deu-lhe uma compreensão maior de como ela poderia atingir melhor cada criança, e era uma oportunidade para a comunidade em que ela vivia .

Quando ela passou o prato de frango frito, purê de batatas, e uma infinidade de pratos, Catherine tentou evitar as aberturas de Charles sem parecer antipático. Ele não ajudou sua mãe, que promoveu o jovem solteiro de muitas e boas qualidades e até mesmo sugeriu que a professora desse um passeio pela casa depois do jantar. Catherine desejou por uma vez que ela, pudesse passar a tarde de domingo por conta própria, fazendo exatamente o que queria.

Depois do jantar, ela agradeceu os Van Hausens por sua hospitalidade, mas insistiu em ir caminhando para a fazenda McPhersons.

"Eu realmente desfrutei desta tarde de domingo proveitosa. E realmente não está muito longe e eu não quero que Charles tenha algum problema por ficar fora conduzindo por uma distância tão curta. "

"Eu poderia levá-la a outro lugar. Nós poderíamos sair para Lago Asher. Ou se você honestamente preferir andar, eu posso acompanhá-la. Após a virada de ontem, tenho certeza que você se sentiria mais segura com uma escolta."

Catherine engoliu seu aborrecimento e forçou um sorriso. "Isso é muito gentil de você,Charles, mas eu, uh, eu prometi parar e conversar com o xerife de novo hoje. Eu não sei quanto tempo isso vai levar. "

Antes que Charles ou a sua mãe pudesse pressioná-la ainda mais, ela pôs o chapéu em sua cabeça, dando a eles uma bom dia, e saiu pela porta. Seu comportamento foi próximo ao rude, mas

ela não podia mais agüentar um momento de brincadeiras e bate-papo com o intencionado filho solteiro dos Van Hausens.

Ela correu pela rua em direção ao escritório do xerife em seguida, passou pelo caminho de seu destino real.

O estábulo cheirava fortemente a feno, cavalos e couro. Catherine respirou profundamente. Embora ela nunca possuiu um cavalo e tivesse montado poucas vezes, ela adorava estas grandes bestas calmas com seus suaves olhos castanhos. Quando ela passou por cada barraca, ela cantarolou calmantes carinhos aos animais, como um animal de estimação acariciou o nariz, macio aveludado de um cavalo castanho com uma mancha branca na testa.

Mr. Rasmussen não estava a vista. A porta do quarto de Jim estava parcialmente aberto. Catherine fez uma pausa para bater nela, mas ninguém respondeu. Claro que não. Ele não podia ouvir ela bater. Ela hesitou em seguida, empurrou a porta aberta.

Jim estava deitado na cama, seu cabelo escuro esparramado contra uma fronha branca. Em seu movimento, ele virou, e quando a viu, sorriu, seus olhos apertando nos cantos. Ela retribuiu sorrindo e levantou a mão em saudação. Ele acenou para a frente. Catherine não parava de pensar na impropriedade de estar no quarto de um homem.

Ela foi até ele e ficou ao lado de sua cama.

"Como você está?" Perguntou ela, não se obrigando levantar a sua voz, como se falar mais alto ajudaria.

Ele deu de ombros, e tocou a mão para suas ataduras, em seguida, a sua cabeça. Seu rosto parecia muito pior do que ontem, machando em roxo e preto, e inchados. Um cobertor cobria seus ombros nus, e ela não podia ver o resto do seu corpo.

"O médico veio vê-lo?"

Ele balançou a cabeça e fez um movimento de agarrar algo pela metade, em seguida, limpou-a com ambas as mãos.

"Nada quebrado."

Jim apontou para sua boca e alguma coisa.

Ela balançou a cabeça na confusão, tentando ler as palavras em seus lábios.

Repetiu com cuidado, e estendeu a mão para tomar-lhe a mão.

Obrigado.

Um quente brilho impregnou ela quando ela entendeu os seus agradecimentos. Mr. Rasmussen deve o ter contado como ela o ajudou ontem.

"De nada", respondeu ela. Um lado quente de sua pele ao longo enviou um formigamento através dela. Ela lançou mão e recuou.

"Estou feliz que você esteja se sentindo melhor, e sinto muito o que aqueles homens fizeram a você.

Existe alguma coisa que eu possa fazer por você? Água? Ou algo para comer? Provavelmente algo macio, certo? Eu não posso imaginar que você possa mastigar e engolir por agora. Seu maxilar parece estar muito inchado. Ele deve realmente doer. Como está o seu ombro? Dr. Halloran disse para você quando poderá ser capaz de levantar de novo? "

Ela não conseguia parar de lançar palavras nervosas derramando por sua boca.

Jim levantou a mão, a impedindo. Ele balançou a cabeça. Palma para baixo, ele fez um acalmante

gesto.

Acalme-se. Devagar.

"Muito rápido. Eu sinto muito. "

Catherine exalou agudamente, liberando a tensão, sobre seus dedos ao seu lado.

Jim apontou para algo atrás dela.

Havia um banquinho em um canto da sala. Ela o trouxe perto da cama e sentou-se, enlaçando as mãos no colo. "Desculpe. Estou um pouco nervosa. "

Indicou rosto em seguida fez um movimento de falar com a mão.

"Falando demais".

Ele sorriu, exibindo os dentes brancos e as covinhas em cada bochecha.

Catherine tragou. Seu interior já nervoso pulou novamente o calor inundou o corpo dela ficando mais quente.

"Eu não sei o quanto você me entende."

Carrancudo, ele balançou a cabeça ligeiramente, abriu a boca e fechou-o novamente. Foi claro que ele queria se comunicar e ficou frustrado com sua incapacidade de fazê-lo.

"Eu vou fazer perguntas com sim ou não como respostas. Você é daqui originalmente? " Ela apontou para o chão.

Jim balançou a cabeça, e fez um gesto com a mão.

Longe. Mais longe.

Ele se sentou na cama, estremecendo. O lençol escorregou, exibindo o peito.

Catherine desviou o olhar, então voltou, concentrando-se apenas em seu rosto. Ela poderia muito bem não falar com ele sem olhar para o corpo dele. Ele apontou para ela e ergueu as sobrancelhas.

"Eu sou de White Plains, Nova York. É sobre o rio Hudson. "

Jim ocupou as mãos abertas, em seguida, apontou para baixo.

Por que veio aqui?

Ele fez movimentos e olhos expressivos são mais eloqüentes do que as palavras de muitas pessoas.

Catherine alisou a saia sobre os joelhos.

"É uma longa história."

Vá em frente,

Ele fez sinal com os dedos.

"Eu me formei na Universidade Columbia para Professoras em White Plains. Eu estava noiva de um homem chamado Howard Brown, um capitão da Marinha. Ele foi designado em um navio de guerra, e nós estávamos para nos casar quando voltasse para casa de licença. "

Ela engoliu o caroço subindo na garganta.

"Você já ouviu falar do Maine? Ele morreu numa explosão."

Seus olhos estavam formados em sua boca. Um leve franzido a testa enrugada.

"Após a morte de Howard, eu não conseguia sentir nada. Eu mal podia mover através dos dias. Eu queria adormecer e nunca mais acordar. Eu acho que ... eu queria morrer também. "

Ela exalou um suspiro, aliviada ao deixar sair os sentimentos que ela manteve trancado dentro de si por tanto tempo. Foi a primeira vez que ela admitiu em voz alta para alguém. Apesar de seus pais tivessem feito todo o possível para confortá-la, Catherine nunca havia falado sobre o que ela

estava passando. Talvez sabendo que Jim provavelmente não a entendia tornou mais fácil confiar nele.

"Só o ensino me deu um senso de propósito, uma razão para continuar vivendo. Mas estar em White Plains e vendo todos os meus velhos amigos de escola se casar ou ter filhos era doloroso demais. Eu poderia ter tido um pretendente, vários deles, mas eu precisava de uma mudança. Eu queria ir a algum lugar e fazer algo completamente diferente. Eu queria voar para longe. Senti algo dentro de mim como quando as aves devem sentir quando migram. "

Ela sorriu-lhe a noção de fantasia, feliz por ele não poder ouvir como ela soa ridícula.

"Depois de ler sobre a grande necessidade de professores em pequenas comunidades fora para o oeste, eu assumi esse trabalho. Meus pais não conseguem entender por que eu segui nesta

desventura. Eu acho que eles esperam que eu tome um trem para casa a qualquer momento. "
Ela registrou a confusão no rosto de Jim. Ela havia falado demais. Ele não poderia compreendê-la. Deve haver uma maneira melhor para se comunicar.
"Você pode ler e escrever?"
Ele levantou o polegar e o dedo de uma polegada distante.

"Como desenho? Você tem papel e lápis? Uma lousa? "Ela desejava que estivesse com a sua bolsa escolar com ela.
Jim concordou e mudou-se para levantar.
"Não. Eu vou buscá-la. "
Ela foi até a cômoda contra uma parede em que ele apontou. No início eram poucos itens, um pente, sabonete, toalhas de rosto e toalhas, um canivete e fivelas de várias formas de animais. Houve também um esboço do lápis e uma pilha de papel branco de contas velhas e outros papéis usados empilhados em cima de um catálogo da Sears e Roebuck. Colunas de números arrumados marcava o lençol de cima. Catherine pegou os papéis e o catálogo e levou até a cama e entregando a Jim.
"Eu vou fazer um esboço de onde vim. Um mapa ".
Sentado ao seu lado na cama, ombro e quadril pressionado contra o seu, ela estava bem ciente da falta de modéstia da situação, mas ignorou sua apreensão.
Eu sou uma professora. Isto é, apenas o ensino. Ela pegou o lápis e começou a esboçar.

* * * *
Jim estava furioso com a sua incapacidade de decifrar suas palavras. Ela lhe disse coisas, coisas importantes, ele só pode ver em sua expressão triste, mas o movimento da boca tinha sido muito rápida. Ele pegou algo sobre a sua casa em Nova York, um homem que tinha morrido, e algo sobre o ensino, mas as palavras que ele compreendeu foram misturadas muitas, que ele não reconhecia.
Ele ainda estava mais humilhado ao ter que admitir que ele mal conseguia ler. Ele nunca tinha ido na escola, embora sua mãe lhe tivesse ensinado os símbolos do alfabeto e algumas palavras por objetos e animais como cães e gatos. Nada além do que ele havia descoberto para mesmo com o auxílio do catálogo da Sears e Roebuck, o único livro que possuía. Ele entendia as palavras impressas representada por figuras, mas ele precisava de ajuda para decifrar o que as

palavras significavam e as figuras. Pelo menos ele era bom com os números, graças ao Rasmussen. Jim sabia até o último centavo quanto dinheiro ele tinha guardado em seu tabaco embaixo do rodapé. Ele sabia o quanto ele precisava pra passar o inverno e o quanto ele poderia usar para seu futuro.

O peso de Catherine sentada no colchão ao lado dele, seu quadril e coxa contra o seu. Ela colocou o catálogo através de suas curvas com uma folha de papel em cima e se inclinou para começar a desenhar. Estava feliz que ele não tinha entendido ela, se isso significasse ter que sentar tão perto para explicar as coisas. O calor do seu corpo irradiava através de sua saia em sua perna. Seu eixo se moveu em resposta.Ele viu seu perfil com ela olhando o seu desenho. Uma mecha de seu cabelo tinha escapado de seus grampos e caiu sobre um olho. Seus dedos roçaram para dobrá-la por trás da delicada pele de sua orelha.

Ela falou o que ela desenhou, esquecendo-se que ele não podia ouvir. Ele estava feliz. Nesse momento, ela pensava nele como uma pessoa normal, um homem como qualquer outro. Ele olhou para o que ela estava desenhando e reconheceu a forma dos Estados Unidos.

Ele tinha visto e compreendido mapas que representavam os lugares. Ela desenhou uma forma e marcou com duas palavras, que começou com um N, o outro com um Y. Dentro da forma que ela tinha feito um ponto preto e marcado com W e P.

Catherine apontou para o ponto e olhou para ele. O dedo dela apontou para o perímetro do mapa. "Estados Unidos". Então, ela seguiu a forma menor.

"Nova York". Finalmente, ela apontou para o ponto.

"White Plains. Minha casa. Entendeu? "

Ele balançou a cabeça, olhando para as palavras novamente para se lembrar de White Plains em Nova York.

Ela desenhou o resto de sua história usando figuras. Uma mulher. Ela apontou para si mesma. E o homem chamado "Howard."Ao longo da costa do mapa E.U. ela desenhou um pequena ilha e um navio em chamas. "Cuba", disse ela.

De repente, lembrou-se do jornal que Rasmussen o havia mostrado ao Jim de um navio em chamas, a U.S.S. Maine. Ele disse que os Estados Unidos estavam em guerra com uma país chamado Espanha sobre uma ilha chamada Cuba. Às vezes, Rasmussen era amigável e tentou explicar as coisas. Outras vezes ele parecia esquecer que Jim existia. Jim apontou para o desenho do navio e da figura do homem, Howard. Ele gesticulou com a boca a palavra *"Sinto muito"* e apertou a mão ao peito. Ela sabia que ele estava dizendo sinto muito, quando alguém morria, era a coisa certa a fazer.

"Obrigada." Seu sorriso era tingido com uma tristeza que ele desejava beijar os seus lábios.

Como seria maravilhoso ter esse privilégio!

Ela falou do estado de Nebraska, e uma linha mostrando a viagem de trem de Broughton, terminando com um esboço da escolinha, em seguida, ela entregou para Jim o lápis e apontou para a ele.

"Você. Como você chegou aqui? "

Ele não estava muito certo sobre as formas de estado e os nomes, mas sabia sobre o rio Mississippi assim que ele desenhou e um ponto perto do Golfo para representar Natchez. Como ele poderia dizer a ela sobre a viagem sinuosa que o trouxe aqui, cheio de idas e pára marcar as mudanças na sua vida?

Na tentativa de melhorar ao longo da raia de má sorte, seu pai tinha desenraizado sua família, tomando um barco a vapor do Mississipi, em seguida, rumo ao oeste. Uma febre súbita o levou logo depois deles começarem a viagem, deixando Jim e sua mãe sozinhos em uma cidade estranha.

Não havia parentes em Natchez para voltar, assim que eles continuaram em direção ao promissor sonhos do oeste.

Suas economias se esgotaram rapidamente e eles ficaram presos em outra cidade. Mama teve que lavar, e também a receber atenção de visitantes do sexo masculino. Em oito anos, Jim iniciou sua carreira de varrer o chão nas tabernas, lojas e pousadas.

Um dos homens se encaprichou por sua mamãe, e ela disse para Jim que tinha um novo pai. Eles viajaram novamente para outra cidade mais ao sul. Não houve brigas. Jim não podia ouvir os gritos, mas ele podia ver os rostos com raiva, punhos socos e os hematomas no rosto de sua mãe e nos braços. Uma noite, ela acordou, e ela disse-lhe para se vestir, e eles deixaram o pai para viajar para o oeste mais uma vez. Em outra cidade Jim fez um amigo chamado Bill, um rapaz loiro e um pouco mais velho e mais alto do que ele, mas magro como um trilho. Quando eles brigaram, Jim tem uma mão superior. Eles pescavam, subiam em árvores, construíram fortalezas, e exploraram cavernas na encosta rochosa. Um dia Jim foi procurar seu amigo para jogar, mas o barraco da família, estava vazio. As coisas recolhidas, eles seguiram em frente. Havia verões gastos escolhendo feijão, couves e milho; outonos recolhendo maçãs. Eles mudaram para o norte, sul e sempre mais a oeste, até por acaso chegarem a esta cidade no meio dos campos de trigo de Nebraska. A mãe de Jim desenvolveu uma tosse que submeteu seu corpo

durante todo o inverno e matou-a até à Primavera. Ele ficou ali por falta de algum lugar melhor para ir.

Jim passou a maior parte da sua vida sozinho. A natureza solitária de sua deficiência e a constante mudança tinha tornado difícil para ele se socializar e fazer amigos. Com a morte de sua mãe, sua última conexão com uma pessoa que foi cortada. Ele vagava em Broughton como um fantasma, fazendo seus biscates, também em silêncio para ninguém notar.

Catherine tocou seu pulso, e percebeu que ele estava sentado com o lápis pressionado contra o ponto preto simbolizando Natchez por vários momentos. Ele olhou para os seus olhos e balançou a cabeça. Sua história era complexa demais para contar com figuras e linhas no papel.

Ela acenou em compreensão.

"Jim, você gostaria que eu lhe ensinasse a ler e escrever? "

Ele balançou a cabeça enfaticamente. É claro! tudo para mantê-la perto dele.

Além disso, ele percebeu que não ser capaz de ler o deteve muito quanto a sua falta de audição.

Ela sorriu e todo o quarto parecia mais brilhante.

"Nós podemos começar agora, e eu vou voltar amanhã, depois da escola com alguns livros para você. Você pode me mostrar o que você sabe? "

Jim estremeceu por dentro, com vergonha de mostrar quão lamentavelmente sabia. Embora ele pudesse copiar as letras, palavras e frases inteiras do catálogo, jornais velhos ou figuras de animais, ele não sabia o que as palavras significavam. Mas lembrou-se do gato, assim ele escreveu Gato, de uma figura felina. Ele olhou para Catherine.

Ela concordou.

"Bom. Você pode escrever seu nome? "

Ele pensou por um momento, recordando a sua mãe, colocando sua mão e ajudá-lo fazer as letras. Ele escreveu *J-I-M* e olhou para Catherine novamente.

"Sim". Não sabe o alfabeto inteiro? Você sabe, A-B-C-D ... "

Ele imprimiu o alfabeto como se lembrava dele. Quando ele terminou, ela elogiou o seu trabalho e mostrou-lhe parte do texto no catálogo, explicando a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas. Tomando o lápis dele, ela imprimiu o minúsculas homólogos ao lado de todas as letras maiúsculas que tinha feito.

Apesar de concentrar-se na lição, Jim era quase capaz de esquecer sua atração por ela, até que

Catherine começou a demonstrar os sons ligados aos símbolos diferentes.

Ela apontou para a capital e uma letra minúscula, em seguida, seus lábios se moviam. Tomando sua mão na dela, ela colocou em sua garganta, e fez o som do "A."

Jim sentiu o zumbido sob seus dedos e ao calor suave da sua pele. Interior da boca aberta, a língua dela caiu um pouco curvada. Ele olhou fixamente para os lábios e a língua rosada, e imitou o movimento.

"Bom". Catherine levou a outra mão e colocá-lo em sua garganta. "Faça o som".

Ele expulsou o ar até que ele sentiu a vibração em suas mãos, deixando-o saber que ele era quem estava fazendo o som. Se o barulho foi alto ou baixo ou os lábios e a língua posicionada corretamente para fazer o A, ele não poderia dizer, mas ela parecia contente.

Ela mudou para B, colocando os dedos contra os lábios dela e repetiu o som várias vezes. Seus lábios eram tão suave como a pele do pescoço, mas uma textura diferente. Uma quente respiração escapou de entre eles em pequenos jatos, aquecendo e umedecendo os dedos.

Seu pau endureceu, uma força incontrolável da natureza reagindo à sua proximidade, a seu cheiro e seu toque. Foi uma coisa boa o cobertor cobrir seu colo e sua crescente ereção. Ele mudou para aliviar a pressão do seu pau pressionando o catálogo da Sears e Roebuck. Cobrindo a boca com a mão, ele tentou simular o som pelo estouro do ar que acompanhava "B."

Então Catherine levou a mão dele em sua garganta para que pudesse sentir como era B diferente de A, mais curto e mais nítido. A sensação de sua pele suave sob os dedos tornou-se difícil se concentrar sobre as sutis diferenças nas vibrações continuo com o alfabeto. Ele perdeu o controle de sons diferentes, ele estava tão distraído por tocá-la.

Além das vibrações, havia muitos sutis diferenças zumbidos realizados na garganta de Catarina. Como a letra K, ela parecia perceber isso e deu um aperto de mão.

"Muito bom. Isso é o suficiente por hoje. "

Ela conferiu o relógio pequeno sob o corpete do vestido.

"Está ficando tarde. Eu devo ir. "

Não, ele queria protestar. *Eu vou aprender o resto do alfabeto e fazer mais sons.*

Eu vou desenhar mapas e números, tudo o que quiser, só não sai dessa casa.

Mas ele acenou com a cabeça assim que ela se levantou da cama, deixando um lugar vazio ao lado dele.

"Obrigado", ele moveu seus lábios e sorriu para ela.

"De nada. Irei voltar amanhã, depois da escola para ver como você está indo e trarei outros materiais junto. Adeus."
Ela levantou a mão, em seguida, saiu pela porta.
Jim olhou atrás dela, esfregando a mão sobre o braço nu onde tinha pressionado contra a manga da blusa de algodão. A pele estava sensível, os cabelos picavam arrepiados. Amanhã ele iria vê-la, estaria perto dela e iria respirar o seu doce perfume. Ele mal podia esperar.

* * * *

Catherine pensou em Jim durante todo o caminho de volta para aos McPhersons'.
Ele era brilhante, ansioso por aprender e seria muito fácil de ensinar. Unicamente sua deficiência criou um desafio. Ela tinha lido sobre, e soube que havia uma escola para surdos em Nova York. Talvez a tia Lídia pudesse enviar alguma literatura informativa ou um livro sobre o assunto. Ela ia mandar um telegrama pedindo-lhe amanhã.
O céu estava cinzento ao anoitecer na hora em que ela chegou à fazenda. Ela perdeu o jantar.

A senhora McPherson limpava a cozinha, enquanto seu bebê rompia uma discussão entre as crianças mais velhas. Catherine pediu desculpas por estar atrasada e permitiu que a senhora McPherson achasse que ela tinha estado em um passeio de buggy com Charles Van Hausen. Então ela se ocupou, de assumir o trabalho na cozinha para que a mulher pudesse lidar com as brigas de suas crianças.
Marlene e Caleb destruía a falsa noção de ligação sobre gêmeos. Aos onze anos de idade brigavam constantemente e, além de serem de sexos opostos, não se pareciam em nada um com o outro.
Sra. Marlene McPherson foi enviada para ajudar Catherine na cozinha e Caleb ao lamaçal dos porcos, enquanto ela carregava o bebê para o quarto para trocar a fralda.
Mr. McPherson sentou-se em frente à lamparina de querosene na sala, lendo seu jornal, alheio ao caos ao seu redor. Catherine estava definitivamente pronta para se mudar da casa dos Albrights ", onde havia apenas uma filha educada, de dezesseis anos de idade com maneiras refinadas.
Limpando as panelas, Catherine reviveu cada momento de sua tarde com Jim Kinney, não só as suas tentativas de se comunicar e de ensinar, mas os sentimentos inesperados que ele despertava nela. Ela mal sabia que ele existia até ontem, mas agora ele enchia sua mente e os sentidos.
Ela tentou manter-se alheia, convencendo-se que ela não sentia nenhuma atração, mas o seu

corpo a traia. A partir do momento que ela entrou no quarto, e tomou a vista seus ombros nus com a bandagem acima envolvendo seu tronco tinha enviado um formigamento em sua parte feminina. Seus brilhantes olhos castanhos e um sorriso feliz faziam seu estômago tremer e suas pernas fraquejarem. Ignorando os sintomas de desejo, ela se sentou ao lado dele para desenhar o mapa e escrever o alfabeto. No processo de ensino, Catherine teve quase que vencer o magnetismo que ela sentia, mas quando ela enfrentou Jim e colocou a mão em sua garganta e em seus lábios, a fronteira entre o profissionalismo e a sensualidade se quebrou. Fez de tudo o que ela pudesse fazer para se lembrar o por quê dela estar tocando em seu rosto e pescoço. Seus calejados dedos rasparam sua pele, marcando-a com o calor, e os olhos em sua boca era tão intensos que roubaram a sua respiração.

Felizmente, Jim pareceu não notar como seu toque agitava ela. Ele estava concentrado completamente sobre a lição, inocente de sua base, de pensamentos inadequados.

Ensiná-lo no íntimo de seu quarto tinha sido uma má idéia. Ela se arriscou com prováveis insinuações e acusações de comportamento indecente. Na manhã seguinte depois da escola, ela iria vê-lo como o prometido, mas iria sugerir que ele visse a escola todos os dias após as aulas de uma hora ou duas de tutoria. Aquele era o lugar apropriado para o ensino. Certamente o Sr. Rasmussen poderia poupá-lo brevemente cada dia para tal finalidade tão importante.

"Miss Johnson." A voz de Marlene quebrou seu devaneio.

Catherine olhou para baixo. A menina estava à espera, com o pano de prato na mão, para a próxima bandeja.

"Desculpe. Eu estava distraída. "

Ela mergulhou as mãos para trás na água morna.

Havia apenas espuma de sabão suficiente para terminar o último dos pratos, mas ela não quer tomar o tempo para adicionar mais água quente e sabão a partir da chaleira no fogão. Oh, ela perdeu a quente e fria, em água corrente, uma das muitas comodidades modernas que ela tinha tomado concedidas em White Plains.

"Miss Johnson, você tem algum irmão ou irmã em sua casa?"

"Não, Marlene. Eu sou um filha única. Eu tinha primos, embora, e eu sei como são irritantes os meninos podem ser. "

Ela sorriu de comiseração com a irritação da menina com Caleb.

Isso era tudo que precisava. Marlene começou um discurso contra o seu irmão para o resto da hora que foi o tempo para limpar a cozinha, em seguida, depois disso Catherine se arrastou para

a sala, ainda estava reclamando.

"Deixe a Miss Johnson, Marlene!" sua mãe mandou.

A família se estabeleceu na rotina da tarde, as crianças que trabalham em tarefas escolares, o bebê já estava dormindo em seu berço, e os três adultos entretidos numa leitura silenciosa e com alguns intercâmbios de palavras ocasionais sobre o tempo ou fofocas da cidade.

Mais tarde, Catherine vestiu sua camisola e se enfiou debaixo das cobertas na cama, no armário da sala de tamanho livre, seu pensamento se voltou para Jim Kinney novamente. Na verdade, ele nunca o deixou, mesmo quando ela fingia ler Jane Eyre. Sua mente correu com os planos de como abordar o ensino, mas além de seu entusiasmo por um projeto desafiador de ensino ser simples, havia a atração sensual. Ela não se sentiu atraída por um homem desde da morte de Howard, e não podia imaginar por que sua mente havia se prendido em Jim, a perspectiva mais improvável na cidade. No entanto, na privacidade de sua cama e na solidão de seu quarto, ela não podia

negar o seu fascínio por ele.

Imagens de seu rosto assombravam ela, as maçãs do rosto forte, nariz reto, lábios curvados, e os vincos encantadores em seu rosto quando ele sorria. Como seria escorregar entre seus dedos por seu cabelo, densa e escura? Mesmo deitada aqui no escuro com os olhos fechados, seus profundos olhos castanhos não a deixavam descansar.

Havia tanta coisa acontecendo por trás de seu intenso olhar, tantos pensamentos, presos dentro de sua cabeça, enjaulado pelo silêncio. Ela jurou que ela lhe daria a chave para libertá-los.

Capitulo Tres

Na escola no dia seguinte foi uma pequena crise após a outra. Nada correu bem e as crianças pareciam mais turbulentas do que o habitual. A classe de Catherine era composta de vinte e duas crianças variando entre idade de sete a dezessete anos, cada um em seu próprio nível de desenvolvimento, cada um com opiniões, desejos e necessidades. Em White Plains ela ensinou apenas alunos da nona, e apenas um assunto, Inglês. Com a experiência, ela adquiriu mais paciência para lidar com os jovens mais velhos do que com o bando de crianças. Depois das agitadas primeiras semanas em uma escola rural, ela aprendeu a utilizar as meninas e meninos nas classes superiores. Sempre que eles terminavam seus trabalhos, ela os definia para ajudar com os membros mais jovens ou mais lentos da escola. Mas mesmo com a ajuda de seus alunos adolescentes, Jennie Albright, Sarah Jalkanen e Ned Hildebrandt, exigiam que seu tempo nunca se acabe. Algumas crianças sempre era necessário atenção e, hoje, Catherine não tinha paciência para isso.

"Bernard Jalkanen, ponha as mãos na mesa, palmas para baixo, e não mova-os até eu dizer que você pode. Da próxima vez que você puxar o cabelo de uma menina, eu vou apanhar as suas mãos com uma régua. "

"Mas, senhorita Johnson, ela quem começou."

"Não discute, apenas faça!" Ela virou-se para seu mais um novo aluno de seis anos de idade, Minnie Davis, que estava de pé em sua carteira.

"Minnie, você sabe que não pode ficar acima de seu assento sem permissão. O que é isso? "

Os olhos da criança brilhavam e seu lábio inferior tremia. Inclinou-se em próximo e sussurrou:

"Miss Johnson, eu tive um acidente."

"Ah." Catherine sentiu terrível por apanhá-la.

"Tudo bem. Venha comigo. Por favor assuma a classe por alguns minutos, Jennie ".

Levou Minnie ao vestiário, ela ajudou a tirar a roupa de baixo encharcada, depois ela pediu para Jennie Albright acompanhar a criança para casa. Felizmente Minnie morava na cidade ao invés de milhas para fora na pradaria. E essa foi apenas a manhã. Depois do almoço e recreio, as horas se arrastaram até que finalmente ela pudesse anunciar, "Classe Terminada. "

As crianças estavam fora de seus assentos e através da porta num segundo, tão ansiosos quanto

Catherine por escapar da escola.

Ela reuniu suas coisas, trabalhos para corrigir, leituras, livros didáticos e uma lousa para Jim e trancou a porta atrás dela. Ela andou até a estação de correios para enviar um telegrama a sua tia.

O telegrafista aceitou a breve mensagem de Catherine, e leu em seguida, olhando mais para ela com interesse no conteúdo.

"Você ensinará Jim Kinney? Eu pensei que o menino tivesse problemas. "

"Não. Ele apenas tem dificuldade em se comunicar. Espero poder mudar isso. "

Ela pagou pelo telegrama, fechou a bolsa, e saiu do escritório, carrancuda. Sem dúvida, a cidade saberia o que estava fazendo agora. Apesar do fato de que um operador de telégrafo deveria ser tão discreto como um padre em um confessionário, mas Herbert Nordstrum nunca manteve um secredo.

"Miss Johnson!"

Protegendo os olhos do sol, Catherine viu Nathan Scott aproximar-se dela. O policial parecia um colegial com sua face e sorriso aberto. Ela supõe que a maioria das mulheres iria achá-lo bonito. Ele era alto, musculoso, com cabelos loiros e olhos azuis, mas sua lealdade e volumoso corpo não interessava a Catherine.

Ele retirou o seu chapéu de feltro da cabeça.

"Como você está?"

"Muito bem, obrigada." Ela retribuiu o sorriso, escondendo a sua irritação pela interrupção.

"Enviando uma carta?"

Ele olhou para os correios por trás dela.

"Mm."

"Engraçado, eu encontrar você aqui. Eu estava indo para a direção aos McPhersons e dizer-lhe que as últimas notícias sobre os homens presos. O juiz estará na cidade em poucos dias para realizar uma audiência. Espero que os homens sejam multados e liberados. "

"Liberados? Eles poderiam ter matado o Sr. Kinney! É uma multa a pena por tentativa de homicídio? "

"Eles só foram acusadas de desordem por embriaguês e atos maliciosos".

"Isso é tudo? Sra. Albright estava certo. É vergonhosa a forma como os homens embriagados são desculpados por sua má conduta, enquanto sob a influência de álcool ".

Nathan franziu a testa.

"Dadas as circunstâncias em que ninguém foi mortalmente ferido,"

"Sr. Kinney poderia ter sido. É ultrajante! "

Ele olhou para a rua quase vazia, onde um vagão estava passando, então, concentrou seus olhos azuis em Catherine e baixou a voz.

"A verdade é, senhorita Johnson, que aqueles homens trabalham para o Sr. Karak, o novo proprietário do celeiro . Ele prometeu pagar o xerife reduções de taxas. Diz que vai manter seus homens na linha de agora em diante para não se preocupar. "

"O que?" Ela ficou chocada. A raiva pela injustiça inchou nela. "Quem este Karak pensa que é? "

"Rico, isto que ele é." Nathan balançou a cabeça. "Ele chegou aqui do leste e imediatamente comprou o elevador de grãos, o moinho, hectares de terras agrícolas.

Tem a mão na estrada de ferro também. A cidade inteira praticamente pertence a ele agora. "

"Isso é medieval ...! É terrível! "

"Ninguém pode fazer nada sobre isso. O homem não tem quebrado nenhuma lei. "O policial trocou um pé para o outro, apertando a aba do chapéu entre seus dedos e polegar, e pigarreou.

"Miss Johnson, estava pensando, em perguntar se eu poderia convidar você para algum passeio, talvez levá-la para algum lugar no domingo depois da igreja. "

"Oh!" Ela estava sem fala. Seu convite foi completamente inesperado, por isso ela não esteve preparada com uma recusa educada. A transpiração escorria sua espinha, fazendo com que a blusa grudasse em volta.

Ela forçou um sorriso.

"Essa é uma boa oferta, Sr. Scott. Vou considerar isso. "

"Obrigado."

Seus olhos transpareciam sua decepção por sua falta de entusiasmo por sua oferta. Ele acenou com a cabeça e seus cabelos, em linha reta fina levantada na brisa.

"Bom dia, então, senhorita Johnson."

"Bom dia." Ela deu um suspiro de alívio, o policial se moveu para o lado no calçadão para deixá-la passar. Pobre Sr. Scott. Ela odiava ferir os sentimentos de qualquer homem, mas após a morte de Howard, ela teve muita prática em recusá-los delicadamente. Diversos respeitosos meses após a sua morte, os pretendentes começaram se aproximar dela. Ela não estava pronta para ignorara a sua memória e sair com ninguém. Ao deixar White Plains, ela tinha esperança de escapar dessa pressão, mas estava começando de novo, primeiro com Charles Van Hausen e,

agora, Nathan Scott. O que uma mulher tem que fazer para conseguir um pouco de paz sobre as atenções dos homens?

Catherine arrastou os livros que levava na maleta pela carga para o braço abaixo ao lado dela enquanto andava pelo resto do caminho para o estábulo. No caminho, ela foi parada por várias pessoas para estender suas simpatias sobre o seu encontro "com a morte" e ouvir a história em primeira mão. Ela disse que brevemente, impaciente para começar a tarde com ela antes de todo o seu tempo livre se fosse.

Finalmente, ela chegou ao estábulo e entrou na penumbra, respirando o aroma de feno e cavalos.

"Miss Johnson." Mr. Rasmussen tirou o chapéu e se levantou do seu lugar perto da frente da porta, onde ele estava fumando um charuto. O forte odor emanava de suas roupas quando aproximou-se dela.

"Olá. Eu vim verificar o progresso Mr. Kinney. Ele está melhor? "

"Muito. Ele está bem ali, tratando de Felícia. "

Rasmussen apontou para a terceiro entrada. O topo da cabeça escura de Jim mostrou sobre o dorso de um cavalo.

"Ele já está trabalhando?" Ela franziu o cenho para o alugador de cavalos.

"Eu não o mandei trocar o feno ou nada. Jim queria voltar ao trabalho assim que eu assumi o que deve fazer ".

"Sr. Rasmussen, eu me perguntei se eu poderia ter uma hora ou mais de seu tempo a cada tarde. Eu gostaria de ajudar o Sr. Kinney aprender a ler e escrever, talvez, ensinar linguagem de sinais.Você poderia poupá-lo um pouco do tempo a cada dia, sem retirar de seu salário? "

Ela sorriu docemente, tornando impossível para ele recusar, sem sentir como um arruaceiro egoísta.

Ele hesitou.

"Bem, acho que ficaria bem comigo, se Murdoch pode poupá-lo algumas também.

Jim é um trabalhador. Nós dependemos dele. É um direito nosso desistir um pouco do seu tempo."

Catherine tinha dúvidas o quanto os homens pagavam pelo o que Jim valia, e era de se saber que Rasmussen diminuiria algumas moedas extras por semana, mas ela sorriu e agradeceu a ele antes de andar até a tenda.

A camisa de Jim estava enrolado para descobrir seus antebraços e a parte da frente da camisa era desabotoada, revelando seu tronco enfaixado. Quando ele ajeitou para afagar o pescoço do

cavalo, uma mecha de cabelo escuro tombou um olho. Ele se virou em volta com um lance de cabeça e avistou Catherine. Os cantos de sua boca curvou-se e ondulações em seu olhar.
Calor e tensão queimaram através dela. Ela levantou a mão em saudação, seu coração acelerou como se tivesse corrido todo o caminho até o estábulo.
Jim levantou a mão com as rédeas ainda preso a ela. Enfiou a rédeas fora ao lado dele, em seguida, passou sobre a cabeça do cavalo. Ele estendeu a mão para apertar a dela. Um aperto rápido correu seu pulso pelo contato com o que fizeram,com sua pele formigou depois que ela se afastou.
"Eu sei que o Sr. Rasmussen deixou trabalhar, mas ele disse que você pode fazer uma pausa para a lição. "
Ela acompanhou as palavras com o gesto ao cavalo, sentindo um pouco insensata, mas esperando que seus movimentos tornaria mais fácil sua compreensão.
Ele acenou com a cabeça e levantou um dedo sinalizando para esperar, pegou as rédeas e transportou o cavalo dando um tapinha no pescoço.
Catherine esfregou o nariz da égua entre os seus olhos de veludo marrom. O animal soprou quente, um hálito de feno perfumando em seu rosto.
"Ela é uma beleza. Ela pertence ao estábulo? "
Ele balançou a cabeça.
"Pertence a alguém." Catherine olhou ao redor do lugar. Algumas tendas foram ocupados, outros estavam vazios.
"Você pode me mostrar todos os cavalos? Eu adoraria vê-los. "
Ele a levou através do estábulo. Em cada barraca, Catherine tocou um nariz comprido ou se deixou
acariciar os eriçados lábios do cavalo, com a palma da mão suave. Os cavalos perderam o interesse imediato quando ficou claro que ela não tinha trazido um deleite. Ela não se esqueceria de levar um pacotes de açúcar, quando ela voltasse outra vez.

Quando eles se aproximaram de um cavalo grande e negro, Jim pegou o pulso de Catherine, segurando-a para trás e balançando a cabeça, avisando-a para manter a distância deste. Ele não a liberou imediatamente,mantendo os dedos circulado em torno de seu pulso e levou-a

passado o cavalo. O grande animal rolou seus olhos e bufou, passando nervosamente na sua baia. Quando chegaram ao próximo cavalo, uma égua pequena cinza, Jim a liberou, mas ela ainda podia sentir seu toque quente em torno de seu pulso.

Em cada baio, Catherine perguntou se o cavalo pertencia ao estábulo ou foi abordado pelo seu proprietário. Perguntava-se sobre os nomes dos cavalos e ocorreu-lhe que nomeá-los seria uma oportunidade de um bom ensino.

"Jim".

Ele estava afastado e não entendeu o seu nome.

Ela tocou seu ombro e ele virou na direção dela. Por alguns segundos, olhavam-se nos olhos um do outro, algo indefinível e quase palpável, passando entre eles.

O clima abafado dos estábulos envolvido em torno deles como um casulo, mantendo-os para além do mundo exterior. O suave bufar da respiração dos cavalos e o mover dos cascos eram os únicos sons para perturbar a quietude.

Catherine piscou, quebrando o feitiço.

"Você sabe os seus nomes? Talvez pudéssemos fazer cartões para cada barraca. Seria uma ótima maneira de praticar suas habilidades de leitura ".

Ela notou as esculturas em seu quarto e pensou que ele poderia praticar as letras primeiro no papel, e depois ele poderia, então, esculpir em madeira.

"Vou chamar o Sr. Rasmussen para me dizer seus nomes." Ela correu, animada por sua nova idéia brilhante.

* * * *

Jim olhou para seu patrão. Não foi assim como ele tinha planejado passar a tarde com a Miss Johnson. Ele não queria dividir a atenção dela com o Sr. Rasmussen. O casal excluíam ele, conversando um com o outro, como se ele não existisse como sempre faziam. Jim não queria que Catherine o visse como incapaz de compreender ou inferior que os outros homens.Já foi ruim ela ter testemunhado a sua humilhação na rua principal, sendo arrastado por um cavalo.

Gostava quando ela falava direito com ele, olhando diretamente em seus olhos e fazendo esses graciosos gestos com as mãos para melhorar suas palavras. Agora, seu foco estava em Rasmussen anotando os nomes dos cavalos , como ele respondendo para ela. Mas havia

muitas mais palavras indo e vindo entre eles, informações sobre o dono de cada cavalo, quanto tempo eles cavalgavam ao livre, e outras coisas que não tinha nada a ver com cavalos. Essa é a maneira como as pessoas falaram, a itinerância por todo o lugar, nunca uma coisa simples de cada vez, tornando difícil para Jim acompanhá-los.

Lá dentro, ele era como eles, com uma centena de pensamentos lhe girando em volta, modificando para outros, e evoluir para novas idéias, mas não havia maneira para que ele comunicasse esses pensamentos. E para ele decifrar os rios de palavras que decorrem da boca das pessoas era impossível. Não admira que todos pensassem que ele era estúpido.

A mão de Catherine tocou o seu braço, e ele olhou para cima. Ela entregou-lhe um caderno cheio de papel amarelo, uma ardósia preta, um pedaço de giz e um lápis.

"Isto são para você. Escrevi o nome de cada cavalo. Você pode praticar e copiá-los na lousa e em seguida no papel. Eu vou lhe mostrar o nome de cada cavalo. "

Ela falou lentamente, apontando e certificando-se de que ele compreendesse cada coisa antes dela continuar.

Sentindo-se mais como um projeto de trabalho do que uma pessoa, ele se arrastou atrás dela pelo estábulo. Em cada barraca, ela disse um nome, mostrou-lhe a versão escrita do mesmo, e esperou ele copiá-lo na lousa. "Felicia. King. Lady. Old Tom ".

Ele escreveu ordenadamente com cuidado, determinado a mostrar-lhe que não era incompetente. Não houve garganta ou lábios para tocar agora, e o aborrecimento de Jim cresceu com a lição. Esta não foi a tarde como ele imaginava. Em vez de se comunicar com ele como tinha feito ontem, Catherine parecia estar falando com ele. Apagou a tela, mais uma vez e escreveu o nome do próximo cavalo,*Crusador*, Jim olhou para ela com uma sobrancelha levantada. *Então?*

"Muito bom! Você fez isso perfeitamente. Eu quero que você pratique essas palavras e comece a conectá-los com os cavalos que representam. Você entendeu? "

Ela falou com ele como um de seus alunos, uma criança.

Jim virou-se para um ambiente limpo, alinhando a folha de papel no caderno e escreveu, Lady, King, Zephyr, Felicia, Old Tom, Lucy, Cruzador, sem uma vez verificar a ortografia com a que escreveu para ele. Quando terminou, ele apontou para a frente e para trás entre cada nome e o cavalo correspondente, o dedo enfaticamente apontando.

Ele deu um duro olhar em Catherine.

"Ah." Suas bochechas pálidas tingiram de uma rosa brilhante como tinha feito ontem.

"Eu sinto muito. Eu não quis ofendê-lo. Eu não sabia que a aula seria tão fácil para você. Eu devo me desculpar. "

Imediatamente, Jim se sentia mal. Aqui estava ela, tentando ajudá-lo e ele tinha sido rude com a ela. O problema era que ele não queria que o visse como apenas um estudante. Ela era uma mulher bonita e ele queria que o visse como um homem.

Deixando o bloco de papel e lousa no chão, ele se moveu perto de Catherine apertado a sua mão levemente em sua garganta, enquanto apontava para o garanhão negro de olhos curiosos. Catherine disse que o nome. *"Cruzador"*. O som zumbiu em sua garganta. Imitando os movimentos de sua boca, tanto quanto podia, Jim repetiu a palavra, em primeiro lugar silenciosamente, em seguida, em voz alta.

Seus olhos se arregalaram e ela sorriu.

"Sim". Assim ".

Ele repetiu. Apontando para o cinza, ela disse, *"Lady"*.

Sua garganta era quente e macia debaixo de sua mão. Ele podia sentir seu pulso e o contrair de seus músculos, mas Jim se esforçou a não se distrair com a intimidade de tocar ela e concentrou-se em replicar a palavra. Ele repetiu silenciosamente. Catherine lhe mostrou como enrolar sua língua em direção ao céu da boca e tocar a ponta dos seus dentes.

Jim tocou a sua própria garganta e tentou dizer a palavra em voz alta ao expelir ar. Ele estava fazendo algum tipo de som, mas era impossível dizer se ele estava certo.

Ela deu um aceno de aprovação.

"Maravilhoso. Você está fazendo um grande progresso. "

Talvez ela estava sendo simplesmente bondosa e sua palavra não soa em nada como o dela, mas Jim aceitou o seu louvor e mesmo assim um morno fulgor acendeu dentro dele.

Eles trabalharam em vários nomes. Jim estava mais animado com seu sucesso em sua produção em pronunciar as palavras do que ele estava tocando a pele de Catherine. Quase. Mas quando ele colocou a mão na boca para sentir o sopro de ar em "Zephyr", ele teve o impulso de puxá-la perto e provar aqueles lábios.

Ele estava lutando para fazer o som vibrante de Z quando um dos gatos que viviam no sótão se enrolou em torno de suas pernas, implorando por comida.

Catherine afastou-se dele para agachar e pegar o animal de estimação manchado em preto, branco e laranja. Levantou o gato em seus braços e o segurou contra o peito, olhando para Jim.
"Eu amo gatos! Eu tinha vários em minha casa e eu realmente sinto falta deles. "
Ele apontou para a escada do palheiro. Indicando o gato em seus braços, ele fez o pequeno sinal com o polegar e o indicador.
"Filhotes. Gatinhos. Lá em cima? Ah, sim. Eu adoraria vê-los! "
Ela colocou a gata no chão e levantou-se, escovando os pêlos soltos de sua blusa. Ela seguiu para a escada e ergueu as saias, pronta para subir.
Jim sorriu e acenou ansioso para ela ir primeiro. Se ela escorregasse um degrau, ele queria estar atrás dela para pegá-la. O fato das pernas dela estarem expostos não ocorreu em primeiro lugar, mas quando ela subiu, ele não conseguia tirar os olhos de seus sapatos de botão de alta e o relance de meias brancas e saias acima deles. O pequeno detalhe em seu vestido reforçava a curva de seu traseiro. No momento em que eles chegaram ao palheiro, sua respiração forçada, e não pela subida ou pelas costelas feridas. Assim que Catherine alisou as saias para cobrir os tornozelos, ele rapidamente ajustado sua ereção para algo menos perceptível.
Ele a levou para o ninho no feno onde a gata preta tinha dado à luz a seus filhotes. Os pequeninos não eram mais torpes e desamparados como eles tinham sido um par de dias atrás, mas estavam perseguindo um ao outro em luta. À vista desapareciam no feno. Jim sabia que estaria de volta, a curiosidade superando seu medo. Sentou-se e acenou Catherine para fazer o mesmo.
Afundando em uma pilha de feno, arranjou as saias para as pernas ficarem devidamente cobertas. Sua modéstia o divertiu. Muito tarde. Ele já tinha visto.Os gatinhos poderiam serem tímidos, mas sua mãe não era. A gata preta voltou de onde ela tinha se escondido e esfregou contra o braço de Catherine. Sorrindo em deleite, Ela puxou o animal pesado em seu colo.
"Meus gatos foram nomeados Sunshine e Sombra", disse a Jim, lembrando a ele.
"Uma era laranja e outro preto. Nomes não muito inteligentes, mas eu tinha sete anos quando os chamei. Eles estão muito velhos agora. Eu não sei se ainda estarão vivos quando eu voltar para casa. "
"Casa?" A boca dele moveu a palavra e apontou para ela. Ela levou apenas um momento de decifrar o seu significado.
"Sim. Eu provavelmente irei embora após este o ano letivo. Eu sinto falta de Nova York ".

Ele balançou a cabeça, uma pontada de decepção passando por ele.

Um gatinho mais ousado, um macho malhado, de repente, saltou de trás do feno. Correu para onde eles se sentaram, ele parou e olhou com olhos arregalados. Ele virou-se abruptamente e correu na direção de onde viera.

Catherine riu. Seus dedos acariciou o pêlo de pelúcia da mamãe gata em seu colo. Jim imaginou o que seria a sensação de ter sua mão o acariciando assim, tocando seus cabelos, o rosto ... ou correr sobre o seu estômago e deslizando para cima e para baixo em seu pênis. Ele tragou e empurrou o pensamento lascivo para o lado, repreendendo-se por pensar nela dessa maneira.

Vários gatinhos criaram coragem para perseguirem mais perto. Catherine alcançou um com a mão e segurou-o lá, esperando pacientemente. O malhado disparou, bateu em seus dedos e fugiu novamente, mas o menor, uma fêmea preta, chegou ainda mais perto e permitiu que ela tocasse em sua cabeça. Em um momento o gatinho ficou calmo quando subiu no colo para a mãe gata.

Jim observou o rosto de Catherine quando ela falava e se preocupava com os gatos em seu colo. Sua atenção estava totalmente focada no animais, e foi a primeira oportunidade para estudar seu rosto sem medo de ser pego. Ela era incrivelmente linda. O rosto em formato de coração era maior na testa e apontou para o queixo. Seu olhos brilhantes azuis sob os cílios marrons acentuados pelo arco das sobrancelhas. Sua pele era delicadamente acentuado com pequenas sardas no nariz. Seus cabelos não eram claros ou loiros, mas um girassol amarelo vibrante. Ela usava-o num atual estilo da capa de revista, um corte que caia em torno de seu rosto e livremente empilhados em cima de sua cabeça.Com blusa branca de mangas bufantes que se estreitava a abraçá-la firmemente no antebraços. O feno e os pêlos dos gatos agarrou-se à blusa e em sua saia azul-marinho.

Jim observou seus lábios se movendo com ela conversando com os gatos, e imaginou como morno e suave se sentiria pressionados contra os dele. Ele molhou seus lábios, engoliu e fechou olhos, tentando limpar a cabeça. Nada ia acontecer aqui. Ele não iria realmente se inclinar e beijá-la. Se ele o fizesse, ela daria um tapa no seu rosto e nunca mais voltaria novamente.Após alguns momentos, ela olhou para ele com um sorriso que arrancou seu coração.

"Eles são muito doces. Obrigado por mostrar eles a mim. "

Ele se estendeu para a gata velha, que havia entrado no sótão. Esfregando o peito do animal, ele sentiu o tremor forte de seu ronronar.

Catherine tocou o joelho para chamar sua atenção novamente.

"Jim, você sempre foi surdo? "

Ele balançou a cabeça.

"Eu perguntei ao Sr. Rasmussen sobre você. Ele me disse que sua mãe morreu depois que você mudou pra cá. Você tem algum famíliar ainda vivo? "

Ele balançou a cabeça, intrigado do por quê dela estar sendo curiosa o suficiente para fazer perguntas.

"Deve ter sido muito difícil ser deixado sozinho, sem ninguém para cuidar de você. Quantos anos você tinha? "

Jim levantou os dez dedos, em seguida, quatro.

"Você já vivia aqui antes, então?"

Mais uma vez ele concordou. Se ele pudesse, ele teria explicado que ele começou a trabalhar para Rasmussen e Murdoch, muito antes que sua mãe morresse. Ele tinha tido um trabalho ou outro, desde que ele tinha idade suficiente para empurrar uma vassoura ou fazer escolhas. Ele também era muito talentoso em levantar e carregar coisas pesadas, caixas de bebida para Murdoch, fardos de feno de Rasmussen. Um verão, ele trabalhou no depósito de mercadorias, carga e descarga de vagões, mas quando o proprietário tinha pouco dinheiro e ele não podia fazer nada, Jim tinha voltado aos dois chefes que ele sabia que iria tratá-lo de forma justa.

"O Sr. Rasmussen é um bom empregador?"

Ele deu de ombros, cansado de inclinar-se, frustrado por não ser capaz de dizer-lhe tudo o que ele queria. Ele apontou para ela abrir um livro e escrever. Ele ergueu as sobrancelhas.

"Posso ler? Eu gosto de ler e escrever? Eu ... "

Ela estendeu as mãos largas e abanou a cabeça. "Desculpe. Eu não entendo."

Jim demonstrou as alturas de crianças diferentes.

"As crianças. Ah, meus alunos. Se eu gosto de ensinar? Sim. Embora, não muito hoje."

Ela começou a contar-lhe sobre seu dia, as crianças mal-comportados, a ratazana que tinha entrado nas lancheiras das crianças no vestiário, e os socos no pátio da escola durante um jogo de bolinhas.

Ele sorriu ao longo de sua história, fascinado por sua pantomima como ela ilustrou suas palavras com as mãos.

Quando ela tinha acabado de falar, Catherine olhou para o relógio de ouro preso a sua blusa e seus olhos se arregalaram.

"Meu Deus,eu não sabia que era tão tarde. Eu tenho que ir."

Ela removeu a gata de seu colo e se levantou. Os gatinhos, que tinha saído do feno, voaram em todas as direções, desaparecendo novamente.

Jim se levantou também.

Ela se aproximou dele e tocou-lhe o braço.

"Sr. Rasmussen disse que pode ir na escola amanhã, depois da aula para uma lição. Você gostaria disto? "

Ele balançou a cabeça, respirando seu perfume de lírios e desfrutando do calor que radiava do seu corpo. Ela estava tão perto, que se curvasse a cabeça só um pouco, sua boca tocaria a dela. Os olhos de Catherine estavam arregalados, as pupilas dilatadas tornando-as escuras. Seus lábios entreabertos ligeiramente. Deixou cair a mão em seu braço e recuou.

"É melhor eu ir."

Jim desceu a escada primeiro e esperou um pouco embaixo, não deliberadamente, olhando para cima para as suas pernas desta vez assim que ela desceu. No entanto, quando ela tinha descido um par de degraus abaixo da escada, ele colocou as mãos em sua cintura para orientar seus últimos passos. E quando os seus pés tocaram o chão novamente, ele não as tirou.

Outro momento cintilou como chama de uma vela, queimando, em seguida, soltou e ela se afastou dele. Ela caminhou até sua maleta, pegou os dois livros dela e entregou para ele.

"Aqui estão uma cartilha e um livro de matemática. Você pode estudar a partir delas. "

Ele a acompanhou até a porta aberta onde o Sr. Rasmussen dormitava em uma cadeira ao sol. Catherine estendeu a mão e apertou a sua, firme e educadamente.

"Bom dia, Sr.Kinney. Vejo você amanhã. "

Cruzando os braços e apoiando-se na porta, Jim observou quando ela desceu a rua. Ela olhou para trás, e ele levantou a mão em despedida, continuando a olhá-la após até que ela virou a esquina.

De repente, a mão de Rasmussen fortemente assentou em seu ombro.

Jim retrocedeu. Ele estava tão centrado em Catherine que não o tinha visto se aproximar.

A cara larga de Rasmussen, estava vermelha e enrugada em uma carranca. Ele balançou a cabeça.

"Desculpe, menino. Ela não é para você. "

CAPITULO Quatro

Catherine pensou em Jim o resto da noite e em toda a classe no dia seguinte. Sua corajosa luta para fazer os sons iguais aos dela foi uma incrível demonstração de memorização e provou que ele era um bom aluno. Ela teria que ter cuidado para não ampará-lo novamente. O problema não era ensinar-lhe, mas manter um desprendimento respeitável. Aquele momento de abandono no sótão com o ar espesso como o mel, de que algo estava prestes a acontecer. O olhar nos olhos de Jim quando se inclinou-se para ela, com a mesma fome no olhar que Howard costumava ter pouco antes de beijá-la.

Pensando no olhar e na pressão de suas mãos em sua cintura, quando ele a ajudou descer a escada a faziam tremer. Seus seios sentiram a proposta e pressionado contra o espartilho. Não era uma reação apropriada para se ter quando se pensa em um aluno.

"Miss Johnson."

A voz de Ned Hildebrandt a fez saltar. Pelo olhar interrogativo no rosto do garoto, ele deve ter tentado obter a sua atenção várias vezes.

"Sim, Ned?"

Ele mostrou-lhe o problema de álgebra que ele estava tendo problemas. Ela teve que se concentrar para ajudá-lo. Matemática não era seu forte, ela trabalhava para se manter à frente de alguns dos seus alunos no livro didático.

Finalmente o dia terminou e ela terminou a classe. A pequena Minnie Davis se jogou nos braços e pernas de Catherine e a abraçou, olhando para cima com um sorriso adorador.

"Amo você, professora! "

"Bem, eu também te amo, Minnie." O coração de Catherine se contraiu se inclinando para responder o abraço.

"Vejo você amanhã."

Esses pequenos gestos há fazia apreciar o seu trabalho ali. O ensino nunca tinha sido tão pessoal em White Plains, e metade eram filhos crescidos, certamente não eram tão demonstrativos como os pequeninos.

Catherine explicou a Marlene e Caleb McPherson que ela não iria para casa com eles de novo, mas não disse o por que estava ficando para trás na escola. A notícia sobre estar ensinando Jim estaria em breve em toda cidade.

Sentou-se em sua mesa para trabalhos, ela ansiosamente consultou o relógio para encontrar que apenas cinco minutos se passaram desde que ela tinha terminado com a classe. Ela estava tão impaciente como uma criança que espera pela manhã de Natal, e quando a porta da classe se abriu, ela vibrou de emoção.

A silhueta de Jim ficou contra o sol da tarde. Ele usava uma camisa longa de gola, com um colete sobre ele, e calças pretas. Ele não usava chapéu, e seu cabelo estava escovado para trás, com uma franja caindo sobre a testa. Ela preferia seu jeito desgrenhado ao estilo do homem atual, com o cabelo separado no centro e penteado com uma pomada. Ele trazia a lousa e livros que ela lhe dera em um braço e ele olhou ao redor da sala, mas não entrou.

Ela o chamou, apontando para uma das mesas maiores na parte de trás da sala de aula.

"Entre e sente-se."

Sentia-se como uma anfitriã nervosa tentando fazer uma boa impressão, como se ela o tivesse convidado para um chá em vez de uma lição.

O assento na escola era antigo, dois alunos partilhavam uma bancada de madeira e mesa com pés de ferro fundido aparafusado ao chão. Jim ocupou o lugar onde Jennie Albright normalmente sentava. Catherine sentou ao lado dele no local regular de Sarah Jalkanen. Ela estava tão perto que ela podia sentir o cheiro de feno e dos estábulos e cavalos misturados com suor, água e sabão. O aroma acelerou o pulsar de seu coração ainda mais. Por que o cheiro de terra mexia com ela muito mais do que a doce colônia que exalava de Charles Van Hausen?

Depois de colocar os seus livros sobre a mesa, Jim olhou para ela com as sobrancelhas levantadas.

"Vamos começar com a aritmética." Ela abriu o livro.

"Você sabe os números?"

Jim sorriu e acenou com a cabeça, virando as páginas para o final do livro, onde havia aulas introdutórias para a divisão. Copiando a um problema com vários dígitos em sua lousa, ele resolveu rapidamente e corretamente.

Catherine estava atordoada. Como ele podia saber tão pouco sobre palavras e ser completamente competente com os números?

"Quem te ensinou?" Ela perguntou, indicando na lousa.

Ele encolheu os ombros e gesticulou como óculos empurrando para cima o nariz.

"Sr. Rasmussen. "

Sua imitação foi perfeita, e ela não pôde deixar de sorrir.

Apagou o problema de divisão, e anotou uma coluna de números com sinais do dólar ao lado delas, adicionou-os e escreveu o total, também com um cifrão. Ele desenhou um sinal ao lado dos números. Olhando para ela, empurrou o invisível óculos no nariz novamente.

Ela franziu a testa.

"O Sr. Rasmussen te ensinou a fazer a sua contabilidade? "

Ele balançou a cabeça.

"Bem, isso é ..."

Ela não poderia estar mais chocada se tivesse asas e voaria ao redor da sala. "Muito impressionante. Vamos para a leitura, então? " Ela pensou muito sobre como fazer correlações entre a palavra escrita e vida. Com substantivos que poderia desenhar o objeto ao lado da palavra. Que verbos poderia ser usados. As descrições das palavras e conceitos seriam mais um desafio. Era estranho pensar na linguagem escrita como uma série de símbolos como hieróglifos, em vez de representações de fonética, mas já que Jim não tinha sons para se relacionar com as letras ele poderia decifrá-las como um código.

Catherine deu-lhe uma cópia de um número de substantivos simples. Ela trouxe fotos para ilustrar o cão, gato, menina, menino, sol, lua e outras palavras monossílabas, e deixou ele sentir como eles saiam ao tocar-lhe a garganta e os lábios. Como ele tinha feito no dia anterior, Jim tentou deixar escapar sons, mas as palavras apenas foram reconhecidos porque sabia que ele

estava tentando dizer. Eles estavam intensamente concentrado no trabalho que Catherine havia esquecido sua inicial emoção por seu toque, quando de repente um movimento no chão chamou a sua atenção. Vislumbrou um vulto marrom pelo canto do olho a fazendo saltar gritando sobre o assento.

"Rato!"

Subindo sobre o banco como se de repente o animal fosse saltar sobre seu corpo, ela gritou novamente. Ela detestava roedores e esta espécime não era como os inofensivos ratos cinzas do campo que, ocasionalmente, entrava na fazenda dos McPhersons. O rato era enorme, com um pé e cauda longa. O animal parou no corredor central da sala de aula, olhando para ela com desconfiança antes sair correndo em direção ao vestiário, perto da entrada do edifício. Foi este que havia entrado nas lancheiras do almoço das crianças, ousado e inteligente o bastante para abrir as tampas.

Alertado por sua comoção, Jim também se tinha levantou do banco. Ele cruzou a sala e apanhou um cabo de madeira, então perseguiu o rato pelo vestiário.

Envergonhada por sua exibição de falta de controle, Catherine desceu do banco em seguida, levantar as saias, pronta para saltar caso se o rato correr na direção dela. Ela se estreitou na porta da sala ao lado com suas fileiras de ganchos para casacos das crianças, observando como Jim chutou de lado um par de galochas esquecidas e uma caixas de armazenamento em uma tentativa de alcançar o roedor indescritível. Ele apontou o cabo atrás de uma das caixas, e ouviu um grito alto.

Catherine gritou muito, cobrindo a boca com as mãos, a imagem de uma visceral rato empalado virou seu estômago.

Um segundo guincho veio do canto assim que Jim atravessou o cabo novamente. Ele inclinou-se para examinar o animal, removendo o cabo, e virou-se para Catherine.

Aproximando-se dela, com trabalho concluído, o ladrão tinha sido apanhado.

Assim que ele parou na frente dela, a porta da sala estourou aberta, batendo contra a parede.

Charles Van Hausen entrou correndo "Miss Johnson? Você está bem? "

Ele parou ao lado de Jim em seu braço, e Catherine podia ver em seus olhos o momento em ele fez uma suposição errada. Charles cruzou a sala e agarrou o ombro de Jim,

puxando-o longe dela e jogá-lo contra a parede.

"Charles, não!"

Ela gritou, assim que ele agarrou a garganta de Jim e atirou o rosto dele.

Jim pegou o homem em sua garganta com um impulso para cima das mãos, e trançado a distância.

"Ele não fez nada. Pare! "

Mas o banqueiro estava tranqüilo, de repente ficou violentamente masculino com intenção de proteger a sua honra. Muito focado para ouvir, ele prosseguiu. Jim contornou e o ergueu os punhos, pronto dar um soco de volta.Catherine colocou o seu corpo entre eles.

"Parem!"

Ela empurrou Jim para trás com uma mão no peito, e enfrentou Van Hausen.

"Charles, não! Nada aconteceu. Eu gritei porque havia um rato aqui. "

Levou um segundo para entender as suas palavras, mas ele parou, o bigode marrom se contraindo comicamente acima de seu lábio.

"Rato?"

"Lá." Ela apontou para o canto.

O coração de Jim bateu por baixo de sua palma, e seu peito subia e descia. Tinha uma irritada carranca franzindo as sobrancelhas, jorrando sangue em seu nariz.

O limpou, então apertos acima para parar o fluxo de sangue. Seu olhar nunca deixava o do Van Hausen quando o homem foi até a esquina e se inclinou para examinar o roedor morto.

"Eu ouvi você gritar, e eu pensei ..." Ele sumiu. "Você está bem?"

"Sim. Jim estava tendo uma aula de leitura. Um rato correu pela sala e ele acabou ...cuidando dele, como você pode ver. "

Carlos voltou para eles, olhando de um para o outro. "Aprender a ler? Como ele pode? "

"Sim", ela disse de forma sucinta e se virou para Jim.

"você está bem, Mr. Kinney?"

Ele balançou a cabeça e olhou para Van Hausen.

"Desculpe." Charles falou em voz alta. "Está machucado? Eu poderia chamar o médico. "

"Vou pegar um pano." Catherine correu para o armário de abastecimento.

"O que trouxe você aqui, Sr. Van Hausen? "

"Eu vim pegar os deveres para minha irmã. Mãe queria ter certeza de que ela não ficasse atrasada. "

Inclinou-se para recuperar seu chapéu, que tinha caído durante a luta. Sabendo que ele tinha a

intenção de cortejá-la, Catherine duvidava que era simplesmente preocupações escolares de sua irmã pequena que o fez ir ali.

"Como está Melissa?"

"É apenas uma dor de garganta e coriza. Ela deve estar bem logo. "

"Vou pegar o que você precisa depois de atender o Mr. Kinney."

Com panos limpos do armário na mão, ela apontou para Jim o balde de água no fundo da sala. Lançando um último olhar para Van Hausen através de seus cílios escuros de seus olhos, ele seguiu em direção a ela, atrás de Catherine. Ela umedeceu um dos trapos na água e elevou em direção ao seu rosto, mas Jim tomou o pano de sua mão e acenou em recusa a sua oferta de ajuda.

Catherine olhou como estancava o sangue por um momento, então ela se afastou. Ela foi para a mesa de Melissa reunindo os livros e os deveres necessários de Melissa entregando a Charles, ansiosa para que fosse embora. Ele aceitou o trabalho, então hesitou, como se estivesse prestes a dizer alguma coisa. Ela sabia o que pensava. Queria pedir-lhe para ir com ele em algum tipo de excursão. Evidentemente, decidiu que a hora não era apropriada, então ao invés ele disse,

"O mínimo que eu poderia fazer é me livrar do rato. Eu removê-lo por você. "

"Obrigada."

Catherine estremeceu e olhou para o outro lado quando ele levantou o roedor pela cauda e caminhou em direção à porta.

"Até logo, Miss Johnson. Eu sinto muito que tenha presenciado tal violência. Por favor saiba que agi com a melhor das intenções ".

"Eu compreendo. Bom dia, Sr. Van Hausen. "

Ela o dispensou e suspirou em alívio quando a porta finalmente se fechou atrás dele. Seu pulso ainda corria pelo inesperado drama, então ela se voltou para onde estava Jim.

* * * *

Ele sentiu Catherine ao seu lado antes de se virar para olhar para ela. Ela estava dizendo alguma coisa, esquecendo que precisava ter sua atenção em primeiro lugar. Ele balançou a cabeça, franzindo a testa.

"Deixe-me ajudá-lo. Por favor, sente-se. "

Ela tocou o seu braço e puxou o trapo ensangüentado de sua mão.

"Eu sinto muito que isso tenha acontecido."

Jim se sentia horrível. Suas costelas doíam ainda mais, além do ombro estar machucado agora o nariz latejava até seu cérebro. E pior de tudo, ele tinha sido agredido na frente de Catarina novamente. Seu olhar de piedade o deixava com raiva. Ele não queria que ela pensasse nele como um cão patético. Mais uma vez ele recusou a sua oferta de ajuda sob um gesto de piedade, mas desta vez ela o ignorou e tomou o pano de sua mão. Ela o levou até sua cadeira atrás da mesa do professor.

Ele abaixou-se com um grunhido de dor, e olhou para Catherine. Suas sobrancelhas estavam elevadas em conjunto sobre seus olhos azuis e seus lábios estavam pressionados em linha reta. Prendeu o queixo na mão, limpou o rosto com cuidado em torno do nariz. Ter o seu toque em seu rosto quase fazia vale a pena.

Jim inalou um coágulo de sangue e tragou. Ele olhou para a camisa. Uma grande mancha vermelha havia respingado na frente de seu colete. Sua única roupa boa estava arruinada. Catherine puxou a camisa de seu peito e esfregou sobre a mancha de sangue, que apenas manchou mais o tecido. Ela acenou para ele tirar a camisa. Jim olhou para a porta. A última coisa que ele queria era que aparecesse outra visita de surpresa e tomasse suposições erradas. Ele balançou a cabeça. Em um movimento de seus olhos, ela acenou em compreensão, para que tirasse o colete. Ele o tirou e entregou para ela.Ela o levou para o balde de água no fundo da sala e lavou tanto o colete quanto o pano. A observou torcê-lo, segurando pela frente. Ninguém tinha tomado conta dele fazia um muito tempo.

Voltando, ela inclinou sobre ele e tocou o seu lábio superior novamente. Permaneceu entre a seu joelhos, e suas pernas colidiram entre a parte interna de suas coxas. Com uma mão na cintura, ele poderia facilmente puxá-la para o seu colo. A idéia o alegrava. Mesmo com seu nariz latejando, e dor se espalhando por trás de seus olhos, seu pau ainda latejava e agitava por sua proximidade.

Catherine removeu o pano úmido de seu rosto, mas se manteve equilibrada sobre ele. Ela escovou os cabelos sobre testa, recolhendo de volta, deixando os dedos demorar sobre ele. Seu olhar estava fixo em seu cabelo, não em seu rosto, como estivesse olhando ele, e teria que reconhecer que ela estava fazendo.

Com medo de quebrar o feitiço, ele prendeu a respiração até que seu peito doeu. O espaço entre eles estava tenso como o ar quando uma tempestade estava chegando, e ele esperou para ver o que aconteceria em seguida. De repente, ele percebeu que a atração que sentia não era unilateral. Ela estava claramente interessada nele. Ele já havia pensando nisso quando tinham partilhado

similar
momentos de tensão no dia anterior no sótão, mas tinha decidido que era apenas um pensamento desejoso. Mas agora, aqui estava ela, acariciando seus cabelos, com olhos arregalados e sua língua lambendo seus lábios entreabertos.

Jim girou seu rosto e inclinou-se, com os olhos cravados naqueles lábios carnudos. Foi uma coisa errada a fazer. O feitiço se quebrou. Catherine piscou e saiu de perto dele tão rápido que ela quase tropeçou. Ele quase gemeu em decepção.

"Sr. Kinney. "Sua boca falou seu nome. Abaixou as pálpebras, permaneceu fechado por um momento, então abriu novamente. Mais uma vez o seu olhar azul era atravessada.

"Jim. Devemos ser amigos. Nada mais. Entendeu? "

Entender. E se fingisse não entender? Ele poderia simplesmente se levantar, puxá-la em seus braços e a beijar? Será que valeria a pena ter esta lembrança de saborear mais tarde, mesmo que significasse nunca mais vê-la novamente? Mas é claro que ele não faria isso. Ele nunca beijou uma mulher e não ia ter o seu primeiro beijo não seria um roubado. Se ela não queria, ele não iria forçá-la. Mesmo que ela estivesse atraída por ele, obviamente não pretendia exercer essa atração.

Ele acenou em compreensão e ficou de pé. Ela se afastou, e ele passou por ela a mesa no fundo da sala onde seus livros escolares estavam. Ele os reuniu e se dirigiu para a porta, onde Catherine o interceptou.

"Sinto muito", sua boca se moveu.

Ele deu um aceno com a mão e fez um sinal de *"tudo bem"*
com seu polegar e indicador.

"Você vem amanhã?"

Suas sobrancelhas se elevaram em questão.

Com um sorriso, Jim balançou a cabeça e saiu pela porta. Mas seu sorriso desapareceu no momento em que ficou de costas para ela.

Enquanto ele caminhava em direção ao estábulo, ele amaldiçoou o estúpido impulso em beijá-la, amaldiçoando Van Hausen pelo soco no nariz, e amaldiçoou o rato por ter começado tudo. Acima de tudo, ele amaldiçoou sua surdez, e pela primeira vez ele verdadeiramente odiou a desvantagem que o distinguia dos outros homens. Mesmo com a dor em seu nariz, ele estava ciente da maneira em que o Van Hausen olhou para Catherine quando ele falou com ela. O homem queria ela e ele era um cidadão de destaque, com uma profissão, um pretendente, que ela

não iria rejeitar automaticamente se ele tentasse beijá-la.

Jim estava tão concentrado em seus pensamentos que foi surpreendido por uma repentina mão pesada em seu ombro. Afastando-se, ele virou-se com os punhos levantados. O que diabos estava acontecendo esta semana? Ele não havia se me metido no caminho de ninguém.

O policial Scott recuou, levantando as mãos, com palmas abertas.

"Está tudo bem." Levantou as sobrancelhas e apontou para a mancha de sangue na parte frontal da camisa de Jim.

Jim balançou a cabeça e mostrou o seu nariz.

Apenas uma hemorragia nasal, em gesto, disse.

"Você me entende?" Scott perguntou.

Ele balançou a cabeça.

"Aqueles homens que machucaram você estão livres agora.O patrão deles pagou suas fianças. "

A boca do policial se movia lentamente e gesticulou dinheiro com as mãos.

"Eu achei que você gostaria de saber ".

Fiança? Eles tinham estavam livres depois de arrastá-lo pela rua atrás de um cavalo? Jim franziu a testa, mas acenou em confirmação. Não havia mais nada que pudesse fazer.

"Desculpe." Scott bateu a mão em seu ombro.

Jim assentiu com a cabeça novamente e continuou o seu caminho.

O resto da tarde, ele não saiu do estábulo e, à noite, bebeu uísque e cuspiu tabaco sobre o piso do salão de cristal. Murdoch o chamou para o bar no final da noite e para lhe servir um trago de uísque. Após o dono do salão fazer as contas, retirou de seu cofre e pagou a Jim.

Embolsando as moedas, Jim bebeu o álcool queimando lentamente, o fazendo enrijecer. Ele estava tentado comprar uma garrafa, numa tentativa de apagar a face de Catherine Johnson de sua mente, mas o dinheiro debaixo do chão do seu quarto, não cobriria a despesa do licor.

Murdoch acariciou seu bigode, e olhou para Jim rígido. "Que merda o que aconteceu com você. Sinto sobre aquilo".

Jim não pegou todas as palavras, mas compreendeu a sua oferta de simpatia. Ele deu de ombros e terminou o uísque. Murdoch chamou Shirley Mae mais perto.

"Por conta da casa. Aproveite.Você precisa relaxar, depois do que passou. "

Shirley era amigável, de rosto redondo, uma menina encorpada com os cabelos vermelhos e muita

sardas. Ela piscou e estendeu a mão para Jim.

Surpreendido pela inesperada oferta, ele olhou para ela pelo vidro do copo entre os punhos cerrados. Era virgem aos vinte e dois, não por falta de vontade, mas por absoluta falta de oportunidade.

Jim teria que aproveitar a oportunidade para se manter livre por um poucos dias. Ele nunca tinha tido bastante dinheiro de sobra para mais um trabalho ocasional além da mão e da boca de Shirley em seu eixo da outra noite, e tinha sido o céu. Agora estava sendo oferecida a ele, e tudo o que ele poderia pensar era que ela era uma pobre substituta da mulher que ele realmente queria.

No entanto, o uísque tinha queimado abaixo em garganta ao estômago, aquecendo a barriga e a virilha com um fogo lento e constante. Seu pênis endureceu quando ele olhou para o amplo decote de Shirley Mae. Imaginou-se revelando aqueles generosos seios e esfregando o rosto entre eles. Descendo seu copo, ele se levantou do banco do bar e tomou a mão dela.

Seu pequeno quarto no andar de cima continha apenas um leito de ferro, uma cômoda e um lavatório.

Dando-lhe tempo para pensar, Shirley despiu o vestido e as roupas de baixo e ficou em frente dele em ligas, meias, e nada mais.

Jim não tinha começado a desabotoar a camisa ainda. Ele a olhou, abriu a boca, para os seus grandes seios com os seus mamilos vermelho cereja e para os cachos acobreados, que escondiam o seu sexo. Ele tinha visto um cartão-postal francês uma vez, mas nunca em sua vida viu uma mulher completamente nua. Sua pele era rosada e salpicada de sardas. Tinha generosas curvas arredondadas até a cintura e quadris sob seus seios cheios. Uma cicatriz na barriga pálida chamou sua atenção. A marca irregular o tocou, insinuando uma dor em seu passado a fazendo parecer uma pessoa real e não apenas um meio de satisfazer seu desejo.

Jim teve apenas alguns segundos para tomar a visão de seu corpo antes de Shirley se mover em direção a ele. Suas mãos deslizavam sobre o peito, derrubando os suspensórios, desabotoando a camisa a puxando de seus braços. Ela passou as mãos sobre o curativo em suas costelas e inclinou-se para beijar seu peito nu sobre a bandagem. Suas mãos deslizaram abaixo de sua cintura para excitação em suas calças.

Fechando os olhos, Jim tragou o fôlego e o soltou lentamente. Ele saboreou o toque de seus lábios e língua que se deslocam ao longo de sua clavícula e tórax. Ele engasgou quando sua mão penetrou dentro de sua calça e agarrou o seu pênis, já ereto e pronto. Sua ereção pulsava em seu aperto quente.

Shirley esfregou o comprimento do seu eixo enquanto abria a braguilha e Jim lutou para não explodir, cerrando os dentes e empurrando o selvagem desejo que atravessou ele. Seria

humilhante para ele gozar antes mesmo de estar dentro dela. Abrindo os olhos, ele exalou trêmulo e pegou seus seios. Os montes estavam quentes e pesados em suas mãos, de algum modo era diferente do que ele esperava dos seios de uma mulher e estes não pareciam como os travesseiros de pena, tinham mais uma textura irregular, cheia de coisas invisíveis sob a fina pele.

Fascinado, Jim esfregou os dedos indicadores sobre as auréolas plissados e mamilos.

Shirley passou a língua sobre os lábios. Embrulhou a mão em torno da volta de seu pescoço, e puxou a sua cabeça para baixo para um mamilo.

Ele chupou a dura carne na boca e exalou o seu aroma, uísque, perfume, suor e sexo. A combinação inebriante aumentou o seu desejo, e a vontade de preencher ela elevou mais forte dentro dele. Enquanto ele mamava um mamilo, acariciava o outro, alisando sua palma sobre o globo, arrastando sobre o mamilo. Shirley passou os dedos pelos seus cabelos e depositou sobre sua nuca. Sentiu o pulsar da sua voz no peito, mas não olhou para cima para ver o que estava dizendo. Não importava.

Transferindo a sua atenção para seu outro peito, ele chupou o mamilo e rodou com a língua em torno dele. Ele o beliscou-o levemente. Ela estremeceu e sentiu outro tremor, pelo o seu riso.

Após alguns momentos, ele se endireitou, relutantemente, abandonando seus seios.

Shirley caiu de joelhos para terminar de tirar suas calças, sapatos e meias. Ele nunca tinha estado tão sem roupa na frente de ninguém. Era estranho ter o olhar de Shirley vagar sobre seu corpo nu. Ela olhou para ele e sorriu em aprovação, e ele se sentiu melhor. Ele parecia ter tudo certo para o seu normal. O seu membro, que havia sinalizado um pouco sob a exploração de seus olhos, retomou a sua rigidez, espesso e ansioso, para empurrar em direção a ela.

Tomando a sua mão, ela o levou para sua estreita cama. O colchão afundou assim que ele se deitou sobre ela e quando ela subiu em cima dele. Shirley abaixou seu corpo até que ela o cobriu, com sua ereção presa contra seu estômago. Ela caiu de encontro a ele, esfregando seu pênis com seu suave ventre e monte púbico.

Jim deslizou as mãos pelas costas e agarrou seu carnudo traseiro. Ele fechou os olhos de prazer, a beijou no ombro, tinha gosto de sal. Ele se concentrou na massagem em sua ereção dolorida, mas logo o atrito da pele na pele não era suficiente. Ele necessitava dela.

Shirley se levantou e guiou seu pau em sua entrada, em seguida, sentou em cima dele, envolvendo-o no calor e umidade. Como seu corpo agarrado a ele, Jim gemeu. Isto era ainda melhor do que a boca, mais quente, mais úmido, mais apertado. Ele agarrou seu traseiro, e puxou seus

quadris, enchendo-a profundamente.

Ela esfregou seu pescoço, seus encaracolados cabelos faziam cócegas seu rosto. Era um pouco gorduroso e cheirava a óleo almiscarado. Jim escovou seu rosto, e empurrou profundamente nela. Sua necessidade era muito intensa, e estava há muito tempo contida. Ele não conseguiria segurar por mais tempo. Uma vez, duas vezes, três vezes, de impulso, e depois acabou. Ele lançou em rajada forte,constante, e quando ele veio, ele a imaginou macia, de cabelos loiros sobre seu rosto e o perfume de lírios enchendo seus sentidos.

Após alguns momentos, Shirley sentou-se e empurrou seus cachos emaranhados para trás de seu rosto.

Ela sorriu para ele e levantou as sobrancelhas.

"Foi bom?"

Jim ainda estava respirando ofegante sob controle. Seu peito arfava e ele assentiu.

Levantando da cama, ela caminhou até a pia, derramou água do jarro dentro da tigela, mergulhou um pano,e passou entre as pernas. Ela olhou para ele, e Jim entendeu que ele foi dispensado. Eles haviam acabado e que ele não era suposto permanecer em sua cama. Ele se levantou e recuperou suas roupas do chão. O breve momento de realização foi uma ilusão. No final, isto não foi diferente da satisfação que ele trazia com suas próprias mãos. Ele poderia muito bem ter passado mais uma noite sozinho em seu quarto, indulgente pela pretensão de fazer amor.

Vestiu-se e acenou para Shirley Mae. No meio da iluminação de seu cigarro, ela piscou para ele.

Jim saiu de seu quarto e desceu para o salão. Era o fim do expediente e só havia uns poucos bêbados, leitores de cartões e clientes para as putas que ainda persistiam. Sr.Murdoch estava sentado à mesa, conversando com um homem que Jim reconheceu como o novo proprietário do celeiro e bar. Como o Murdoch, o homem tinha um grande bigode que escondia a boca o que compensava a falta de cabelo em sua cabeça brilhante. Seus olhos percorriam a sala, alerta e inquieto, apesar da postura relaxada de seu corpo. Parecia um lobo espreitando o mais fraco de um rebanho de ovelhas. Depois de anos de leitura de caráter das pessoas pela pistas físicas, Jim reconhecia um predador, quando via um. Seu olhar encontrou o de Jim por um momento, depois mudou-se, negando-lhe a importância, deixando-o sentir-se como presa que havia sido rechaçada por estar muito magra para fazer lhe servir de refeição.

Murdoch levantou a taça em saudação quando Jim passou.

Jim sorriu, mas sem a alegria por trás dele. Exausto, seu estômago quase vazio queimava por estar desacostumado ao uísque, ele caminhou pela rua em direção ao estábulo. Suas costelas doíam, assim como seu ombro e seu inchado nariz, mas acima de tudo, ele estava dolorido por dentro e mais solitário do que nunca, quando ele caiu sobre a sua cama na solidão do seu quarto.

Capitulo Cinco

Após a sua tarde movimentada com o rato, a briga e o momento íntimo com Jim, Catherine teve uma noite de rotina guiando ao Caleb McPhersons em seu dever de casa, um dos prêmios para a família por hospedar uma professora. Ela explicou a lição enquanto a perna de Caleb balançava abaixo da mesa. Ela podia sentir o quanto ele preferiria estar em qualquer outro lugar do que estar estudando os substantivos e verbos.

"Mas, senhorita Johnson, como se pode ser uma ação? Se não há nada acontecendo. "

"Sim, mas ainda é algo que uma pessoa pode fazer, como correr, comer ou chorar.Entendeu? "

Do outro lado da mesa, Marlene resmungou, dizendo sem palavras, Claro, ele não entendeu.

"Cale a boca!" Caleb olhou para ela.

"Caleb, cuidado com essa língua!" Senhora McPherson falou do outro lado da sala onde se sentava com o bebê no colo. Houve uma batida na porta e o Mr. McPherson foi atender.

Com a intenção de encontrar uma maneira para explicar melhor as locuções prepositivas para Caleb compreender, Catherine não olhou para cima até que o som das vozes dos homens ficou mais alto. Ela olhou para a porta da frente. Mr. McPherson bloqueava o homem com quem estava falando. Quando ele passou para o lado, Catherine prendeu a respiração. O homem era aquele que havia arrastado Jim por atrás de seu cavalo. Há inclinação de suas pálpebras sonolentas e o alto dos ombros lhe deu o aspecto de aparecimento de um abutre. Ao lado dele estava o homem barbudo que o ajudou.

Qual a razão no mundo deles estarem fazendo aqui? Será que estava relacionado com a sua intervenção em nome de Jim no outro dia? Ela se levantou de seu assento, com o coração batendo.

Mr. McPherson gritou com os homens e empurrou o líder em direção à porta. A carranca do homem mostrou que ele queria bater no agricultor, mas ele e seu parceiro saíram sem incidentes. Mr. McPherson bateu a porta atrás dele e saiu para a sala.

"O que foi isso?" Senhora McPherson pegou o chocalho da bebê Constança que tinha caído.

"Discutimos isso mais tarde."

Seu marido acenou para os gêmeos.

O estômago de Catherine se contraiu. Isto foi por causa do que ela fez? E se ela de alguma forma trouxe problemas para os McPhersons?

As crianças foram enviadas para se prepararem para dormir, e quando eles estavam fora do alcance da voz, o Sr. McPherson revelou o motivo da visita.

"Grant Karak comprou a nossa propriedade. O homem é dono do celeiro do bar e agora ele tem o maldito banco no bolso. Perdoe a minha língua, senhorita Johnson. "

"O que ele quer?"

Senhora McPherson voltaram a bebê inquieto sobre os joelhos.

"Ele quer tomar nossa terra? "

Ele balançou a cabeça.

"Os agricultores serão pouco mais de que a fonte de renda porque ele comprou a todos. Ele nos possui. Teremos de colher nosso trigo, levar ao seu moinho e vender por ele. Nós seremos obrigados a aceitar tudo o que ele diz é justo se é cobrado ou não. Karak tem uma mão na ferrovia. Ele tem o direito de ir e vir. "

Não sabendo o que dizer, Catherine murmurou que estava arrependida e se retirou ao seu quarto para dar a privacidade aos McPhersons. Ela se sentia como um fardo para a família dada as circustâcias já tensas. Com este acontecimento, ela seria ainda mais feliz por se mudar para os Albrights pelo fim de semana. Quando ela se deitou na cama, ela pensou sobre os problemas dos McPhersons por um tempo, mas sua mente, inevitavelmente, retornou ao Jim Kinney e o que quase aconteceu nesta tarde.

Um beijo. Ela não podia negar o que ocorreu entre eles. Tudo que ela tinha que ter feito era ter se inclinado abaixo.

Fazia muito tempo desde que ela sentiu os lábios de um homem pressionados contra os dela. Durante o seu noivado com Howard, eles deram as mãos, compartilharam beijos, e pouco antes dele enviado, ela ainda lhe havia permitido tocar seus seios através do seu corpete. Tinham estado tão pouco tempo juntos, fragmentos de momentos privados nos jardins durante as danças ou tardes caminhando no parque, algumas carícias em um banco particular, debaixo de um salgueiro.

Mas, oh, como ela saboreou a memória de cada momento precioso na hora em esteve solitária. Quando Howard foi ao mar, ela tinha sonhado com o seu futuro, não só partilhar uma casa e ter filhos, mas as coisas íntimas que fariam juntos como marido e mulher. Ela não podia esperar para ele voltar, não podia esperar para dar o próximo passo e sentir suas mãos tocando em seu corpo nu. Na escuridão da noite, ela se tocou entre as pernas, um lugar onde um senhora não deveria tocar, enquanto ela tentava imaginar como seria ter relações sexuais. Imaginou os profundos olhos azuis de Howard seu sorrisos a maneira como ele a olhava para ela como se fosse a mulher mais bonita do mundo. Ela o amava tanto.

Então chegou a notícia sobre a explosão do Maine no porto cubano. A letargia sonhadora caiu sobre Catherine enquanto esperava para ouvir se Howard estava entre os

morto. Ela estava em transe e tão certa de que alguma forma, milagrosamente, que ela não deveria se preocupar. Quando os pais de Howard lhe vieram informar sobre a confirmação de sua morte, ela não queria acreditar no primeiro momento. Era inconcebível que ela nunca mais o veria de novo, nunca sentiria seus braços em volta dela, ouvir seu riso morno ou sua voz profunda sussurrando segredos no ouvido dela.

Passou sem chorar um mês desde sua morte para se infiltrar em sua consciência. Finalmente, ela acordou de seu transe e explodiu em lágrimas e raiva.

Catherine suspirou, lembrando dos momentos de escuridão, e virou para olhar para a janela acima de sua cama. Howard era passado agora. Ela poderia acalentar memórias dele sem esmagar uma dor sobre seu peito. E agora, pela primeira vez desde de que o perdeu, sentiu primeiro despertar de interesse em um homem, e está força inegável dentro dela trouxe de volta seus pensamentos para Jim uma e outra vez.

Como isso pôde ter acontecido? Porque ela não poderia ter ficado atraída por Nathan Scott ou Charles Van Hausen, seriam candidatos adequados para o seu afeto? O que havia passado para correr os pelos brilhantes e escuros cabelos de Jim Kinney,praticamente encorajando-o a beijá-la?

Não deve haver este disparate entre eles, não poderia persistente. Ela o estava ensinando a ler para que ele pudesse se relacionar melhor com um mundo da audição. Isso era tudo. Ela teria de manter a distância, não importando que seu corpo fosse desobediente.

* * * *

No dia seguinte na escola passou com bastante rapidez, apesar de Catherine verificar repetidamente a hora no seu relógio. O relógio de ouro estava pendurado suspenso preso ao corpete. Foi um presente de seus pais em sua formatura. Ela sorriu, lembrando as palavras de seu pai quando ele a apresentou.

Ele descansou as mãos sobre os ombros e beijou sua bochecha.

"Eu sei que você vai fazer sucesso no ensino. Você tem um dom natural para isto. Eu costumava olhar para você quando criança com seus bonecos alinhados e você os ensinando a todas as lições que aprendia na escola. "

Catherine não tinha corrigido a sua impressão de que ela era uma professora nata. Na verdade ela gostava de brincar de escola porque ela gostava de mandar em suas bonecas e puni-los quando eram desobediente. Havia também os irmãos e irmãs mais novos que ela nunca tinha tido.

Apenas uma hora de aula para ir! Ela levantou os olhos do relógio para encontrar Jennie Albright olhando para ela. Não poderia aparecer como se ela estivesse tão ansiosa quanto os alunos para que a classe acabasse. Catherine levantou-se a andou entre as carteiras, ajudando todas as criança com dificuldades.

Três e trinta e finalmente a classe estava liberada. Tagarelando e rindo, as crianças deixaram o prédio. Por um instante, Catherine relaxou na cadeira e simplesmente respirou. Ela gostava de seus alunos, as coisas engraçadas que os pequenos diziam na tentativa de expressar suas opiniões sobre os mais velhos, mas era bom estar sozinha no final.

Após um minuto, ela foi até o lavatório no canto e parou na frente de um pequeno espelho pendurado acima dela, dobrando os fios soltos de cabelo em seu penteado. Hoje, ela usava o

cabelo estilo Gibson, em voga no leste, mas um pouco extravagante para uma cidade como Broughton.

Normalmente, ela usava um coque simples ou toque francês, mas hoje ela tinha tomado o tempo para fazer um cabelo mais elaborado, um coque solto que as modelos do ilustrador Charles Gibson o tinham feito popular.

Após remover o brilho de seu nariz e bochechas, ela mordeu os lábios para simular o rouge que ela não ousava usar em Broughton, com medo de ganhar a desaprovação das damas cristãs. Ela puxou os largos ombros de suas mangas, os deixando mais cheios, e sorriu para o seu reflexo.

Uma batida na porta fez seu estômago vibrar. Não lhe ocorreu que Jim não havia batido ontem até que a porta se abriu e entrou a Sra. Albright. O desapontamento e a irritação inflou dentro dela, mas ela o cobriu com um sorriso ao cumprimentá-la se fazendo-se cortês.

"Boa tarde, Sra. Albright. Como você está? "

"Bom dia, senhorita Johnson."

O olhar da mulher corpulenta varreu a sala, incluindo aos pequenos cantos, como se estivesse procurando algo. "Estou bem, obrigada. E você? "

"Muito bem. No que posso ajudá-la? Jennie está se saindo bem em todos os seus estudos. Estou muito satisfeita com seu progresso ".

"Eu não estou aqui por minha filha. Ou, para pô-lo de forma mais precisa, eu estou, mas não por causa de seu trabalho escolar. Eu ouvi hoje da Sra. Van Hausen que você está tutorando o pobre Jim Kinney."

Cresceu uma leve irritação em Catherine associada a irritação pela apreensão.

"Sim, eu estou ajudando ao Mr. Kinney com a sua leitura."

Sra. Albright levantou uma sobrancelha.

"Você pensa que é correto? Sendo a única mulher que passa o seu tempo a sós com um homem não definindo um bom exemplo para os jovens a seus cuidados. "

"Mrs. Albright, estou simplesmente ensinando-o. Não há nada de inconveniente sobre a situação. "

Sua voz era forte, apesar de sua tentativa de permanecer composta.

"Sim, claro. Sua reputação não está em questão, minha cara. "

Sra. Albright deslocou uma bolsa grande e pegou a mão de Catherine, tomando-o em ambos as dela.

"Foi mais que admirável o que você fez para o defender daqueles bêbados e canalhas.É

admirável que você queira ajudá-lo a melhorar a si mesmo, mas a aparência é o problema, bem como o fato de que o Sr. Kinney poderia entender mal as suas intenções. Ele pode aprender a ler? Eu pensei que ele era lento de raciocínio. "

"De maneira alguma. Meramente surdo. Ele nunca freqüentou a escola, mas ele já entende o rudimentos de leitura e está fazendo rápidos progressos. Tudo que ele precisa é de alguém para orientá-lo. Espero poder ajudar o Sr. Kinney compreender melhor as pessoas ao seu redor. Sua comunicação pode beneficiar a todos nós. Você não concorda? "

Ela adotou o tom que ela usou com seus alunos quando eles estavam argumentando, falando rapidamente para mostrar que ela não tolerava disparates.

"Claro. Eu tenho certeza que seu coração está no lugar certo, senhorita Johnson, mas é a idéia de uma mulher sozinha na companhia..."

"Eu aprecio a sua preocupação, mas garanto a vos que não há motivo para preocupação."

Catherine tragou sua respiração para resfriar o calor pela raiva correndo pelo seu rosto. Ela logo que fosse viver com os Albrights não deveria se tornar inimiga desta mulher. Poderia ser prudente pedir-lhe para ficar e observar a lição com Jim, mas sua presença era a última coisa que ela queria.

Só então a porta se abriu e Jim entrou. Ele parou na entrada, olhando de Catherine para Rowena Albright. Se ele estava surpreso, ele o escondeu, mantendo sua expressão neutra acenou uma saudação há ambas. Senhor, a escola tornou-se um lugar popular estes últimos dias.

Em um riso nervoso e ameaçador Catherine suprimiu.

"Entre, Mr. Kinney."

Sra. Albright olhou para o livro e a lousa que Jim trazia, em seguida, para Catherine.

"Muito bem, Miss Johnson, mas por favor, considere as minhas palavras. Podemos discutir isso mais tarde. "

Com isso ela saiu da sala, com a porta se fechando atrás dela.

Jim levantou a sobrancelha para Catherine.

"Nada."

Ela apagou a visita da Sra. Albright com um aceno de sua mão. Não houve necessidade contar da mulher sobre a impropriedade, especialmente porque houve um inegável elemento de verdade em suas palavras.

"Vamos começar".

Hoje, houve uma sensação de formalidade entre eles, pois ambos educadamente fingiam que os acontecimentos do dia anterior não tinham acontecido e se concentrou apenas na leitura e escrita. Catherine absteve em olhar em seus olhos, tanto quanto possível, se focando sobre o papel. Ele estava tão pronto para aprender que até o final de sua hora juntos, ele já era capaz de escrever frases simples, com palavras curtas.

Era como se ele tivesse já esperando em uma sala escura, com uma porta rachada para deixar entrar um raio de luz, para que o resto do caminho fosse aberto. Sua compreensão foi imediata e Catherine mal necessitava explicar. Ele poderia praticamente conduzir-se sozinho através da cartilha de McGuffey que ela lhe dera.

Ele se agachou, para cópiar as palavras no papel, com seu cabelo caindo sobre a testa e cobrindo o colarinho. Ela ansiava por tocá-lo novamente. Seus lábios formaram palavras que ele reconhecia por anos de ver outras pessoas fazerem, e pareceu-lhe tão surpreendente que ele pudesse fazer isso sem o som para conectar-se à forma. Seu entendimento foi fenomenal.

Catherine começou a percebeu que tinha ficado olhando para ele durante muito tempo. Verificando seu relógio, ela tocou seu ombro, e quando ele olhou para cima, e disse-lhe sobre o final da classe.Hoje não havido tido nenhum toque dos lábios ou garganta e ela pretendia mantê-lo dessa maneira. Quando o livro de sinais da tia Lydia chegasse, eles aprenderiam a se comunicarem dessa forma.

Jim recolheu os seus livros, mas antes ele enfiou a mão no bolso e estendeu a mão para ela.

"O que é isso?"

Ele colocou várias moedas na palma da mão, seus dedos fizeram cócegas quando eles escovaram contra os dela.

"Oh, não!" Ela balançou a cabeça. "Você não tem que me pagar. Eu quero te ensinar. Não se incomode ".

Ele franziu a testa e fechou sua mão quando ela tentou dar o dinheiro de volta. Talvez era o seu orgulho ou talvez a sua maneira de demonstrar que ele também sabia que sua relação deveria manter-se profissional. De qualquer forma, Catherine não teve escolha senão aceitar o pagamento.

"Obrigada."

Jim assentiu com a cabeça e saiu em direção à porta, hesitou e voltou. Mais uma vez retirou a

mão do bolso, com o punho fechado, em torno de algo.

"Por favor, você me deu o suficiente", protestou.

Ele desenrolou os dedos para revelar um pequeno objeto de madeira. Era um animal esculpido como os em sua cômoda, era um gordo, gato miniatura enrolado em uma bola.

"Oh!" Catherine estendeu a mão, para aceitar a sua oferta. "É tão doce! Olhe para esta carinha minúscula! "

Embalando o gato, ainda quente das mãos de Jim, ela examinou os detalhes e acariciou as costas lisas, com um dedo.

Ela sorriu para Jim e ele sorriu também. Teve que manter a força de vontade sobre os seus braços para não se jogar em torno de seu pescoço e abraçá-lo. Lutando para empurrar o impulso repentino, ela deixou cair rapidamente o seu olhar dos olhos escuros de Jim para o gato.

"Muito obrigada. Eu vou guardá-lo com carinho. "

Ele levantou a mão em despedida e deixou a escola.

Quando a porta se fechou atrás dele, Catherine continuou olhando para o gato minúsculo em sua mão. Ela o levou até o nariz e inalou o cheiro de madeira, ainda fresca da escultura. Isso não era de sua coleção, mas feito especialmente para ela e rapidamente também.

Imaginou-o sentado até tarde da noite, esculpindo sob a luz de uma lâmpada a óleo.

Sua oferta de dinheiro havia declarado sua parte no acordo, mas o seu presente o colocou de volta no reino da amizade e talvez algo mais.

Capitulo Seis

Jim puxou as fileiras de milho de campo torcendo as pontas de seus talos, descascando-os com uma faca e os lançando no carro ao lado do campo de trabalhadores. O sol sobre a sua cabeça, fazia o suor escorrer pelo seu rosto, apesar do frio da brisa de outono. Ele olhou para o sol, avaliando se a hora que passava do meio-dia. Ele estava com sede, fome, e suas mãos estavam machucadas pelo trabalho. Puxar o feno, arrancar o estrume, varrer ou descarregar sacos de ração para Rasmussen ou caixas de uísque do Murdoch, algumas das tarefas que realizava a cada dia. Mas ele apenas ajudava os campos debulhando trigo em julho e a colheita de milho, vinha

após a primeira geada.

Mike Gunderson lhe comunicou início daquela manhã que ele gostaria de sua ajuda se Rasmussen pudesse poupá-lo por alguns dias. Como todos os anos, o alugador de cavalos se queixou sobre a inconveniência, mas o deixou ir. Jim iria terminar o seu trabalho no campo no meio da tarde,

e teria algumas poucas horas, no salão antes de cair exausto na cama depois da meia-noite. Apesar da hora extrema era apenas por um curto período, e ele estava feliz por fazer um bico e ganhar um dinheiro extra. Poderia compor uma poupança considerável.

Ele esperava que Rasmussen se lembrasse de dizer a Catherine que ele não seria capaz de comparecer nas aulas, já que estaria na colheita por cerca de uma semana. Talvez fosse melhor que ele fizesse uma pausa. Estar ao seu redor era a coisa mais difícil. Ele manteve uma boa distância ontem. Pagar-lhe pelas aulas tinha sido uma idéia inteligente, mas depois ele arruinou tudo, dando-lhe o estúpido gato como um aluno que oferece uma maçã ao professor.

A expressão de alegria no rosto dela tinha quase valido a pena, no entanto. Jim voltou sua atenção para os caules intermináveis na frente dele. Torcer, puxar, descascar e atirar, até que suas mãos estavam duras, mesmo com uso da luva para o descasque, e seu ombro doía-lhe muito por arremessar as espigas no vagão.

Alguém o empurrou no meio das costas. Ele se virou para ver o filho de Gunderson, Dean, um homem grande e forte, com a inteligência de uma criança de dez anos de idade e um temperamento volátil.

Dean era suposto estar trabalhando durante a próxima linha.

"Apresse-se!" Os lábios em forma. "Mova-se, estúpido."

Jim acenou bruscamente e voltou para o ritmo, apertando as espigas com as mãos tão entorpecidas que ele mal conseguia senti-las mais.

Dean desapareceu entre as hastes, e Jim capturou a vista de seu macacão azul e cabelos loiros entre as folhas. Periodicamente, ele vinha checar Jim e pediu-lhe para ir mais rápido.

Suspirando, Jim se recusava a reconhecer o assédio deste simplório.

Ao longo dos anos, ele se acostumou a uma vasta gama de tratamento das pessoas. Havia aqueles que o ignoraram porque ele se fez desconfortável, aqueles que o ignorava porque simplesmente esquecia que ele estava lá, aqueles que expressaram piedade e o tratava

como uma criança, e aqueles que o insultava e provocava. Ele tinha uma política que parecia funcionar com todos os tipos os bloqueando fora de sua consciência e cuidando de seus próprios assuntos.

Mas alguns dias o comportamento infantil como o de Dean era o mais irritante do que outros, e com o sol quente e seu corpo dolorido, o temperamento de Jim era curto. Se o homem viesse com mais um insulto, ele poderia sair atrás dele com a faca do descasque.

Por fim, foi a hora do jantar, e os homens foram chamados do campo pelo toque de um sino. Jim não teria tido conhecimento se Dean não tivesse batido em suas costas de novo e apontou para a casa da fazenda.

"Vamos lá, estúpido. É hora de comer. "

Jim seguiu pelo campo. Os Gundersons e vários vizinhos que tinham vindo para dar uma mão para a montagem da mesa posicionada no quintal relativamente sob a sombra fresca das árvores. Sra. Gunderson e mulheres vizinhas tinham preparado vários pratos para manter a força dos homens ao longa tarde pela frente.

Silenciosamente Jim comeu pão, presunto, batatas fritas, verduras e milho, ele assistiu a interação entre os outros trabalhadores. Eles se vestiam diferentes das pessoas da cidade, mas exatamente os mesmos outros aspectos. Todos eles conversaram e riram juntos, um grupo unido para o qual ele era apenas um observador silencioso.

Mas havia outro que estava de fora. Pelas expressões de sua família e a forma que reagiram com ele, ficou claro que Dean Gunderson era considerado um homem inferior. Ele era um aborrecimento, um erro da natureza, era sangue deles, mas estava fora do círculo. Jim reconheceu a frustração no rosto de Dean, quando ele disse algo que foi ignorado. Jim compreendeu o seu agravamento quando as pessoas falavam ao redor, mas raramente com ele. Inacreditavelmente, ele sentiu um momento fugaz de compaixão pelo aborrecido do homem. Talvez ele não o esfaqueasse com a faca depois de tudo.

"Do que você está rindo?"

Dean bateu-lhe por trás da cabeça e falou diretamente em seu rosto, com um voar de saliva e migalhas de pão de milho voando de sua boca. Jim cerrou o maxilar. Ou talvez ele o faria.

Após a refeição, ele encontrou uma sombra debaixo de uma árvore longe do grupo e sentou na grama. Ele fechou os olhos para descansar por alguns minutos antes de enfrentar o calor no

campo de milho novo. Quando uma sombra caiu sobre ele, ele abriu os olhos.

"Quer ver uma coisa?" O corpo de Dean estava sobre ele, apagando a luz. Jim ficou de pé para que o imbecil antes que o decidisse dar-lhe pontapés nas costelas. De pé, o grande homem se inclinou sobre ele. Sua camisa estava enrolado, exibindo a espessura de seus bíceps e seu pescoço era tão grande ao redor como um tronco de árvore.

"Venha. Eu vou te mostrar algo. "

Ele começou a caminhar na direção do celeiro. Jim hesitou.

Dean olhou por cima do ombro e franziu a testa. "Venha!"

A maioria dos homens e mulheres, ainda permaneciam na mesa do almoço por isso não era hora de voltar para o campo ainda. Amaldiçoando-se por ter sido tolo em se unir, seguiu o ansioso, menino grande. Isto seria problema. Se você tiver o seu rabo espancado novamente, não se queixe.

No celeiro, o ar era mais fresco. Jim respirou o cheiro familiar de estrume e feno, semelhante ao estábulo, mas era diferente, pois as vacas também estavam alojados ali.

Dean se colocou sobre uma tenda, descansando os braços sobre o portão.

"Viu?" Ele apontou.

Aproximando-se cautelosamente, desconfiando de qualquer movimento súbito que o homem pudesse fazer, Jim olhou o animal que estava dentro de uma cama de palha. Era um potro castanho com uma faixa branca na testa. O potro bebê subiu desajeitadamente aos seus pés e pôs-se em suas pernas bambas olhando de volta para eles. Ele deu alguns passos para travar a direção deles, favorecendo a sua perna esquerda. Jim pode ver que era mais curta do que os outros. O animal foi permanentemente aleijado.

Dean jogou o braço para chamar sua atenção.

"Ela é minha. Meu pai deu para mim. Eles abandonaram-na, mas eu pedi para ficar com ela. "

Jim não pegou todas as palavras, mas entendeu a essência do mesmo e acenou com a cabeça, em compreensão pelo orgulho de sua propriedade. Este homem com a mente de uma criança, provavelmente nunca deixaria a casa de seus pais, e o potro poderia ser a primeira propriedade que ele já tinha sido capaz de reivindicar. Ele estava ansioso para apresentá-lo, especialmente para alguém a quem ele queria para provar a sua superioridade.

Ele olhou para Jim por uma reação quando ele repetiu:

"Ela é minha."

Gesticulando entre o cavalo e ele, Jim levantou uma sobrancelha, pedindo permissão para dar olhada mais de perto. Dentro da baia, correu as mãos sobre o pêlo castanho suave, sentiu cernelha do potro e levantou a perna menor para examiná-lo. Em seus últimos anos de trabalho

no estábulo, ele tornou-se um especialista em cavalos e de ver que, exceto pela a perna menor, o animal era saudável. Colocando o polegar e o indicador juntos em um círculo, Deu ao Dean a sua aprovação, em seguida, saiu da baia e fechou a porta atrás dele. O grande homem sorriu.
"Ela é minha", ele repetiu mais uma vez para uma boa medida. "Seu nome é Star ".
Jim devolveu o sorriso e apontou para a porta do celeiro. Hora de voltar ao trabalho.
Enquanto ele trabalhava no campo à tarde, ele pensou sobre a importância de possuir alguma coisa, e como o faria sentir mais como um homem. Pela milionésima vez, ele considerou o seu plano sobre todo o dinheiro que ele tinha acumulado ao longo dos anos. Mas não havia mais do que duzentos dólares escondidos debaixo do soalho. Quando ele tivesse o suficiente, ele pediria ao Rasmussen para vender-lhe a metade do negócio com a opção de comprá-lo todo algum dia. O homem não tinha família, nem para quem deixar. Jim acreditava que ele estaria aberto à idéia. E se Rasmussen recusasse a oferta, ele o deixaria, e viajaria para outra cidade, para abrir um estábulo de sua autoria. Ele sabia tudo que precisava sobre o cuidado de cavalos e do funcionamento de um negócio. Ele tinha feito a maior parte da contabilidade de Rasmussen há vários anos.

Apesar de sua incapacidade de ler, os números eram tão fáceis quanto respirar para ele. Ele apreciava a sua ordem e confiabilidade.
Arrancando outra espiga de milho e a despojando, um objeto duro bateu ao lado da cabeça de Jim, o arrancando de seu devaneio. Outro pedaço de caule caiu a seus pés. Ele olhou para Dean que estava próximo da linha, sorrindo e acenando, evidentemente, o considerando como um amigo agora. Ele levantou a mão e jogou em resposta a espiga de milho no vagão. Então ele retornou à sua fantasia, imaginando-se trabalhando em seu estábulo ao invés de trabalhar aqui, tomando decisões, fazendo pedidos selecionando novos cavalos, concordando com outros donos, e a contratação de um menino para atirar a lama das baias e arremessar o feno.
Em seu devaneio, ele já não morava no quarto dos fundos. Ele chegava em casa à noite para uma pequena moradia que ele comprou com seu salário. No interior, uma mulher esperava por ele. Uma mulher. Em sua fantasia, seu cabelo era tão dourado como a espiga de milho que ele jogou na carroça e seus olhos azuis como um céu sem nuvens. Catherine sorria para ele e ele podia ouvir como ela dizer seu o nome.
"Bem-vindo ao lar, Jim! ".

Capitulo sete

Catherine pousou a sua mala e olhou em torno de seu quarto na casa dos Albrights. O papel de parede era decorado com ramos de rosas e uma pálida colcha de retalhos cor de rosa cobria a cama. Um tapete no chão coberto quase até a parede.

A janela dava para rua principal para que ela pudesse ver as pessoas passarem. Apesar dos McPhersons terem sido bons com ela, Catherine estava feliz por ter saído do quarto apertado com uma cama estreita sobre o chão de madeira fria. A Sra. Albright pode ser arrogante, mais ela era uma anfitriã maravilhosa. Se ela não levantasse a questão sobre a tutoria Jim novamente.

Jim. Por que não podia manter sua mente longe dele por dois minutos de cada vez?

Desde a terça-feira quando o Sr. Rasmussen tinha aparecido na escola para explicar sua ausência, nunca tinha parado completamente de pensar nele. Quando ela conseguia esquecê-lo, algo acontecia para trazê-lo de forma insidiosa de volta à mente: um telegrama chegou da tia Lydia dizendo que os livros solicitados estavam a caminho, um cavalo que Catherine reconheceu como Zephyr do estábulo passava pela rua, ela encontrou em sua gaveta as lições das frases que Jim tinha escrito.

Do bolso de seu vestido, Catherine tirou o minúsculo gato que ele tinha esculpido e colocou sobre a cômoda para decorá-la. Ela tocou a estatueta com a ponta do seu dedo. Jim iria voltar por outra lição quando ele terminasse a colheita com os Gundersons ou estava utilizando o trabalho como uma desculpa para acabar com o que eles começaram?

Passou alguns dias desde que ela o tinha visto, mas parecia ser muito mais tempo. Apesar de saber que faltava pouco tempo, estava impaciente pela ansiedade que coçava debaixo de sua pele.

Houve uma batida na porta aberta e ela deixou a mão cair culpada por afagar o gato de madeira e virou-se. Jennie Albright estava na porta, com seus olhos avelã, olhando assustada, como sempre.

"Olá, senhorita Johnson. Eu não queria incomodá-la. Eu só queria cumprimentá-la novamente. "

Ela deu um sorriso hesitante.

"Eu fiquei tão ansiosa por ter você aqui".

Catherine sorriu.

"Estou contente de estar aqui. Por favor, entre e sentar-se."

Jennie entrou se sentando no pé da cama.

"Posso ajudá-lo com a sua mala? "

"Não. Basta falar comigo. "

Catherine abriu sua mala e tirou várias camisolas, colocando-os em uma gaveta da cômoda.

"Como você está? Você estava um pouco distante na escola nos últimos tempos. "

Jennie ficou em silêncio.

Catherine virou para olhar para ela, a menina estava ficando vermelha e escolhendo em um fio solto sobre a colcha. Não demorou muito para adivinhar que um menino era o centro de sua distração. Além disso, ela tinha visto Jennie jogar um olhar em Ned Hildebrandt.

"Existe algo que você gostaria de falar? Tudo o que você me disser prometo manter com a maior confiança ".

"Miss Johnson, ouvi minha mãe dizer que você foi comprometida, mas que seu noivo morreu ".

"Sim". Catherine manteve seu olhar sobre o vestido que ela tirou da mala. Seria mais fácil para Jennie dizer se ela não encontrasse os olhos dela.

"Eu sinto muito." A voz da menina era suave e simpática. "Deve ter sido horrível".

Catherine admitiu a sua simpatia com a cabeça.

"Obrigado. Faz quase três anos. Eu acabei por ... acostumar com a perda. "

Ela ficou surpresa ao descobrir que era VERDADE. Quando ela chegou em Broughton há alguns meses atrás, não era assim.

"Posso perguntar como você ... como você sabia ..."

"Que estava interessado em mim?" Catherine completou.

"Sim!" Jennie exalou a palavra. "Como você sabia que ele estava interessado em você? E quanto tempo você teve que esperar para ele dizer alguma coisa? "

"Para dizer a verdade, eu não estava ciente de Howard em primeiro lugar. Nós freqüentávamos o mesmo grupo de jovens em festas, bailes, passeios de buggy e outras reuniões sociais, mas não havia outro rapaz que tivesse a minha atenção na época. Howard era apenas um homem alto, esguio companheiro que fazia parte do nosso grupo, o qual eu mal havia falado. "

Ela parou para dobrar a blusa em sua mãos e sorriu pela lembrança.

"Mas ele me notou, e finalmente, ele fez alguma coisa para chamar a minha atenção ".

"O que fez?" Jennie inclinou para a frente, olhos arregalados, com a respiração presa, como se Catherine estivesse dizendo os segredos do universo.

"Ele apareceu na minha porta uma tarde com um buquê de flores silvestres que ele escolheu e me pediu para dar um passeio. Soa como um plano simples para paquerar uma garota, não acha? Mas Howard havia colhido hera venenods no mix das flores. No dia seguinte ambos tinham uma erupção horrível."

Catherine riu.

"Começou no meu rosto e meus olhos incharam até se fecharem. Foi simplesmente horrível! Pobre Howard ficou mortificado, mas ele deixou definitivamente alguma impressão ".

Jennie riu junto com ela, visivelmente relaxada. Quando elas pararam, ela finalmente lhe confidencializou o seu problema.

"Miss Johnson, há alguém na escola que eu gosto, e acho que talvez ele gosta de mim também, mas semanas se passaram e ele não diz uma palavra ou faz qualquer coisa ... ".

Catherine sorriu, pensando em como a língua presa do tímido Ned Hildebrandt era um problema. O menino fazia o olhar de Jim muito mais falador.

"Eu não ficaria surpresa se ele gostasse de você, mas esta nervoso demais para dizer qualquer coisa." Ela inclinou-se para Jennie e sussurrou:

"Apesar do que dizem as regras da sociedade, às vezes uma menina tem que dar o primeiro passo. "

"Sério? Como? O que devo fazer? "

Talvez ela tinha começado a se familiarizar demais com seu aluno. Conselhos de amor não era algo que uma

professora deveria ensinar.

"Eu não posso dizer isso. É diferente para cada situação. "

O ansioso sorriso Jennie se apagou. Ela havia sido claramente esperando a chave mágica para compreensão do sexo oposto.

"Oh".

Catherine ficou ao seu lado.

"Eu não sou nenhuma expert, mas uma coisa que eu acredito é que as mulheres esperam que os homens entendam além das insinuações. Às vezes, o melhor
abordagem é simples honestidade, não importa o quão difícil seja dizer o que você está sentindo. "

"Dizer a ele que eu gosto dele? Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia. "

Os olhos Jennie ficaram redondos como pratos.

Catherine deu um tapinha no ombro dela.

"Basta falar com Ned, mesmo se ele não disser muito coisa em troca. Pelo menos vocês podem continuarem a serem amigos. "

Jennie engasgou.

"Como você sabia que era Ned?"

"Querida, não há muitos meninos na classe perto da sua idade."

"Ah."

Ela esfregou o rosto vermelho.

"Você não vai dizer nada à minha mãe?"

"Eu irei manter a minha palavra."

Catherine voltou para a sua arrumação.

Depois de contar o seu segredo, Jennie era quase impossível de se livrar. Ela ficou, tagarelarando até que Catherine desejou nunca ter convidado a garota em seu quarto.

Finalmente, ela teve que dizer a Jennie para lhe dar alguns momentos sozinha.

Assim que ela guardou o último de seus vestidos no armário sentou-se na cama para olhar para fora da janela, ela pensou sobre o conselho que tinha dado a Jennie. Seja honesta. Basta dizer o que você sente. As palavras eram tão fáceis. Foi fácil dar orientações as quais ela não poderia seguir.

Quando ela falasse com Jim novamente, poderia fingir que não estava interessada?

E se ela simplesmente se inclinasse e o beijasse? Ela era uma mulher solteira e ele um homem solteiro. Qual era o mal em ter uma relação que ia além de uma simples amizade?E quem disse que alguns beijos poderia doer?

Fechando os olhos, suspirou. As respostas para essas perguntas eram óbvias.Um relacionamento romântico com Jim era impossível por causa da sua posição. Ela não era esnobe, mas um

homem em sua posição servil não era um parceiro adequado para alguém de seu nível social. Ele não se encaixaria em seu mundo. Era um fato simples, e sua surdez ampliava a distância entre eles.

Não. É melhor manter a amizade educada quando retomasse as aulas. Será que ele voltaria depois que seu trabalho de campo estivesse concluído? Ela ardentemente esperava que sim, e a intensidade de sua necessidade de vê-lo novamente a assustou.

* * * *

Na tarde do dia seguinte ela estava sentada na sala com os Albrights após o jantar de domingo. Horace estava dormindo com o jornal em seu rosto, enquanto sua esposa e filha trabalhavam no bordado e Catherine cerzia o dedo de uma de suas meias. Uma batida forte na porta da frente fez o Sr. Albright saltar, lançando o jornal a deriva no chão.

"Eu vou atender", disse Jennie. "Sarah disse que veria uma visita esta tarde." Jogou seu bastidor ao lado e correu para a porta.

Em alguns momentos, ela voltou com Charles Van Hausen, de chapéu na mão. Quando ele viu Catherine, mostrou os seus dentes brilhantes sob o bigode, castanho. Ela murchou por dentro, para encontrar uma forma educada para dissuadir os pretendentes indesejáveis.

"Sr. Van Hausen! "

Sra. Albright exclamou.

"Que surpresa agradável." Pelo seu presunçoso sorriso, Catherine adivinhou que não era surpresa. Rowena Albright e Alicia Van Hausen eram amigas íntimos. Sra. Albright estava ajudando contínuo esforço de sua amigo para pressionar Catherine a seu filho.

"Bom dia." Charles dirigida a todos. "Um ótimo tempo de outubro, não é mesmo? Como prometido Miss Johnson, eu trouxe meu buggy para levá-la para um passeio. "

"Ah."

Ela considerou estar com uma dor de cabeça, mas a decepção seria óbvio para todos. Era mais fácil simplesmente ir com ele. E apesar de seu desejo de não incentivar as suas atenções, um passeio ao ar livre neste dia nítido soou muito melhor do que uma tarde de meias de tricô na sala de estar dos Albrights .

"Tudo bem. Deixa-me tirar o meu casaco. "

Ela sorriu quando Jennie passou por ela. A expressão da menina estava maravilhada, como se Catherine estivesse realizando um grande feito por passear com um pretendente elegível.

No lado de fora, Charles deu-lhe uma mão para lhe ajudar a entrar dentro da charrete preta brilhante com rodas vermelhas chamativas. Ele deu a volta e subiu para o assento ao lado dela e bateu as rédeas em volta. Catherine reconheceu o cavalo elegante como o King do estábulo. O animal avançou na charrete ruidosamente sobre o pavimento.

"Estou pensando em comprar um automóvel,"

Charles informou a ela.

"A maioria das pessoas pensam que eles são apenas uma moda passageira, mas eu tenho conhecimento que eles estão se tornando bastante comuns na costa leste. Você já viu algum automóveis em White Plains? "

"Muito poucas pessoas tinham, mas o pai do meu amigo era dono de um vagão motor Duryea."

"Sério? Você conseguiu andar nele? Quão rápido pode ir?"

Seu entusiasmo juvenil era divertindo e ela gostava dele muito melhor assim do que a sua forma habitual afetada.

"Apenas uma vez. Levanta uma alta poeira, mas não tão rápido quanto um cavalo e transporte. Mr. Weller disse que poderia atingir uma velocidade de dez quilômetros por hora, mas eu não acho que nós estavamos indo tão rápido. "

Ele balançou a cabeça.

"Incrível! Eu adoraria ter a oportunidade de andar em um ".

Pessoalmente, Catherine não poderia imaginar os veículos a motor serem acessíveis ou rápidos suficiente para o uso comum, mas Charles estava entusiasmado ao falar sobre a invenção e outros avanços da tecnologia moderna. Ela estava feliz em deixar que ele monopolizasse a conversa enquanto guiava o cavalo para fora da cidade e no campo. Ela estava surpresa ao descobrir que realmente estava apreciando o passeio através da grama balançando na pradaria como um dia ensolarado.

Charles não tentou cortejá-la tentando segurar sua mão, pelo qual ela estava grata. No final de uma hora ele virou a cabeça do cavalo e a levou de volta para cidade.

"Você se importa se nós paramos no estábulo? Devo devolver o cavalo a bordo e guardar o nossa

charrete lá. Pensei que podia andar até em casa, sendo um dia tão agradável. "

O estômago de Catherine capotou na palavra "estábulo", o que era sinônimo de Jim em sua mente. Seria estranho vê-lo com Charles ao seu lado. Mas como ela poderia explicar que ela preferiria ser deixada nos Albrights primeiro?

"Claro, o Sr. Van Hausen. Qualquer coisa que seja mais conveniente. "

"Eu pretendo comprar um imóvel e construir minha própria casa logo", disse Charles. "E você pode ter certeza de que será uma casa para o meu automóvel novo. "

"Parece que você está fazendo muito bem para si mesmo."

"Eu espero uma melhor posição no banco em breve." Baixou a voz. "Por favor, mantenha em segredo, agora que o Sr. Karak é um acionista, as coisas estão mudando. Eu provavelmente serei promovido nos próximos dois meses e não apenas porque o meu pai está no comando. "

"Sério?" Catherine levantou as sobrancelhas. "Não tem Sr. Karak sua própria fábrica? Eu não tinha idéia que ele teve influência no banco também. "

"Ah, sim. O banco, a ferrovia, o celeiro e bar Mr. Karak é um verdadeiro empresário, um empresário de boa fé ". Ele irradiava admiração.

"Você não vê esse tipo coisa em Broughton. Sr. Karak está a criando um império industrial aqui, e eu planejo ser parte dele. "

"Eu vejo".

Charles levou a charrete pela porta larga do estábulo e puxou

King a um impasse.Jim apareceu de trás do edifício. Quando ele viu Catherine, ele congelou. Uma expressão ilegível cintilou em seus olhos, então ele voltou sua atenção para o cavalo. Tirou os arreios, segurou o animal firme, enquanto Charles descia da charrete e deu a volta para o outro lado para ajudar a Catherine em seu assento.

"Só um minuto", disse Charles após abaixar sua mão. Ele se inclinou e entregou ao Jim um par de moedas, em seguida, gritou na cara dele com abundância de gestos. "Dê ao King uma medida extra de aveia."

Jim balançou a cabeça e inclinou-se para a tarefa de designada ao cavalo. Ele não encontrou os olhos de Catherine novamente.

Ela queria dizer *Olá* ou perguntar se ele planejava ir a sua classe amanhã, mas ele não olhava para ela, e ela se sentiu estranha tentando se comunicar com ele na frente de Charles.

Tomando o braço dela, Charles escoltou a sua casa antes que ela tivesse uma chance de sacudir sua indecisão e abordar Jim.

"Como estão as lições do jovem, a leitura? Ele fez algum progresso? ", Perguntou ele.

"Ele vem trabalhando na fazenda Gundersons esta semana, e não tenhamos sido capazes de continuar. "

"Mm. Talvez seja melhor que não houvesse. "Charles deu de ombros. "Qual há necessidade de alguém como ele ser capaz de ler, não é? "

Catherine parou e olhou para ele.

"Não há qualquer necessidade! Apenas iria abrir o mundo para o Jim. "

"Eu só queria dizer que poderia fazê-lo pensar sobre as coisas que ele nunca pode ter. Um tanto como dar falsa esperança, se você sabe o que quero dizer. "

Charles apontou o estábulo atrás deles.

"Ele provavelmente vai passar a vida inteira lá. Você acha que é justo dar-lhe sonhos de uma vida melhor, que ele nunca poderia alcançar? "

Catherine estava zangada demais para falar, mas no fundo, as suas palavras a golpearam, ecoando os pensamentos que ela tinha e não admitiu. Seu rosto deveria estar tempestuoso como se sentia, porque Charles rapidamente mudou de assunto para falar sobre as atualizações para o sistema de telégrafo.

Foi um alívio quando chegaram a porta da frente dos Albrights e ele lançou o seu bom dia com uma ponta do chapéu.

"Foi muito bom passear a cavalo com você, senhorita Johnson. Eu espero que você me permita levá-la novamente em breve. "

Catherine sorriu, mas não deu resposta. Ela se retirou para a casa dos Albrights, determinada a não tomar uma outra carona com Charles Van Hausen. Ele poderia ser um agradável companheiro, mas ele possuía uma arrogância e uma necessidade constante de se vangloriar de que ela

não gostava. Ela certamente não queria incentivar seu interesse nela.

"Será que você gostou mesmo, minha cara?"

A Sra. Albright a cumprimentou praticamente na porta, sugerindo que ela provavelmente os tinha visto pela janela.

"Foi bom." Catherine soltou os laços de seu chapéu de abas largas e removeu de seu penteado desenvolto em seu toque francês.

"Nós estamos tendo um jantar regado a carnes frias e pão".

"Oh, muito obrigado, mas eu realmente não estou com fome."

Catherine desatou os botões de seu casaco.

"Na verdade, acho que depois de tomar um breve descanso, eu dar para um passeio. Eu sinto a necessidade de esticar as pernas depois que o passeio de buggy. "

As finas sobrancelhas da Sra. Albright se arquearam ainda mais.

"Eu vejo. Bem ... "

Ela fez uma pausa e Catherine sabia que ela estava a debater sobre a adequação de uma moça andar pelas ruas de Broughton tão tarde em um domingo.

"Bem, não se esqueça de voltar antes do anoitecer. "

"Claro."

Catherine foi para o quarto dela e derramou um jarro na bacia de água. Ela desabotoou a blusa e deslizou para baixo os braços. Abaixando em sua camisola e espartilho, ela lavou o rosto, pescoço, peito e braços. Ela considerou sua roupa empoeirada e optou por uma limpa. Depois de prender os cabelos novamente, ela borrifou uma névoa de perfume de lírios em sua garganta e abotoou a gola alta de sua blusa branca.

Pronta, ela atravessou o quarto a olhar pela janela, sentindo-se inquieta como um gato enjaulado em uma pequena sala. Ela não podia ficar em casa mais um momento. Uma força interior a estava puxando os seus pés e ela sabia instintivamente exatamente onde seus pés a conduziria.

* * * *

King estava inquieto, sentindo a tensão de Jim enquanto acariciou o pente sobre o cavalo suado. O animal bufou e deslocou-se da bruta escovação, rolando um olho quando olhou para seu tratador.

Jim mudou-se na frente dele, batendo o nariz do King e olhando em seus olhos, o deixando saber que estava tudo certo. *Nada de errado. Bom menino*. Ele mentalmente acalmou o cavalo, depois foi buscar uma medida de aveia.

Jogando o pente na caixa, ele ficou por um momento, olhando através das portas duplas, tentando recuperar o seu temperamento sob controle. Ele era um tolo por imaginar que poderia florescer algo entre Miss Johnson e ele. A vendo na charrete do Van Hausen o fez lembrar que uma mulher bonita como ela poderia escolher entre todos os pretendentes solteiros da cidade. Mas uma pontada de raiva torceu o intestino quando ele assistiu o Van Hausen ajudá-la a descer do assento, apertando a mão dela na dele. A mandíbula de Jim apertou, como ele queria poder

acertar com o punho no rosto daquele almofadinha.

Suas mãos crisparam por imaginar a sensação satisfatória da carne e osso sob a suas juntas com o sangue do corte dos lábios do Van Hausen. Então o que? Catherine iria sorrir, passar sobre o corpo inconsciente de Van Hausen, e caminhar para os braços de Jim, erguendo sua face para um beijo? Hah!

Avançando para a bandeja de grãos para alimentar o King, ele repreendeu a si mesmo por suas estúpidas fantasias. Uma coisa era guardar dinheiro e planejar uma vida melhor, um futuro no qual ele poderia ser parcialmente ou mesmo proprietário exclusivo de um estábulo. A outra era adicionar uma esposa e família na imagem. Isso nunca poderia acontecer com ele.

Especialmente com uma mulher como Catherine Johnson, que era tão acima dele que precisaria de uma escada para enfrentá-la olho a olho. Ele tinha sido estúpido em se deixar sonhar com ela. Agora, era melhor trocar suas emoções pela razão, e mantê-los sob controle e trancadas dentro dele.

Seus dedos estavam duros segurando o cabo da colher e mergulhando na aveia. Dias após a colheita do milho e descasque tinha inchado as juntas dos seus dedos, e sua pele estava rachada e dolorida.

Um movimento oscilante chamou a sua atenção e Jim olhou para as portas.

A silhueta Catherine estava contra o brilho alaranjado do sol da tarde. A luz em seu cabelo de ouro em uma auréola em volta de sua cabeça brilhando através do tecido fino da blusa que ele pode ver com as grandes, mangas bufantes. A visão real de seu corpo enviou ondas de desejo através dele. Cada parte dele ansiava por toque dela. Por um segundo, Jim congelou com a colher de aveia meio do latão, então ele deixou cair e caminhou na direção dela.

Ela sorriu uma saudação e falou, mas ele não conseguia ler os lábios com a sombra do sol contra o seu deslumbrante rosto. Ele parou na frente dela, com a cabeça cheia de coisas que gostaria de dizer a ela, mas tudo o que pode fazer foi devolver o seu sorriso.

Caminhou para fora da luz e na obscuridade do estábulo, e passou seu olhar dele pelas baias.

"Isso não é certo. Eu não estou apenas fazendo uma caminhada. Eu queria ver você para pedir-lhe desculpas. "

Jim esperou para ela explicar.

Ela encontrou o seu olhar de novo.

"Eu deveria ter dito *Olá* para você. Eu sinto muito. Charles Van Hausen apenas me levou para dar um passeio a cavalo hoje, mas isso não significa nada. Eu não estou interessada … ou seja, eu não..."

Seu rosto estava ruborizado. Ela esfregou a mão a outra e disse mais alguma coisa que não pode apanhar, embora a sua atenção se concentrava em seus lábios.

Ela falava muito rápido e ele não conseguia se concentrar em suas palavras por causa de sua fascinação por sua boca.

"De qualquer forma, faltou as nossas aulas esta semana. Como você está? Está sendo capaz de estudar? "

Ele mal teve tempo de dormir durante a semana passada deixando de abrir um dos livros didáticos.

Balançando a cabeça, ele fez um gesto com os cavalos, então gesticulou o ato de descascar milho.

Quando ela viu o estado das suas mãos, seus olhos se arregalaram. Ela capturou uma delas em suas mãos macias. Sua boca fez um "O" de exclamação e ela deixou Jim perfeitamente imóvel enquanto ela acariciava os dedos sobre as palmas das mãos calejadas e os pequenos cortes em seus dedos inchados. Ela buscou a outra mão, segurando as duas. A respiração dele parou.

"Você precisa colocar pomada sobre isto. Você tem alguma aqui? "

Ele hesitou, depois assentiu. O medicamento que ele aplicava nas articulações dos cavalos também poderia servir para feridas, pois não havia nenhuma maneira que ele deixaria passar a oportunidade de tê-la tratando de suas mãos.

Ela seguiu para a sala ao lado na parte de trás do estábulo e aceitou a garrafa que ele ofereceu.

"Isto?" Ela franziu o cenho quando ela leu o rótulo.

"Você não tem loção feita de grãos? "

Ele balançou a cabeça.

Destapou a garrafa, ela derramou uma medida do líquido espesso em sua palma da mão em concha e esfregou as mãos antes pousar sobre à sua. A pomada aquecia a sua embebida carne, conforme ela esfregou as suas mãos. O álcool estava queimando as feridas abertas,mas ele não vacilou, não querendo que ela se afastasse. As pontas de seus polegares massagearam a palma da mão e em cada dedo, as ondas de calor em sua mão foram enviadas direto para sua virilha. Seu pênis ficou rígido. Sua respiração era superficial e seu corpo tenso. Ele não deve deixá-la saber como seu toque o afetava ou ela pararia o que estava fazendo. Mantendo os olhos fixos no movimento em suas mãos, ele queria impedir que sua ereção levantasse numa protuberância na

frente da calça com um aviso.

Catherine continuou a trabalhar a pomada em cada pedaço de pele rachada. Ela estendeu sua mão para a outra mão e fez o mesmo. Após um momento, seus dedos desaceleraram parando até que ela esteve segurando sua mão.

Ele admitiu ter um momento feliz, simplesmente por ter suas mãos sendo embaladas nas dela, mas em seguida, ele se atreveu a enrolar os dedos em torno dela. Ele passou o dedo indicador para cima e para baixo em seu polegar, ligeiramente, provocando uma caricia sobre a sua pele macia.

Ela não se afastou.

Jim olhou para suas mãos unidas e para seus olhos. Eles estavam arregalados, as pupilas grandes e negras, rodeados com apenas um toque de azul. Seus lábios se separaram e seu rosto estava vermelho.

Agarrando-lhe a mão com mais força, ele se inclinou em sua direção. Apenas um sopro os separavam. Calor irradiado de seu corpo e seu hálito quente escovou seu rosto. Ele parou uns poucos centímetros de distância, os olhos fixos em seus lábios, dando-lhe tempo para rejeitar o seu avanço. Quando ela não o fez, ele inclinou a cabeça e cobriu a sua boca com a dele.

Seus lábios estavam úmidos e quente, tão quente que ele queria suspirar de alívio. Isso era o que ele estava à espera, a única coisa que ele desejava há muito tempo. Apenas isto, um beijo, algo mais pessoal tomado por concedido, mas que foi um marco em sua vida. Ter relações sexuais com Shirley não foi nada em comparação à sua boca se movendo suavemente contra lábios macios e perfumados de Catherine. Seus olhos estavam fechados, mas ele sentiu a murmurar contra sua boca. Com medo dela se afastar, ele deslizou as mãos em torno de suas costas, a segurando mais próxima. Ele angulou a cabeça para beijá-la mais forte, se atreveu a passar sua língua sobre seus lábios. A boca de Catherine se abriu mais, talvez para suspirar em sinal de protesto, tomando esta vantagem da abertura para beijá-la mais profundamente.

Ele deslizou suas mãos até suas costas, assegurando-se na realidade concreta de seu corpo. Sob a textura lisa da blusa seu corpo estava quente. Como ele desejava poder sentir a sua pele nua. Seu coração trovejou quando a sua língua timidamente moveu contra o sua e suas mãos deslizaram até seu peito e segurou sua camisa. Ela não estava se afastando, mas estendendo a

mão para ele também.

O corpo de Catherine era quente, macio, preenchendo os braços e apertando contra o seu corpo e foi a coisa mais maravilhosa que ele já sentiu. Com os olhos fechados, ele poderia concentrar todos os seus sentidos sobre o cheiro e a sensação dela. Jim respirou o seu doce aroma e sabor de menta sobre a língua dela. Ele precisava respirar, mas tinha medo de parar de beijá-la por um segundo sequer. Ela poderá recobrar a seus sentidos e terminar com isso.

Acariciando o comprimento de suas costas, ele embalou seu pescoço e tomou os cachos em sua nuca. Os fios eram tão sedosos como ele havia imaginado que seriam, tão suave e delicado como seda. Ele desejava mergulhar seus dedos em seu cabelo e puxá-lo seus forquilhas.

Como seria olhar ela com seus cabelos longos e brilhantes caindo em uma cachoeira de ouro em suas costas?

Jim abandonou a sua boca para beijar a curva do seu rosto e seu maxilar. O seu alto colarinho impediu de percorrer seu pescoço ou garganta. Ele teve que se contentar com a caricia ao longo da linha do maxilar, em seguida, retornando a seus lábios.Entre os seus corpos, seu pênis se esticava em sua direção. Ele sentiu o calor de seu corpo contra sua ereção, mesmo através de todas as camadas de tecido de sua calça, saia e anáguas. Ela deveria estar sentindo a incansável protuberância de seu pênis pressionando contra ela, mas ela não deu nenhum sinal para se afastar. Em vez disso, ela moveu-se ainda mais, beijando e beijando na penumbra silenciosa, da sala. O cheiro de couro e lírios encheu o ar.

Mãos tocando e acariciando, lábios e línguas, pesquisando e explorando, corpos quentes pressionados juntos, era mais do que ele sonhou possível ... mas não era suficiente.

Ele queria estar dentro dela, ele apertou contra ela. Seu corpo pedia ela mesmo quando a sua mente lhe disse que nunca poderia acontecer. Catherine não era Shirley. Ela era uma jovem decente que nunca deixaria tocá-la e destruir a sua virtude. Ele não poderia tê-la, mas ele poderia segurá-la enquanto ela o deixaria fazer.

Um tremor percorreu o corpo dela. Sua mão esquerda das costas, movendo-se em seu peito e empurrando. Ele interrompeu o beijo. Seus olhos abriram e procuram os dela.Ela olhou para ele, com a boca aberta, tragando ar. Sua blusa branca e rosa subiam a cada respiração ofegante. Ela balançou a cabeça.

"Não. Nós não podemos. Me desculpe. "

Suas entranhas se retorceram. Ele queria gritar:

'Por quê? Por que eu nunca tenho o que eu quero, apenas

uma vez? '

Jim avançou, negando suas palavras ou fingindo não compreender. Ele a puxou contra ele novamente, a envolvendo nos braços e cobrindo sua boca. Ele a beijaria até que ela se esquecesse de seus protestos.

Catherine se derreteu contra o seu peito. As mãos dela deslizaram em torno de suas costas e ela tocou-lhe o pescoço, enfiou os dedos em seus cabelos o puxando para ela.

Ela não apenas se rendeu. Mas ela também retribuiu ao seu beijo, movendo os lábios contra os dele, aceitando a sua língua em sua boca e o cariciando com sua. Ele sentiu a vibração do som sendo transmitido em sua boca.

Um gemido de necessidade subiu através dele. Ele sentiu a ressonância no peito. Seus olhos estavam fechados mas esteve ciente de todos os lugares de seus corpos se tocaram, a textura suave da sua pele, a umidade de sua língua, o peso, calor a massa de seu corpo debaixo da exploração de suas mãos. O aroma de perfume exalando de seu corpo aquecido o acompanharia para sempre. Ele nunca mais poderia sentir o cheiro de lírios de novo sem se lembrar neste momento.

Embora não teria nada mais do que ele gostaria do que erguer-la em seu braços levá-la a sua cama, Jim sabia que isto não poderia acontecer. Desta vez, foi ele quem interrompeu o beijo, afastando-se com relutância. Ele afrouxou o agarre sobre a jovem, mas não a deixou ir completamente, a mantendo vagamente no círculo de seus braços. Descansando a testa contra a dela com os olhos fechados, ele simplesmente respirou, a dor por sua incapacidade de expressar tudo o que ele sentia por dentro.

Tinha havido muitas vezes em sua vida quando sua surdez era um inconveniente ou mesmo um perigo, como tinha sido quando os homens o atacaram, mas não tinha sido poucas vezes quando ele odiava esta sua desvantagem. Uma delas foi quando sua mãe estava morrendo e ele não pode oferecer a ela nenhuma palavra de conforto, apenas segurou a mão dela quando ela engasgou para respirar. Agora mesmo, ele daria até a sua vista se pudesse apenas para ouvir e falar com Catherine por alguns minutos, e explicar o porque ela tinha que dar uma chance a ele e dizer que ele faria qualquer coisa para se fazer digno dela.

Sua mão acariciou ao lado do rosto dele o trazendo de seu devaneio. Ele abriu os olhos para olhar o rosto dela.

"Jim.Isto foi ... "

Os fechou novamente antes que ela pudesse dizer-lhe como isto era errado.

Ela recolheu os cabelos da testa e acariciou seu rosto até que ele abriu os olhos novamente.

"Eu gosto de você, Jim, mas eu não posso ficar com você. Não desta maneira. Eu sou uma mulher solteira com uma reputação a zelar, uma professora. Não poderia me envolver com qualquer homem ".

Ele pensou em seu passeio de buggy com o Van Hausen. Não era qualquer homem o problema apenas ele, mas ela não queria admitir isso. Deixou cair os braços em torno dela.

"Eu sinto muito. Isso tudo foi minha culpa. Eu não deveria o ter encorajado ".

Ele deu um passo para trás, parou de tentar ler as palavras. Não importava. Todas diziam:

"Não."

Talvez simplesmente tenha sido o suficiente saber que ela estava atraída por ele, mesmo que não pudesse vê-la. Ele olhou em seus olhos brilhantes e faces coradas, os lábios inchados e a blusa amarrotada, que tinha saído para fora do cós da saia. Ela era suave, feminina e altamente desejável, e sabendo que ela o queria também não o fazia se melhor em nada.

Pegando a garrafa de medicamento, ele o tampou e voltou para a prateleira. Eles deixaram a sala de arreios, e ele fechou a porta atrás deles.

Ela virou para ele.

"Eu não quero parar as aulas por causa disso. Tenho certeza de que podemos deixar para trás e continuar a trabalhar juntos. Você vem amanhã? "

Ele balançou a cabeça.

Claro que sim.

Não só para aprender, mas para passar cada minuto de seu tempo que poderia com ela, mesmo que nunca mais voltasse a tocar ou beijar novamente.

Seu sorriso iluminou seu rosto como o nascer do sol iluminando a grama da pradaria levado por um mar de ouro.

Seu coração parou em seu peito.

"Tudo bem. Amanhã. "

Ela balançou a cabeça, virou-se e foi embora.

Ao vê-la sair, ele sabia que ia ser mais difícil do que nunca ignorar o seu desejo por ela, tanto do

corpo e quanto o do coração, mas ele faria isso, porque a alternativa, de estar separado dela, era ainda pior.

Capitulo oito

Eu sou uma pessoa terrível. Terrível!Este tinha repetido refrão na mente de Catherine desde da noite anterior, com apenas uma pausa para dormir antes de retomar na manhã seguinte. Vestida e pronta para sair para a escola, ela fez uma pausa em seu quarto, seu rosto pressionado contra a blusa que ela tinha usado ontem. Ela respirou o aroma acentuado de mentol do medicamento que permearam o tecido, e lembrou a pressão das mãos de Jim deslizando para cima e para baixo em suas costas. O desejo passou por ela a fazendo tremer se estabelecendo em um lugar úmido entre as pernas.

Ela estava brincando com fogo. Ontem no estábulo, que tinha sido tomada pelo desejo que sentia por Jim lhe tocar os seios ou no seu sexo, se ele quisesse. Seu senso comum tinha ido e as necessidades do seu corpo haviam assumido. Ela gostava dos beijos de Howard, mas ela nunca sentiu desejo tão esmagador e tumultuadas emoções que

Jim despertava nela.

Dobrando a blusa de volta em seu armário, ela disse que teria de lavá-lo no momento em que retornasse da escola. Não poderia haver lembranças dos beijos de ontem, e quando ela tutoriasse ao Jim hoje, ela deveria adotar o decoro em sua forma máxima.

Catherine caminhou para a escola com sua maleta na mão e Jennie Albright ao seu lado.

A menina não era mais retraída e tímida, então o que conversavam entrou em sua mente. Agora

que elas compartilharam suas tête-à-tête sobre os meninos, Jennie não parava de falar. Mas isso foi bom. Catherine não tinha necessidade de responder além de uma ocasional "Mm-hm." Era incrível como muitas pessoas falavam sem qualquer comunicação real acontecendo.

Mais uma vez o refrão ecoou em sua cabeça.

Eu sou uma pessoa terrível. Terrível!

Não foi justo deixar que Jim a beijasse e se retirar no próximo minuto longe, dizendo-lhe que estava errado. Ela sempre desprezou as mulheres que jogavam com o poder dos afetos que tinham sobre homens, os provocando, em seguida os rejeitando. Ela nunca quis agir assim, e com

Howard ela sempre foi muito clara sobre como se sentia. Ele a perseguiu. Ela não estava interessada. Então, de repente, um dia ela estava e nunca lamentou a sua decisão

por se tornar noiva dele. Mas, com Jim era complicado.

Mesmo que seu corpo ansiasse por ele, sua mente não sabia de nada do que poderia vir por causa de sua situação.

"Você acha que é uma boa idéia, senhorita Johnson?" Jennie exigia a sua atenção,e Catherine só podia adivinhar o que a menina tinha estado a falar.

"O que você acha?" Ela repetiu.

"Eu vou fazer isso!" Jennie abraçou seus livros no peito com os olhos brilhantes.

"Hoje! Mas e se ele disser 'não'? "

"Pelo menos você saberá."

Ela não ficou surpresa ao tema em questão ser Ned. Quanto mais cedo a moça fizer uma insinuação e receber uma resposta, quanto antes ela poderia controlar o

menino. Pena que a resposta da paixão de Catherine não era tão simples. Ela já sabia a resposta para a pergunta: *"Ele está interessado em mim?"* e isto não deixava as coisas mais fáceis.

Trepidação e emoção fizeram o seu coração bater muito rápido durante todo o dia, e as crianças, sentiam a sua distração, e estavam turbulentos e difícil. Ela tocou a campainha durante alguns minutos mais cedo em sua ânsia de terminar o dia.

Ela não podia esperar para ver Jim, mas os beijos de ontem à noite, ainda permanecia em sua mente e em seus lábios. Ela poderia garantir que eles poderiam manter uma distância apropriada neste momento?

A sua preocupação foi tirada de suas mãos quando Jennie aproximou de sua mesa depois que

classe acabou.

"Miss Johnson, minha mãe sugeriu que eu ficasse depois da classe hoje e terminar meu dever de casa enquanto você ensina o Mr. Kinney. Eu esqueci de mencionar anteriormente, já que eu estava pensando em ... outras coisas. "

Um blush iluminou seu rosto.

"Ah." Catherine foi surpreendida pela Sra. Albright que não tinha sido tão sutil em usar Jennie como acompanhante. "Bem, eu tenho alguns testes aritmética tomadas pelos alunos mais jovens você pode buscar para mim. "

"Eu acho que é tão nobre o que você está fazendo para com este pobre homem".

Jennie olhou para os estudantes saindo e acenou para Ned Hildebrandt, que estava perto da porta olhando para ela. Ele sorriu e levantou a mão antes dele sair. No momento em que ele se foi, Jennie virou para Catherine.

"Eu conversei com ele no recreio. Funcionou exatamente como você disse que seria.

Ele só precisava de um incentivo. Vamos ao baile! "

"Bom para você, Jennie."

Catherine sorriu, em seguida, um pensamento lhe ocorreu. "Sua mãe vai aprovar você sair com Ned? "

"Eu não pedi, mas eu tenho certeza que ela vai apreciar. Seu pai é dono da loja de ferragem. Não é como um garoto da fazenda ou algo assim. Mamãe nunca permitiria isso. "

Catherine mordeu a língua. A classe dos comerciantes da cidade definitivamente favoreciam os seus próprios tipo e não olhavam para os agricultores, a menos que o último nome do fazendeiro fosse Gunderson ou Hopewell, as duas maiores proprietários de terras na área. Seus vastos, acres prósperos os traziam algum prestígio e respeitabilidade. Agora que Grant Karak tinha comprado as terras da maioria das explorações de menor porte, a sua posição deveria colocar o Gundersons e Hopewells na vergonha.

Catherine e Jennie estavam sentadas na mesa da professora com uma pilha de papéis de classe. Ela

queria um momento para se recompor antes da chegada de Jim, mas Jennie a encheu com a história detalhada de como Ned tinha solicitado em convidá-la para a dança. Catherine estava preocupada com a eleição da menina, vendo ela como um confidente. A distância respeitosa entre

aluno e professor tinha desaparecido e ela não tinha certeza de como recuperá-la.

Poucos minutos depois, a porta se abriu e estrutura familiar de Jim encheu a porta, enviando um choque de excitação através dela. Ela pensou que manter um relação profissional com seu estudante se tornaria um problema crônico para ela.

Ele entrou na sala e desviou o olhar para a frente e para trás entre eles.

"Jim, esta é Jennie Albright, um dos meus alunos. Ela estará fazendo um trabalho aqui enquanto temos nossa sessão de tutoria ".

Ele acenou com a cabeça para Jennie, que olhou para ele, curiosamente antes inclinando para trás com um leve sorriso. Levando os seus livros debaixo do braço, ele levantou uma sobrancelha e apontou para o fundo da sala.

"Sim. Nós vamos sentar lá. Vá em frente. Eu estarei atrás de você ".

Catherine deu a Jennie seu livro de notas para que ela pudesse fazer a pontuação dos testes, e agradeceu pela ajuda. Enquanto caminhava em direção ao Jim, um raio de sol da a janela iluminou o seu cabelo, fios de cobre brilharam sobre os pretos. A memória de sua boca cobrindo a dela, suas mãos pressionado contra suas costas, passou por ela. Empurrando para atrás, Catherine suprimiu as imagens quando ela se sentou ao lado dele.

Seu livro estava aberto, e ele entregou-lhe a atribuição de casa que ela lhe dera na semana anterior;

frases simples, compostas de palavras que ele havia aprendido.

Com os olhos no trabalho e com Jennie no quarto, era mais fácil de colocar pensamentos inadequados fora de sua mente e se concentrar no ensino.

"Hoje, vamos tentar uma leitura da cartilha McGuffey ".

O seu olhar demorou alguns segundos a mais depois da leitura de seus lábios, Catherine o ignorou abrindo o livro com as histórias pouco destinados a leitores elementares. Ajustou o dedo abaixo da linha e moveu devagar.

"Run Run, Spot." Era um livro feito de ilustrações mais fácil de seguir, que brevemente trabalhariam com as várias páginas.

Ela fez ao Jim algumas perguntas para testar sua compreensão das palavras, e ele escrevia a sua respostas na lousa. Por sua própria vontade, ele escreveu uma frase, baseada em seu novo vocabulário.

"Gato come o rato".

Ele escreveu o seu nome e indicou, antes de apontar-lhe com suscitadas sobrancelhas.

"Miss Johnson," ela disse, e escreveu o nome ao longa do papel.

Ele copiou com giz na lousa. Uma covinha brilhou em seu rosto quando ele acrescentou mais duas

palavras-*Gosta gato.*

Catherine inclinou-se para fazer a correção.

Gosta de gatos.

Por Jim moveu-se mais abaixo na lousa para escrever outra frase curta. *Jim gosta ...*

Parando, ele olhou para ela com significado importante em seus olhos escuros, em seguida, terminou a frase *gatos*.

Sua garganta estava seca e seu coração bateu por esse olhar breve e intenso. Foi realmente demais. Ela teria de melhorar o controle sobre si mesma e não incentivar a seu cortejo olhando para ele.

Eles trabalharam juntos por apenas uma hora, mas ela decidiu terminar a lição.

"Você aprendeu muito, Mr. Kinney. Muito bem. Mas o nosso tempo acabou. Tenho trabalhos para preparar para a classe de amanhã e deveres para corrigir. "

Ela tinha quase esquecido da presença de Jennie na sala, mas uma rápida olhada na mesa do professor mostrou-lhe que a menina estava tão concentrada em seu trabalho, nem tendo conhecimento deles. Catherine levantou-se da mesa, colocando um espaço entre ela e Jim com o seu aroma inebriante de feno e cavalos.

Ele se levantou recolhendo suas coisas. Ela observou o seu descontentamento com a breve lição em sua boca tensa, mas sorriu e boca,

"Obrigado".

"Você é sempre bem-vindo. Continuaremos amanhã ".

Ele balançou a cabeça, virou-se e caminhou até a porta.

Ao fechar a porta atrás dele sentiu uma sensação de vazio, como folhas secas deslizando pela rua passando através dela. Era uma tola por estar tão profundamente afetada pela sua chegada e sua saída. Tola e errada. Por que ela não podia controlar esses sentimentos que acalentavam por um homem que ela mal conhecia?

Catherine caminhou até a frente da sala, onde Jennie estava tão concentrada em seu trabalho quem nem sequer tinha ouvido Jim sair. Quando ela viu o que a menina estava fazendo, em vez

dos documentos de classificação, Catherine reprimiu uma risada. Uma página escrita com "Mrs. Ned Hildebrandt "e "Jennifer A. Hildebrandt" pela escrita elegante sobre a mesa,Jennie pareceu estar escrevendo um poema.

De repente, consciente de sua presença, Jennie saltou e arrastou seus papéis. Ela ficou vermelha e rosa, Catherine entregou-lhe uma pilha de trabalhos escolares.

"Eu fiz a anotação, mas depois me distraí. "

"Está tudo bem, Jennie. As meninas sonham com os meninos às vezes. "

"Ele está na minha mente o tempo todo. Eu não consigo parar de pensar nele ", confidenciou Jennie, guardando seus livros e papéis na bolsa escolar.

Eu sei exatamente o que você quer dizer. Tinha a sensação de que ela deveria dar um conselho racional a menina, em vez de incentivar a sua paixão, Catherine disse,

"Tente se lembrar que, a longo prazo, que o romance é apenas uma pequena parte de sua vida. Não deixe que se torne mais importante do que o seus amigos e familiares, seu trabalho e outros interesses. "

Ela pegou sua maleta e abriu caminho para a porta.

Foi fácil para dizer os seus sábios conselhos, muito mais difícil de segui-lo. Naquela noite, ela exalou o mentol de sua blusa em suas mãos mais uma vez. Ela tinha planejado lavar a roupa na mão em seu lavatório, mas hesitou antes de submergir-la. Ela apertou-a ao rosto e respirou o cheiro do medicamento mais uma vez, lembrando a cada momento elétrico com Jim. A pressão exata de suas mãos em seu corpo, o calor dos lábios e das suas provocações se úmida língua em sua boca eram tão marcantes, que estavam impressos em forma indelével sua consciência.

Que engraçado que o cheiro, de medicamentos trazia sensações e emoções de ardente paixão a sua mente. Catherine pendurou a blusa na traseira de seu armário, e esvaziou a água na bacia no penico. Talvez ela deva a lavá-lo outro dia.

Capitulo Nove

Jim lançou garfadas de palha e jogou no chão da baia do Cruzador. Depois de espalhar ao redor, ele descansou seu peso contra a baia e enxugou o suor da testa com as costas de seu pulso. Ele puxou relógio novo do bolso e verificou a hora. Até este momento em sua vida ele nunca precisou saber o tempo exato, deixava o estábulo no fim da tarde, após os cavalos estivessem alimentados durante a noite e iria para o salão. Murdoch o liberava algum tempo depois da meia-noite e Jim retornava a seu quarto no estábulos e caia na cama. O ciclo se repetia dia após dia, ano após ano, e contar o tempo não tinha sido importante.

Mas agora ele tinha um lugar especial para ser a cada dia. Ele não queria perder um minuto de sua classe e até tinha comprado um relógio com alguns dos seus ganhos para ajudar os Gundersons. Rasmussen deu seu olhar enigmático. Agora ele não tinha que prestar atenção nas crianças quando liberados da escola, para saber se já era hora de ir para a escola.

O relógio mostrava que ainda havia cerca de uma hora antes de sua classe, como ele já tinha adivinhado a partir do ângulo do sol na rua. Ele guardou o relógio com um suspiro, e questionou se a sua dama de companhia estaria lá hoje, como tinha estado a cada dia esta semana. Provavelmente era o melhor, pois a presença da garota o mantinha na linha quando ele estava tentado fazer progressos. Como estava, tudo o que podia era escovar seus dedos ou uma perna colidir acidental.

Jim sentava-se em sua classe a cada dia, educadamente mantendo as mãos, mantendo seus olhos, para si mesmo.

Mas seus pensamentos estavam totalmente em Catherine, e suas fantasias sexuais durante a noite ficavam mais intensas. Ele não gostava de perder o controle de suas emoções. Não era como se ele, não pudesse levar a nada de bom. Saber que Catherine estava atraída por ele também, tornava ao seu redor mais difícil.

Agarrou o garfo, saiu da tenda do Cruzador. Um movimento na porta do estábulo chamou sua atenção. A enorme forma de Dean Gunderson, bloqueou a luz quando ele correu em direção a ele. Jim instintivamente, apertou a mão sobre o garfo, relaxou, quando ele viu a expressão desesperada no rosto de Dean.

"Você tem que vir ... não sei ... meu pai disse ..."

Jim lutava para se concentrar nos movimentos rápidos na boca. Ele adivinhou que estava mal com o potro. Inclinando-se o garfo contra a baia, ele caminhou até o homem e ergueu a mão para parar o fluxo de palavras. Ele se virou para Dean em direção a luz exterior iluminando o seu rosto assim poderia ler seus lábios

"Star está doente. Papai não vai enviar ela para o veterinário. Disse que esta égua não era para viver."

Dean agarrou seu braço e puxou.

"Vamos. Você tem que ... "

O resto de suas palavras perderam-se quando ele se afastou, puxando Jim junto com ele.

Jim girou em seus calcanhares. Ele ergueu as mãos e sacudiu a cabeça. *Eu não posso ajudá-lo.*

Mas Dean fez uma careta e puxou mais forte.

"Você conhece sobre cavalos. Talvez você possa ajudar ela ".

Argumentando com o homem transtornado ou lutar com seu punho de ferro era impossível. Ele teria que ir com Dean, então, fazer Mike Gunderson explicar ao seu filho que Jim não era nenhum veterinário, apenas um zelador. Além disso, talvez houvesse algo que ele pudesse fazer para o potro.Jim correu ao lado de Dean na estrada que conduzia para fora da cidade, lançou um olhar sobre a esquina da escola. Seu coração se afundou. Não havia como terminar a tempo de ver Catherine hoje e não havia uma maneira de enviar um recado, ele não poderia ir.

* * * *

No momento em que viu o potro deitado de lado na palha, Jim sabia que o animal estava longe demais para se salvar. Até mesmo um veterinário não poderia ajudá-lo. Star estava no estágio final de vida, respiração irregular, com os olhos vidrados e sem foco.

Ajoelhou ao lado do cavalo, ele acariciou as mãos sobre seus lados. Ela nem mesmo levantou a cabeça, em resposta por uma presença estranha em sua baia. Ele acariciou seu pescoço e olhou para Dean, que se agachou ao lado dele.

"O que há de errado com ela? Faça alguma coisa. "

Os olhos de Dean eram quase tão amplos e vítreos como o do animal. Lágrimas brilhavam neles.

Jim balançou a cabeça e disse com a boca, *me desculpe*. Ele amaldiçoou o Gunderson por não enviar um veterinário para tratar o cavalo de seu filho até que fosse tarde demais, mas entendia a lógica. O veterinário atendia a todas as cidades da região e vivia a quilômetros de distância. Ele também era caro. O agricultor não podia perder um bom dinheiro em um animal que nunca iria

ganhar seu sustento na fazenda.

Star de repente tremeu e goleou as pernas como se tentando se levantar e fugir da dor. Jim queria pelo menos dar um alivio ao seu sofrimento. Provavelmente o melhor seria um tiro neste potro. Imaginou Mike Gunderson sugerindo isto ao seu filho, o que tinha levando correndo ao Jim Dean para ajudar.

Ele fez um gesto de beber e apontou para a boca do cavalo. Dean ficou de pé para ir buscar água. Ele o deixaria sentir como se estivesse fazendo algo de útil. Jim se inclinou próximo e focou os, grande olhos castanhos da Star. Ele enviou pensamentos calmante para ela com todas as suas força. Era tudo que ele sabia fazer, e pareceu ajudar um pouco. Star parou seu movimento e ficou imóvel de novo. Seu olhar se fixou com o dela até o momento que sua respiração parou.

A água espirrou no ombro de Jim fazendo-o olhar para cima. Dean tinha retornado com um balde cheio. Sua boca se moveu rapidamente, choramingando algo.

Jim se levantou e descansou a mão em seu ombro. Ele balançou a cabeça e gostaria que ele tivesse

palavras para lhe oferecer.

"Não! Não! "Dean jogou o balde, e a água derramou pelo chão da baia lavando o corpo imóvel do potro. Ele caiu de joelhos desmedido sacudindo os ombros com soluços.

Jim ficou indeciso por alguns segundos, imaginando se ele deveria ir a casa para chamar a mãe do menino. Isso não era problema dele e não poderia oferecer conforto.

Dean poderia ter raiva dele por não ter conseguindo ajudar.

Agachou-se ao lado de Dean e deu um tapinha no ombro. Por um instante, o homem permitiu seu toque, então, de repente, atacou, empurrando Jim ao lado.

Com a cara vermelha, pelas lágrimas em seu rosto, ele disse algo que Jim algo não pegou. Ele esfregou furiosamente os palmas das mãos nos olhos e repetiu as palavras.

"Nunca diga. Nunca diga que eu chorei. "

Jim assentiu, dividido entre a compaixão pelo seu sofrimento e não aceitar o seu brutal temperamento. Só porque Dean era deficiente não significava que sua mãe não poderia ensinar-lhe algumas maneiras.

Como se respondesse o seu pensamento, a Sra. Gunderson apareceu fora na tenda do potro.

Jim não teve o conhecimento de sua presença até que Dean abruptamente se levantou e enfrentou-a.

Jim se ergueu, e se virou para a mulher com seu físico corpulento, bochechas vermelhas e cabelos loiros despenteados, com uma expressão de que tinha muito mais o que fazer no seu dia do que se preocupar com isto.

"Olá, Mr. Kinney." Ela olhou para o corpo de Star. "O potro morreu? Bem, isto foi triste, mas talvez foi melhor. Não haveria lugar para um animal como esta na fazenda."

Apertou o braço de Dean em simpatia.

"Se você a tivesse deixado com seu papa se encarregasse dela teria poupado a coitada de algumas horas de sofrimento ".

Jim não pôde ver a resposta do Dean. O homem virou-se para ele.

"Você me ajuda a enterrá-la."

Jim queria dizer a ele que não tinha nem tempo nem vontade de ajudar. A última coisa que ele queria era cavar um buraco na dura, terra ressecada, mas Dean não estava pedindo. Ele não sabia o porque se deixava intimidar por este menino, mas no fim ele encontrou-se com uma pá na mão através de fissuras no solo queimado do sol como o tijolo. Não querendo estragar a camisa, Jim a tirou e a pôs de lado, enquanto eles trabalhavam. O suor escorria liquidado em seu peito, correndo em rios pelo seu corpo. Ele estava morrendo de sede, mas não ofereceram refresco. Levou horas para cavar um buraco profundo o suficiente, arrastar corpo e cobri-lo.

Jim sempre olhava para Dean, o homem estava falando, dizendo coisas sobre o cavalo, sua família e da fazenda. Ele não pareceu se importar que Jim não pudesse ouvi-lo. Era o suficiente ter um público cativo. Quando finalmente terminaram, o último golpe da terra, Dean agarrou a pá na mão e olhou para a forma castanha contra a grama igualmente marrom.Jim olhou para a sepultura, recordando a terra cobrindo a sua mãe em uma fria manhã de primavera. Ele lembrou de como era se sentir à deriva, sem a única pessoa que compartilhava qualquer ligação com ele.

Ele olhou para Dean, que ainda estava falando.

"Você foi um bom cavalo. Amém ".

Dean virou-se para ele, batendo a mão pesada ombro.

"Venha jantar com a gente."

Jim não queria voltar a pé para a cidade na escuridão, o sol estava perto do horizonte, mas o seu

estômago estava roncando e sua cabeça girava pelo trabalho pesado sob o calor. Ele balançou a cabeça.

O rosto sujo de Dean se transformado em um sorriso branco de dentes de orelha a orelha. "Você pode lavar-se na bomba".

Ele levou Jim através do capoeirão para a bomba. Eles se revezavam no bombeamento e lavagem com uma barra de sabão amarelo cáustica sob o jato de água fria. Após se secar com uma toalha grossa, Jim vestiu a camisa e seguiu seu estranho companheiro até a casa.

A porta de tela se abriu e Mike Gunderson saiu da casa na frente do alpendre, seguido por vários homens. Jim congelou, olhando para dois dos homens que haviam batido e arrastado ele, o olho preguiçoso e o barbudo. Com eles estava o homem que tinha estado conversando com Murdoch na outra noite no Crystal. Agora Jim sabia que era o novo proprietário da fábrica, Karak.

Gunderson fez um careta e gritou, com os dedo apontando no ar. A cara de Karak era tão fria e predadora como tinha sido na outra noite. Ele disse algo e estendeu a mão para Gunderson. O fazendeiro olhou para ela como se fosse um animal morto que alguém havia atirado aos seus pés, mas finalmente tomou. Com um breve, aperto rígido suas mãos se separaram. Um acordo havia sido feito.

Assim que Karak e seus homens desceram as escadas, o homem de olhos caídos notou Jim ao lado de Dean no quintal. Ele olhou para ele como que reconhecendo o seu rosto, então sua expressão apurou em reconhecimento, e ele sorriu. As mãos de Jim cerraram. Uma onda de indignação varreu ele. Ele desejava se lançar os poucos metros que o separavam e tirar o sorriso do rosto do desgraçado.

O homem deveria estar atrás das grades, mas ele estava sob a proteção de Karak como uma criança se escondendo atrás das saias de sua mãe. Não havia nada que Jim pudesse fazer para que eles pagassem por aquilo que o tinham feito. Tudo o que podia fazer era evitar problemas futuros, se mantendo fora de seu caminho. Ele focou seu olhar no chão, doente de vergonha por ter que se voltar para baixo com o desafio silencioso do contato visual.

Os homens montaram em seus cavalos postos em frente da casa da fazenda. E partiram. A poeira subiu em uma nuvem pelos cascos dos cavalos e se estabeleceram ao longo do estaleiro.

A atenção de Jim estava tão focada na partida dos cavaleiros que saltou em surpresa quando Dean bateu-lhe no braço. Ele se virou para vê-lo apontando depois Karak e sua tripulação e disse

algo. Jim franziu em incompreensão, e Dean repetiu-se.

"Aqueles caras?"

Ele ergueu as sobrancelhas em questionamento, fazendo um par de punhos e simulando um soco em Jim.

Ele balançou a cabeça. *Sim. Essas foram as filhos da puta.* Evidentemente, todos na cidade tinham ouvido falar sobre sua humilhação.

"Se eles causarem problemas novamente, eu vou cuidar deles."

Dean apontou o dedo em seu peito, e abruptamente lançou em um braço sobre os ombros de Jim, o puxando o resto do caminho através do quintal e subir os degraus da varanda.

Mike Gunderson ficou olhando para Karak, com um semblante pensativo sobre o seu rosto enrugado. Ele virou em direção a eles e apontou um dedo para o celeiro. " " O potro morreu?

Jim assentiu.

"Filho, desculpe."

Os olhos azuis do Gunderson, se reuniram em ninhos de rugas, olhando para Dean.

Ele estendeu a mão, como se fosse dar um tapinha no ombro de seu filho, mas deixou cair a mão para o seu lado.

"Foi melhor. O animal nunca poderia ter tido qualquer uso ".

A mandíbula de Dean apertou. "Sim, Papa."

O agricultor empurrou a mão pelo cabelo curto e grisalho. "Bem, melhor irmos comer agora."

Ele virou-se para liderar o caminho para a casa. Antes deles o seguirem para dentro, Jim colocou a mão nas costas de Dean e deu-lhe uma sorriso simpático.

A propagação do sorriso pateta no rosto de Dean novamente foi como o sol após uma tempestade.

"Depois de comer, eu vou lhe mostrar as minhas bolinhas."

Capitulo Dez

Catherine esperou por outro dia na escola para acabar com a sua impaciência habitual. Seu elevado estado de espírito estava começando a ser bastante habitual, o que ela deveria se certificar de que ela não estava transparecendo para seus alunos. Eles deveriam ser o seu único propósito aqui. Talvez faltasse a dedicação adequada e foco para ser uma boa professora.
Abrindo a gaveta da mesa, olhou para o livro que estava lá dentro, de sinais para surdos. Ele havia chegado no correio de ontem. Tia Lydia deve tê-lo comprado e enviado
quase imediatamente depois de receber o telegrama de que chegaria. Houve uma nota linda de sua tia que havia escondido dentro do livro, lembrando a ela que poderia ir e ficar com eles a qualquer momento se ela se cansasse de sua aventura no oeste, mas não estava pronta para retornar para White Plains. Catherine mal podia esperar para compartilhar o livro com Jim, mas depois de sua inesperada ausência de ontem, ela não sabia se ele pretendia voltar hoje. Assim, a ansiedade
cresceu a minuto que pingava como gotas de água de uma torneira pingando.
Ela havia se aprofundado no livro na noite anterior, absorvendo os princípios básicos dos sinais. Não era baseado em palavras, mas era um sistema único e extremamente complexo de uma expressão própria. Cada forma da mão significava algo completamente diferente, dependendo do gesto juntamente ou a localização do corpo onde era tocado. Ela aprendeu, por exemplo, que um punho cerrado batendo na face superior significava
"pai", contra a face inferior significa "mãe", e sobre o peito significa "bem".
Ela decidiu que não era muito diferente de homônimos. Inglês poderia ser uma linguagem complicada para aprender também, quando uma palavra freqüentemente significa várias coisas diferentes dependendo do contexto. Os sinais muito provável seria o mesmo. Ela estava animada para explorar esse novo mundo da comunicação. Finalmente, ela e Jim seriam iguais, aprendendo algo novo juntos. Se ele voltasse.
Já era hora de dispensar a classe. Catherine se lembrou de seu projeto com os estudantes neste fim de semana e teria que começar a pensar em suas apresentações para o programa.

Uma noite em que os alunos apresentariam o que aprenderam seria um grande evento na vida

social limitada de uma cidade pequena. Não só os pais, mas todos ao redor veriam assistir. Enquanto as crianças deixaram o prédio, havia uma quantidade a mais usual dos vibrantes e animados risos.

"Miss Johnson, isto é para você."

Melissa Van Hausen esticou seu cotovelo, segurando um retrato que tinha desenhado.

Catherine sorriu ao tocar a tela com afeto.

"O que, obrigado, Missy. Isso é lindo ".

A menina sorriu pelo seu elogio, revelando a grande diferença entre os novos dentes da frente crescendo.

"Ah,o meu irmão deu-lhe isso."

Melissa ofereceu uma caixa pequena com um envelope anexado a ela.

O estômago de Catherine deu uma guinada desagradável. Um presente de Charles não era um bom sinal. Significava que ele tinha tomado seu passeio de domingo muito mais a sério do que ela tinha. Ela rapidamente abriu a nota.

Querida Miss Johnson, Eu apreciei muito o nosso passeio outro dia e espero que você me permita acompanhá-la em algum lugar novamente neste domingo. Com o baile se aproximando, eu esperava que você pudesse considerar ir comigo. Por favor, considere-o e apreciarei este presente. De seu amigo dedicado, Charles P. Van Hausen.

"Oh, Meu Deus." Catherine abriu a caixa para encontrar um par de luvas de pelica branca.

Melissa puxou a caixa para baixo ao seu nível dos olhos e acariciou o couro flexível das luvas.

"Lindas! Você gostou delas? "

"Elas são encantadores. Se você esperar um momento, eu vou escrever uma nota para você levar a Charles. "

Catherine recuou para sua mesa, e puxou sua gaveta pegando uma caneta e papel.

Ela queria escrever que seu presente era demasiado pessoal nesta fase da sua amizade, e que era totalmente inadequado usar a sua irmã como um mensageiro. Em vez disso, ela compôs uma nota agradecendo o presente, mas provavelmente não será capaz de acompanhá-lo novamente no domingo, quando ela estaria ocupada. Ela não fez qualquer menção do baile. Mas ela recusaria esse convite também, se ele o fizesse novamente.

Entregando a nota selada a Melissa, Catherine agradeceu novamente por seu retrato de um céu ensolarado, um campo de flores e uma figura disforme, que, pelo ninho de cabelos em sua cabeça, deveria representar, Catherine. A criança saltou para fora da porta.

Jennie aproximou da mesa do professor.

"Você acha que o Sr. Kinney virá hoje ou podemos ir direto para casa? "

Catherine suprimiu um suspiro de irritação frustrada. Jennie estava com ela todos os dias agora, depois da escola como uma sentinela.

"Eu não sei. Vamos esperar um pouco e ver se ele aparece."

"Ooh, que luvas bonitas!"

A caixa de presente ainda estava aberta sobre a mesa. "Posso?"

Jennie afagou-lhe o dedo sobre a pele macia de bezerro macio.

"Lindas! Eles são de um admirador?O Sr. Van Hausen, talvez? "

Seus olhos brilharam quando a provocou.

Onde estava o respeito? Catherine nunca teria falado com tanta familiaridade com os seus professores, quando ela estava na escola. Ela deveria colocar uma barreira sobre esta amizade Jennie estava assumindo. Ela cobriu as luvas com a tampa da caixa e as retirou sem responder.

Abrindo a gaveta da mesa, tirou o livro de sinais.

"Minha tia me enviou de presente de Nova York. Vou tentar aprender e ensinar a linguagem de sinais ao Sr. Kinney. "

"Excitante! Posso ver? "

Jennie a encheu de comentários enquanto folheava através das páginas e imitou algumas das formas de mão.

"Isso é fascinante! Posso aprendê-la também? "

Catherine apreciou o seu entusiasmo ao mesmo tempo que ela se ressentia pela sua crescente intrusão. Gostaria de manter a distância de sua dama de companhia, mas estaria presente durante as sessões de tutoria. E qual é o problema com isso? Catherine repreendeu a si mesma. Por que deveria se preocupar se Jennie fazia parte da aula com Jim? Se as suas razões para o ensino dele eram verdadeiramente altruístas, seria bom ter uma turma de dois. Quanto mais pessoas pudesse se comunicar com Jim, melhor para ele.

Mas todo o experimento poderia acabar se Jim parasse de vir. Por que ele não tinha vindo na tarde anterior? Será que ele apareceria hoje? Catherine mal teve tempo para começar a se preocupar quando a porta da escola se abriu e ele apareceu.

Ele caminhou em direção a elas. Com um sorriso, que incluiu as duas, ele entregou a Catherine um pedaço de papel. Uma nota, escrita por Carl Rasmussen, explicando a razão de Jim haver

perdido a suas aulas, porque foi ajudar o Gunderson com uma emergência com um cavalo.

Ela acenou em acentimento, Jim tinha parecido contente por tê-lo escrito para que ele não precissasse tentar explicar com imagens e gestos. Segurando o livro de sinais , ela apontou na capa.

"Nosso livro chegou."

Ela apontou para Jennie.

"Jennie quer aprender conosco ".

Jim olhou o livro com Jennie. Seu sorriso era um pouco apertado, mas ele concordou.

Catherine encontrou sinais sutis de fácil leitura. Ele não queria a presença de Jennie mais do que ela, o que foi mais uma razão para tê-la ali.

Jim sentou na cadeira do professor no fundo da sala e a ajustou ao lado da mesa de modo que os três poderiam ver o livro. Catherine e Jim compartilharam a mesa com Jennie sentada numa cadeira no corredor ao lado deles.

Sentindo-se tão nervosa quanto ela tentou ajudar ao Ned Hildebrandt com uma equação de álgebra na qual ela não entendia completamente, Catherine abriu a primeira página do livro.

Mas depois seus nervos desapareceram assim que tornou-se imersa no fascinante estudo de uma nova linguagem. Os três praticaram as formas de mão e movimentos de objetos simples, fazendo um jogo para aprender uma lista de dez itens comuns e os outros testes de memória como cão, gato, bebê, homem, mulher, sol e céu.

As ações não eram muito difíceis de expressar. Comer, ir, vir e sentar-se todos foram evidentes. "Eu estou fome ", " Por favor " e " Obrigado " eram fáceis. Logo todos puderam expressar simples conceitos com vários gestos. Catherine estava tão emocionada com o seu progresso assim quando Jim escreveu a sua primeira frase.

Às vezes, porém, mesmo com as instruções exatas era difícil dizer se eles estavam fazendo as coisas certas. Jennie inclinou-se para espiar o desenho de uma mão no livro.

"Isto se parece com o polegar dobrado dentro ou para fora dos dedos? "

"Seria bom ter um professor em vez de apenas um manual de instruções, não acha ? "disse Catherine. Ela olhou para as sobras de luz nas janelas muito mais esticadas pelo chão. Eles perderam a noção do tempo.

"É melhor ir andando. É tarde e sua mãe ficará preocupada."

"Ah, só mais um pouco!" Jennie implorou. Seus olhos brilhavam e sua voz subiu em excitação quando ela acrescentou:

"Ou talvez nós possamos fazê-lo novamente amanhã! Mr. Kinney, você está livre no sábado? "

Ele franziu a testa e deu um sinal de incompreensão.

"Amanhã", Jennie moveu a boca enquanto ela se debruçava sobre a mesa, certificando-se de Jim poderia vê-la. Ela traçou um panorama do sol nascente na lousa e bateu o livro.

"Nos encontramos amanhã ".

Catherine estava tão ansiosa para continuar a lição, que ela não tinha tido a chance de trabalhar com Jim a leitura de hoje. Ela olhou para ele.

"Seria bom para mim, se você pudesse ter um tempo para a reposição. "

A carranca nublou seu rosto e ele balançou a cabeça.

"Você tem que trabalhar", ela adivinhou. "Talvez no domingo?"

Tomando a lousa de Jennie, ela esboçou um nascer do sol, segundo e levantou dois dedos.

Ele sorriu e acenou com a cabeça. Tirando um relógio de bolso, estendeu a ela e apontou para a hora.

"Duas horas. Bom. "Catherine concordou. "Aqui." Ela apontou para o chão.

Jim balançou a cabeça aproximando a lousa, para acrescentar um cavalo com uma boa medida.

Jennie levou um toco de giz e escreveu "Passear" sobre a porta do prédio. "Pa-sse-ar, Mr. Kinney."

Catherine levantou uma sobrancelha. Por que não?

Ele gesticulou segurando as rédeas e estalou a língua.

"Um passeio de buggy?" Jennie bateu palmas juntos. "Isso seria maravilhoso.Vamos fazer um piquenique e eu vou pedir para Ned juntar-se a nós. Tenho certeza que ele gostaria de aprender os sinais também. "

"Eu não sei se isso é uma boa idéia." Catherine odiava pôr um impedimento em seu entusiasmo, mas duvidou que a mãe de Jennie aprovaria um passeio de domingo com Jim Kinney. Além disso, ela não sabia se a Sra. Albright toleraria o interesse Jennie pelo Ned.

"Nós deveríamos nos reunir aqui. Seria mais adequado para a aprendizagem ".

"Oh, por favor, senhorita Johnson," Jennie implorou. "Seria tão divertido passar um dia fora ".

Jim apertou as mãos, pedindo também.

"Talvez. Devemos ver o que sua mãe diz. "

Ela voltou a sua atenção para Jim.

"Mas de qualquer maneira, estaria tudo bem encontrá-lo no estábulo para uma classe? "

Ele baixou a cabeça e fez o sinal que havia aprendido em um "Obrigado", seguido de um "Adeus".

* * * *

Ele não podia acreditar que ela quase aceitou sair com ele para cavalgar.Graças ao céus pela menina Jennie. Ele estava irritado com a sua presença na classe, prejudicando seu tempo com Catherine, mas agora ela tinha se tornado uma inesperada aliada.

Era uma tarde de sábado. O trabalho de Jim no estábulo havia acabado pelo dia e ele estava ajoelhado no chão do seu quarto, contando o seu salário semanal de Rasmussen. Mantendo uma metade de tudo ao lado para comprar comida para o piquenique no dia seguinte, então ele colocou o resto em sua lata.

Uma excitação correu através de seus nervos, como a água de soda efervescente. Ele nunca tinha feito nada disso nada em toda a sua vida, mas ele era consciente dos piqueniques na igreja o suficiente para saber que deveria conter um cobertor para sentar, uma cesta de alimentos, e algo para beber também. Havia bastante tempo para ir ao mercantil e se encarregar de tudo antes ele deve estar no trabalho no Crystal. Mas Murdoch era bastante indulgente. Se Jim chegasse um pouco tarde, ele se queixaria dele.

Ele colocou a caixa de volta em seu esconderijo e abaixou a tabua do assoalho, pensou em seus planos futuros com o seu dinheiro. Seis anos se passaram desde que sua mãe tinha morrido, o deixando sozinho. Seis anos em que ele ainda estava com pá na merda e empurrando uma vassoura nos empregos mais humildes da cidade. Não admira que Catherine não pudesse levá-lo a sério como um pretendente em potencial. Era hora dele parar de sonhar acordado sobre a mudança de sua vida e começar a realizá-lo. Após o piquenique amanhã ele abordaria Rasmussen com seu plano de comprar o meio estábulo. Ele poderia não ter dinheiro suficiente ainda, mas ele tinha uma grande soma de dinheiro para que o velho homem soubesse que ele estava levando a sério a idéia. Amanhã, com certeza, ele ia falar com ele.

* * * *

As compras dos alimentos levou mais tempo do que Jim tinha esperado. Ele costumava escolher itens com base no que era barato, mas agora ele tinha de imaginar que tipo de alimentos Catherine gostaria ou esperaria comer em um piquenique. O problema era, que os piqueniques na igreja que ele presenciou as mulheres faziam todos os tipos de coisas como frango frito, muito ovos apimentados e tortas. Ele não podia fornecer nada disso. O melhor que ele pode

fazer era uma fatia de pão, um bloco de queijo, maçãs, biscoitos e latas de sardinhas. Será que ela gostava de sardinhas?

No último minuto, depois de pagar por tudo, ele percebeu que tinha esquecido de comprar algo para beber e voltou para algumas garrafas de salsaparrilha. Ele poderia colocá-las no rio para resfriar no lugar que ele tinha em mente de levá-la.

Carregando os itens do piquenique de volta para seu quarto, ele se perguntou se faria um almoço aceitável. Mas não poderia se irritar pela utilização já o que ele tinha comprado poderia consumir .

Ele estava atrasado para o Crystal, mas ninguém percebeu. O salão estava lotado, apesar de ainda estava no início da noite. As noites de sexta e sábado era os dias da semana mais movimentados quando os homens esbanjavam seus salários semanais com entretenimento.

Jim era encarregado de esvaziar e lavar. Ele limpava a cerveja nas mesas pegajosas já que as meninas não tinha tempo para fazê-lo entre os homens servindo bebidas e dando atendimento.

Se mantendo atento as ação na sala, Jim se referia aqueles que estavam levemente embriagados e cambaleavam sobre os seus pés. Ele manteve um olho afiado sobre estranhos ou qualquer pessoa que o olhava podendo causar problemas, não estava ansioso para ter uma repetição do último assalto. Ele era um alvo muito fácil para agressão de bêbados. Do outro lado da sala, Shirley Mae se enroscava no colo de um homem, seu braço pendurado em seu pescoço. Ela chamou a atenção de Jim e sorriu. Ele sorriu, limpando o pano molhado em mais uma mesa manchada.Um pouco mais tarde, à noite, ele carregou uma caixa de uísque despejando à barra, Murdoch o chamou para a mesa onde ele estava mais uma vez sentado com Grant Karak.

Jim deixou a caixa atrás do bar, abastecendo as prateleiras com garrafas novas em seguida foi verificar o que seu chefe queria. O cabelo em sua nuca se ergueu como um cão eriçado quando ele veio sob o olhar de Karak.

Murdoch fez-lhe sinal para se sentar à mesa, em seguida, fez as apresentações, apontando para trás e para frente entre eles.

"Jim, este é o Sr. Grant Karak que comprou a fábrica. Karak, este é Jim Kinney. "

Os duros olhos de Karak se fixaram nele.

"Sr. Kinney, você me entende? "

Jim assentiu. Seu corpo estava tenso e ele se sentou na beirada da cadeira pronto para chutá-la e sair correndo. Ele não sabia o que Karak queria com ele,mas se sentia nervoso como um gato arisco em torno do homem.

"Eu estou arrependido pelo o que os meus meninos te fizeram. Nada disso vai acontecer novamente. Eu vou mantê-los na linha. "

Karak fez sinal para uma das meninas do bar para levar uma rodada de bebidas.

Jim pesou as palavras do homem, querendo saber porque Karak se daria ao trabalho de pedir desculpas a alguém tão pouco importante.

"Sem ressentimentos?"

Ele balançou a cabeça. Não havia nada a ser adquirido a pelo cumprimento do mais poderoso homem na cidade, e, por algum motivo, seu chefe parecia querer que ele fosse simpático.

Karak se inclinou sobre os braços cruzados descansando sobre a mesa.

"Murdoch me diz que você é um bom trabalhador que faz seu trabalho, sem perguntas. "

Karak sorriu pela a ironia já que Jim não pôde fazer perguntas.

"Eu poderia oferecer um trabalho para você em algum momento."

Jim ergueu as sobrancelhas.

"Você pode levantar e transportar, certo? Haverá alguma carga e descarga que eu preciso fazer. Um homem forte, que mantenha a boca fechada poderia ser útil. "

Seu sorriso alargou, mas o efeito era como de um cão com raiva mostrando os seus dentes.

"Eu pago muito bem."

A oferta de trabalho era a última coisa que ele tinha esperado quando Murdoch o chamou. Jim olhou para o seu chefe, mas a cara de Murdoch não disse nada.

Seus dias já estavam cheios com os trabalhos que ele já tinha. Ele não queria fazer um trabalho para um homem que tinha soltado os seus perseguidores fora da cadeia, mas, novamente, não era inteligente rechaçar um homem tão poderoso como Grant Karak. Jim deu um asceno de meia-cabeça. Deixando o homem falar como ele o faria.

As bebidas chegaram. Ele bebeu a sua com rapidez, o álcool queimou sua garganta caindo dolorosamente no estômago, lembrando-lhe que estava quase vazio desde que ele tinha pulado a ceia. Acenando para sinalizar seu agradecimento pela a bebida, Jim apontou para o outro lado da sala, indicando que ele tinha trabalho para voltar.

"Viu? Eu disse que ele é um trabalhador ", disse Murdoch. "Não descansa nenhum momento que

ele fica aqui. "

Karak ofereceu a mão para Jim. Seu aperto foi forte em sua mão seca e fina. Era a mão de um homem que nunca tinha feito nenhum trabalho físico já que havia uma abundância de homens para fazer isso por ele.

"Eu vou deixar você saber quando eu precisar de você".

Jim virou-se e deixou a mesa. Se era real ou imaginação, ele tremeu pela sensação dos olhos do homem queimando em suas costas. O lobo o tinha notado, e ele não estava mais seguro.

Capitulo Onze

Catherine caminhou a passos largos na calçada em direção ao passeio, sentindo-se como um pássaro libertado de sua gaiola. A situação nos Albrights hoje foi tensa para dizer o mínimo. Jennie, a doce, e gentil menina que nunca retrucava com a mãe, tinha explodido em uma raiva juvenil quando a Sra. Albright a tinha proibido no passeio de buggy.

"Mãe, você é tão injusta! Sarah tem feito passeios com o Sr. Walker por mês agora. Eu tenho idade o suficiente para sair com um menino, e nós vamos estar bem acompanhados por Miss Johnson e Mr. Kinney. "

"Ned Hildebrandt é um ótimo rapaz. Eu incentivo a sua amizade com ele, mas um passeio em torno do campo na companhia de ... "

Rowena Albright tinha quebrado, deixando a frase inacabada e virou-se para Catherine.

"Realmente, senhorita Johnson, eu estou surpresa que você sugeriu, tal passeio. Além disso, eu acho que o primeiro encontro da minha filha com este jovem deve estar sob a minha supervisão ".

Catherine imaginou o pobre rapaz sentado no sofá duro, recheado de crina na sala de estar sob os olhos atentos de Rowena enquanto eles estabeleciam uma conversa formal. Isto soou como uma maneira terrível de dois jovens passarem uma tarde de domingo.

"Embora eu ache que a sua tutoria do Sr. Kinney é uma causa nobre", Sra. Albright continuou, "eu não acredito que interagir com o homem de uma forma social não seria adequado ...para Jennie ou para você, senhorita Johnson. "

Catherine mordeu o interior da bochecha. Segurar as suas opiniões nunca tinha sido fácil para ela.

"Bem, isto não será exatamente uma situação social, a Sra. Albright. Jennie estaria aprendendo a linguagem de sinais, juntamente com o Sr. Kinney e eu. Esta seria uma continuação da nossa aula regular, com Ned se juntando conosco. Pensávamos que a criação de um piquenique pastoral seria agradável nestes dias quentes, antes do inverno. "

Rowena balançou a cabeça.

"Sinto muito, senhorita Johnson. Eu não quero que minha filha se envolva neste projeto. Não é

apropriado para uma moça gastar muito tempo assim em torno de um ... de alguém instável ".

Nesse ponto, a ex-quieta, Jennie obediente de repente se soltou, como a água jorrando através de uma ruptura de uma barragem. Ela criticou a mãe sobre a sua injustiça e hipocrisia e alegou que ela estava determinada a sair com Ned quando afastada de seu controle.

Quando a voz de Jennie se ergueu e seus argumentos variaram descontroladamente entre acusar a sua mãe de esnobismo e a repreendendo para tentar arruinar a vida dela, a senhora Albright lançou um olhar a Catherine, como se a culpa fosse dela por tal comportamento em sua casa. Ela enviou Jennie para o seu quarto e a menina tinha subido trotando as escadas e bateu a porta de seu quarto.

"Sinto muito que você ache que Jennie não deve participar de nossas aulas extras, e eu respeito seus desejos. No entanto, o Sr. Kinney está nos esperando, ou eu, pelo menos, devo entregar a mensagem de que não poderemos dar um passeio a cavalo e dar-lhe a sua lição, como prometido. "

Antes que Rowena pudesse levantar mais objeções, Catherine havia escapado da sala,pegou o casaco do mancebo na sala da frente e saiu pela porta. Ela ficou nos degraus da frente, respirando o ar puro da liberdade por um momento, em seguida correu em direção ao estábulo. No momento, que ela entrou no interior escuro do prédio, viu que Jim já tinha Lady atrelada a um buggy. A superfície negra da veículo brilhava, os pontos metálicos dos arreios polonêses reluziam, e Lady havia sido escovada e estava com um brilho lustroso. Ela inclinou a cabeça e passou seu rosto, ansiosa para sair em um dia tão bom. Jim havia despojado uma cesta de vime na traseira da charrete. Ele olhou para cima e abriu um largo sorriso para Catherine.

Ela devolveu o sorriso, mas havia uma dor incômoda no peito pela decepção que ela estava prestes a causar. Quando ela se aproximou de Jim, seu sorriso se apagou. Ele podia ler sua

expressão que estava indo para cancelar.

"Eu sinto muito." Lembrou-se de usar o sinal com as palavras acompanhadas, em seguida, fez o sinal de mãe. "A mãe de Jennie não a permitir vir, e apenas indo você eu não posso ir".

Ele deu de ombros e estendeu as mãos. *Por quê?*

"Não seria adequado sem um acompanhante." Ela não sabia se ele entendia os conceitos de "adequado" e "acompanhante", mas ele definitivamente entendeu que ela estava dizendo não a ele. A sua boca comprimiu em uma linha reta e sua mandíbula apertou. A vista da sua musculatura rígida trouxe uma emoção inexplicável.

Ela ergueu os livros que ela trouxe.

"Mas nós ainda poderíamos ter uma aula."

Trocando o olhar entre os livros e seu rosto, ele fez um gesto que incluía os dois e apontou para a charrete. Ele gesticulou *"Vamos"* e estendeu a mão para ela.

Catherine não poderia resistir à sua expressão de desejo. Além disso, o cavalo já estava engatado e pronto para ir a um piquenique. Será que realmente prejudicaria a sua reputação ir passear com ele? Não era justo que todos a induzisse passar uma tarde de domingo sozinha com Charles Van Hausen, de fato, a Sra. Albright tinha praticamente empurrado ela para fora da porta, mas com Jim fosse inaceitável. As más línguas comentariam se alguém tivesse um vislumbre deles saindo da cidade. Ela vacilou na indecisão.

"Olá?" A voz de Ned Hildebrandt surgiu atrás dela. Catherine virou-se para ver o pequeno jovem magro, de cabelos vermelhos hesitante na entrada.

"Hum, Jennie me falou comigo ontem e disse que deveríamos ir em um passeio? "

"Não, Sim, mas ela ainda não tinha solicitado a sua mãe. Sra. Albright tinha outros planos. "

"Ah." A profunda decepção na sílaba foi uma reflexão em seu rosto sardento.

"Tudo bem." Virou-se para sair.

"Mas, Ned ..." A voz de Catherine o deteve. "Você pode ir em sua casa para uma visita. Eu não acho que sua mãe possa se opor a isso. "

Não tinha necessidade de assustar o garoto já tímido com a idéia de que um visita para Jennie estaria sob o duro olhar de sua mãe.

O sorriso de Ned iluminou seu rosto.

"Obrigado, senhorita Johnson."

Depois que ele saiu, Catherine voltou-se para encontrar Jim de pé na charrete. Mais uma vez ele fez o sinal para *"vamos"* e estendeu a mão. Inclinando ligeiramente a cabeça, levantou um sobrancelha. A visão de um leve sorriso curvando seus lábios foi um desafio. Contra todo o seu senso comum e juízo, ela tomou a sua mão quente e áspera e reuniu as suas saias.Sua outra mão apoiou em sua cintura, ele a ajudou a subir ao alto escalão da Charrete. Depois de ajustar a saia debaixo dela, alisou-o sobre seu colo e fixou o grande chapéu de forma mais segura, desejando que ela não estivesse usando o chapéu decorado com rosas e penas. Felizmente, o forte vento da pradaria não o levaria embora. Ela deveria ter usado um chapéu à moda antiga com fitas para amarrar firmemente sob seu queixo. E as confecções em voga em White Plains não eram adequados aqui.

Jim caminhou ao redor da cabeça do cavalo para o outro lado da charrete e sentou ao seu lado.

Ele reuniu as rédeas e os puxou em volta da Lady. Ela saiu vivamente.

Catherine olhou para ele, usava sua camisa branca e colete, que ele tinha usado no primeiro dia que ele chegou na escola para uma lição. Embora ele tivesse abotoado o colete sobre a camisa, ela ainda poderia ver a mancha enferrujada no peito da camisa, pelo soco no nariz que Charles o tinha dado naquele dia. Imaginou Jim lavando a mancha, tentando salvar a camisa para torná-la apresentável. Esta roupa era a única diferente das outras camisas azuis do trabalho que ele normalmente usava.

Parecia que gostaria de se vestir com a sua melhor roupa para esta ocasião, o que despertou uma leve dor em seu coração.

Saindo da cidade, pela rua principal, Catherine resistiu ao impulso de abaixar o seu rosto em um esforço para esconder sua identidade. Em vez disso, ela manteve a cabeça erguida e olhou para a frente. Se alguém a visse andando com Jim e espalhasse por toda a cidade, não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora. Felizmente o estábulo estava localizado na periferia da cidade pelo qual eles passaram brevemente, todos os edifícios, direto ao campo.

Como ela esperava, o vento forte amassou o seu chapéu e seu penteado. Ao invés de perder o chapéu para o vento, o tirou e o segurou no colo. Seus cabelos se soltaram de seus grampos e os cachos caíram abaixo. Vertentes chicotearam em torno de seu rosto, cegando-lhe seus olhos.Ela os recolheu com a outra mão. Lutar contra o vento era como lutar contra um bando de cavalos.

O cabelo de Jim, também bagunçou, soprando em todas as direções. Ela gostava que fosse mais

desgrenhado do que os homens do que o estilo atual, e ela pensou novamente o modo de como se sentia sobre o toque de seus dedos, e os beijos que tinham compartilhado e o calor de sua mãos nas costas.

Jim encontrou o seu olhar e sorriu. As bochechas de Catherine queimaram desviando o olhar através da grama dourada, com medo que ele pudesse ter lido de alguma forma o rumo de seus pensamentos.

O ar estava frio hoje, ao contrário do domingo anterior, quando ela tinha saído para andar com Charles. Era uma semana mais próxima de inverno e isso poderia muito bem ser um clima agradável. Era esperado um céu cinzento,um dia frio, e principalmente chuva ou neve em início de novembro até maio.

Era estranho andar em silêncio, mas confortável. Sem os comentários constante de Charles sobre motores a vapor e indústria, ela poderia realmente ouvir o mundo ao seu redor. Cigarras escondidas na grama cantarolavam sua alta canção, penetrando, o som em seus tímpanos.

Mas a frente, um bando de gansos canadenses voaram em formação perfeita, o líder cantarolou e outros responderam dirigindo para o sul. Entre os animais selvagens e os incessantes ruído do vento soprando, a pradaria não estava vazia e silenciosa, como Catherine tinha acreditado quando ela chegou aqui, mas era vibrante, com vida e som. Ela viu as andorinhas atiravam em circuitos junto ao solo, mergulhando e levantando da grama alta.

Uma vez mais ela espiou a Jim, seus olhos escuros e solene, olhavam através da terra castanha como as mãos frouxamente nas rédeas. Como seria a sensação de ver o mundo sem som? Privadamente, ela tapou os ouvidos, tentando obter um pressentimento, mesmo assim o ouvia, através do vazar do som. Fechou os olhos a cegueira transformaria a experiência mais fácil, mas era quase impossível obter o silêncio absoluto. Era inimaginável não poder ouvir as cigarras, os gansos ou o vento.

Jim a tocou e olhou novamente. Seu sorriso era maior neste momento, quase provocador, como se ele soubesse perfeitamente que estava interessada nele e ficava contente por isso. Ele apontou para o horizonte ao leste e fez o sinal para a água. Ela concordou. Ele a levou ao rio, ou o que restava de um rio sem água em Nebraska. Ao inicio, o fluxo era fino como poderia mal ser chamado de riacho. Ainda, assim era uma via navegável e havia árvores em sua margem, árvores que também estavam diminuindo. Catherine estava animada com a perspectiva de ver algo novo além da grama.

Se movendo contra o assento de couro, ela levantou o rosto para a luz do sol, enquanto brincava com as flores em seu chapéu, aninhados no colo. A charrete percorreu sobre a trilha quando eles se voltaram para fora da estrada principal para uma faixa tênue que parecia cortar para a através do deserto. Não havia nenhum sinal de árvores em frente para marcar o rio, e Catherine sabia que a terra enganava, e não era plana como aparecia. Houve elevações e quedas.

O que parecia ser a terra plana na frente deles era um elevação, e quando chegaram em cima dela, um diferencial no vale afundou abaixo deles. a charrete seguiu pela encosta em direção as árvores que marcava o caminho sinuoso do rio. Chegaram a frente e paravam sob a sombra fresca das árvores, Catherine estava úmida e suada. Ela tirou o último de seus grampos ao invés de perdê-los, e seu cabelo caiu de cada lado do rosto. Mas apenas pelo som de respingos de água proveniente do córrego a fazia se sentir revigorada.

Jim puxou o freio da charrete e saltou. Ele passou em volta ao lado de Catherine e a ajudou descer da charrete. Ela abandonou seu chapéu inútil no banco.

Enquanto ela tentava pentear seus cabelos com os dedos para colocar sua aparência em ordem, ele soltou Lady

e a amarrou vagamente a um tronco. O cavalo começou imediatamente a cortar a relva embaixo da árvore.

Jim voltou para a charrete para descarregar a cesta de piquenique e espalhar um cobertor perto da margem do rio. Catherine ficou olhando o lamacento rio marrom que fluía lentamente até chegar a um pequena fio. A água se agitava em torno pedras antes de continuar em seu caminho. A margem oposta estava apenas a poucos metros definindo como riacho ao invés de um rio por sua medição. Uma pequena nuvem de mosquitos circulavam acima da superfície da água, que brilhava sob os raios de luz que atravessavam a copa de galhos acima.

Estava muito tranqüilo ali abrigada sob as árvores. Jim veio e ficou ao seu lado e olhou para a água com ela. Catherine tirou uma fita de sua bolsa, determinada a amarrar a sua juba incontrolável em rabo de cavalo. Mas quando ela começou reuni-la, Jim parou com uma mão em seu braço. Ele estendeu a mão para passar sobre o cabelo dela. Ela congelou, deixando seguir com o seu toque, assustada pelo inesperado gesto na qual a coisa certa a fazer era empurrar sua mão.

Ele se aproximou dela, alisando seus cabelos emaranhados, e ela prendeu a respiração, levada no foco intenso de seus olhos. Ele acariciou a textura dos fios entre o seu polegar e o indicador, e enfiou a pontas dos dedos atrás da orelha e depois se afastou.

O momento se quebrou e de repente ela pôde respirar novamente.

Jim sorriu e tomou-lhe a mão, apontando para sua arrumação. Ela levantou a saia para que a

bainha

não arrastasse no chão e o seguiu.

Depois de caminhar alguns metros, ele a puxou para baixo com ele na margem do rio. A superfície da lâmina d'água estava lisa e sem ondulações. Sob a iluminação o as formas negras dos mosquitos se arremessaram abaixo da superfície. Jim tirou um par de garrafas de soda na beira da água para esfriar. Ele apontou um peixe maior, pelo menos uma mão de comprimento, em suspensão na água. Ela mal podia ver a forma coberta de lama até que de repente o peixe saltou, abanando a sua cauda para esquerda e direita, atirando até a sujeira. Teve um flash de sua barriga prateado, e azul antes que nadasse para longe, do riacho, de volta a seu lugar.

Catherine sorriu pelo pequeno prazer da natureza. Se inclinando, Jim apontou para alguns formas redonda no lodo no fundo do rio. Ele fez os movimentos com as mãos, tentando lhe dizer algo sobre eles, mas ela não tinha nem idéia do que ele estava tentando transmitir.

Ele se levantou e puxou seus pés, a levou de volta para a charrete. Na lousa, ele esboçou um cardume de peixes, um banco raso no fundo do riacho e o encheu com pequenas pérolas.

"Ovos! Esses são seus ninhos. É um terreno fértil. " Catherine aproveitou o livro de sinais e procurou as palavras. Apontando para os peixes que ele tinha desenhado, ela fez o sinal de "peixe"

e ele imitou-o. "Peixe", disse ela, o incentivando a dar forma a palavra com a boca tanto como sinal. Ela olhou para os sinais de ninhos e ovos.Ambos estavam tão satisfeitos com suas novas palavras, que sorriu um para o outro.

Jim esboçou algo na lousa e mostrou a ela. Ele apontou os ovos e ninhos,e balançou a cabeça. Ele apontou para cima.

Catherine olhou para ele, piscando, tentando descobrir o que estava dizendo. Não tem peixe.

O céu. De repente, a mensagem clicou. Era outono, e não era tempo dos peixes se reproduzirem. Os ninhos foram deixados no verão anterior. Ela acenou em compreensão.

Jim apontou para a cesta e um cobertor e ergueu as sobrancelhas. Ele fez o sinal para comer, o que eles aprenderam no outro dia.

"Sim". Ela concordou. Seu estômago roncou lembrando a ela que havia muito tempo desde que tinha tomado café. Ela sentou-se no cobertor, arrumando as saias em torno dela.

Jim despojou os pratos e alimentos da cesta de piquenique no cobertor. Enquanto Catherine tomava fatias de pão e queijo, ele foi buscar as garrafas de soda no rio. Eles estavam pingando e um pouco enlameados. Quando ele as abriu e cada um tomou um gole, a salsaparrilha estava mal refrigerada. Ele deu de ombros em um pedido de desculpas.

Catherine engoliu um profundo gole da doce, soda, acalmando a sua garganta seca. Ela baixou a

garrafa e arrotou alto. Sua mão foi até a boca, e seu rosto corou ao som nada elegante antes dela se lembrar de que Jim não podia ouvir.

Ela mordiscou um pão e queijo, pensando como era estranho comer em silêncio. Era contra ao seu impulso natural para fazer pequenos comentários durante uma refeição. Ela estava consciente dos sons de mastigação que a boca fazia, a tocar ligeiro de lábios, e sentiu-se desconfortável, ansiosa para dizer algo, qualquer coisa, para encher o silêncio.

Jim levantou uma lata de sardinhas. Ela balançou a cabeça. "Não, obrigado. Gostaria de ter uma maçã, no entanto. "

Ela apontou para a fruta. Ele pegou uma e corte em fatias médias picada para ela com o seu canivete.

Enquanto comia, Catherine olhou para a água se movendo lentamente, uma folha boiou em sua superfície.O sabor da maçã contrastou muito bem com o queijo, e ela saboreou o sabores enquanto ela assistiu uma folha amarela ir a deriva inexoravelmente para baixo. De repente foi apanhada pela água agitada, e se agarrou em torno de uma pedra, e desapareceu na espuma branca. Se ela se levantasse e a seguisse, ela veria a folha de novo, subindo para boiar na superfície depois de ter passado através da turbulência?

Quando eles tinham terminado a sua refeição e Jim tinha embalado os restos, eles lavaram as mãos no rio.

"Bem, eu acho que seria melhor iniciar a sua lição antes que ficar tarde." Ela olhou a luz angular dourada do sol através das folhas. O horário de verão era curto em

Outubro, e eles tinham saído para andar um pouco perto do final do dia. Mas ali na planície,a noite parecia durar muito tempo, ao contrário de Nova York, onde o sol desaparecia abruptamente por trás da Catskills, mergulhando a terra na escuridão.

Se ajustando ao lado no cobertor para estudar o livro de sinais. Catherine era consciente de seu ombro encostava intimamente com o dela, do som do silêncio de sua respiração e da sedutora atmosfera deste local pastoral. Ela descartou sua consciência e abriu o livro.

Depois de revisar o que já tinha aprendido, ela começou a adicionar novos sinais. Já que a água fazia parte do seu repertório, Catherine procurou diferentes formas do mesmo; rio, lago, mar, água potável. A lousa veio a calhar novamente para esboçar diferentes tipos de gotas de água caindo de nuvens, a superfície irregular do mar, e o livro demonstrava as

diferenças entre os seus sinais.

Catherine folheou as páginas, uma libélula disparou para baixo e pousou no livro aberto, batendo suas asas delicadas lentamente. Ela prendeu a respiração, olhando para o intrincado padrão das quatro asas num verde e azul brilhante de seu corpo.

Após um momento de silêncio, ele voou para longe.

Trocou um sorriso com Jim, escreveu, e falou a palavra "libélula", então começou a procurar no livro algo sobre insetos ou animais selvagens.

"Eu não consigo achar uma maneira específica de dizer isso. Talvez uma combinação de voar e ... "

Olhando para cima, ela reconheceu os olhos, ainda a observando com o mesmo fascínio com que ela havia estudado o bonito inseto. Seu olhar constante em seus lábios como o leve toque do pouso da libélula. Sua boca se contraiu sob à pressão invisível, assim como outras partes que ela não devia reconhecer, partes privadas que sempre ganhavam vida, quando ela estava perto de Jim.

No momento em que se moveu foi como em uma teia de aranha brilhante conectando o espaço entre eles, livremente, mas tenazmente. Catherine sabia que deveria desviar o olhar, e arrastar a sua atenção para o livro no colo, mas ela permitiu que o momento continuasse e se tornasse mais intensa. A verdade era que ela queria que ele a beijasse, ansiava com cada fibra do seu ser. Mas de repente ela percebeu que ele não iria. Ele não poderia arriscar a sua rejeição, em vez disso esperou para ela tomar a decisão. Se havia alguma maneira de ser beijada hoje, ela teria que iniciá-lo.

Como sempre, a sua voz interior tentou manter a distância estreita entre eles; todos os argumentos contra a lógica de se envolver com ele correram através de sua cabeça. Mas, no profundo da sua

mente havia uma forte atração, inegável, que os tinha levando a este momento, a todos os dias. Não ... há mais tempo. Desde da primeira vez que eles se beijaram.

A atração era tão inexorável como o rio corrente, e ela não poderia resistir à seu desejo, mesmo que isso significasse se deixar cair de cabeça sobre as brutas corredeiras. Catherine levantou a mão e descansou sobre a bochecha de Jim, embalando seu queixo e acariciando seu polegar sobre o canto de sua boca.

Os olhos dele se entrecerraram quase fechados e os lábios se separaram em um suave sopro.

Ela inclinou-se e cobriu sua boca com a dela, levemente, com cuidado, testando a água.

Apreciando, ela mergulhou.

Capitulo Doze

Suave. Sua mão era tão malditamente suave, como de pele de um gato, como penas de aves, como tudo ...suave que ele poderia pensar. Seu polegar acariciou a borda de sua boca e os lábios foram hesitante quando o tocou inicialmente. Jim se manteve, aceitando o beijo, sem responder, não querendo assustá-la. Se ele suprimisse a poderosa necessidade que sentia através dele para tomar e possuí-la, ela iria fugir gritando. Desse modo, ele apenas separou seus lábios levemente, deixando
explorar sua boca, primeiro com um beijo suave, em seguida, uma maior abertura da boca. Quando a língua levemente lambeu os lábios, tudo se em seu abdome tudo se contraiu do estômago a virilha, e seu pau ficou sólido e dolorosamente duro. Seus dedos apertaram em punhos cerrados e os braços ficaram tensos, mas ele ainda não os colocou ao seu redor. *Aguarde Aguarde. Dê-lhe tempo para mostrar-lhe o que ela queria. Dê-lhe tempo para admitir o que ela queria.*
Mas, embora pudesse resistir de segurá-la, ele não conseguiu parar o gemido animal de desejo que subiu aos seus lábios. Ele sentiu o som em sua garganta, imaginando como soou, então se esqueceu quando ele se entregou à sensação da boca invadindo a sua. A ponta de sua língua correu rapidamente contra a sua o pedindo-lhe para jogar, suas mãos embalaram a parte de trás do pescoço, segurando sua cabeça firme. Ele ficou surpreso com a sua vontade por tomar o controle. Não era o que ele esperava, mas ela teve um noivo e era mais experiente em beijos do que Jim.

Após um momento, ele pressionou sua boca com mais firmeza contra a dela. Suas línguas se entrelaçaram, explorando a boca um do outro. Quando finalmente ela se afastou, sua respiração era ofegante. Seus olhos se abriram e ele ficou olhando para ela a pouco centímetros de distância. Tão azul como as flores silvestres na pradaria. Tão azul como o céu.

Seus lábios vibraram em prazer. Ele chupou fundo sua boca, provando-a com sua língua, em seguida, se afastou. Catherine continuou a olhar para ele. Sua boca aberta como se ela pudesse dizer algo, mas em vez disso, ela fechou os olhos e o beijou novamente.

Desta vez, Jim deslizou suas mãos em torno de suas costas, puxando-a para perto. Ela derreteu-se contra ele, suas curvas suaves pressionando em seu peito e seu quadril. Deslizou suas mãos em seu pescoço a seus cabelos, o puxando e pressionando sua boca ainda mais apertado com a dela. Seus lábios se uniram em conjunto e a força do beijo enviou um calor ardente através do seu corpo.

Ele se afastou para encará-la. Empurrando-a para o chão o livro de sinais, que estava em volta, sobre sua coxa. Suas mãos percorreram suas costas, sentindo as elevações de sua coluna embaixo da blusa, e encontrando a varredura de seu sedoso cabelo.Ela o deixou solto como ele havia pedido a ela, e agora ele podia brincar com ele como seu coração desejava. Seus dedos emaranhados na espessura, dos macios fios.

Catherine rompeu o beijo e moveu a sua boca para o queixo, pressionando e pousando suaves beijinhos. Um arrepio passou por ele pela cócegas dos lábios e pela respiração contra sua pele.

Ele apertou o corpo dela ainda mais apertado e a deitou no cobertor, puxando-a para baixo com ele. Ela não se afastou, mas ficou com ele, as saias abriram em leque em sua perna, pressionando seus quadris contra a protuberância na parte da frente de sua calça.

Jim pressionou contra o duro osso só um pouco, não o suficiente para ela notar, ele esperava. Com a sua metade cobrindo seu corpo, seus seios estavam achatados contra o peito e os cabelos lhe varreu a cara. Cheirava doce como ela, o cheiro natural do seu corpo e um aroma de lírios.

Ele a reclinou de costas sobre o cobertor, levantando o queixo para que ela pudesse continuar beijando sua garganta, pescoço e sob a linha da mandíbula. Sua língua fazia cócegas sua pele e ele se afastou de seu contato com uma risada.

Catherine levantou a cabeça em seu pescoço. Segurando seus braços de cada lado dele, ela olhou para baixo em seus olhos.

"Eu nunca ouvi você rir antes. Eu gostei disso. "

Um travesso sorriso curvado boca. "Eu quero ouvir mais." De repente, mergulhou a mão dela em sua costela e começou a fazer cócegas.

Jim se afastou, rindo. Ele agarrou seu pulso e a segurou firmemente. *"Não."* Ele colocou atrás da palavra, dando-lhe som.

"Não?" As sobrancelhas dela se arquearam elevado. Ela pressionou comprimento contra ele

quando ela atacou suas costelas do outro lado com a mão livre. O corpo dela foi bem em cima de sua ereção, empurrando contra ela com seu osso pélvico. Não havia como ela não o ter sentido, porque ele sentiu. Se contorcendo para fugir de suas cócegas só piorou a posição com o seu pênis se esfregando contra ela. Ele a agarrou, a lançando de costas e escarranchou sobre seu corpo. Ele derrotou seus braços no chão, segurando cada um pulso em um aperto firme.A posição apenas alimentou ainda mais a sua excitação.

Os olhos de Catherine eram brilhantes e vivos. Tinha os olhos plissados nos cantos e a boca estava aberta, com seu corpo tremendo de tanto rir. Ele planejava fazer cócegas nela até que não conseguisse respirar, mas desceu e tomou posse de sua boca, beijando e a beijando. Ele não conseguia se fartar do gosto e a sensação de sua boca com a sua.Seus braços em volta de costas, o puxaram para ela. Ele se emocionou com o fato dela não estar o empurrando neste momento.

Quando ele finalmente se lançou de sua boca, ele beijou a bochecha, suavemente arredondadas, o queixo delicado, e desabotoou a gola alta de sua camisa para que ele pudesse chegar a sua garganta. Os botões de pérola pouco aderiram a seus laços, lutou contra os seus grossos, e desajeitados dedos, mas por último a coluna de seu pescoço foi revelado.

Quando chegou ao oco da garganta dela, ele não parou, mas se manteve desbotoando os botões todo o caminho até o peito. Ele beijou cada centímetro de pele que foi exposta, saboreando a maciez incrível e o calor de sua carne salgada.

Quando ele se moveu mais para baixo, Catherine estremeceu abaixo dele. Ele sentiu seu peito ronronar abaixo de sua boca. Poderia ter sido um gemido de prazer ou um protesto, mas ele não esperou para descobrir qual era. Empurrando a blusa aberta, ele beijou o caminho do vale, onde seu espartilho elevava em dois montes. Ele embalou abaixo um dos seios através de a blusa e sentiu o material do espartilho o apoiando.

As mãos de Catherine estavam em seus cabelos, acariciando a cabeça, dando impulso em direção a seu peito. Ela queria isso, queria sua boca ali mesmo pressionado contra o seu quente peito.

Abaixo o pulso dela bateu rapidamente como um pássaro preso na gaiola dupla de reforços e espartilho.

Jim queria soltar o seu coração livre, mas o desamarrar o seu espartilho era dar um passo muito longe. Ele se contentaria com as carícias e escovar os lábios acima de seus seios.

De repente, Catherine se abaixou e afrouxou os cadarços da frente da constrição de sua blusa de

baixo. Ela o puxou ao lado com apenas a regata cobrindo os seios. Através do tecido quase transparente, Jim podia ver a sombra de seus mamilos, os suas pontas cutucando, claramente sensível pelo material. Por um momento, ele congelou, olhando, incapaz de acreditar na liberdade que ela o tinha permitido, mas convidativo.

Ele fantasiou com isso, mas o máximo que ele ousava esperar era uns poucos beijos e caricias. Ele embalou seu peito, o sentindo na palma da sua mão. Ele abaixou a cabeça e cobriu o outro mamilo com a boca, molhando o tecido fino e acariciando o broto ereto com a língua.

O peito de Catarina vibrou e ela tremeu sob seu toque.

Satisfeito com a reação dela, ele tomou o outro broto entre o polegar e o indicador sentindo ele. Ele o puxou e ela levantou a mão. Era mais do que ele tinha esperado ser permitido fazer, mas já não era suficiente. Ele queria ver e sentir seus seios nus. Tomando o decote da regata, a puxou para baixo e os belos montes balançaram em liberdade.

Eles era cheios e redondos e centralizados por mamilos como botões de rosa. Inclinando um dedo hesitante, roçou o broto endurecido e circulou ao redor da aréola plissada. A visão e a sensação dela era demais para resistir. Ele abaixou a cabeça e o tomou em sua boca com um suspiro, girando sua língua em torno antes de chupar o duro mamilo.

O efeito sobre a Catherine foi dramático. Ela arqueou as costas, empurrando seu peito contra a sua boca. Seus dedos apertaram seu ombro. Ele olhou para o seu rosto, apreciando a beleza de sua expressão de êxtase. Tinha os lábios separados e os olhos fechados.

Tinha prazer de ser capaz de lhe dar prazer, Jim amassou e amamentou em um peito então o outro por vários longos momentos, os excitando. Ele se afastou para olhá-los, seus mamilos estavam vermelhos agora, em vez de rosados, brilhantes e úmidos por sua atenção na pálida pele dos montes. Seus seios eram lindos, tão femininos e doces. Mas, os sugar fizeram a sua luxúria crescer ainda mais forte. Seu pênis pulsava com a necessidade de estar dentro dela. Ele queria experimentar o excelente momento de união que ele teve com Shirley Mae, quando ele sentiríasse fazer parte dela,os unindo em apenas em um. E ele sabia que se ele compartilhasse esta experiência com Catherine isso significaria muito, mais que órgãos empurrando uns contra os outros,bem mais uma união de espíritos. Ele ansiava por ela desesperadamente. Será que ela sentia esta mesma necessidade por ele também?

Ele deslizou a mão pela sua barriga, chegou ao cós da saia e continuou, sentindo o seu corpo debaixo da saia após saia. Ele pressionou a palma da mão contra a dureza de suas ancas e ela se moveu.

Jim olhou para o rosto dela para julgar a reação dela. Seu cabelo caía em um auréola dourada em torno de seu rosto, espalhando sobre o áspero e escuro cobertor. Sua língua tomou conta de seus lábios, num vislumbre rápido de rubor. Suas bochechas estavam vermelhas e ela brilhava com o suor da testa.

Quando sua mão parou, embalando o seu sexo, ela ergueu os quadris, empurrando em seu toque. Ela queria, queria o mesmo que ele, embora provavelmente não tanto quanto ele desejava.

Ele baixou o rosto e sugou um de seus mamilos em sua boca, brincando, gentilmente raspando os dentes contra ele o puxando com seus lábios. Ao mesmo tempo, ele começou a reunir as dobras de sua saia. Havia metros de material para puxar para cima, e abaixo dela as suas pernas estavam envoltas em meias que cobriam sas pernas até as coxas.

Jim chegou sob as dobras da saia e na anagua de baixo, sua mão deslizou até a perna, sentindo o peso sólido da mesma e procurando pele. Acima aos topos de suas meias, ele encontrou. Ele acariciou-lhe a carne suave, bem como as ligas acima e as meias.

Ele gemeu e amamentou seu mamilo mais duro, mais profundo em sua boca, pressionou sua ereção dolorida contra a perna dela e deixou os dedos explorar mais elevados.

Ela se moveu e se sacudiu abaixo dele. Sua mão empurrou contra o seu ombro, o forçando a se afastar. Ele deixou seu mamilo da boca e olhou para cima. Ela estava lutando para sentar-se, com os olhos escuro abertos, vidrados. Ela balançou a cabeça e a boca moldou, "Não."

Ele parou por um momento, tocando a pele quente de sua coxa e a bainha de seu roupa de baixo. Será que ela continuaria a protestar, se ele não parasse? Será que se ele a pressionasse ela iria mais longe?E se ele tocasse em seu sexo, ele poderia fazer seu desejo aumentar tanto que ela não iria querer sair?

Mas suas pernas estavam pressionando juntas, as fechando, e ela continuou a sacudir a cabeça, repetindo: "Não."

Jim tirou a mão por debaixo de sua saia e alisou o material de volta no lugar, cobrindo suas pernas já cobertas. Elas eram um mistério, mais uma vez, as mulheres se escondiam usavando saias longas para tentar enganar os homens de pensar nelas como algo mais do que humano, tão perfeito, talvez anjos assexuados.

Catherine escorregou seus bonitos seios de novo em sua camisa e prendeu a frente de seu espartilho, cruelmente os confinando novamente. Ela começou a abotoar a blusa.

"Me desculpe. Não." A boca dela continuou a mover-se, muito rapidamente, derramando uma torrente de explicações e pedido de desculpas.

Jim não tinha necessidade de compreender todas as palavras. *"Desculpa, desculpa, desculpa,*

mas não," todos diziam.

Ele foi afastado. E agora, ele ficaria feliz se ela ainda o deixasse beijá-la novamente. Sua ereção ainda pulsava e apertava dolorosamente contra as calças. Ele se deslocou discretamente como podia assim que se moveu para se sentar ao lado dela sobre o cobertor.

Quando ela tinha acabado de endireitar a roupa, ele deslizou um braço em volta de suas costas, meio que esperando que ela se afastasse dele. Mas ela ficou sentada, olhando para suas mãos no colo. Ele beijou o lado da cabeça, aproximou a sua mão para segurá-la e com seu braço, abraçou firme em torno dela, em um esforço para deixá-la saber que ele estava feliz simplesmente por segurá-la. Mas o quanto ele adoraria ter tudo, de bom grado para resolver isso.

Catherine relaxou contra ele, descansando a cabeça em seu ombro. Seu cabelo escovou contra o queixo, e ele se inclinou para respirar seu cheiro. Ela se inclinou para tocar ao lado de seu rosto, acariciando-lhe os dedos sobre seu rosto e boca.

Ele pressinou em sua palma, e disse as palavras "eu te amo" em sua pele. Foi o que a sua mãe costumava dizer a ele antes de abraçá-lo. Ele compreendeu que as palavras tinham algo a ver com um sentimento bom, quente por dentro. Elas queriam dizer que você se importava com uma pessoa. E ele estava sentindo certamente algumas, emoções poderosas e morns por Catherine. Havia tanta coisa que ele queria compartilhar com ela, seus pensamentos sobre o mundo e a vida, suas idéias e planos para o futuro. Ambos precisavam aprender os sinais mais rápido para que eles pudessem se comunicar mais do que simples, coisas cotidianas. Ele se inclinou para pegar

o livro descartado na borda do cobertor e entregou a ela.

Catherine abriu o livro, se moveu para fora de seu abraço e virou para encará-lo. Ela fez um sinal que aprendemos no outro dia.

"Eu gosto ..." Ela tocou os lábios.

Ele sorriu e gesticulou para ela.

"Eu gosto de beijar você também."

"Eu gosto muito." Ela gesticulou e disse que as palavras, transformando as suas bochechas rosadas.

Jim assentiu.

"Mas não pode tocar abaixo da cintura."

Ela assinalou em toda a sua cintura com um corte no movimento.Mais uma vez ele concordou. Mas ela não havia dito que não podia beijar assim ele se inclinou para ela, embalou rosto e pousou a sua boca sobre a dela, suave e curiosa.Depois de um momento, sentou-se para trás e

retomou a sua lição. Ele colocou uma mão sobre o coração crescentou o sinal e um para os olhos, indicando Catherine.

" Eu amo seus olhos. Eu amo sua boca. Amo seu pescoço. Suas mãos. Seu cabelo. Seu nariz. "

Com um leve sorriso e um olhar entrecortado, ele assinalou a todas as partes anatômicas que havia aprendido.

"Eu amo seus seios. Seu corpo. Sua mente ".

O rosto de Catherine ruborizou mais brilhante com cada parte que ele mencionou.

Quando ele enumerou a cada um que conhecia, Jim fez um gesto a todos, incluindo, e sem um sorriso, de modo que ela compreendesse a profundidade da sua sinceridade, compartilhando o que estava em seu coração.

"Eu te amo."

Capitulo Treze

Eu te amo. As palavras soaram em sua cabeça embora ele não tivesse dito elas. A mensagem em seus olhos era profundo o suficiente para compensar a falta de som. Aquele poderoso momento, vagou mais e mais uma vez em sua mente enquanto a Sra. Albright continuava a bronca que estava dando desde que Catherine regressou do passeio a tarde.

"Eu não sei o que dizer, senhorita Johnson."

Rowena Albright repetiu esta frase.

"Eu acredito que você é, essencialmente, uma mulher respeitável e uma jovem professora muito boa e suas intenções na educação do Mr. Kinney é honesta, mas continuar com este interlúdio com o rapaz é inadequado. Você se faz de exemplo, significando muito para as mentes jovens impressionáveis. As jovens senhoras de nossa comunidade olharam para você e comentaram seu comportamento. Passar um tempo sozinha e desacompanhada com este rapaz incapaz é simplesmente inaceitável. "

"Eu compreendo as suas preocupações, a Sra. Albright. Certamente apreciou com o coração. "

Catherine falou educadamente, mas não prometeu mudar o seu comportamento.

Sra. Albright baixou a voz, mas, embora ela parecesse mais calma, seu rosto ainda estava ruborizado.

"Eu odiaria ter que levar este assunto até a diretoria da escola. Creio que isto poderia ser tratado em privado, e eu confio em você para fazer a coisa certa. "

Catherine concordou, refugiando-se em silêncio. Ela sabia que a mulher queria que ela parasse as suas lições com Jim, embora ela afirmou acreditar que era uma boa causa. Apresentar um acompanhante não seria suficiente para acalmar ela. O tique-taque do antigo relógio da sala encheu a tranqüilidade, a mulher não falou por alguns instantes.

"Eu acredito que eu fiz a minha posição clara e eu vou continuar com isso."

Sra. Albright endireitou o guardanapo na parte de trás da cadeira a qual ela se levantou como se fosse um pódio docente.

Levantando de seu assento rígida, Catherine saiu.

"Eu compreendo que suas preocupações são bem-intencionadas, Sra. Albright. Mas agora, se vocês me dão licença, tenho de me preparar para amanhã ".

Com um gesto educado, ela se virou e saiu da sala abafada, escapando pelas escadas para o quarto dela.

Fechando a porta atrás dela, ela encostou-se e tocou-lhe os dedos nos lábios.

Apenas um par de horas atrás, ele a beijou, apertou o corpo dela ao seu corpo rígido, a fixando no chão. Ah, a sensação de seus vigorosos ombros em suas mãos e sob o cume rígido em sua virilha esfregando contra seu sexo. Ele tocando em um lugar enviado labaredas de fogo ardente através de seu corpo, e quando sua boca desceu pela coluna de seu pescoço até o topo dos seios, as chamas a tomaram ao inferno.

Meu Deus! Sra. Albright estava certo ao se preocupar com o seu ser supervisionado com Jim. Ela não tinha apenas o permitido beijá-la, mas realmente tinha afrouxado seu espartilho e o encorajou a mamar nela! Que tipo de mulher faria isso?

Mas ele a fez se sentir bem, tão bem. A memória de sua boca quente puxando o mamilo, suas mãos calejadas apertando suavemente seu peito, enviando uma nova onda de desejo percorrendo através dela. Seus seios doíam e os seus lábios inferiores apertaram. Suas roupas de baixo estavam úmidas pela excitação e liberação de seu sexo.

Catherine descansou a mão contra o corpete da blusa e caminhou até a janela a olhou para a rua escura. Os últimos raios de sol refletiam nas janelas acima e descendo a rua, em um brilho

laranja. Sabendo que Jim estava a apenas alguns quarteirões de distância, que, se ela saísse pela porta da frente e atravessasse alguns blocos pela cidade, ela poderia estar com ele em poucos minutos, a fazendo tremer suas pernas com o desejo de ser tocada. Nesse momento, ela sentiu que poderia desistir de tudo, da sua respeitabilidade, de sua posição na sociedade, para sentir sua boca em seus

seios novamente e mover a mão por baixo da saia. Se ela o tivesse deixado, ele teria a tocado lá nas margens do rio, com uma brisa fresca soprando através da água e o canto das cigarras zumbindo nas copas das árvores.

Ela reviveu aquele momento de novo com os olhos espremidos. Sua mão escorregou do peito para baixo em seu estômago para pressionar contra sua saia direto sobre seu montículo. O calor parecia queimar através do tecido e alagando seu sexo, acendendo chama quente. Por que ele teria vontade de tocar-lhe um lugar tão privado?

Puxando as cortinas sobre a janela, Catherine começou a retirar suas roupas.

Com um banho de esponja rápido na bacia e ela colocou a camisola por cima da cabeça e entrou sob os lençois. Ela tomou os deveres e se sentou na cama e trabalhar em seus planos de aula para amanhã.

Sem a sua blusa ela desatou seu espartilho e tirou a regata, suas mãos retardando, acariciando os seios. Os olhos dela fecharam novamente e ela imaginou que as mãos de Jim estavam tocando seus montes macios e sentindo o seu peso morno, com seus ásperos dedos puxando os mamilos, os puxando acima o suficiente para machucar antes de solta-los.

Ela passou as mãos para cima e para baixo torso dela, saboreando a suavidade da sua pele e a ousada exploração do seu corpo. Para pousar suas mãos amorosamente sobre os seios nus, os ossos de costelas, e seu tenso estômago, era algo que ela raramente fazia.

Desabotoou a sua saia, a deixando cair no chão e rapidamente tirou a saia, meias e calções. Ela estremeceu quando o ar tocou sua pele nua, mas não de frio mas pelo sentimento erótico de estar de pé completamente nua. Ela escorregou a mão para baixo pelo estômago e ambalou seu monte peludo do púbis. Um dedo partiu dos lábios de seu sexo e o sentiu como úmido e quente que era. Sangue se alastrou em seu rosto quando ela se atreveu a olhar para si mesma. Com a outra mão, ela separou os lábios de seu sexo para que ela pudesse olhar para as pregas rosa e a sombra escura de sua abertura. Catherine tocou com o dedo ao botão vermelho sobre seus lábios. Um relâmpago de emoção atravessou ela. Ela moveu um dedo, esfregando este rígido broto, e um

outro embalou o desejo que irradiada a partir desse ponto.

Tragando a respiração com um suspiro, tirou a pressão sobre o sensível ponto e deixou o dedo ir a deriva. Entre suas dobras, sua carne estava molhada e seu dedo logo foi revestido pelos sucos. Ela continuou a examinar a parte escondida do corpo, observando o dedo desaparecer dentro dela. Dentro de seu sexo era tão quente e úmido. Havia músculos que se contraiam em torno de seu dedo. Como seria ter o pênis de um homem invadindo seu canal? Será que doeria como sua mãe a tinha avisado para esperar em sua noite de núpcias? Seria estranho, nojento, doloroso, ou talvez emocionante e excitante?

Tudo que ela sabia era que, quando um homem a tocava e a beijava como Howard fez uma vez, e agora, Jim, ela sentia um desejo forte em seu sexo, uma fome voraz para consumar. O ato de ter relações sexuais não poderia ser tão ruim ou seu corpo não ficava assim.

Retirando o dedo brilhando, ela voltou para o botão vermelho e começou a círcular novamente. Seus olhos fecharam e sua respiração acelerou quando ela mergulhou a fundo na sensação e imaginou Jim tocando nela lá. Os pequenas toques de prazer ficaram mais fortes, mais duro, tocou mais profunda em seu núcleo até que de repente algo como uma explosão ocorreu dentro dela.

"Ah!" Um pequeno grito escapou de seus lábios, em seguida, os fechou e apertou por medo de Jennie poder ouvi-la no quarto ao lado.

Assim que o tremor dentro dela passou, a sensação de prazer foi substituído por vergonha. Que tipo de moça ficava nua em seu quarto e se tocando dessa maneira? O que ele diria por ela ansiar por um simples toque de um homem que ela nem sequer podia culpar já que foi ela que deixou ele mamar em seu peito e queria que ele fizesse mais?.

Depois de esfregar as mãos no lavatório, ela vestiu sua camisola e subiu na cama, sustentando o travesseiro contra a cabeceira para que ela pudesse se sentar e fazer seu trabalho. Com um suspiro, ela olhou para a pilha de trabalhos que ela tinha tirado de sua maleta. O mais alto era um erro ortográfico, borrão de Caleb McPherson sobre "Porque Baseball é o nosso passatempo nacional. "Os parágrafos breves realmente não abordar o assunto, mas era um discurso fervoroso sobre o porquê Nap Lajoie do Athletics de Filadélfia era o melhor jogador na história do jogo. O trabalho era uma compilação tedioso das rebatidas de Nap e outras estatísticas. Bem, pelo menos, o rapaz estava lendo alguma coisa, nem que fosse apenas notícias esportivas.

A atenção de Catherine se direcionou automaticamente pelos erros marcados em vermelho. Os garranchos, foram substituída por imagens desta tarde, Jim voltando-se para olhar para ela com um sorriso doce que derreteu suas entranhas, suas mãos movendo fluidamente quando ele gesticula, sua expressão quando formou as palavras

"eu te amo".

Ele sabe o que estava dizendo a ela, a diferença entre gostar e amar? Ele pode usar as mesmas palavras e gestos para dizer que ele aprecia queijo.

Talvez ele não tinha compreendido o significado das palavras, a emoção que transmitiam.

Mas no fundo ela sabia que ele entendia. A força do sentimento em seus olhos era inegável. Ela estava brincando com fogo, permitindo que este relacionamento continue, quando ela sabia que não havia futuro nisto. Jim poderia ser gravemente ferido pelo seu comportamento negligente em permitir que ele ache que ela poderia amá-lo também.Mesmo que o desejo e excitação afundasse dentro dela sendo o primeiro sinal de amor, que tipo de futuro que poderia compartilhar? A idéia de levá-lo ao leste e apresentá-lo a seus pais era inimaginável.

Mais uma vez Catherine, resolveu em seu coração de aço a romper o namoro, mas sabia que iria quebrar essa promessa. Ela não iria terminar as suas aulas como a Sra. Albright queria, e na primeira chance que ela ficasse sozinha com ele, sem dúvida beijaria Jim novamente.

* * * *

As crianças menores estavam espalhadas pelo pátio da escola quando um punhado de bolinhas caíram sobre um piso de madeira. Os mais velhos negaram um pouco mais devagar, parando em grupo de bisbilhotice que então passeavam longe com a graça desajeitada de suas pernas longas Catherine estava na porta da escola os observando, com o vento chicoteando as saias em torno de seus pés e soprando a poeira nos olhos dela. Ela olhou para o céu cinza chumbo e quis saber se as nuvens jamais iriam produzir chuva.

Jennie havia afirmado que teria de entregar um recado para sua mãe e hoje não seria capaz de ficar para a aula com Jim, mas Catherine a viu andando com Ned mais distante na rua e adivinhou que a menina tinha sua própria agenda. Quando o casal entrou na venda onde se encontrava soda, ela sabia que estava certa, e sorriu, se perguntando o que a Sra. Albright teria a dizer sobre isso. Ela nunca contaria.Catherine estava satisfeita e preocupada com a perda de Jennie como sua acompanhante para a lição de hoje. Sem a presença da menina, para mantê-los na tarefa, quanto a da aprendizagem seria realizado?

Uma figura a pé na rua chamou a sua atenção. Nathan Scott estava se dirigindo em direção da escola. Oh, céus. Ela não tinha falado com ele desde do seu pedido para acompanhá-la num passeio, e ela esperava ter desanimado o seu interesse. Ela considerou se esconder no edifício, mas evitá-lo não iria ajudar. Além disso, ele pegou seu vislumbre e elevou a mão em saudação.

"Boa tarde, senhorita Johnson," disse ele atravessando o pátio ficando em frente a ela em pé na escadaria. Sua pele clara estava suada, pelo esforço ou timidez. Tirando o chapéu, ele segurou o agarrando com as duas mãos.

"Olá. Que tempo ótimo estamos tendo, não é? "

Ela indicou o céu nublado com as dobras de nuvens cinzentas que cobriam o horizonte.

Ele olhou com uma expressão cômica de estupefação. "Er ... É ..."

"Eu estava provocando, Sr. Scott".

"Oh, sim." Corou ainda mais brilhante.

"Claro. Nós certamente poderíamos ter uma boa chuva. Talvez venha cair logo. "

"Sim".

Um momento de um constrangimento do silêncio caiu entre eles, e Catherine se perguntou como ela poderia gastar horas em silêncio, com Jim e não se sentir nem um pouco a vontade.

Seu desconforto na presença de Jim era de um tipo totalmente diferente.

"Existe algo que eu possa ajudá-lo? "ela solicitado.

"Eu não vi você desde de logo após do incidente com o cavalo, e eu quis saber como você está. "

"Muito bem, obrigado. E você? "

"Bem." Ele limpou a garganta e as mãos apertaram sobre a aba do chapéu.

"Eu estava me perguntando se você considerou o que eu disse no outro dia sobre sair algum dia. Há um baile social no salão na semana seguinte. "

"Há eu não tinha pensado nisso ..."

"Talvez você já estivesse com quem ir?"

Ele falou ao mesmo tempo.

"Não. Eu não tenho. "

Ela poderia ter chutado a si mesma no momento em que as palavras saíram. Soaram como incentivo.

Ele sorriu.

"Bom. Porque eu ouvi que você esteve andando com Charles Van Hausen, por isso pensei que talvez ele estivesse convidado você. "

"Não." Ela procurou por um caminho suave para declinar. "Na verdade, Sr. Scott, eu não tinha planejado ir ao baile. "

"Você deve ir! Todo mundo vai estar lá. "

Ele estava certo. Ela mal podia ficar nos Albrights enquanto o resto da cidade estava num evento social da temporada. Esperavam que ela fizesse uma aparição.

"Bem, suponho que eu vá, mas será com os Albrights. Eu não pretendo ir com um acompanhante".

"Ah." Ele parecia tão cabisbaixo que sentiu como se tivesse o chutado.

"Eu poderia poupar uma dança com você, no entanto."

Ela tentou diminuir a recusa.

Nathan sorriu e acenou com a cabeça.

"Poderia ser duas danças?"

"Tudo bem. Duas. " Ela devolveu o sorriso.

Só então ela percebeu que Jim se aproximava, com seus livros debaixo do braço, os olhos sobre eles numa postura tensa. Uma nervosa vibração agitou dentro dela, quando percebeu que parecia estar havendo paquera. Por que ele não podia ter chegado a poucos minutos atrasado hoje?

Nathan seguiu seu olhar.

"Então é verdade, você tem dado aulas a ele. Isso é o que eu tenho ouvido na cidade. "

"Sim". *Pode partir agora!*

"E como está indo?"

"Muito bem. O Mr. Kinney é rápido com o aprendizado. "

Quando Jim chegou até eles, ela acenou e lhe deu um sorriso rápido e brando.

"Boa à tarde, o Sr. Kinney. "

E pare de olhar para mim dessa maneira antes que mande ambos embora.

Seu olhar era afiado sobre ela até que Nathan estendeu a mão. Jim virou-se para ele, seu olhos se estreitaram, quando ele balançou a mão um par de vezes, firmemente.

Alheio da animosidade do brilho daqueles olhos escuros, Nathan Scott sorriu.

"Olá. Como você está? "

Um breve aceno de cabeça foi a resposta de Jim. Catherine estava feliz que ele não poder falar, porque ela poderia imaginar a nitidez na voz dele, se ele respondesse ao policial.

"Bem, é melhor começarmos o nosso trabalho." Ela interrompeu a cena .

"Eu vejo você depois, Sr. Scott ".

"Baile", ele confirmou.

"Sim. Certo. "

Ela virou-se, e ouviu os pesados passos de Jim a seguindo dentro da escola.

Ele fechou a porta atrás dele, e ela se virou para encará-lo, decidindo agir como se ela não estava ciente de seu ciúme. "Pronto para começar?"

Ele apontou com o polegar para trás, com as sobrancelhas levantadas.

"O policial Scott me pediu para ir ao baile. E eu disse que não. "

Ela não precisava se sentir culpada. Ela não tinha feito nada de errado e apenas tinha sido educada com Nathan. Não era culpa sua que ele gostasse dela.

"Baile?" A boca moveu a palavra em seguida assinalou "dia",com um braço representando o horizonte, o outro lado, representando o sol se movendo através dele.

"No próximo sábado, no salão Grange." Ela levantou cinco dedos para mostrar quantos dias tinha até o baile.

Era estranho, não saber o que estava acontecendo na comunidade ao seu redor. Ser ignorante a todos os eventos em geral que se falavam.

Ele apontou para ela.

"Se eu vou? Sim. Com Jennie e sua família. "

Por favor, Deus, não deixe que ele me pergunte.

Ele deve saber que não poderia ser visto em público com ela. Ele não pode ser ignorante dos problemas que poderia causar, poderia? Um tremor nervoso na barriga aumentou, mas ele simplesmente assentiu com a cabeça novamente.

Sugando o seu lábio inferior entre os dentes, olhando pensativamente para ela. O movimento fez sua covinhas aparecerem, derretendo o coração dela. Como ela poderia ter tais emoções conflitantes sobre ele? Uma hora queria se distanciar no momento próximo queria lançar os braços em torno dele e devastar-lhe com beijos. Era muito confuso.

Jim deu um passo em direção a ela, depois outro, seus olhos nunca deixaram o seu rosto. Ele tinha um olhar predatório, como um gato perseguindo sua presa, e as ondulações se aprofundou quando um sorriso surgiu no canta da boca. Deixando os seus livros sobre uma mesa ele passou, e se aproximou dela. A respiração de Catherine travou, e ela congelou, pelo antecipando beijo. Em vez disso, ele escorregou uma mão na cintura e apertou a mão dela na sua. Ele balançou para frente e para trás, mantendo o ritmo de uma batida lenta. Juntos, eles se moveram em um pequeno círculo no chão de madeira. Sua mão em suas costas a guiou. Ela ficou maravilhada

com a sua capacidade de imitar as pessoas que viviam alheios a existência de um mundo completamente diferente da que ele experimentou. Que poderes de atenção seria necessário para compreender o conceito de música sem ouvir a melodia ou ritmo.

O movimento desacelerou depois parou até que eles estiveram simplesmente de pé em um abraço silencioso. Sua mão apertou na dela mais apertado e a das costas deslizou para encaixe debaixo de sua saia. Ela podia sentir a pressão de sua mão mesmo através do preenchimento. Seus olhos, levantaram inexoravelmente, ao dela. Inclinou o rosto para ela, que se levantou em seus dedos e fechou seus olhos. Houve uma pausa ofegante quando ele esperou , em seguida, sua boca cobriu a dela. A leve pressão de seus lábios quentes arrancaram um gemido dela. Sua mão, que descansava em seu ombro, deslizou em torno do seu pescoço, e ela puxou sua outra mão para participar. Como ela gostava de sentir o seu pescoço, tão forte e quente abaixo das palmas de suas mãos, com as pontas de seu cabelo fazendo cócegas nas costas das mãos. Ela relaxou, inclinando-se para ele quando seus braços cercaram ela.

Seus lábios poderiam ser suaves, mas o seu corpo era rígido e sólido, todos os músculos e ossos, sem um grama de gordura. Jim era mais alto do que ela por cerca de um pé, e não como um gigante como Nathan e seu querido Howard. Gostava de que ele estivesse mais perto de sua altura. Era mais fácil olhar em seus olhos, sem ter de erguer o seu pescoço o tempo todo.

Seus seios, apertaram contra o peito, sentiu o caminho, abaixo entre as pernas, seu sexo estava escorregadio e macio. Ela cerrou os músculos, tentando controlar a pulsação, e apenas conseguiu estimular ainda mais. O desejo a inundou e ela abriu os lábios, incentivando a Jim em beijá-la mais profundamente.

Mas, após um rápido rastro de sua língua entre os lábios, ele repentinamente se retirou e afastou-se dela. Ela estava tão agarrada nele que teve que colocar as mãos sobre seus ombros para firmá-la.Os olhos de Catherine se abriram. Liberando seus ombros, ele apontou a seus livros ele tinha fixado sobre a mesa.

Ela abriu a boca para protestar, mas fechou-a novamente. Ela seguiu Jim, pegando um vislumbre de seu perfil quando ele pegou os livros e a lousa. Havia um sorriso soberbo
em seu rosto. Ele estava brincando com ela, ensinando-lhe uma lição, que os dois poderiam jogar de aquecer e abruptamente esfriar.

Indignação e diversão cairam sobre ela quando tomou o seu assento ao lado dele e ele entregou-lhe o papel que ele tinha escrito. Ela não o tinha dado lição de casa. Ele havia feito isso

sozinho,escreveu uma breve descrição de seu piquenique em frases curtas ou palavras isoladas. Foi
quase como um poema sem rima.
"Os peixes nadam na água. Céu. Árvores. Folhas. Comer e Beber ".
Ela sorriu para ele. "Muito bom".
Ele tocou seus lábios, franzindo em um beijo, e indicou o livro de sinais.
"Beijo", ela disse e olhou para o sinal.
"Dedos se tocam quanto as mãos se unirem ", disse o texto. Suas faces coradas quando ela disse, "tremendo ligeiramente para indicar o grau de paixão. "
Catherine fez o movimento quando ela repetiu a palavra em voz alta. "Beijo".
Jim copiou o movimento, moldando seus lábios como os dela. Ele apontou para a lousa e ofereceu-lhe o giz para que ela pudesse soletrar a palavra. Ele estudou cada letra que ela escreveu, antes escrever sozinho: B-e-i-j-o.
As bochechas de Catarina ficaram ainda mais quentes de vê-lo escrever em giz branco contra a lousa preta.

Beijo. Beijo. De alguma forma, parecia ter por que negar ou escondê-lo, agora que foi escrito. Ela olhou para os lábios de Jim e os seus mamilos endureceram na memória de
sua boca os chupando. Respirando profundamente, ela desviou o olhar até que em um movimento de Jim puxou-lhe a atenção de volta para ele.
Ele segurou uma mão na frente dela em pose clássica da valsa, e ele levantou as sobrancelhas. "Baile". Ela escreveu a palavra, e olhou para o sinal em "V" em movimento, como bailarinos sobre a palma da mão oposta. Jim copiou o gesto e escreveu a palavra.
A lição seguiu seu caminho, com ele, conduzindo, pedindo as palavras que ele queria saber. Ele iria fazer um esboço na lousa ou representá-las. Catherine identificava a palavra, soletrava e procurava o sinal. Uma vez que tinham estabelecido um número de substantivos básicos, começaram as ações que os modificam, os tornando maiores ou menores ou adição de outros conceitos que indicaram, distância, tempo ou ação.
Tornando-se mais concentrada no trabalho, os desejos urgentes de Catherine desbotaram num maçante zumbido. Depois de um tempo de estudo, eles tinham progredido para onde eles poderiam representar a cada questões básicas e respondê-las, com todos os sinais.
Ela estava elaborando uma combinação que significava estábulo quando Jim tirou seu relógio de

bolso para verificar a hora. Ele bateu com o punho e indicou que tinha que sair. A decepção caiu quando o anúncio apunhalou ela. Eles tinham compartilhado beijos durante todo o tempo que ele esteve ali, e ela queria mais.

Jim levantou-se e recolher suas coisas. Catherine relutantemente se levantou também, e o observou.

Quando ela estava começando a pensar que ele a deixaria apenas com um sorriso educado e um aceno de cabeça, ele a puxou abruptamente em seus braços novamente com uma desmedida força e beijou ela. Não havia nada de educado ou gentil sobre este beijo. Foi duro, exigente, possessivo, e ela o sentiu até os dedos dos pés.

Assim que sua língua tomou a dela, o corpo de Catherine tremeu e suas pernas ficaram fracas. Ela se agarrou a ele, segurando a frente da camisa, até que a liberou finalmente, ajustando para trás em seus pés. Ela ainda não tinha tomado conhecimento de que ele a tinha erguido. Respirando ofegante, ela o fitou com seus olhos arregalados em suas pálpebras pesadas, e olhos escuros. Eles tinham uma promessa de mais, e outras coisas que ele poderia e faria a seu tempo e dada a oportunidade. O seu olhar a assustava pela sua força, mas também a excitava. Jim de repente pareceu perigoso e imprevisível, capaz de uma paixão de que ela poderia responder.

Ele embalou o seu rosto, traçando um dedo sobre os lábios ainda sensíveis pelo seu beijo. Afastando-se, pegou seus livros e saiu do prédio. Catherine ficou abalada, a dolorida pela luxúria, e mais excitada do que nunca.

Capitulo Catorze

Jim ensaiou novamente quando estava indo apresentar o seu plano para Rasmussen. Estava nervoso como uma égua arisca com o seu sonho a longa data se aproximando da realidade. Uma coisa era imaginar falando com seu chefe sobre uma parceria, fantasiando que aceitaria o plano, dizendo que ele gostava de Jim e que não teria nada melhor do que ter como parceiro um

trabalhador e que ele mantinha em seu coração Jim como o filho que ele nunca teve. A outra era realmente enfrentar a Rasmussen e compartilhar o seu sonho. Mas ele o faria, tinha de fazer. Depois de hoje, ele sabia que não havia tempo de sobra. Com o Van Hausen e o xerife rondando a Catherine, se Jim não fizesse algo assim para tornar-se um homem de valor à seus olhos, ele nunca teria uma chance. Ele tinha de provar a si mesmo.Rasmussen inclinou-se na porta, olhando para o céu que ainda não apresentava nenhum sinal de chuva. Seus braços estavam cruzados e a fumaça de seu charuto envolta em sua cabeça. Ele não tinha ouvido a abordagem calma de Jim, até que ele esteve ao lado dele. Ele olhou e apontou para o céu. "Sem chuva."
Jim assentiu com a cabeça, olhando para as nuvens por um segundo antes de trazer o olhar para trás a seu patrão. Sua garganta estava tão seca que mal conseguia engolir e as palmas de suas mãos suavam.
"O que?" Rasmussen colocou o dedo à ponta dos óculos e empurrou ao seu nariz.
"Algo está errado com algum dos cavalos?"
Balançando a cabeça, Jim lançou em sua apresentação. Ele entregou um pedaço de papel a Rasmussen em que ele tinha escrito o número de dólares que ele tinha em suas economias, bem com os pagamentos que ele esperava para fazer ao longo dos próximos anos.

O valor final pela sua compra estava circulado na parte inferior da página.
"O que é isto?" A luz refletia nos óculos do velho quando ele olhou para Jim não era possível ler os olhos, mas não é uma coisa boa quando todas as nuances de expressão era crítica.
Ele precisava saber que Rasmussen entenderia o que ele estava tentando transmitir.
Jim segurou a caixa com suas economias e abriu-a, mostrando o dinheiro dentro. Ele apontou para a figura no topo do papel. Fechando a caixa, ele fez o movimento de entregá-lo a Rasmussen, e apontou com um movimento circular ao prédio ao redor deles. Depois deixou a caixa no chão, e fez um gesto de ida e volta entre ele e Rasmussen e juntou as mãos em um união.
Ele parou para olhar a Rasmussen, esperando que ele entendesse isso, querendo pegar o rosto do homem e inclinar a cabeça para que ele pudesse ler os seus olhos. Rasmussen olhou para os números no papel, a caixa de economias, e para Jim. A luz desapareceu e Jim
pode ver o espanto em seus olhos.
"Você quer comprar o meu negócio".

Jim fez uma ligação com as mãos novamente e mais uma vez fez um gesto entre eles. Com dois dedos cruzados para adicionar ao meio.

"Juntos. Uma parceria? "

Jim assentiu enfaticamente.

Rasmussen esfregou o queixo, a sua mão cobrindo a boca, mas Jim pegou o lampejo de um sorriso. Seu estômago apertou. Era um sinal de fácil de ler. O homem pensava que ele era um tolo e sua oferta de compra, era uma piada.

Jim apontou o dedo para o papel, mostrando que ele não era tão burro a ponto de pensar que os fundos que ele tinha na mão eram suficientes para comprar uma participação em um negócio próspero. Ele não era idiota, como Rasmussen bem sabia, que confiou-lhe a sua contabilidade há vários anos. Indicando o número de pagamentos ao longo de vários anos, ele apontou para a linha de fundo novamente, mostrando o quanto ele estava disposto a pagar.

Rasmussen respirou profundamente e expirou lentamente, os ombros subiram e abaixaram. Quando ele olhou para Jim desta vez não havia nenhum traço de humor em seus lábios. Ele sacudiu a cabeça e acenou para o papel.

"Eu não posso fazer este negócio."

O peito de Jim estava tão apertado que mal conseguia respirar, todo o seu corpo estava rígido quando ele assentiu. Ele podia ver todas as suas esperanças cair em pedaços, como um painel de vidro quebrado.

Rasmussen bateu a mão em seu ombro. "Me desculpe, mas eu não posso."

Dando um outro breve aceno de cabeça, Jim recuou, se esquivando da mão do homem.

"Eu vou vender isso". Apontou para o edifício em torno deles. "Vender e seguir em frente. Entende? "

Jim abriu os braços e balançou a cabeça. Para quem ele iria vende-lo? Ele apontou para a caixa e do papel, e gesticulou contando o dinheiro para Rasmussen.

Eu vou comprá-lo. Apenas dá-me tempo.

"Você não pode." O homem sacudiu a cabeça e ajeitou os óculos novamente. "Eu quero o dinheiro para que eu possa voltar para o leste. Eu quero ver minha família de novo ".

Jim fez o sinal para o tempo tocando em seu pulso.

"Eu não tenho um comprador ainda, mas espero que no próximo verão."

Verão, muito tempo, mas não tão longo para ele ganhar o que Rasmussen desejava. Suas entranhas se retorceram. Para piorar as coisas, ele perderia um de seus empregos e um lugar para viver. O trabalho que ele fazia no Murdoch não era suficiente para mantê-lo alimentado, vestido e

alojado. Talvez o novo dono do estábulo deixasse ficar, mas ele não podia contar com isso. Além disso, o pensamento de anos sem fim ganhando moedas de um centavo em um dia de trabalho de outros homens era intolerável. Ele precisava de mais dinheiro e rápido.

Rasmussen acenou uma mão para chamar sua atenção. "Me desculpe. Eu pedirei ao novo proprietário para deixar você ficar aqui, como parte do negócio ... "

Jim levantou a mão e balançou a cabeça. Ele abaixou para pegar a caixa do chão e se afastou.

Em seu quarto, ele fechou e trancou a porta atrás dele. Pesou a caixa de estanho em sua mão por um momento, depois a atirou pela sala. Ela bateu na parede oposta e caiu,com as moedas espalhando pelo chão, agitando as contas entre eles, como as folhas caindo.

Lançou a caixa devido a sua raiva. Foi bom a ter lançando com toda a força de seu braço no topo de sua cômoda, batendo suas lamentáveis posses para ao chão, os ridículos animais esculpidos, seus patéticos artigos de higiene e um inútil catálogo antigo, ele jamais poderia se dar ao luxo de melhorar. Esses itens eram insignificantes junto com a soma de toda a sua vida triste.

Ele chutou a moldura de sua cama, machucando o pé e afastando sua cama da parede.

Desatento que Rasmussen poderia ouvir o barulho, gritou de fúria e frustração, arrancou as cobertas da cama, pegou o travesseiro e apertou-o. Ele atirou pela janela. Arrastando o colchão fino da malha de metal da cama, atirou -no chão e olhou ao redor, mas não havia mais nada a rasgar uma vez que ele possuía tão pouco. Rindo da ironia, ele caiu sobre o colchão no chão, com as pernas contra o peito, inclinou a testa, sobre os joelhos com as mãos segurando a parte de trás do seu pescoço.

Dividido entre o rir e chorar, ele respirou fundo tentando se controlar. Ele não tinha futuro, sem dúvida nenhuma mulher, e logo, nem teria uma casa. Que diabos ele faria?

Ele respirou lentamente e constante até que ele se acalmou e os seus pensamentos resolveram seguir um fluxo mais silenciosos. Tudo bem. Ele não estava completamente sem perspectivas. Aquele homem, Karak lhe oferecera um biscate com um bom salário. Claro, seus homens

haviam batido em Jim, mas uma oportunidade de um salário superior com a pena de trabalhar ao lado dos filhos da puta.

Desenrolou-se, ele se levantou, limpou o rosto molhado com as mãos e considerou o quarto destruído. Ele levou apenas alguns minutos para ajeitá-lo. Ele colocou uma camisa limpa, penteou os cabelos, lavou o rosto e se dirigiu a cidade em direção à fábrica para ver Grant Karak.

* * * *

A torre do celeiro e a fábrica ficavam localizados perto do depósito ferroviário. Havia um lado onde era passado o grão moído para o celeiro onde poderia ser carregado diretamente para os carros de comboios de mercadorias.

Era início da noite e a fábrica estava fechada quando Jim chegou, mas uma luz brilhava das janelas do escritório de Karak, ao lado do edifício. Ele olhou através do vidro fosco da janela enquanto ele passava e viu uma escuro, turva forma de uma pessoa no interior. Após a pausa na porta para reunir seus nervos, Jim bateu na porta, hesitante, dividido entre esperar a porta abrir ou simplesmente entrar. Se Karak estava gritando para ele entrar teria que se levantar para atender a porta,e ele começaria a entrevista em um quadro de irritação na mente. No entanto, se Jim simplesmente entrar na sala, sem ser convidado, ele poderia irritar o homem também. Finalmente, ele tentou o trinco. A porta se abriu e entrou no covil de Karak.

O escritório não era o que ele tinha esperado para o homem mais rico da cidade. Era apertado e pequeno, pouco maior que o quarto de Jim no estábulo. Lotado por vários armários e uma mesa enorme que enchia a maior parte da sala. A madeira escura estava escorada pelo inúmeros anos de uso e a superfície estava coberta com imagens, documentos e livros.

Karak estava sentado atrás da mesa, com a cabeça careca brilhando na penumbra da lâmpada de mesa. Ele olhou para Jim com uma curiosa inclinação para as sobrancelhas.

"Sr. Kinney. Sente-se. "

Apontou para uma cadeira de frente para a mesa.

Jim sentou na beirada da cadeira de espaldar reto, com o coração batendo forte enfrentando um homem com o poder de moldar o seu futuro, pela segunda vez naquele dia.

Antes que ele pudesse começar a sua pantomima de perguntar para o trabalho, Karak falou.

"Você veio por um trabalho? "

Ele balançou a cabeça.

"Tudo bem. Tenho alguns trabalhos que você pode fazer. "

Jim chupou uma respiração afiada. Não poderia ser tão fácil.

"Volte amanhã ao meio-dia."

Ele levantou dez dedos depois dois.

"Meu gerente dirá o que fazer. Entendeu? "

Novamente Jim assentiu. Mas quantas horas estava oferecendo Karak? Suficiente para substituir os de seus outros trabalhos? Se ele sair do estábulo, onde ele iria dormir à noite?

"Eu vou lhe pagar um dólar por dia". Karak mostrou-lhe então um seis dedos.

"Seis dias uma semana. Isso é seis dólares por semana. "

Jim olhou para ele, atordoado. Era mais do que ele recebia em um mês, em seu emprego. Ele poderia dar ao luxo de achar outro lugar para morar. Mas o que diabos Karak fazia para ter tanto dinheiro?

O homem virou sua cadeira para um armário atrás de sua mesa e tirou um par de copos e uma garrafa de líquido âmbar. Serviu-lhes dois dedos e ofereceu Jim um copo.

Jim aceitou com os dedos trêmulos e levantou seu copo para corresponder o brinde com Karak. O uísque escorregou suavemente, passando por sua língua e incendiando em sua garganta. Seus olhos lagrimejaram, mas ele não tossiu. Seu novo empregador pode tomar como uma espécie de fraqueza se ele nem podia beber seu licor, sem engasgar. Cerrando o copo firmemente em sua mão, Jim esperou para ver o que mais Karak diria.

"Você vai trabalhar na usina."

Ele apontou para o prédio ao lado, em seguida, levantou um dedo.

"Mas, às vezes você vai fazer outras coisas".

A queimação na boca do estômago se inflamou ainda mais forte. Karak levantou uma palma.

"Nada duro. Descarga de vagões. Os vagões ferroviários. Entendeu? "

Novamente Jim assentiu.

"Bom! Você se sairá bem e fará bom dinheiro. Com o passar do tempo. "

Quando Karak terminou de falar, ele escreveu uma nota para Jim mostrar para Murdoch e Rasmussen explicando sobre seu novo emprego, então ele se levantou e estendeu a mão. Apertaram as mãos sobre a mesa desordenada. O aperto do homem era firme, a expressão em olhos era de satisfação.

Ele tratou Jim com respeito e franqueza, mas porque Jim se sentia como se tivesse fazendo um mal acordo e que viria a se lamentar por isso? Talvez porque os homens de Karak o tinham arrastado pela rua como um pedaço de lixo e seu chefe os tinham livrado da prisão, pagando o xerife. Mas ele iria trabalhar para o homem, no entanto, e aceitar seu dinheiro.

Assim que ele deixou o escritório de Grant Karak, Jim encontrou dois de seus três capangas que vinham pelo quintal da fábrica, em direção ao escritório. Ele amaldiçoou o mau momento que tinha trazido eles lá no exato momento de sua saída. O de olhos sonolentos e o que tinha arrastado Jim estavam no pé da escada; seu amigo magrinho estava logo atrás dele. Eles bloquearam o seu

caminho e ele não pode passar até que se mudou de lado.

Estava escuro lá fora, apenas a luz da janela do escritório iluminava os homens. Jim não podia ver os lábios se movendo do líder para lê-los. Seus cabelos arrepiaram em sua nuca e ele quis dar um passo para trás, abrir a porta do escritório de Karak e deixar o homem explicar que ele fazia parte da equipe agora. Mas isso era apenas um jeito de ganhar respeito, assim, em vez disso forçou-se a caminhar pelas escadas.

Ele parou apenas alguns centímetros entre ele e o homem de olhos caídos.O cheiro azedo de suor e álcool que partiu de seu corpo e de seu hálito flutuaram no rosto de Jim alargando as suas narinas. Seus batimentos cardíacos o avisaram que deveria correr antes que este homem arrancasse um soco na cara dele, mas ele se manteve firme e o olhou nos olhos turvos.

Por um longo momento, ficaram cara a cara. O homem sacudiu a cabeça e murmurou alguma coisa. Ele mudou um pouco de lado, mas esbarrou os ombros de Jim enquanto passavam para a outra na escada. Depois o seu parceiro, o homem magro apontou um dedo no peito de Jim e disse algo.

Quando ambos passaram por ele, Jim olhou para trás para se certificar de que eles tinham realmente entrado no escritório e não lhe saltariam por trás. Só depois que eles desapareceram no escritório e fechou-se a porta que ele continuou em seu caminho para o salão.

O salão estava tranqüilo, apenas com alguns clientes no bar de pé ou sentado nas mesas. Um grupo de meninas em um canto da sala conversando e pela primeira vez Murdoch não estava as assediando para voltar ao trabalho. Quando Lily se afastou, Jim viu que Shirley Mae era o centro das atenções das mulheres. Ela segurava um pano manchado de sangue ao lado de seu rosto e,

quando ela o afastou, ele viu um corte em sua têmpora seguindo abaixo em seu rosto.

Shirley notou Jim no outro lado da sala, sorriu para ele, e virou o rosto para lhe mostrar o corte e seu maxilar inchado.

Jim fez com a boca: "Quem?", Mas não reconheceu o nome, que ela disse. Ele pressionou a palma da mão sobre o seu coração. "Sinto".

Ela deu de ombros e assentiu, aceitando os seus cumprimentos. Isso não acontecia com muita freqüência, mas Jim tinha visto ocasionalmente algumas putas com marcas de um cliente bruto. Ele odiava ver Shirley machucada assim, mas não podia fazer nada para ajudá-la. Ele foi para o quartinho nos fundos para buscar o seu material de limpeza.

No final dos trabalhos da noite, ele parou no bar para mostrar o Sr. Murdoch a nota que Karak tinha escrito sobre o novo trabalho. Jim esperava continuar trabalhando no Crystal à noite, se pudesse.

Esperou nervosamente para que Murdoch terminasse a leitura. Mas não era nada como ele se sentisse quando deu aviso ao Sr. Rasmussen. A pergunta de onde ele viveria, passou pela sua mente, seguido rapidamente pela percepção de que ele não seria capaz de ver

Catherine durante as tardes. Como ele poderia ignorar o fato, quando ela era o principal motivo de por que ele estava fazendo uma mudança tão grande em sua vida? Se ele não podia passar um tempo com ela, ele não perderia a chance de apenas se aproximar dela, mas também a oportunidade de aprender.

Acariciando o seu bigode, Murdoch entregou o papel para ele. "Tenha cuidado. Karak é um homem perigoso. "

Jim assentiu.

"O homem que trabalha para ele, aquele que arrastou você , bateu em Shirley hoje."

Murdoch apontou para os olhos e Jim.

"Mantenha os olhos abertos e fique fora de seu caminho ".

Uma fúria percorreu Jim quando ele imaginou o homem de olhos caídos usando os punhos em Shirley. Ele e seus companheiros era a escória. O fato de que eles estavam sob a proteção de Karak disse muito sobre o seu chefe também, mas por enquanto Jim não queria pensar sobre essa conexão. Ele só queria um emprego que pagaria um bom dinheiro. Ele identificou Karak como um lobo entre ovelhas na primeira noite que o tinha visto, mas isso não significava que ele

não poderia trabalhar para a ele.

Jim disse silenciosamente "obrigado" a Murdoch pelo o seu conselho e pelo os anos de emprego mal pago. Ele foi para casa dormir, exausto pelo altos e baixos emocionais do dia. O ciúme que ele sentiu ao ver Catherine com o policial, a excitação por beijá-la, a frustração pela rejeição de Rasmussen de sua proposta, e o otimismo com a perspectiva de trabalhar para Karak, para não mencionar o uísque que ele tinha bebido, combinando tudo acabou com um estômago ácido e uma dor de cabeça incômoda.

Ele caiu na cama e quase imediatamente dormiu, mas no a meio da noite, algo o despertou. Sentou-se na escuridão de seu quarto. Algo o tirou de seu sono profundo, um sentimento, uma sensação de que algo não estava certo.

Levantando-se, ele acendeu uma lanterna e saiu para o estábulo, pedaços de palha e grãos agarraram a seus pés descalços no chão de terra. Os cavalos estavam se movendo em suas baias, inquietos, nervosos. King sacudia a cabeça, com os olhos revirados no medo.

Algo estava errado. O cabelo no pescoço Jim arrepiou examinando o quarto escuro.Tinha muitos lugares, que alguém poderia se esconder. Imagens do homem de olhos caídos e seus companheiros saltando e o atacando passou pela sua mente. Segurando a lanterna mais apertado, ele olhou para o garfo encostado na tenda de Lady. A égua esticou o pescoço sobre o seu portão e bufou um hálito quente contra seu rosto. Jim afagou-lhe o nariz, ainda pronto para mergulhar sobre o forcado a qualquer sinal de movimento nas sombras profundas.

Ele tomou uma respiração profunda e de repente percebeu o que estava errado.Uma mistura de odores familiares de feno e cavalos estava no aroma acre de fumaça. Ele seguiu o fraco odor através do lugar e saiu pela porta lateral.

O cheiro era mais forte com a brisa da noite. Jim olhou em todas as direções para um cintilante laranja que poderia indicar a fonte, mas não viu nada em nenhum dos edifícios na cidade. Um brilho avermelhado no céu ocidental chamou a sua atenção. Andando perto do canto do prédio, ele olhou em toda a planície escura sob a meia-noite ainda mais escura a céu azul.

Vários quilômetros de distância o celeiro dos McPhersons estava envolvido em chamas.

Estava iluminado pelas labaredas de fogo e nuvens de fumaça acima, e uma linha de chamas se espalharam ao redor do celeiro. O fogo devorava as macegas secas. Jim se virou e correu pela calçada com a intenção de despertar Rasmussen em casa e o chamar para espalhar a notícia, mas houve outros que já tinham sido despertados pelo cheiro de fumaça. Neal Hildebrandt e seu

filho, Ned saiu de sua casa ao lado do armazenar. Desceu a rua que atravessava a estrada principal, Nathan Scott correu de porta em porta, acordando os moradores.

Aqueles que tinham eqüinos no estábulo provavelmente estaria vindo buscar eles. Jim voltou para dentro do prédio, acendeu as lanternas e abriu as portas para a correria de pessoas que ele esperava. Ele levou o Cruzador a sua baia e começou preparar ele.

John Walker da loja de ferragens foi o primeiro a chegar, trazendo pás e sacos de estopa, ele carregava nas costas um vagão para seu cavalo. Ele tomou Zephyr a ele.

Pelo os próximos vinte minutos, Jim trabalhou febrilmente, verificando a montaria cavalos de seus proprietários, aproveitando que outros vagões para suprimentos para combater incêndios. Não havia como levar bastante água em barris para extinguir as chamas. O melhor que poderiam fazer era criar uma fila sanitário, impedindo a propagação do fogo em direção a cidade.

Depois de todos os cavalos irem embora, exceto pelo Velho Tom, Jim acabou de preparar o Cruzador e montou nele. Ele saiu da cidade pela pradaria aberta para onde os homens estavam escavando fossos tentando controlar o fogo. Uma brisa correu contra o seu rosto. Alimentando e conduzindo as chamas mais rapidamente. Um senso de urgência dirigiu os calcanhares de Jim ao lado do Cruzador, fazendo a corrida do cavalo mais rápido. Ele tinha pressa, tinha que ajudar. Ned Hildebrandt tinha sido encarregado de amarrar os cavalos e guardar todos.

O menino os tinha amarrados no chão, fora do alcance dos trabalhadores, mas não era longe o suficiente do fogo crescente em direção dos animais. Eles sentiriam e puxariam contra as suas linhas de piquete, ansiosos para correr do cheiro de fumaça.

Jim saltou no chão e atirou as rédeas do Cruzador a Ned. Ele pegou uma pá do vagão e se juntou à linha de homens quebrando o solo e revolvendo a terra, até lá não teria mais capim para queimar. Ele apertou o pé contra a cabeça enxada, cavando o solo duro, e virou a pá. A grama estava tão seca como palha, após estar sem chuva por meses, e os incêndios varreriam a pradaria tão rapidamente como o vento poderia dirigi-lo. E sem dúvida na mente de Jim que as chamas facilmente saltariam a trincheira estreita que cavavam. Mas do outro lado da vala, Nathan Scott orquestrava a propagação das chamas, que atingiram a grama entre a trincheira e o incêndio.

Controlando estas chamas poderia ser capaz de prever a reserva necessária para proteger a cidade. A fumaça pairava no ar enchendo seus pulmões quando inalado, o fazendo tossir. Ele amarrou uma bandana em volta da boca, em seguida, retomou com a pá.

Os ombros de Jim começaram a doer quando alcançou depois do jardim o quintal da relva. Quando sua escavação chegou na terra cultivada em que John Walker estava trabalhando, ele parou por um momento para limpar o seu rosto suado, inclinou-se sobre sua pá e segurou o olhar na fazenda McPhersons ao fundo. Não era o celeiro, mas a casa também estava pegando fogo. Ele esperava que a família tivesse saído em condições de segurança. O medo fez o seu estômago rolar quando ele se lembrou que tinha um par de crianças pequenas e um bebê.

A linha de homens guiando pelas chamas menores tinham parado, abanando diminuir a sua ardência. Suas silhuetas em movimento eram negros contra as chamas amarelas da parede de fogo avançando em direção ao corta fogo.

Uma mão estalou no ombro de Jim, fazendo-o pular. Ele se virou para ver a cara redonda de Dean Gunderson, vermelho e brilhante de suor pelo fogo. Dean trazia um saco de serapilheira pingando na outra mão, e disse algo. Jim não tinha idéia o que ele queria até que ele bateu o saco, áspero molhado em sua mão e chamou para segui-lo.

Em um momento, Jim viu o que precisava ser feito. No lado da cidade no cordão sanitário, as faíscas de fogo estavam altas no céu e inflamando a grama. Alguns dos rapazes mais jovens de ambos as fazendas e os da cidade estavam batendo nas chamas antes que elas pudessem se espalhar. Jim deixou cair a pá e ajudou Dean e os demais a vencer as chamas com a estopa molhada. Uma grossa fumaça subiu do chão na frente dele, picando-lhe os olhos até que as lágrimas escorrendo pelo rosto. Jim lutou para respirar pelo lenço cobrindo a sua boca. Ele viu uma mancha onde as chamas tomaram posse e se espalhavam em todas as direções. Correndo sobre a área, ele bateu no chão com o saco molhado, e erradicado as brasas debaixo de seu calcanhar. Enquanto isso, do outro lado da ruptura, o fogo encontrou alguns lugares na terra cavada e correu ao longo da borda de fuligem, em busca de mais forragem para queimar. O fogo se apagou em alguns lugares, mas durou ainda mais acirrado quando uma nova rajada de vento o ventilou. Houve outros pontos onde chamas ou brasas saltou, e agora todos trabalharam tentavam apagar os locais das chamas.

O trabalho de combate ao fogo foi sem parar quando o céu cinzento se transformou em manhã. Os homens só pararam quando a última lâmina de grama foi apagada, a última chama sufocada. Fuligem listravam suas caras quando eles se reuniram em grupos para discutir sobre o fogo.

Jim percebeu que McPherson era parte de um dos grupos. Sua esposa e filhos não estavam com ele, então elas devem ter cavalgado para a cidade. O rosto do agricultor estava quase preto de

fumaça e cinzas. Seus olhos brancos brilhavam em contrate a ele, e sua expressão era desolada pela queima de sua fazenda.

John Walker bateu no ombro de Jim e disse algo que ele não capturou, em seguida, seguiu em frente. Querendo voltar à cidade para que ele pudesse estar no estábulo quando os cavalos fossem devolvidos, Jim tomou o Cruzador no piquete. Montou e observou a banda de terra cavada, pontos de fumaça que ainda continuavam. Uma milha além estavam as ruínas carbonizadas da fazenda McPherson, vigas negras projetando-se como garras.

Ele se perguntou o que teria começado o fogo. Não houve relâmpago já que tempestade que todos esperavam ainda não tinha caído. Uma lanterna derrubada na palha seca poderia sair do controle muito rapidamente, mas o que o agricultor fazia no celeiro, na calada de noite? Talvez um dos animais tinha estado doente e ele estava atendendo.

Sem respostas para a sua curiosidade, ele se virou em direção a cidade batendo nos flancos do Cruzador. Não demorou muito para definir o galope do cavalo. Cruzador estava ansioso para fugir do cheiro de fumaça e de casa para um café da manhã com aveia e feno.

O céu estava cinza perolado e a brisa da manhã limpou a fumaça dos pulmões de Jim refrescando seu corpo encharcado de suor. Ele estava exausto, mas cheio de esperança de um novo dia. Hoje ele deixaria o seu emprego no estábulo, um abrigo familiar e entraria no mundo como um novo homem.

Capitulo Quinze

Adelaide McPherson tinha a cara preta de fuligem e os olhos arregalados pelo choque. Ela

segurava o pequena Constança com muita força, aparentemente sem saber que a pequena estava se contorcendo e gritando.

"Aqui. Vou levá-la. "

Catherine ofereceu, um passo à frente e tomando a criança em seus braços. Ela raramente segurava um bebê e Constança era mais pesada do que ela esperava um pacote volumoso e torcido até que ela quase deixou cair. O bebê jogou uma pequena mãozinha e bateu no nariz forte o bastante para trazer lágrimas aos olhos, e o pranto foi ainda maior.

"Deixe-me." A Sra. Albright atravessou a sala e tomou o bebê dos braços de Catherine, o segurando contra seu ombro. Quase imediatamente acalmou a criança.

"Por que você não sobe com Adelaide, e a ajude a se limpar e encontrar algo para vestir? ", ela aconselhou a Catherine. "E Jennie, você pode encontrar algo entre sua roupa velha que possa caber em Marlene. Quando você tiver feito isso, eu quero que você vá a casa dos Hildebrandts e veja se há alguma roupa de Ned eles possam dar para Caleb. "

Pela primeira vez, Catherine realmente ficou confortada pelas imperiosas ordens de Rowena, dirigindo o que precisava ser feito para os devastados McPhersons.

"Venha comigo, Adelaide." Catherine falou baixinho, pela primeira vez usando o nome cristão da Sra.McPherson, quando ela segurou seu cotovelo e guiou para cima. A mulher ficou em silêncio claramente em choque, incapaz de compreender que sua família tinha acabado de perder tudo o que tinham em uma noite. Em seu quarto, Catherine encheu a bacia com água, desejando no que ela poderia oferecer de um completa banho.

"Desculpe a água não está quente. Se você quiser lavar melhor a fuligem, eu vou lá baixo e trago a chaleira ".

Adelaide continuou no meio da sala por um momento, antes de finalmente ir para o lavabo. Catherine a olhou mergulhar o pano no bacia em seguida passando rosto, desceu até a cozinha onde a Sra. Albright estava cozinhando um almoço para todos.

"Poderia aquecer a água para os banhos?" Catherine pediu.

Sra. Albright do fogão de onde ela estava colocando pedaços de bacon sobre a grelha.

"É uma grande quantidade de água para aquecer e um monte de tempo envolvido. Por agora, vamos alimentá-los e os pôr na cama. Nós preocupamos com banhos mais tarde."

"E a escola? Será que as pessoas esperam que esteja aberta? Devo ir no caso de aparecer algum aluno? "

Ela se sentia completamente indecisa e estava disposta a tomar todas as direção que a mulher lhe desse, sem saber exatamente o que sua função como professora ajudaria no meio desta tragédia.

Sra. Albright puxou outra frigideira com ovos.

"Sim, talvez é melhor que você esteja por lá normalmente, no caso de alguém aparecer. "

Tomando a chaleira fumegante do fogão, Catherine subiu para seu quarto,mas parou na sala de estar no caminho. Caleb estava sentado onde a Sra. Albright o tinha colocado, em um sofá com sua irmã bebê dormindo em seus braços. Seu rosto franzia mesmo dormindo e seu punho estava recheando a sua boca. O garoto olhou através do quarto o ornamentado manto do relógio com a ferragem mecânica martelando sua bigorna sob a face do relógio.

Catherine tocou seu ombro e se inclinou para olhar em seus olhos.

"Você está bem?" Ela sussurrou para não acordar Constança.

Depois de um momento, seus olhos focaram dela. Eles estavam brilhantes pelas lágrimas derramadas.

"Não fui eu. Eu juro que não deixei a lamparina acesa depois de que eu fui me deitar. "

Ele engoliu em seco e tragou.

"Eu não acho que fui eu."

"Não. Tenho certeza que não foi você " Catherine o acalmou. Mesmo que não fosse verdade, não havia necessidade de fazer o menino se sentir pior do que ele já estava. Ela deu um tapinha no ombro.

"Eu tenho que levar esta água acima para sua mãe e irmã. Sua vez virá a seguir, logo que Jennie trouxe algo para você vestir, tudo bem? "

Ele balançou a cabeça, e prosseguiu olhando para a subida interminável e queda do ponteiro do relógio. Catherine foi para o quarto de Jennie. Jennie estava pesquisando em seu armário um vestido que Marlene pudesse usar, derramou a água fervendo no lavatório. Marlene parecia tão dominada como sua mãe e irmão.

Jennie sussurrou para Catherine,

"É terrível o que aconteceu com eles. Eles poderiam ter morrido! Como você acha que o fogo começou? "

"Eu não sei. E você não deve saber. São assim que os rumores começam." Catherine mudou de assunto.

"A escola está cancelada, mas eu vou lá daqui a pouco."

Jennie assentiu com a cabeça puuxando uma chita, rosa no canto do seu armário.

"Que tal este?" Ela segurou-o contra ela, verificando o comprimento das mangas.

"Eu tenho certeza que ele vai lhe servir."

Catherine seguiu para seu quarto para encontrar Sra. McPherson em pé perto da janela apenas de camisola e saia, olhando para o horizonte. Talvez ela ainda pudesse ver a nuvem de fumaça em sua casa destruída.

Catherine derramou a água na bacia, e ficou ao lado de Adelaide.

"Gostaria de se limpar um pouco mais? Eu trouxe água quente para você agora. "

"Foi tão rápido", ela murmurou. "Se Mark não tivesse acordado quando ..."

Catherine esfregou as costas. Todo o corpo da mulher estava tremendo. Catherine de repente, percebeu que algumas semanas antes, ela estava dormido na casa também, e seria obrigada a fugir no meio da noite. O pensamento enviou um arrepio através dela.

"Mas, vocês está bem ", ela acalmou. "Vocês estão seguros."

"Mas sem casa e nossa colheita para o ano que seguinte." Adelaide olhou para os seus olhos com um brilho feroz nos seus.

"Não foi um acidente. Foram os homens de Karak. Eu sei. Ele devem ter descoberto que Mark estava dizendo para os outros, o que ele estava fazendo ".

"Que outros? O que aconteceu? "

"Quem não levar sua colheita para Karak moer ou não utilizar de sua estrada de ferro para transportá-la. Mark conversou com alguns dos outros agricultores sobre eles estarem levando suas colheitas a Reederville onde poderíamos ser capazes de obter um acordo justo."

Adelaide esfaqueou um dedo no ar.

"É disto que este fogo se tratava. Karak mandou tocar fogo para nos expulsar. "

Um arrepio percorreu a espinha de Catherine pela acusação. "Você realmente acredita nisso?"

O brilho nos olhos escuros de Adelaide responderam a sua pergunta.

"Você e Mark deve conversar com o xerife e dizer-lhe as suas suspeitas."

"Seria a coisa certa a fazer. Mas você sabe que Karak tem o homem em seu bolso. "

"O policial Scott. Ele pode ser capaz de ajudar. "

Catherine levou Adelaide para o lavabo, entregando-lhe uma nova barra de sabão.

Mergulhou as mãos na água, Adelaide esfregou o rosto e as mãos limpas. Ela tomou a toalha que Catherine ofereceu e se secou.

"Nós não temos nenhuma prova, apenas uma suspeita.

O que ele poderia fazer? "

"Investigar! Talvez ele encontrasse provas ligando o fogo ao Sr. Karak. "

Adelaide encolheu os ombros, a expressão no rosto dela dizia que ela já havia desistido.

"Mesmo se ele encontrasse algo, ele não iria ajudar. Nós não temos nenhum poder. Não é como se tivesse acontecido ao Gundersons ou Hopewells, alguém com força nesta comunidade. "

Catherine ficou surpresa pela amargura em sua voz. Embora ela sabia que havia uma diferença de status social entre os habitantes da cidade de Broughton, ela nunca tinha pensado sobre um animosidade entre os pequenos agricultores como a McPhersons e os latifundiários ricos.

"O que você vai fazer?", Perguntou ela.

"Iremos para casa de minha família na Virgínia, se pudermos juntar o suficiente para comprar os bilhetes. "

A injustiça ferveu o sangue de Catherine. Se fosse verdade, alguém deveria fazer alguma coisa para parar Grant Karak e puni-lo. Ela puxou as cobertas de sua desfeita cama, a preparando para Adelaide, enquanto a mulher colocava o vestido que ela tinha dado a ela.

"Mrs. Albright fez bacon e ovos para vocês, a não ser que prefira deitar-se e descansar um pouco? "

"Eu não posso dormir. Eu preciso estar com a minha família, saber que eles estão realmente seguros. "

"Claro."

Catherine ajudou a descer as escadas.

Depois que a família McPherson tinha tomado o café da manhã e se retiram para dormir, a Sra. Albright chamou Catherine para ajudar limpar a cozinha.

"Você deve ficar na frente da escola. É duvidoso que qualquer criança compareça hoje, mas é melhor que esteja lá. "

Catherine estava muito feliz de sair da casa por um tempo. Ela tinha passado por longo tempo, durante a hora tensa da manhã. Enquanto os homens combatiam o incêndio, as mulheres ficaram ansiosamente assistindo o brilho alaranjado pelas janelas no andar de cima da casa.

Colocando sua jaqueta e pegando sua maleta, ela saiu. O ar estava fresco desta manhã, não deixando qualquer dúvida de que era quase inverno. Ainda se podia sentir o forte cheiro de fumaça. Ela só podia imaginar o horror de acordar sobre, a sufocante fumaça e o avanço de um incêndio na casa no meio da noite.

Como correu pela rua, seu olhar foi magneticamente puxado em direção ao limite extremo da cidade. Jim tinha estado envolvido no combate a incêndios? Ele estava bem? Quando a Sr. Albright tinha chegado em casa, ele disse que ninguém ficou ferido, mas Catherine ainda sentia um

forte necessidade de ver Jim e certifique-se por si mesma. Ela abriu a porta da escola e entrou. Normalmente, pelo frio de manhã, Ned Hildebrandt teria chegado cedo para começar acender a lenha, mas hoje não havia nenhum ponto no aquecimento no edifício. Catherine manteve seu casaco, um sopro de ar frio saiu em uma nuvem de prata quando ela tremia em sua mesa. Não perdendo tempo, ela abriu seu livro de notas e começou a fazer a pontuação dos últimos trabalhos. Quando ela consultou o relógio, era quase nove horas. Se levantando, ela embalou sua maleta e deixou a escola, trancando a porta na saída.

Catherine não estava ansiosa para voltar aos Albrights e passar o dia sentada a casa, assim ela decidiu fazer algumas paradas em primeiro lugar. Ela foi ao banco para sacar algum dinheiro de sua conta, e perguntou se Charles Van Hausen estava em seu escritório.

Um sorriso leve surgiu sobre os lábios do homem.

"Ele está. Deixe-me ver se ele tem tempo na sua agenda para vê-la. "

Ele desapareceu pela porta principal para os escritórios, e momentos depois, Charles entrou pela porta.

Ele era muito asseado em um casaco justo e calças, um aspecto esportivo em relação ao escuro terno que os outros homens no banco usava. Com um sorriso, ele abriu o portão, concedendo-lhe acesso ao mundo do outro lado do balcão.

"Miss Johnson! Estou satisfeito por que você ter me chamado. Tão terrível sobre a fazenda McPherson, não é mesmo? "

Ele a conduziu para seu escritório com a mão pressionada em suas costas, e seu pulso aumentou, não de emoção, mas com a perspectiva de que ela devia dizer. Dar uma rejeição nunca era fácil.
"Sim. Os McPhersons estão hospedados nos Albrights. Eles estão devastados pelo desastre ".
"Poderia ter sido pior. O fogo poderia se espalhar pela cidade. "
Charles fez um gesto para dois bancos voltados para a sua mesa. "Por favor, sente-se".
Catherine sentou na beira da cadeira. Ela duvidava que Charles tivesse sido um dos homens de combate ao incêndio ou ele não estaria tão doce e com olhos brilhantes, esta manhã. Seu casual tom, como se a perda da fazenda não fosse importante, reforçou a sua intenção de acabar com qualquer noção que ele pudesse ter de cortejo.
Em vez de distanciar-se sentando-se atrás de sua mesa como se fosse um empréstimo recorrente, Charles tomou a cadeira ao lado dela.
"Espero que tenha gostado do presente no outro dia.
Talvez tenha sido demasiado pessoal, mas eu não pude resistir a dar aquelas luvas para você.
Você considerou o meu convite para o baile deste sábado? "
Ele se inclinou em sua direção, seu olhar fixo sobre ela, como se o poder de sua vontade, por si só influenciaria a sua decisão.
"Recebi vários convites", disse ela levemente, esperando apagar o seu ardor.
"Mas eu decidi ir com o Albrights. Eu sinto muito e agradeço o convite. Quanto à as luvas, elas são bonitas, mas não posso aceitá-las. "
Ela encontrou o seu olhar, o deixando saber que era franca e que não tinha a intenção de aprofundar as suas relações. "Eu não sabia que eu passaria aqui, esta manhã, ou eu teria trazido. As trarei em breve. "
Sua boca apertou em uma linha dura de decepção com a luz em seus olhos esmaecidos.
Charles acenou uma mão desconsiderando.
"Não. Por favor. Eles foram um presente. "
Seu tom era brusco, e sua postura rígida.
"Me desculpe, Sr. Van Hausen. Eu gostei de nosso passeio naquele dia, mas eu não quero que você ache que foi mais que uma ocasião, um momento ".
Ele se levantou do seu lugar, como se estivesse ansioso para tê-la fora de seu escritório após esta rejeição. Dois pontos vermelho brilharam em suas bochechas.
"Claro. Se o seu afeto esta direcionado para outro ... "

"Não. Eu ainda estou de luto pelo meu noivo e não estou pronta para qualquer novo envolvimento. "

As memórias de beijos de Jim, suas mãos quentes e músculos rígidos invadiram sua mente, acendendo um fogo queimando o corpo dela.

Ela se levantou, segurando a alça de sua maleta.

"Sinto muito", repetiu.

Charles balançou a cabeça e levou até a porta.

"Talvez, depois de algum tempo você possa sentir-se de maneira diferente. "

Ela sorriu, sem responder, e não ofereceu guardar uma dança como tinha feito com Nathan Scott.

De volta à rua em frente do banco, Catherine respirou fundo, aliviada pelo seu encontro acabar. Depois de parar no armazém e comprar alguns artigos de higiene pessoal e uma sacola cheia de itens duplicados para o McPhersons, Catherine descobriu-se andando para o estábulo. Ela precisava ver Jim dizer-lhe que poderia ter a sua aula mais tarde, se ele quisesse. Apenas entregaria uma mensagem, ela disse a si mesma. Não era como se estivesse desesperada para vê-lo, para saber se está tudo bem, e talvez roubar um beijo se o Sr. Rasmussen não estivesse.

O proprietário do estábulo estava lá, mas Jim não estava. Rasmussen estava xingando em voz alta quando ela entrou as portas. Ele estava carregando baldes e tinha acabado de espirrando água para baixo ou pela lateral das pernas de calças.

Pegando a vista dela, ele deixou os baldes no chão, e mais água despejou os lados.

"Miss Johnson. Você está aqui para ver Jim? "

"Sim. Ele não está aqui? "

Ela olhou ao redor da granja, como se ele pudesse aparecer magicamente de uma das tendas.

"Não."

Seu tom era brusco e sua expressão era sombria.

"O menino encontrou um novo emprego. Me deixou na mão. "

"O que?"

"Ele está trabalhando para Grant Karak na fábrica."

"Oh!"

A mente de Catherine voou, tentando assimilar o fato bizarro de Jim estar trabalhando para o homem cujos seus homens haviam batido nele, e o mesmo homem que poderia ter ordenado

queimar o celeiro dos McPhersons.

"Bom. Quando isso aconteceu? "

"Hoje".

Rasmussen soprou um longo suspiro e esfregou as costas do pescoço.

"Ou na verdade, ontem. Jim veio com uma proposta de compra para o estábulo. Tinha algumas economias e tinha planos de continuar pagando. Me senti mal dizer-lhe que não, mas eu tenho feito meus próprios planos no momento. Eu quero vender o negócio e deixar a Broughton. "

Ele balançou a cabeça e olhou para Catherine.

"Eu me sinto mal pelo menino. Eu gosto do Jim, e nunca quis machucá-lo desse jeito. De qualquer maneira, ele conseguiu outro emprego com Karak esta última noite, aparentemente, e começou hoje. "

"E ele apenas foi embora?"

"Voltei do fogo e estava cuidando dos cavalos, me mostrou a nota que Karak havia escrito para ele, depois saiu. "

Rasmussen deu com os ombros.

"Eu disse que ele poderia manter o seu quarto, pelo menos até eu conseguir outra pessoa, e Jim concordou em ajudar aqui. "

Muito conveniente continuar a deixar Jim utilizar o quarto pelo qual Rasmussen não tinha qualquer outra utilização, em troca de trabalho livre.

"Você sabe quantas horas ele vai trabalhar?", Perguntou ela. "Isso não parece que ele vai ter tempo para continuar as suas lições. "

"Não será provável. Uma pena, porque ele é realmente brilhante. Foi bom de você ter tentando ensiná-lo a ler e tudo mais. "

Os olhos de Rasmussen, ampliou pelos seus óculos, com foco intenso nos dela.

"Mas talvez assim seja melhor. Passar um tempo com você pode ter levantado o garoto a ter falsas esperanças. "

O pulso de Catherine acelerou. O que ele sabia? O que ele tinha visto? Ela encobriu o medo com uma resposta afiada. "Tenho certeza que nunca houve um momento em que a falta de educação seja melhor que aprendizagem. Obrigada, Sr. Rasmussen, e por favor diga ao Jim que passei aqui. Diga-lhe ele pode passar na escola sempre que tiver uma chance e poderemos arranjar um

tempo para continuar o nosso trabalho. "
Ela começou a se afastar.

"Miss Johnson. Eu não estou tentando ser intrometido, mas eu gosto de Jim, ele está comigo desde que sua mãe morreu, e eu odiaria vê-lo se machucar ", ele chamou o seu nome. "Jim é um homem solitário, e pode interpretar errado a sua bondade, talvez levá-la para algo mais profundo!
É apenas preocupação. "
Catherine concordou secamente.
"Seu ponto está certo. Eu serei mais atenciosa a seus sentimentos ".
Ela deixou o lugar, e quando passou e pela lojas fachadas na rua principal a sua mente se preocupou freneticamente com suas palavras.Será que Rasmussen sabia ou adivinhava sobre seu relacionamento? Será que ele manteve as suas suspeitas para si mesmo? Se os boatos se espalhasse, como mal afetaria a sua posição aqui?
Desprezou-se preocupar-se com sua reputação e seu trabalho. Uma dor passou através dela com a imagem de um homem solitário, sem amor, o qual Rasmussen tinha descrito.
Pobre Jim, sem ninguém para conversar, ninguém para cuidar dele, e somente tendo a companhia dos cavalos todos estes anos. Não admira que ele tenha tomado a sua atenção tão rapidamente, florescendo a sua. O dono do estábulo estava certo. Ela deveria ter muito cuidado como ela tratava o seu coração.

Capitulo Dezesseis

O novo trabalho de Jim na fábrica de Karak não era mais desafiador do que carregar caixas de bebidas no salão ou pá no estábulo. Havia um monte de trabalho pesado enquanto enchia sacos de grão do silo, os amarrava, carregava em carrinhos de mão, e transportava para fora do vagão de trem. Filetes de palha flutuava no ar fazendo-o espirrar, e coçar a garganta, mesmo quando estava no exterior.
Depois de passar um dia carregando cinqüenta quilos de grãos até a noite sobre o topo da

pradaria, seus ombros doíam tanto que ao final do dia, ele mal podia os mover. Enquanto ele se arrastava em direção a casa, ele sabia que não tinha como ele pudesse trabalhar com a noite no salão. Ele deveria dizer a Murdoch, e precisava mandar uma mensagem a Catherine sobre a mudança em sua situação.

Mas no final, ele tropeçou no estábulo, ignorando cumprimentos dos cavalos girando as cabeças curiosas de suas barracas, e caiu em sua cama. Ele dormiu como um morto até a manhã seguinte.
O segundo dia foi como o primeiro, mas sem um pré-fogo no amanhecer para acordá-lo. Jim levantou atendeu os cavalos, com alimentação, água e os deixou no curral. Ele sabia que Rasmussen não exerceria os cavalos e King não poderia estar parado por muito tempo, assim Jim tomou o cavalo em um trote duro em toda a pradaria. Depois do exercício com o cavalo ele voltou para o curral antes de seguir para a usina.
Jim tinha os músculos rígidos durante a noite e cada movimento era uma agonia para levantar e levar os sacos pesados. Depois de um tempo, o capataz lhe deu uma pausa, estabelecendo um pouco de limpeza geral, varrer a palha dourada no chão do moinho e organizar uma sala do armazenagem. O pouco de trabalho deu ao Jim tempo de sobra para pensar em Catherine. Ele se perguntou se ela estava decepcionada quando ele não apareceu ontem. Será que ela sentiu falta dele? Quando ele faltasse hoje a mais uma lição, ela iria pensar que ele tivesse desistido?
Ele tinha que explicar para ela que queria continuar, mas teria que ser no domingo, seu único dia livre da semana. Usando as limitadas palavras que ele aprendeu até agora, ele escreveu uma nota a noite, e enfiou sob a porta da escola.
Enquanto ele trabalhava, sua mente vagava, revivendo as poucas vezes que a tinha beijado e tocado, especialmente no rio. Memórias de sua pele pálida e iluminada pelo sol e sombra, os seios subindo e descendo enquanto ela respirava, pode sentir o gosto e deles fazendo seu pênis endurecer. Ele olhou ao redor da pista aberta para os outros trabalhadores nas suas tarefas, então alcançou abaixo para ajustar a protuberância na parte da frente da calça. Ele retornou à sua tarefa, amarrando os cordéis sobre um pacote de sacos de linho grosso e armazená-los numa caixa.
Um toque em seu ombro o assustou. O pulsar constante da máquina, girando a roda do moinho sacudiu o chão de seus pés à seus ossos, assim ele não tinha sentido a vibração sutil de passos se aproximando. Era o capataz, Tom Peters.
"Vá para Karak." Peters apontou para o escritório e repetiu: "Karak."

Jim assentiu, e voltou-se para obedecer.

Foi bom sair para o ar fresco, mesmo que apenas por alguns instantes, enquanto ele caminhava em torno do prédio para o escritório. Ele olhou para o céu cinza-ardósia, assistindo a um bando de gansos voando para o sul. As nuvens ainda persistiam, mas ainda não houve chuva. Quando a cairia finalmente a tempestade?

Passando as janelas do escritório de Karak, Jim viu um par de figuras em movimento no interior. Seu chefe tinha companhia. Ele deveria interromper ou esperar o homem para sair? Jim hesitou na parte lateral do edifício na entrada, a espera, mas também desfrutando de uma breve pausa durante um dia duro.

A porta do escritório se abriu e dois homens surgiram, o atenuante de Jim e Karak. O cabelo no pescoço Jim arrepiou enquanto observava o homem descer a poucos passos de distância do escritório para a terra compacta do estaleiro. Ele virou-se para conversar com Karak, que estava no topo da escada.

Não querendo chamar a atenção para sua presença, Jim não se aproximou. Ele viu os lábios do homem se moverem enquanto ele discutia com seu chefe.

"Ninguém ficou ferido. Eu não sei porque você está ... "

O olhar de Jim foi para Karak. Um dedo apunhalando o ar pontuando suas palavras. Seu bigode escondia sua boca, e ele estava de perfil, por isso era impossível de ler o que ele dizia, mas estava claro que ele estava irritado. Seu capanga tinha feito algo errado novamente.

O homem levantou as mãos em um gesto de apaziguamento. Jim estava muito longe para ver o que exatamente ele dizia, mas pensou ter pego a palavra "fogo" misturado numa longa explicação.

Fogo? Seu coração acelerou quando as ramificações se conectou. Se os homens de Karak tinham posto fogo para expulsaram os McPhersons, Karak estava por trás da ação. Talvez não diretamente, uma vez que parecia que ele estava irritado, mas ele provavelmente enviou seus capangas para causar algum tipo de problema para o agricultor. Por quê? O que tinha feito McPherson para causar a ira de Karak?

Em seus pensamentos, Jim de repente, percebeu que ele já sabia que a informação era potencialmente letal para ele. Se os dois homens o vissem em pé ali e percebessem o

quanto ele tinha compreendido, ele suspeitava de que ele desapareceria misteriosamente, em algum lugar no campo para os coiotes comerem. Ele permaneceu na sombra ao lado do escritório. Qualquer movimento de recuo poderia chamar a atenção. Com alguma sorte, seus perseguidores ficariam de pé, sem nunca o perceber ali.

Depois de vários segundos a mais de discussão, foi exatamente o que aconteceu. Os homem de olhas caídos virou-se e afastou-se para o seu cavalo, amarrando algo frouxamente ao posto de carona. Montou, o animal dando com um chute afiado com os calcanhares. Os cascos do cavalo agitaram uma nuvem de poeira, ao seu galope.

Jim cobria sua boca e reprimiu uma tosse enquanto esperava Karak entrar.

Ele esperou mais alguns minutos antes de subir as escadas e bater na porta do escritório.

Sem esperar por uma resposta, ele virou a maçaneta e entrou. Novamente, Karak estava sentado atrás de sua mesa desordenada. Ele acenou para a frente para cadeira que Jim tinha ocupado durante a sua entrevista. Não importa se Karak era educado, ele deixava Jim nervoso. Seu corpo ficou tenso e os punhos seguraram no colo enquanto esperava para descobrir o que seu novo chefe queria.

"Lembra-se que eu disse que você teria outras tarefas? Eu quero que você fique depois do trabalho para descarregar um vagão de trem. "

Ele pegou um clipe de dinheiro do bolso e desdobrou um par de notas numa pilha. Segurou para que Jim pudesse vê-los.

"Dois dólares para um trabalho de algumas horas."

O estômago de Jim balançou. Que diabos estava acontecendo ali? Ele congelou, cada pedaço de sua atenção se focou na boca de Karak sob o bigode desgrenhado.

"Baixar caixas. Contá-las. Digite os números em uma folha ... e manter o silêncio sobre o trabalho. Isso é tudo que você tem que fazer. Entendeu? "

A garganta de Jim estava seca, e ele engoliu seco. Seu olhar se moveu para as notas na mão de Karak e para seu rosto. Lentamente, ele concordou.

"Bom. Não há muitos homens em que eu posso confiar, mas eu sei que você não vai falar. "

Entregou a Jim o dinheiro.

Quando ele pegou, Jim teve a sensação de que ele estava enfiando a mão em uma pilha de larvas, o mesmo sentimento que ele teve quando ele apertou a mão de Karak. Qualquer que fosse que tivesse no vagão deveria ser coisa roubada ou o homem não procuraria o seu silêncio. Isso, juntamente com a conversa sobre o fogo, em que diabos ele estava se metendo.

Seu silêncio valia dois dólares? E a sua vida?

Ele tomou as notas e as enfiou no bolso. Mas se ele poderia ganhar dinheiro como isto, tão rápido, tão fácil, poderia valer a pena. Jim sabia exatamente o que ele poderia comprar com seu salário, um terno e sapatos novos, por isso, quando ele fosse ao baile no sábado, Catherine veria semelhante a qualquer outro homem.

* * * *

Miss Johnson. Jim olhou para as palavras que ele havia escrito. Ele estava sentado em sua cama uma hora e isso era tudo que ele tinha escrito na nota.

Como poderia ele contar-lhe tudo o que ele queria dizer com palavras como gato, sentar e matemática?

Desde que a tinha visto pela última vez, apenas um par de dias atrás, ele combateu um incêndio, abandonou o seu antigo emprego e tinha sido contratado por um homem que o pagou com mais do que ele tinha sonhado em ganhar num trabalho de algumas horas. A este ritmo, ele logo terá dinheiro suficiente sobreviver por conta própria. Ele poderia fazer o bastante para impressionar Catherine. Assim se ele tinha dúvidas que as caixas que ele e mais outros dois homens tinham descarregado do vagão eram roubadas, tinha se esvanecido. As letras E.U.A e um símbolo que estavam estampados em preto em cada caixa que ele os levou para o galpão e em cada caixa,que ele carregou do vagão. Não era sua preocupação. Ele estava apenas fazendo o trabalho pesado como ele sempre tinha feito, e estava sendo muito bem pago por isso.

O vagão ferrugem tinha parado sozinho na pista lateral que passava pela fábrica, a esquerda por trás do trem quando seguiu em frente. O capataz, Peters, abriu a porta do compartimento e subiu para abaixarem as caixas Jim e um outro homem, cujo o nome Jim não sabia, um homem grande e musculoso, que poderia levar duas caixas a mais que Jim. Os caixotes eram de diferentes tamanhos, formas e pesos. Alguns eram tão pesados que ele cambaleou sob o peso, outros eram leves o suficiente para se questionar se eles estavam vazios. Mas todos eles tinham carimbo do E.U.A em comum. O que aquele símbolo e letras significavam? Alguma coisa puxou a borda de sua mente, mas não podia descobrir. Melhor não. Era melhor se concentrar na carta que ele estava tentando escrever para Catherine.Havia muitas coisas que ele tinha para lhe dizer, mas o

que ele realmente queria dizer era simples.

"Eu tenho tanta saudades tuas anseio por vê-la novamente. A cada momento do dia não importa o que eu esteja fazendo, você está em meus pensamentos. Eu quero ... preciso te ver novamente.Por favor, venha para mim. "

Pressionando o lápis no papel, ele escreveu.

"Veja-me. 7. Jim. " Ele pensou um momento e acrescentou "Estábulo" tal como era impresso na placa acima da porta do edifício.Dobrou o papel, e escreveu

"Miss Johnson" do lado de fora.

Levantou-se e vestiu o casaco, em seguida, atravessou a cidade para colocar a nota por baixo à porta da escola.

No caminho para casa, ele imaginou sua chegada de manhã lendo e compreendendo a sua mensagem. O poder de comunicação era uma coisa incrível. Mas será que ela viria? E se ela não visse a nota? E se ficasse presa ao fundo do sapato quando ela entrasse pela porta, sendo pisoteado pela sala, por alguma criança que achasse e jogasse o papel sujo longe? Ou se ela lesse a nota e simplesmente optasse por não vir. Ela poderia estar com raiva por ter faltando as suas aulas, ou ela pode ter decidido que era melhor para ela ficar longe dele.

Jim empurrou seus medos. Se preocupar era inútil. Se ela não viesse amanhã, ele simplesmente encontraria algum outro tempo, outra maneira de alcançá-la, talvez no baile de sábado.

Imaginou-se no seu novo terno, vendo Catherine do outro lado da salão lhe passando com confiança, para oferecer sua mão em um convite para dançar. Ele a seguraria perto como tinha feito naquele dia na escola, e giraria para frente e para trás, movendo-se em lentos círculos. Em sua imaginação, ele podia ouvir a música do violino e banjo. Soaram como o sabor doce de morangos de verão, ou talvez como o calor do sol em sua pele.

Ele sorriu por sua tola fantasia, mas quando ele chegou ao estábulo e começou a se preparar para noite, ele não poderia suprimir a esperança do dinamismo que inchava seu peito. Pela primeira vez em muito tempo, sonhou que as coisas poderiam ficar melhores para ele. Que um dia ele poderia até sentir orgulhoso de possuir uma casa e agora ele podia imaginar mais do que uma mulher sem rosto esperando por ele. Agora era Catherine num brilhante sorriso caloroso o dando boas vindas em casa.

* * * *

Jim estava atrasado para se preparar para a visita de Catherine na noite seguinte. Passou um dia

de rotina de trabalho na fábrica depois de horas de tarefas, mas em seu caminho de volta para o estábulo ele tinha parado no mercantil para comprar um terno para a noite do baile. Embora estivesse pronto, levou algum tempo para encontrar um no seu tamanho e escolher uma cor sóbria, azul-escuro, embora tivesse tido vontade de tomar um quadriculado estilo poderoso e caro semelhante ao do Van Hausen.

Escolheu uma camisa, gravata, meias e sapatos novos todos demoraram mais do que o esperado. Ele tinha pressa para realizar as suas tarefas, lavar-se e mudar de roupa de trabalho em algo limpo. Ele teria esperado cuidar dos cavalos até a noite, mas pode ver que Rasmussen tinha feito um péssimo trabalho em cuidar deles. Ele não os tinha tirado das baias, alimentados ou tratado da perna lesionada do King. Jim fez tanto quanto podia, mas finalmente teve que abandonar o trabalho para ficar pronto.

Ele foi para a bomba localizada dentro do estábulo para facilitar o enchimento dos cochos dos cavalos, tirou a camisa e bombeou até que um fluxo de água correu da torneira. Ele mergulhou a cabeça e tronco abaixo da corrente de água. Cegamente alcançando a toalha no gancho e sacudindo a água de seu cabelo, ele secou o rosto e abriu os olhos.

Catherine estava lá, de pé bem na frente dele, meia hora mais cedo. Ela usava um vestido rosa que a fazia parecer com uma rosa, mais o seu cheiro, quando flutuou em direção a ele, ainda era de lírios. Seus olhos arregalados se arrastaram para seu corpo antes de retornar ao seu rosto.

"Olá", ela assinou. "Como você está?"

Cansado. Excitado. Preocupado. Faminto de você.

"Bom", ele assinou. "Você?"

"Bem." Ela permaneceu no lugar um tempo mais. Seus olhares se encontraram em uma potente troca que se comunicavam com mais força do que as palavras ou sinais. Puro desejo subiu nele e houve uma fome em resposta em seus olhos.

Ele deixou cair a toalha no chão e aproximou-se dela, ao mesmo tempo que ela deu um passo e abriu seus braços. Ele segurou o seu corpo quente e sólido, a abraçou apertado o bastante para esmagar suas costelas. Suas bocas se fundiram num beijo apaixonado que estalou seu corpo como um relâmpago.

Minha. O pensamento brilhou como uma estrela, brilhante e verdadeiro. Isto estava destinado para acontecer. Sentiu isso profundamente em seus ossos quando ele a levantou acima de pés e a apertou contra a parede, a cobrindo com seu corpo.

Seus braços embalaram seu pescoço e suas pernas o envolveram. Ele empurrou a sua saia e anágua para tornar mais fácil para ela e confortável para suas coxas em torno de seus quadris. Suas mãos apoiaram contra a parede a cada lado de sua cabeça, e beijou-a mais duro, mais

profundo, possuindo sua boca com a dele.

Sua língua deslizou sobre a sua num acasalamento sensual. Seus dedos se entrelaçaram em seus cabelos, puxando forte o suficiente para machucar assim que ela puxou a cabeça ainda mais perto. Mas não era suficiente. Eles precisavam ficar mais perto ainda, devorar um ao outro, para tornarem-se um só.

Jim pressionou sua ereção nela. Seu gemido vibrou contra seus lábios e ele tomou como um incentivo e impulsionou novamente. Esfregar-se contra ela com seu membro dolorido era muito bom, mas apenas o fazia querer mais.

Catherine soltou o cabelo e deslizou as mãos pelas costas, lentamente, sentindo textura de sua pele e os músculos abaixo. Ela arranhou as unhas levemente acima do comprimento de suas costas, e ele sibilou pelo prazer. Finalmente suas mãos seguraram seus ombros, se mantendo firme ao se apertar nele tão duro enquanto ele empurrava nela. O tecido de seu vestido fazia cócegas no peito e no estômago, e ele ansiava por sentir a sua pele nua pressionando contra ele, seus seios macios livres. Se os dois estivessem nus, seus corpos se derreteriam juntos, e todo o espaço entre elas desapareceriam.

A vontade de enchê-la e de se fundir com ela tornou-se quase insuportável. Jim impulsionou sobre suas saias, sentindo a solidez de seu corpo suave abaixo. Deslizando as mãos debaixo de suas nádegas, ele a ergueu mais alto,a posicionado mais firmemente contra a sua ereção.

Liberou a boca, e beijou seu pescoço, sugando levemente a cavidade sobre a sua pulsação.

Ele impulsionou de novo e de novo, grunhindo a cada vez. Sua respiração cresceu mais dura, e sentiu a urgência crescente que o avisou que ele estava à beira do clímax. Mas ele não podia parar. Ele a segurou duro entre seu corpo e a parede áspera, enquanto seus quadris bombaram. Gritou, pressionando mais uma vez e congelou quando o êxtase o varreu como fogo, acendendo todos os seus sentidos.

Seus dedos escavaram em seu traseiro e ele agarrou-se firmemente, estremecendo pela intensidade de seu orgasmo e constrangimento para os jatos quentes molhando suas calças. Será que Catherine percebeu o que tinha acontecido? Ela sabia que ele tinha perdido o controle por querê-la tanto?

Ele ficou encostado por vários momentos, relutante em acabar com a proximidade e se afastar, mas quando Catherine se contorceu um pouco, ele levantou a cabeça para encará-la. Seus lindos olhos azuis estavam brilhando pelas lágrimas, e ela olhava para ele. Seu coração bateu contra seu esterno. O que ele havia feito? A tinha magoado ou humilhado ela com o seu grunhido e impulsos animais?

Mas ela sorriu e tocou a mão dela ao lado do rosto dele, o acariciando suavemente.
"Jim".
Seus lábios dando forma a seu nome e com essa luz que brilhavam em seus olhos, era como se ela tivesse dito:
"Eu te amo."
Ele se inclinou para beijá-la, em seguida, abaixou em seus pés. Ele pegou uma camisa limpa que ele estava prestes a colocar após o seu banho. Deslizou os braços na camisa, e abotoou a frente rapidamente para alcançar ela novamente. Ele não conseguia manter suas mãos longe dela, e ela parecia feliz de estar envolta em seus braços novamente. Ela agarrou suas costas e cedeu seus lábios para seus beijos mais uma vez.
Quando Jim finalmente se afastou, um movimento no canto do olho chamou a sua atenção. Como eles estavam escondidos num canto sombreado trás do prédio, não parou para pensar que alguém poderia descobri-los, mas por cima do ombro de Catarina, viu Nathan Scott se aproximando. Ele parou, congelado, a vários metros de distância, com o rosto e olhos arregalados pelo choque.
Jim suprimiu uma vontade louca de rir, quando ele afastou Catherine e pisou longe dela.

No mesmo instante, ela também percebeu que alguém estava lá e virou ao redor.
Havia uma sensação de irrealidade fantasiosa sobre a situação. Jim sabia que ele deveria estar preocupado com o bom nome de Catherine. O que o policial tinha visto poderia arruinar a sua vida nesta cidade. No entanto, de alguma forma, tudo o que ele conseguia sentir era alegria. Era verdade agora. Ela não podia negar o que Scott tinha testemunhado. Finalmente eles poderiam ser um casal real na frente de toda a comunidade de Broughton. O sentimento de esperança quanto ao futuro que ele sentiu anteriormente inchou e cresceu.
Ele pegou a mão de Catarina, na sua, entrelaçando os dedos com os dela quando eles enfrentaram a Nathan Scott juntos.

Capitulo Dezessete

Catherine sentiu como se alguém tivesse dado um golpe em seu estômago. O prazer e a alegria que a levava a apenas segundos antes se evaporou. Ela largou a mão de Jim,desembaraçou os dedos de seu aperto para ir atrás de Nathan quando ele se virou e se afastou.

"Espere! Não é o que você esta pensando. "

Ela o seguiu por meio do estábulo, passando pelos cavalos em suas tendas ao escuro ar livre. O sol se pôs mais cedo agora. Sra. Albright estaria se perguntando sobre o sua caminhada tão tarde. O pensamento disparou em sua mente quando ela agarrou o braço de Nathan, ele parou mesmo à porta. "Espere!"

Ele olhou para a rua onde uma carroça passou, e uma nuvem de poeira levantou por trás dela.

"O que?"

Agora que ela parou, ela não sabia o que dizer. Sua garganta estava tão seca que ela mal podia engolir.

"Eu-eu sei que deve estar pensando mal de mim. Muito ruim. Jim é meu aluno, não importa qual sua idade e eu não deveria ... quero dizer, é errado se envolver com uma pessoa a qual estou

ensinando. Mas, nós nos tornamos muito próximos. " Ela respirou instável. "Acredite eu não entrei neste relacionamento por querer. "

"Relacionamento?" Ele finalmente olhou para ela. "Como é possível ter um relacionamento com alguém que você não pode nem falar? "

"Mas eu posso, Sr. Scott. Podemos nos comunicar através de sinais, em papel e ... " Ela se calou. Como ela poderia explicar a ligação silenciosa que se passava entre eles apenas através de seus olhos? Ele acharia que era simplesmente luxúria os arrastando, numa espécie, de atração animal sem pensamentos, mas Catherine sabia que era mais do apenas isso. Jim poderia não ser capaz de falar sobre seus mais íntimos pensamentos e sentimentos ainda, mas com o seu nível de comunicação aumentando, ele compartilharia mais de si mesmo e gostava da pessoa que estava descobrindo. Ela gostava de seu interesse no mundo natural e sua delicadeza com os seus cavalos. Ela admirava seu trabalho ético e gostava de seu humor provocador.

"Isto pode parecer impossível para você", ela disse, "mas o Sr. Kinney ... Jim e eu temos uma forte ligação. Eu não o conhece completamente, mas eu gosto dele profundamente. "

"Deu para ver." O tom de Nathan era tão seco como poeira. Ela não pensava que ele fosse capaz de ser irônico. A pergunta era o que ele faria com o que ele tinha visto? E exatamente o quanto ele tinha testemunhado, somente o final onde se abraçavam e se beijavam, ou o interlúdio erótico antes disso.

O sangue subiu-lhe o rosto junto com um zumbido nos ouvidos, por imaginar o policial olhando seu momento íntimo. A paixão que ela sentiu nos braços de Jim de repente pareceu errado e sujo.

"Sr. Scott, peço que você mantenha silêncio sobre o que você viu aqui hoje? "

Ele olhou para ela duramente, como se a visse pela primeira vez.

"Você não tem que pedir isso, Miss Johnson. Na minha linha de trabalho um homem aprende o valor da discrição. "

Ela balançou a cabeça uma vez, aceitando a sua promessa pelo seu valor e desejando não ter pedido isso. Ele pareceu tomá-lo como um insulto como se ela o considerasse fofoqueiro.

"Eu só vim aqui porque eu estive no seguimento sobre a investigação do incêndio, falando com todos na cidade ", disse Nathan. "Você provavelmente sabe que McPhersons acusaram Grant Karak como o responsável".

Ela concordou. A comunidade se reuniu em torno do McPhersons nos últimos dias, doando

roupas e dinheiro suficiente para comprar os bilhetes de transporte ferroviário até sua família na Virgínia. Enquanto isso, Adelaide tinha espalhado o boato para quem quisesse ouvir que ela culpava Karak pelo incêndio diretamente na porta dele. O marido dela, Mark, havia permanecido em silêncio sobre o assunto. Ele parecia estar quebrado, derrotado e ansioso para sair da cidade antes que outra coisa aconteça à sua família.

"A opinião geral é que o incêndio não foi um acidente", ela concordou.

"A suspeita não é o bastante para prender um homem. Já que Kinney está trabalhando para Karak agora, eu pensei que ele poderia ter ouvido ... visto algo que poderia ajudar na investigação. "

"Você deve falar com ele." Ela estava grata pela mudança de assunto levando o foco de cima dela para Jim.

"Ele sempre está atento, e às vezes as pessoas esquecem que ele está por perto. Ele pode muito bem ser capaz de ajudá-lo ".

Nathan olhou para a porta aberta do estábulo e de volta para ela.

"Agora, eu não estou bem para interrogá-lo. Na verdade, eu acho que é melhor eu colocar alguma distância entre nós, do jeito que eu estou me sentindo. "

Seus olhos azuis, geralmente tão abertos e amigáveis, estavam estreitos.

"Eu não me sinto bem em falar com você também, Miss Johnson, por isso, se você me desculpar..."

Ela balançou a cabeça, e seu coração doeu pela perda de sua amizade.

"Me desculpe, Nathan,"

Ela disse baixinho quando ele se afastou. Foi a primeira vez que ela usou o seu nome.

Ele fez uma pausa, com a postura rígida nas costas transmitindo a sua mágoa e desaprovação.

"Eu também peço desculpas. Acho que eu me confundi com quem você era. "

Ele andou descendo o calçadão.

Catherine liberou uma respiração longa e trêmula, que ela não sabia que estava segurando. Que teia que ela tinha feito para ela mesma. Ela nunca perguntou se Nathan Scott gostava dela, e ela certamente nunca pensou envolver-se com Jim Kinney. Mas ela seguiu seu coração impetuoso, ignorando o seu senso comum.

O que Howard pensaria de seu comportamento? O homem que tinha sido noiva por quase dois

anos e quase não o permitia acariciar seus seios através do corpete, o que ele iria pensar se tivesse visto se contorcendo e empurrando contra Jim Kinney como uma garota qualquer de um saloon sujo? A declaração de Nathan estava certo: Acho que me confundi com quem você era. Ela não tinha certeza se ela sabia mais quem era.

Já se passaram quase oito anos e ela deveria voltar para casa. A Sra. Albright com certeza teria algo a dizer sobre a sua opinião de uma caminhada sozinha depois do pôr do sol, mas Catherine tinha que dizer adeus ao Jim. Ele não tinha idéia da reação de Nathan Scott.

Ela virou-se para voltar para dentro da cochia. O entusiasmo com que ela entrou a menos de uma hora antes tinha sido substituído por um pavor em seu coração. Ela não queria ver Jim agora, nem pensar nele ou nas ramificações de seu impossível relacionamento.

Ele esperava por ela apenas alguns metros da porta, encostado na tenda da Lady afano sua grina. Quando Catherine se aproximou, ele ergueu as sobrancelhas.

"Nathan não vai contar a ninguém ." Ela pressionou um dedo sobre os lábios. "Estamos seguros."

Jim ficou ali por um momento, em sua expressão ilegível. Ele deu um passo hesitante em sua direção, apontando para ela e ele e enroscando os dedos juntos um com outro a questionando numa inclinação de suas sobrancelhas.

"Eu não sei." Ela balançou a cabeça.

"Eu não sei se estamos juntos ou não. Eu simplesmente não sei. Por favor, não me pergunte isso hoje à noite. Eu preciso de algum tempo para pensar. "

Seu olhar estava fixo em seus lábios, em seguida, seguiram para os olhos dela. Ele parecia tranqüilo, mas notou uma tensão em seu queixo e pescoço, sinais de que ela aprendeu a ler para saber quando ele estava chateado ou com raiva. Ela desejava poder dar-lhe uma resposta melhor, poderia dizer o que ele queria ouvir, mas para dizer "eu te amo e quero ficar com você" seria uma mentira agora. As emoções conflitantes estavam rasgando o seu coração. Andou até ele, levantou o rosto e o beijou na bochecha. "Sinto muito",

Ela sussurrou perto de seu ouvido para que ele não pudesse ver as suas palavras. "Eu não quero machucar você. Eu quero amar você, mas eu estou com medo. Você não entende o quão difícil você perguntando isso para mim. "

Ela recuou, deu-lhe um pequeno sorriso e fez um gesto em direção à porta.

"Eu tenho que ir agora. Está tarde. Mas vou tentar vê-lo em breve ".

Ele balançou a cabeça, mas a luz de esperança tinha saído de seus olhos. Catherine se afastou, sentindo os olhos em suas costas assim que saiu do estábulo.Se apressando para os Albrights pela escura e silenciosa rua, ela reviveu a noite. Ela chegou ao estábulo, com a intenção de falar com Jim, apenas conversar. Mas quando ela o tinha visto meio nu, em seu corpo musculoso, seus liso cabelo castanho molhado, ela perdeu o controle. Sua mente tinha vagado e seu corpo assumiu, seguindo em direção a ele quando tinha se aproximou dela.

Ela nunca tinha tido muita paciência com as pessoas que davam desculpas por suas ações, alegando que não podiam se ajudar quando elas se comportado mal. Era uma desculpa infantil. Agora, pela primeira vez, ela sentia uma empatia, porque sempre que ela via ao Jim, ela sentia como se uma força externa, a invadia, orientando suas ações. Ele estava em seu sangue, em seus pensamentos, e, lentamente, trabalhando em seu coração.

Quando ela entrou no hall de entrada dos Albrights, Rowena estava esperando por ela, com os braços cruzados, com expressão de popa.

"Eu estava prestes a enviar Horace para procurar por você. Eu sei que Broughton pode parecer uma cidade agradável, segura, mas uma jovem sozinha após o pôr-do-sol está se pondo em perigo. Olha o que aconteceu em plena luz do dia com aqueles bêbados.Aqui há a certos indivíduos brutos".

"Sim. Você está certa. Eu não contava com a rapidez com que ficou escuro, e eu andei longe demais. Não vai acontecer novamente. "

Catherine falou seu discurso ensaiado, assim ela tirou o casaco e o pendurou.

"Eu não quero incomodar. Eu só estou preocupada com sua segurança. "

"Claro. Obrigada. "

Sra. Albright a olhou abruptamente, claramente querendo dizer algo mais, e talvez descobrir se Catherine, tinha feito mais do que dar um passeio.

" Bem, nenhum dano foi feito, eu suponho."

Ela pegou o envelope amarelo do telegrama na mesa da sala e segurou.

"Isto chegou para você enquanto você estava fora. "

Seu coração bateu quando ela pegou o envelope. Notícias do Oriente não eram enviados através do serviço postal que freqüentemente sinalizava uma emergência. O que aconteceu? Seus pais estavam bem? Com os desastrados dedos, ela rasgou o envelope e leu a mensagem no interior.

Vamos te visitar, 14 de novembro. Última chance antes da neve. Vamos celebrar o Natal precoce a menos que você esteja pronta para voltar para casa. Eu sinto a sua falta, querida.
Mamãe.

Catherine relaxou quando ela percebeu que não havia uma crise familiar, mas o inquieto retumbar em seu estômago pela idéia de visitar seus pais.

"Está tudo bem, querida?" Pela expressão de Rowena, Catherine adivinhou que tinha esperando ansiosamente para descobrir o conteúdo do telegrama.

"Meus pais estão vindo em um par de semanas." Será que ela poderia convencê-los a não virem?

Sua mãe odiava viajar de trem. O navio a vapor de Europa tinham sua xícara de chá. Além disso, ela despreza tudo sobre neste país, e esta pequena cidade atrasada. Catherine não poderia imaginá-la ali, onde os vestidos na nas lojas eram de vários anos e que uma bisbilhoteira intrometida como Rowena Albright era considerada o epítome da sociedade.

"Sério? Que maravilhoso! Eles devem ficar com a gente,é claro ". Rowena pressionou as mãos juntas e ofereceu um genuíno sorriso.

"Eu não quero que você se incomode. Meus pais ficarão felizes em ficarem num hotel. "

Não havia nenhuma maneira educada para explicar que sua mãe provavelmente preferiria isto.

"Bobagem. Será um prazer tê-los aqui. "

Enquanto a Sra. Albright começou a planejar uma festa de chá acolhedora, Catherine deu uma desculpa e fugiu acima.

Se sua mente estava em turbulência pelo Jim e a descoberta de Nathan Scott, agora era, um completo tumulto, seus atrapalhados pensamentos gritavam como macacos no Zoológico. Mamãe aqui em Broughton? Era exatamente a complicação a mais que ela precisava em sua vida.

* * * *

A chuva caia nas vidraças enquanto Catherine tirava o vestido de noite do fundo de seu baú onde o tinha guardado, embrulhado em papel de seda, desde que ela chegou em Broughton. Ela colocou a roupa sobre cama, e abriu o papel transparente para revelar o voile de seda preta ao longo de cetim azul. O vestido era tão bonito o quanto lembrava. Ela o tinha adquirido como parte do seu enxoval de casamento para a lua de mel na Europa, ela nunca tinha usado.

Havia uma faixa preta bordado na bainha, no pescoço e mangas, e uma junta creme e renda valenciennes. Ela tocou os botões de pérolas coloridas na borda da luva, e
alisou a mão sobre a faixa preta de tafetá floral. Levantou o vestido, e puxou para fora,

percebendo que ela deveria o ter tirado há muito antes de seu armário. Mas não estava enrugado, e seviria a festa desta noite.

Ela o pôs sobre seu colete da camisola e atou à frente bem apertado. Teria um pouco de trabalho para comprimir a sua silhueta no encaixe no corpete do vestido. Talvez ela devesse fingir uma doença uma dor de cabeça ou uma dor de estômago, para evitar o evento social.

Todos os três homens que ela queria evitar provavelmente estariam lá. Charles e Nathan provavelmente a evitariam, seus orgulhos feridos pela sua rejeição. Depois do que houve com Jim. Ela não tinha visto ele há duas noites atrás, quando ela deixou claro que não estava pronta para levar seu relacionamento sob o domínio público. Mas e se ele se aproximasse dela no baile em frente todos?

Oh, Senhor, eu sou tão má como a minha mãe! Como ela poderia estar atada pela convenção social?

Ela, que tinha prometido a si mesma que nunca seria uma esnobe? Como ela poderia se manter alegre quando Jim a tomasse e a beijasse, desejando a todo tempo e que estivesse à apaixonada, e ainda não ter vergonha de reconhecê-lo em público... tudo por causa de sua posição humilde na vida.

Houve uma batida suave na porta, e ela percebeu que estava olhando para o vestido com corset e meias.

"Sim?"

"Miss Johnson, posso entrar?"

"Se você me ajudar, com este vestido. Eu acredito que eu ganhei algum peso pela boa cozinha de sua mãe. "

Jennie entrou no quarto, olhou para Catherine no interior e se olhar rapidamente se afastou, corando.

"Eu poderia voltar ..."

"Bobagem. Por favor me ajude a colocar essa coisa. Eu não sei se posso sequer levantar os braços para colocá-lo sobre minha cabeça. Depois que eu me vestir vou fazer seu cabelo como prometi. "

A menina recolheu as dobras do vestido brilhante, enquanto Catherine terminava de amarrar o espartilho. Tão apertado que ela mal conseguia respirar. Ela levantou os braços e Jennie colocou o vestido por cima deles. Coube confortavelmente, e Jennie foi capaz de apertar os botões nas costas. Quando ela terminou, ela recuou e olhou para Catherine, com uma expressão

maravilhada.

"Você está linda!"

"Como você. A cor rosa fica lindo, para sua pele. E seu cabelo ficará perfeito preso com meu pente de coral. Sente-se."

Catherine puxou a cadeira do canto e Jennie sentou sobre ela. Ela se moveu em torno da menina, fixando seu longo cabelo castanho, em uma frouxa, cascatas de ondas, ela pensou que seria dessa maneira ter uma irmã. Catherine sentiu uma predileção quase maternal por Jennie e teve de admitir a admiração da menina por ela era muito lisonjeiro.

"Miss Johnson," Jennie disse após alguns momentos de silêncio.

"Posso perguntar-lhe uma coisa? "

"Claro. O que é? "

Catherine separou uma mecha de cabelo com o pente e habilmente fixou no lugar.

"Você gostou de ir para a faculdade?"

"Absolutamente! Eu queria isso por toda a minha vida e eu realmente gostei dos meus dias na Columbia.

Por quê? Você está considerando o ensino superior? Você deveria. Você é tão brilhante. "

Muito brilhante para concordar como o casamento, pela família ao sair da escola.

Jennie deu um suspiro alto.

"É a minha mãe. Ela quer me mandar para uma escola preparatória no leste. Ela quase fez meu pai concordar com ela. "

"Ah." Uma escola preparatória moldava uma mulher para fazer um casamento vantajoso, para proceder bem na sociedade, mas pouco tinha a ver com o ensino superior como Catherine sabia.

"Ela não aprova o Ned," Jennie explodiu. "Ela não vai dizer isso, mas eu sei que ela acha que eu posso ter melhor do que o filho de um comerciante.

Posso ver seu tom cada vez que ela fala sobre ele. Mas eu o amo! Eu não quero deixar Broughton. Quero me casar com Ned! "

Os ombros dela subiam e seu rosto franziu em choro quando ela terminou sua confissão.

Casar? Você tem apenas dezessete anos! Catherine sabia, que era melhor não dizer que o primeiro pensamento que subiu para os lábios. Se lembrou bem sua própria tendência para a teimosia nesta idade e o ressentimentos pelos adultos agindo como se ela não tivesse uma mente própria. Ela deveria deixar Jennie saber que ela respeitava a intensidade de suas emoções.

"Eu sei que você se importa profundamente por ele,"

Ela ofereceu.

"E ele por você. É por isso que não pode haver mal em tomar algum tempo separados numa escola distante. Se os seus pais estão dispostos a enviar-lhe ao oriente para uma educação superior, você deve aproveitar a oportunidade de conhecer novos lugares e conhecer novas pessoas. Você terá o resto de sua vida para estar com Ned após seu retorno. "

"Você pensa assim?"

Jennie inclinou a cabeça para olhar para Catherine.

"Eu gostaria de ver Nova York. Mas e se algo acontecer e ele se apaixona por outra pessoa enquanto eu estiver fora? Eu não poderia suportar isso! "

"O amor que é testado e experimentado é verdadeiro '", citou. "Tome algum tempo para prosseguir com os seus próprios interesses, apenas reforçará o que vocês sentem um pelo outro. "

"Eu suponho". Jennie calou-se. Catherine pensou que a tinha decepcionado por não apoiar a sua rebeldia pelos desejos de sua mãe.

Rapidamente a terminou os últimos detalhes no cabelo de Jennie, ela inseriu o pente de coral no penteado.

"Venha." Ela tomou a mão dela e a puxou a sua cômoda, em direção a um pequeno espelho que pendia sobre o lavatório e dando-lhe um espelho de mão para que ela pudesse ver os cabelos em todos os ângulos.

“Você parece que deu alguns passos diretamente para a morte."

Disse ela, apoiando uma mão no ombro de Jennie.

"Divirta-se no baile hoje a noite e tente não pensar nisso no futuro. "

Capitulo Dezoito

O Grange Hall estava lotado, o ar sufocante e inebriante com o cheiro de suor pelos corpos mal cobertos por perfumes e pomadas. Em uma extremidade do quarto, em uma baixa plataforma, uma banda composta por um violino, baixo e banjo desempenhava uma melodia. Os dançarinos se posicionavam na linhas no meio do salão dançando os passos de uma dança típica do país. Casais comprometidos moviam-se abaixo da linha para tomar seu lugar no final. O violino era irresistível, e a ponta do pé de Catherine batia no ritmo com a batida de onde estava com Rowena e Horace Albright perto da porta. Jennie tinha ido se encontrar Ned no momento em que chegou.

Parecia que toda a cidade e as famílias da zona rural ao redor vieram o evento. Por uma noite, as barreiras sociais estiveram relaxadas onde as famílias mais pobres e ricos comerciantes se misturavam. A diferença no vestuário entre eles era visível, de anos, no entanto, as senhoras da cidade usavam vestidos de poucos anos ultrapassados enquanto o seus vizinhos usavam estilos que poderia ter sido usado em um baile no celeiro uma década antes.

Catherine sentiu ostentação e fora de lugar com seu vestido de moda parisiense com camadas de rendas e tecidos e enfeitado com contas. Ela não queria que ninguém pensasse que ela estava tentando para ser um pavão, e desejava ter escolhido um vestido menos vistoso.

Quando começou a valsa, os casais emparelharam até círculo em torno do assoalho. Pensou em Howard fazendo seu coração doer. Como muitas danças que ela tinha dançado com ele? Quantas vezes manteve os olhou nos seus olhos com uma expressar com todo o amor de seu coração? Foi numa noite de baile como este que ele a puxou para fora no jardim, ostensivamente por uma lufada de ar fresco, e caiu sobre um joelho para propor.

"Miss Johnson, seu vestido é simplesmente lindo!"

Dois de seus alunos mais velhos, Sarah Jalkanen e Mabel Driscoll, quebrou o seu transe assim apareceram na frente dela.

"O estilo é tão moderno." Sarah apontou o material e analisou a maciez do tecido e o corpete colante.

"Eu daria tudo para possuir um vestido como este."

Mabel suspirou.Depois de um tempo, Catherine conseguiu livrar-se de suas entusiásticas atenções.

"Obrigada, meninas, mas eu acredito que sou necessária à mesa do refresco."

Ela escapuliu e atravessou a sala lotada para o buffet.

Muitas das senhoras estavam enchendo seus pratos com biscoitos e tortas quando as outros estavam esvaziando. Novamente, Catherine foi cercada por um grupo de admiradoras, elogiando o vestido e cabelos e fazendo uma centena de perguntas sobre a vida no leste.

Ela lembrou-lhes que era quase uma garota da cidade grande. E que White Plains não era Nova York. Mas logo acabou por dizer sobre os eventos sociais que ela tinha participado, sua universidade e as maravilhas que tinha visto ao visitar seus parentes na cidade grande.

Enquanto ela falava, Catherine olhou ao redor da sala. Charles Van Hausen estava perto da janela conversando com Beatrice Hildebrandt, irmã mais velha de Ned. Nathan Scott estava em uma profunda conversa com Mike Gunderson. Mas não havia nenhum sinal de Jim. Alívio e decepção guerreavam dentro dela, e ela amaldiçoou suas emoções inconstantes. Por que ela teve que ficar atraída por ele? Por que ela não poderia manter uma distância adequada e indiferente como ela conseguiu fazer com qualquer outro homem que tinha tentado entrar em sua vida desde que Howard morreu?

"Posso ter esta dança, senhorita Johnson?"

Herbert Nordstrum, o operador de telégrafo, situou-se ao seu lado, com um sorriso levantando os cantos do seu bigode fino. Ele parecia muito asseado com o seu cabelo repartido ordenadamente no centro e penteado para trás, e um terno listrado e uma gravata.

"Seria esplêndito, mas devo confessar que não danço muito bem."

Ela lhe sorriu de volta.

"Eu não acredito nisso."

Ele pegou a mão dela, e eles se moveram para o salão lotado. Ele a levou num ritmo acelerado pelas duas escadas. Eles deslizavam em torno do piso entre os outros bailarinos, e logo Catherine estava flutuando, corada e sorrindo. Era bom dançar novamente.

Quando a música acabou, a banda fez uma pausa e os bailarinos abandonaram o centro da sala, indo se encontrar com amigos ou parentes ou sair para tomar um ar.

"Deixe-me trazer-lhe um copo de ponche", Herbert ofereceu.

Catherine ventilou o seu rosto.

"Obrigado, Senhor Nordstrum."

Observou quando ele desapareceu através da multidão na direção da mesa de refrescos. Por um breve momento, seu olhar encontrou ao de Nathan Scott na sala. Ele olhou para ela, depois virou, seu rosto branco. Seu coração acelerou quando ela voltou a imaginar o dano que ele poderia fazer a ela, se ele escolhesse compartilhar o que tinha visto no estábulo. Mas Nathan era um justo, honesto e companheiro. Se ele disse que iria manter o seu segredo, não há dúvida de que ele faria, ao contrário o que

Charles Van Hausen faria com essa informação.

Ela ainda quis saber exatamente o que Nathan havia visto, e quanto tempo ele esteve assistindo. O pensamento invocou a memória daquela noite, num irresistível magnético que a levou direto para os braços de Jim no momento em que o viu, os beijos apaixonados e carícias frenéticas, a sensação de seu corpo, exercendo pressão sobre o dela, impulsionado, empurrando até que de repente ele congelou e ela percebeu em choque que ele tinha feito o que os homens fazem durante o coito, logo ali, bem em suas calças, tudo por causa de sua necessidade desesperada por ela. Ele enviou uma excitação através dela o brilho quente entre suas pernas ficaram ainda mais mais forte, pairando à beira de se inflamar. Ela sentiu com se ela fosse explodir também. Mas ele se afastou, abaixou a seus pés, beijando-a suavemente, docemente, antes de se virar para colocar a sua camisa. Oh, como ela adorava vê-lo nu, sua pele brilhante, seus músculos dourados pelo brilho ofuscante da lanterna.

As lembranças despertou o calor em seu sexo, mais uma vez. Vibrando junto com seus batimentos cardíacos. Os seus seios, foram esmagados por seu espartilho, sentia como se estivessem moídos. Eles doíam pelo o toque da dele mão ou na boca. Seu corpo a traia sem que Jim estivesse mesmo lá, para trazer a estes sentimentos apaixonados!

Como se convocado pelo seu pensamento, ele apareceu de repente pela sala.

Catherine o viu entrar na porta, esperando por um grupo de pessoas sair do caminho.

Sua respiração ofegou, e o calor de seu corpo se incendiou. Estava vestido com uma roupa nova, um terno escuro azul com uma camisa branca por baixo, Jim parecia ter saído das páginas de uma revista. O estilo era singelo, ao contrário da moda atual entre os jovens que usavam riscas e outros tecidos vistosos. A gravata também era azul escuro e a sobriedade puritana de suas roupas, juntamente com a sua postura ereta, deu-lhe uma ar austero, e uma aparência elegante. Seu cabelo preto estava recém-aparado muito curto, mas graças a Deus o barbeiro não tinha envernizado plana, com pomada. Brilhante como uma asa de corvo, era escovado em ondas naturais. Uma mecha indisciplinada caía sobre a testa, fazendo coçar os dedos para recolhe-lo e mergulhar as mãos seu brilhante cabelo.

Assim como Catherine notou a sua aparência nova e elegante, ela percebeu que os outros estavam fazendo o mesmo. As pessoas perto dele se viraram para olhar, especialmente as mulheres. As pessoas inclinavam as juntas para sussurrar, como se ele pudesse ouvir suas palavras. Muitos pares de olhos voltaram para Jim, no momento em que avistou Catherine. Seu olhar se focou nela e seus olhos brilhavam quando ele sorriu. Todo mundo que estava olhando para Jim imediatamente olhou para ela.

Não, Jim. Não olhe para mim desse jeito como se você pudesse me devorar com os olhos! Todo

mundo vai descobrir. Não há como eles não desconfiarem.

Ela manteve seu rosto neutro e acenou para ele uma vez e depois logo se afastou em direção à mesa dos refrescos. Seu coração acelerelou e seu corpo enrijeceu. Rezando para que ninguém notasse o rubor que sentia queimar em suas bochechas.

Perto da bacia do ponche, Herbert encontrou o seus olhar e levantou dois copos cheios. Ele conduziu através da multidão em direção a ela.

Sua barriga doía. Ela ficou subitamente tonta também. Talvez fosse o corset muito apertado comprimindo as costelas e uma sala, lotada se ventilação. Ela desejou ser uma pessoa corajosa , uma que poderia por o dedo no nariz numa convenção, e atravessar o salão e tomar a mão de Jim. Mas ela era uma covarde assim o ignorou e sorriu para Herbert aceitando um copo.

"Obrigada."

Ela bebeu enquanto olhava fixamente para a esquerda, examinando Maizie Banks, que não fazia outra coisa senão olhar para trás em direção à porta chamando a atenção de Jim novamente. O ponche estava quente e muito doce, mas umedeceu a garganta seca. Ela bebeu o pequeno copo em dois goles. Apertou a mão no braço de Herbert, e se inclinou falar em seu ouvido, acima do ruído.

"Desculpe-me, Sr. Nordstrum. Eu preciso conversar com a Sra. Albright sobre uma coisa. "

"Ah." O rosto dele caiu.

"Guarda uma outra dança para mim mais tarde?"

"Talvez."

Ela sorriu e se afastou rapidamente antes que ele pudesse tentar extrair uma promessa dela. Olhando em direção à porta, ela viu que as pessoas tinham retomado a conversa e Jim já não estava à vista. Ela freneticamente revistou o salão, rezando para que ele não se aproximasse dela. Ela se lembrou de como tinha dançado com ela na escola. Gostaria de fazer isso aqui, quando a banda recomeçou a música não podia ouvir? O que as pessoas diriam de uma professora dançar com seu aluno?

Catherine o vislumbrou novamente, encostado à parede, de braços cruzados. As pessoas passavam na frente e trás dele, mas ela pegou flash de seu rosto. Sua expressão era tensa e infeliz e os seus olhos ainda focados nela.

Ela se abaixou por trás de um grande homem para se esconder e conversou com várias pessoas para manter a distância entre eles. Ela conhecia Jim que provavelmente estaria ali naquela noite e ela tinha planejado cumprimentá-lo educadamente como uma professora trataria um aluno já que todos tomavam conhecimento de que ela o estava ensinando de qualquer maneira. Mas esse olhar que ele tinha dado a ela tinha mudado tudo. A maneira como ele olhava e o jeito que ela se sentia, com certeza se eles estivessem a distâncias de uma cidade a outra todos veriam a intensa atração entre os dois, como se tivessem gritando em voz alta.

Não. Era melhor aceitar uma dança com algum agricultor de barbas brancas, que estaria próximo o suficiente para rasgar a costura de seu corpete. Melhor seria ajudar a Sra. Hildebrandt a cortar os bolos na mesa de refrescos ou segurar o mais novo bebê de Polly Flint ou gastar um momento, no vestiário, para fixa os cachos de Jennie. Era melhor conversar ou dançar com cada membro da comunidade Broughton do que admitir o fato de que Jim estava de pé solitário e sem amigos em seu novo terno, esperando que ela o reconhecesse.

Num determinado momento parecia que ele iria se aproximar dela quando ele se moveu no meio da multidão em sua direção. Mas quando Catherine voou longe, colocando a maior distância entre eles, ele parou e postou-se junto ao muro, uma vez mais, deixando que ela chegasse nele. Para sua vergonha infinita, ela não chegou, nem mesmo para dizer um rápido "Olá", e quando ela seguiu em sua direção para lhe roubar um olhar, ele tinha ido embora. Ela percorreu a sala. Ele saiu do prédio. Ela não tinha idéia há quanto tempo ele tinha ido.

A ansiedade em que ela estava sentindo com ele na sala foi substituída pela melancolia por saber que ela tinha insensivelmente esnobado ele. Ela o afugentou pelo sua desconsideração com os seus sentimentos. Que tipo de pessoa deixava o homem que amava, beijar e abraçá-la, então feri-lo assim? A sensação de aperto no peito cresceu até saber que ela iria chorar ou desmaiar ali mesmo no meio do salão. Ela tinha que sair.

"Me desculpe", disse ela, sem fôlego interrompendo Sonia Parkins, que estava explicando como a sua família mudou-se para trás Broughton, em 1872.

"Me desculpe. Eu preciso de ar imediatamente. "

Ela deslizou além dos corpos empurrando para fora da porta do salão para respirar em grandes saltos o ar da noite fria até que zumbido em suas orelhas se apagou. Cobrindo os seus olhos, ela apertou as palmas contra as lágrimas. Não adianta chorar agora. Ela trouxe estes sentimentos horríveis para si mesma, pelo seu comportamento horrível. Como ela poderia sanar a dor que ela causou em Jim?

Talvez fosse melhor para ela, manter distância , e deixá-lo sozinho. Deixe que esse tapa na cara terminasse o seu relacionamento de uma vez por todas. Ela pegou o caminho através do pátio enlameado, evitando as poças maiores da chuva do início do dia, procurando lugares secos, onde seus saltos não iria afundar. Sem pensar coerentemente, ela foi em direção ao calçadão. De lá, ela sabia que seus pés a levaria ao estábulo. Ela estavam sendo puxada para Jim como uma bússola para o norte. Se ela explicasse para ele, talvez ele pudesse encontrar em seu coração uma maneira de perdoá-la.

Quando ela levantou a saia, Catherine estava tão concentrada em evitar a lama que ela não viu o homem parado na frente dela até que ela quase caiu sobre ele.

"Oh!" Soltou grito de surpresa, ela olhou para a figura alta iminente no escuro. Era o horrível homem que tinha arrastado Jim atrás de seu cavalo.

"Olá. Para onde vai? "

As palavras era atrapalhadas e ele balançava em seus pés.

Sem responder, Catherine tentou passar em torno dele e continuar em seu caminho, mas seus dois companheiros, o de barba negra e o queixudo, ladearam em ambos os lados, bloqueando o seu caminho. Compreendendo o perigo da situação, Catherine tentou voltar pelo caminho que veio para as luzes e o barulho do salão Grange.

"Espere um minuto!"

O líder agarrou seu braço e puxou-a para enfrentá-lo.

"Eu conheço você. "

Sua respiração era azeda e quente. Ela não teve que ver a sua expressão no escuro para saber que seus olhos estavam vermelhos e sua boca mole. O homem estava tão bêbado quanto ele tinha estado naquele dia horrível quando atacou Jim.

Ela tentou arrancar o braço livre, mas ele segurou apertado. "Deixe-me ir agora ou acredite, não haverá repercussões. "

Ela olhou para ele. Seu coração estava trovejando, mas ela não podia demonstrar medo ou fraqueza.

"Ei, Sanborn, melhor deixar ela ir" um de seus companheiros o advertiu.

"Nós não precisamos de mais problemas com Karak do que nós já temos. "

"Cale a boca."

Seu agressor a agarrou mais forte e começou arrastá-la com ele longe do Salão Grange.
O homem magro seguiu com eles, mas a um barbudo protestou novamente.
"Eu não vou fazer parte de uma outra de suas confusões. "
"Deixe-me ir!"
O tom de Catherine soou mais articulado do que autoritário desta vez, até mesmo para seus próprios ouvidos, e ela percebeu que estava em sérios apuros. Antes que ela pudesse gritar por ajuda, Sanborn a puxou para ele e cobriu a boca com a sua grande mão. Um dos saltos finos dos sapatos rompeu em uma rachadura no calçadão quando ele a arrastou para um beco escuro.

Capitulo Dezenove

O coração de Jim era como se estivesse sido apertado em seu punho, comprimindo cada vez mais duro ao redor. Cada vez que o olhar dela passava por ele, olhando direitamente através dele, seu coração se contraia em aperto, e mais aperto, até que houve só uma pedra sólida em seu peito. Isso foi quando ele tinha saido.
O ar estava frio e encheu seus pulmões doloridos. Provando o fresco e doce após a asfixia pela proximidade da sala lotada. Havia demasiadas pessoas todos pressionados juntos e isto sempre o deixou nervoso. Por ele não poderia prestar a atenção neles, e algo poderia o pegar desprevenido.
Apesar do frio, ele tirou o paletó do terno ridículo, resistindo à tentação de arremessá-lo no chão e pisar sobre a lama. Como ele poderia ter pensado que um novo emprego e roupas novas seria suficiente para torná-lo aceitável para atravessar a distância social que o separava de Catherine?
Ele jogou o casaco sobre o ombro e saiu pelo pátio em direção à estrada.
Não era como se acreditasse que repente ela jogaria os braços em volta dele na frente de todas as pessoas, mas ele imaginou que ela, pelo menos, passaria algum tempo se comunicando com ele em sua nova linguagem. Ele pode muito bem admitir a verdade.

Interiormente ele queria realizar a sua fantasia em que suas mãos utilizavam os sinais para frente e para trás, enquanto todos o olhavam com espanto. Muitas pessoas o perceberam pela primeira vez que ele não era um débil mental e poderia compartilhar seus pensamentos, bem como qualquer um deles se dada uma oportunidade. Tolo devaneio.

Uma mão caiu sobre seu ombro e ele saltou, girando e jogando o seu braço para bater a mão. Dean Gunderson se afastou para trás, levantando as mãos. "Ei! Sou eu. "

Jim baixou os punhos, mas seu coração ainda batia forte.

"Venha."

Dean fez um gesto em direção aos fundos do prédio e virou-se, ainda falando.

E agora o quê? Mas ele não tinha nada melhor para fazer além de ficar mau humor em seu quarto. Ele seguiu a Dean em torno do canto do salão Grange. Na parte de trás do edifício no fulgor da janela, um grupos de homens trocavam jarras ou garrafas. Isto não era ponche de fruta. A

festa não ficaria completa sem um luar pelo milho que tinha plantado.

Ele poderia dizer pelos gestos e grandes bocas abertas quando eles riam e que muitos dos homens estavam bêbados. Quantos, como ele, estavam ali bebendo, porque tinham sidos rejeitados por uma mulher? Por um momento, sentiu um lampejo de camaradagem por esse homens, imaginando que sua dor não era muito diferente.

Dean agarrou seu braço e o arrastou para um grupo que incluía vários agricultores e John Walker o dono loja de ferragem. Um dos homens balançou a cabeça e acenou para Dean sair, apontando para o prédio.

"Não. Volte para dentro. "

Dean argumentou e pegou uma garrafa. O homem se recusou a passar para ele. Jim não pode ver as palavras, mas compreendeu que Dean estava sendo negado o seu direito como um homem adulto de beber com os outros. Provavelmente eles estavam com medo do que Mike Gunderson faria por eles deixarem seu filho idiota beber.

Se Dean poderia trabalhar nos campos como qualquer homem, ele tinha o direito de ficar bêbado com eles, se ele assim escolheu! Jim se adiantou e estendeu a mão para a garrafa.

Ele ficou olhando firme para o agricultor e, depois de um longo momento, o homem deu de ombros e atirou a garrafa meio vazia. Jim tomou um gole, o álcool queimou a sua garganta pior do que o uísque no Crystal. Ele piscou lágrimas de seus olhos e passou a garrafa para Dean.

Dean bebeu um gole e sufocou, tossindo e cuspindo a bebida de sua boca. Um agricultor disse alguma coisa. Todos os homens riram exceto Walker.

John deu uma resposta que fechou a boca do homem fazendo os outros rirem mais ainda. Jim queria que não estivesse tão escuro ali fora. Ele teria gostado de ver o comentário que colocaria o homem em seu lugar.

Walker estendeu a mão e aceitou a garrafa de Dean. Após isso, Dean e Jim faziam parte do círculo. A garrafa girou ao redor várias vezes, o nó duro no peito de Jim se dissolveu e sua cabeça flutuou em uma névoa sem foco.

Quando eles abriram um jarro novo, os homens já estavam cantando. O braço de Walker estava pendurado em volta dos ombros de Jim. A cabeça de Dean se inclinou para trás, com olhos fechados enquanto ele urrava as palavras da canção.

Jim precisava mijar, e afastou-se do abraço do bêbado Walker, cambaleando um pouco até que ele tomou seu equilíbrio. Ele vagou por todo o quintal pela grama alta, onde começava a pradaria. Ele desabotoou a braguilha, tirou seus pênis e deixou um riacho, em arco cair sobre a grama, enquanto ele olhava para as estrelas cintilantes espalhadas pelo céu.

Quando terminou de abotoar a calça, ele olhou para as janelas do salão, imaginando Catherine dançando com outra pessoa. Ele olhou para as sombras dos homens no fundos e considerado se reunir com o "seu grupo". Ele deveria provavelmente arrastar Dean antes que ficasse pior, mas Jim decidiu ir para casa. A euforia temporária do álcool já estava passando e uma dor de cabeça estava martelando. Ele contornou a lateral do prédio e seguiu para o calçadão, quando viu diversas figuras a uma dúzia de metros à frente dele. Uma mulher que estava lutando com dois homens e um terceiro homem estava à frente deles. Uma onda de medo rasgou através dele, quando pegou o vislumbre de uma saia azul. A mulher era Catherine. A névoa alcoólica se evaporado e ele correu em direção a eles. Ele reconheceu os homens de Karak a raiva o cegou, assim que ele viu Catherine pressionada contra o homem que manteve uma mão apertada sobre a boca dela. Jim saltou para o lado do homem e agarrou seu braço, tentando quebrar o seu aguarre sobre ela. O ataque repentino surpreendeu o homem tanto que ele soltou a sua presa. Sem hesitar, Catherine se soltou e tropeçou para longe dele. O homem de olhos caídos perdeu o equilíbrio sob ataque de Jim. Ele cambaleou para trás e caiu, Jim caiu em cima dele. Quando seu oponente preparou a mão contra o o seu peito, Jim o empurrou e montou sobre ele. Ele puxou seu punho e socou seu rosto. Foi como bater os dedos numa pedra quando atingiu a mandíbula do homem, atirando sua cabeça para ao lado. Um dor reverberou em sua mão até o seu braço.

Jim lançou mais alguns golpes, então um dos outros homens pegou as costas de sua camisa e o puxou.

E antes que ele pudesse se afastar, um punho como uma marreta afundou em suas entranhas, golpeando a sua respiração o dobrando sobre o punho. A dor na barriga o estremeceu.

Ele engasgou e olhou para cima para ver Catherine sendo capturada pelo homem de barba preta. Ela estava lutando contra ele, seus olhos e boca abertos. *Gritando,* Jim pensou.

O homem magro, que havia golpeado o seu estômago, o puxou para cima e deu outro soco. Jim se torceu ao lado e do golpe atingiu o seu ombro.

Tudo parecia acontecer muito rápido. Jim se curvou e bateu no ombro e estômago do homem magro, o jogando para trás. O líder tinha se levantado e agarrou Jim, em seguida, os dois homens estavam atacando ele de uma vez. Jim se retorceu golpeando com punhos e pés, evitou alguns golpes e tentou revidar, mas estes homens eram profissionais em usar os punhos.

Ele foi derrotado, mas continuou revidando até que ele foi jogado ao chão. Um duro chute em suas costelas enviaram uma dor no meio dele. Sua visão se escureceu por um momento. Como se ele tentasse se rastejar, o calcanhar de uma bota caiu sobre a sua mão. Ele gritou e tentou afastar, mas o calcanhar pisou mais forte. Só o fato de que ele estava deitado na lama esperando para que seus ossos da mão fossem esmagados pela pressão, simplesmente o fez se afundar mais na terra.

De repente, a bota e o homem se afastaram. Jim rolou para o lado e olhou para cima. Dean Gunderson tinha pego os dois homens. Suas grandes mãos estavam em volta de seus pescoços e bateu suas cabeças juntas.

Ficou de pé com dificuldade segurando a mão sobre seu peito dolorido, Jim olhou para Catherine. Ela estava correndo em direção ao salão onde as pessoas estavam começando a sair do prédio. O homem de barba preta, que estava segurando ela tinha desaparecido de cena. Jim se virou para trás aos seus oponentes a tempo de ver Dean meter o punho na cara do líder. O magro estava prestes a bater em Dean por trás com uma grande rocha.

Jim lançou-se contra ele, o derrubando longe de Dean. Ele bateu com o punho ao lado da cabeça do homem. Mas o seu adversário era tão escorregadio como uma cobra que ele sabia. Ele se virou e chutou sua perna, jogou ambas as pernas de Jim longe dele. E mais uma vez, ele o derrubou no chão lamacento. O homem pulou em cima dele e começou a bater. Soltou de seu agarre sobre a perna, e Jim girou para ficar em cima. Ele usou a sua mão direita e uma nova onda de dor irradiou dele quando socou o nariz de seu adversário.

O homem agarrou o seu rosto, jorrando sangue.

De repente, umas mãos estavam puxando Jim de cima de seu oponente. Ele lutou contra elas, até que percebeu que era um dos homens do baile. Dois homens agarraram os homens de Karak e Dean, que ainda estava dando socos no ar.

Jim foi preso por Abe Jalkanen, olhando de um rosto para outro, tentando descobrir o que estava acontecendo. Dean lutava e gritava com o homem que o matinha preso.

O homem de olhos caídos estava falando. Todo mundo estava falando. As mãos de Catherine gesticulavam no ar, ela estava explicando o que tinha acontecido. O policial Scott se moveu na frente de Jim, e suas costas largas bloquearam a visão de Jim. Era frustrante ser excluído.

Abe soltou os braços de Jim e lhe deu um tapinha nas costas. O barbeiro se inclinou para Jim que pode ver o seu rosto. "Tudo bem."

Ele fez um círculo com o polegar e o indicador. *"Bem"*.

Jim acenou passando a mão ao peito tapando seus gritos pela suas costelas com a outro. Ele olhou para suas roupas novas, rasgados e cobertas de lama.

Dr. Halloran apareceu na frente dele, estendendo-lhe a mão para ele. Jim estendeu a mão para ele examinar, em seguida, olhou para cima para ver o que estava acontecendo agora. O xerife Tate se junto ao grupo. Ele e Scott estavam tomando os homens Karak os levando provavelmente para a cadeia. Talvez ficariam trancados desta vez. A testa de Mike Gunderson franzia enquanto conversava com Dean. Desde que o homem sempre teve a cara fechada, era difícil dizer se ele estava elogiando o seu filho ou gritando com ele por beber e brigar. A Sra. Gunderson também estava lá, com o braço em torno de Dean com o rosto vermelho e perturbado.

Jim ofegou quando o Dr. Halloran pressionou seus dedos muito forte. Ele olhou para a boca do médico e ele estava dizendo algo sobre bandagens. Jim procurou por Catherine e a encontrou no meio de um grupo de mulheres como um grupo colorido de galinhas. Ele queria que ela o visse, precisava desesperadamente manter contado visual com ela apenas por um momento, mas a Sra. Albright estava entre elas e sua enorme cabeça bloqueando de ver Catherine. Ele queria tocar nela para saber se estava segura. Pelo menos, ela estava bem. Os homens não tinham feito nada com ela, mas se ele tivesse chegado depois ... Jim estremeceu com as imagens que passavam em sua mente. Imaginou o rosto espancado de Shirley Mae. Murdoch deveria ter feito algo sobre este homem para impedi-lo de atacar as outras mulheres. Mas uma prostituta ser espancada por um cliente não era incomum e, como toda as pessoas na cidade, Murdoch tinha medo de se

envolver com Karak.

Os eventos continuaram mover-se em imagens desconexas. Um grupo de homens seguiram o delegado, ...seus oficiais e os presos, outros ficaram para trás conversando. Algumas pessoas voltaram para o salão, reunindo suas famílias para ir para casa. Outros saíram para ver o que tinha acontecido.

Dr. Halloran acenou uma mão na frente do rosto de Jim para chamar a sua atenção.

"Eu vou precisar enfaixar isso. "

Ele ergueu um dedo, dizendo para Jim esperar, e caminhou até Dean Gunderson para examinar os seus ferimentos.

Jim esperou, como lhe foi pedido, tremendo pelo choque e o ar frio da noite. No meio de toda a ação, ele ficou sozinho, como sempre. Ele desejava se aconchegar na cama e, dormir até a dor latejante em sua mão e costelas fossem embora. Mas, ainda mais, ele desejava ver Catherine apenas por um momento.

De repente a Sra. Albright mudou de lado e lá estava ela, caminhando em sua direção. Com seus cabelos dourados e pele pálida, ela brilhava como uma estrela na escuridão. Seus olhos nunca deixaram seu rosto quando ela estendeu as mãos para ele. Ele olhou para as pessoas ao seu redor. Certamente ela não queria tomar sua mão na frente de todos. Timidamente ele estendeu sua mão esquerda , a outra ainda pressionada contra seu corpo.

"Obrigada"

Catherine gesticulou antes de tomar sua mão entre as suas apertando. Suas mãos eram tão macias. Uma raiva subiu através dele pelo bastardo de olhos caídos ter tentado feri-la. Isso fez com que ele quisesse ir atrás do homem e matá-lo. Igualmente ele lutou contra um forte desejo de puxar Catherine em seus braços e abraçá-la.

"Sinto muito", sua boca se moveu e apertou sua mão.

"Me desculpe por não ter me aproximado de você hoje à noite. "

Ele balançou a cabeça, aceitando as suas desculpas e também oferecendo a sua compreensão de por que ela o ignorou. Talvez ela tenha entendido tudo o que seu assentimento transmitia. Ou talvez não. A Sra. Albright se aproximou ao lado deles, ela olhou para Jim e começou a conversar com Catherine.

Ela puxou o braço de Catherine. Com um pequeno sorriso para Jim, Catherine se permitiu ser puxada para longe dele.

A observou ir até que John Walker entrou em sua linha de visão.

"Bom trabalho". Walker agarrou a mão ferida e apertou-a, o fazendo estremecer e grunhir.

Jim assentiu e puxou sua mão. Outros vieram até ele, batendo em suas costas ou no ombro e dizendo coisas para ele, com sorrisos em seus rostos, e respeito em seus olhos. Ele era a nova sensação para ser vista em vez de passar desapercebido, mas com foco de muitas pessoas, ele ficou um pouco incomodado após ser ignorado durante todos os dias pela a maior parte de sua vida. Ele desejava ficar sozinho. Dr. Halloran esteve ao lado dele novamente, acenando. "Vem comigo".

Dean lançou um braço sobre os ombros de Jim, quase o levantando sobre pés, gesticulando descontroladamente com a outra mão. Sua boca estava em movimento, mas Jim estava exausto demais para tentar ler lábios então ele simplesmente sorriu e acenou com a cabeça.

Ele permitiu ser arrastado juntamente com Dean e seus pais para o consultório médico para ter a mão enfaixada.

* * * *

Jim dobrou-se mais abaixo no pescoço do Cruzador, o vento batia em seu rosto enquanto ele andava pelo terreno aberto. Fechou os olhos e imaginar-se como um falcão voando alto acima da terra, selvagem, livre, sem limites. Cavalgar sempre o fazia sentir-se invencível, como se pudesse fazer qualquer coisa, lidar com o que o mundo atirasse para ele. Seu corpo e sua mão ainda doíam pela luta da noite passada, mas valeu a pena um pouco de dor para ter um momento de liberdade para si e para o cavalo.

Pobre Cruzador tinha ficado enfiado dentro do estábulo ou na baia durante toda a semana, e era bom correr na medida em que Jim o deixava. Rasmussen nunca fez isso com qualquer um dos cavalos, e com o novo trabalho de Jim não tinha tido tempo de acompanhá-los. Ele questionou como alguém que não se importava muito com os cavalos decidiu ter seu próprio estábulo.

Finalmente percebeu que tinha cavalgado o bastante, Jim controlou as rédeas do Cruzador e o deu a volta em direção a cidade. Broughton se via pequena no horizonte, como blocos de criança montado sobre a grama. Jim lembrou os quadrados e retângulos de madeira que ele tinha brincado quando menino, passou horas construindo casas, pontes, celeiros e fortes. Vendo a pequena Broughton, era difícil imaginar as pessoas que viviam ali cuidando de suas vidas, cada um com planos, esperanças e emoções que mantinham escondido no interior.

Quando se aproximava da cidade pareceu ficar maior. As ruínas carbonizadas da casa e celeiro dos McPhersons estava à sua esquerda. Ele olhou para eles e pensou na conversa que ele tinha

testemunhado entre Karak e o homem de olhos caído, que agora estava sentado em uma cela de prisão assim que ele ficou sabendo. Não havia como esses homens serem liberados após o que tinham tentado fazer com Catherine. Se de alguma forma Karak convencesse o xerife a aceitar outro suborno, Jim iria encontrar alguma maneira de impedir que esses homens ferissem alguém novamente mesmo que ele tivesse que matá-los.

Será que ele realmente faria isso? Ele não era um assassino. Mas trabalhar para um homem como

Grant Karak o tornaria tão ruim quanto seus homens? Jim acreditava que Karak e sua tripulação eram culpados pelo incêndio nos McPhersons mas ele ainda não disse a ninguém. Ele tinha certeza de que as mercadorias que ele descarregou do trem eram roubados, mas ele aceitou o pagamento pelo seu trabalho e manteve seu conhecimento para si mesmo. O quanto ele era melhor do que qualquer outro capanga de Karak?

O vento, a cavalgada trouxe uma sensação revigorante evaporando as preocupações que se reuniam em sua mente. Caso fosse ele deveria tentar explicar ao policial o que ele sabia ou ficaria calado e aceitaria dinheiro de suborno? Será que o policial daria atenção ao Jim se o mostrasse um desenho ou oferecesse para levá-lo até o galpão? Era melhor ficar quieto um pouco mais. Da próxima vez Karak lhe pedisse para ficar depois do trabalho, ele buscaria dentro de uma ou duas das caixas e descobrir exatamente o que ele estava roubando.

A cidade estava calma quando Jim andou em direção ao estábulo. Era domingo e todos os bons cristãos estavam na igreja. O resto estava dormindo depois de uma noite no Crystal. Nem todo mundo assistiu o baile local mas era no Murdoch que provavelmente noite passada fora ocupado como qualquer outro sábado. Dentro do estábulo, Jim desmontou e se inclinou para alcançar a cela e retira-lo em volta do cavalo. . Depois de deixar ao lado, ele agarrou a cabeça do Cruzador para levá-lo à sua baia. Ele olhou para cima e congelou pela visão na frente dele.

Catherine estava no interior escuro do estábulo tão fresca como a primavera em um pálido vestido lilás. Ela sorriu para ele, e seu coração expandiu, enchendo o peito quase dolorosamente, como se fosse realmente explodir pela felicidade.

Ele estendeu a mão e ela caminhou em direção a ele e a segurou.

Capitulo Vinte

O benefício de ser abordada por homens bêbados e ser quase arrastada para um beco escuro é que Catherine, facilmente convenceu a Sra. Albright que ela precisava ficar em casa e descansar ao invés de ir na Igreja. Não houve necessidade de fingir uma tosse ou mentir ter dor de cabeça. De sua janela, ela pode ouvir os cânticos da igreja e do fluxo de pessoas entrando. Ela rapidamente se vestiu e se apressou a descer e sair pela porta da frente.

Na noite passada, ela havia aprendido várias coisas sobre si mesma. Ela era uma covarde desprezível e ela amava Jim Kinney, e não apenas porque ele voou como um anjo vingador na escuridão para protegê-la daqueles homens. Algo clareou em sua mente quando ele estava na frente dela, sendo golpeado na lama, e ela tinha tomado a sua mão.

Uma emoção que ela não podia negar que subiu através dela.

Tudo tinha acontecido tão depressa que nem parecia real. Num momento ela estava querendo saber como pedir desculpas a Jim para desprezá-lo, no seguinte, ela estava sendo atacada, em seguida, Jim estava lá, a salvando. Ela o viu lutar como um gato selvagem, torcendo, chutando, dando socos e gritando sem palavras, e grunhindo. Ela estava apavorada que ele pudesse ser morto, mas Dean Gunderson chegou rugindo como em um motor a vapor. No que pareceu ser um segundo, a luta acabou. Nathan tomou uma declaração dela e ele e o xerife prenderam os homens.

Catherine havia empurrado através da multidão das curiosas mulheres em direção a Jim. Esse foi o momento em que uma luz acendeu dentro dela.

Viu ali sozinho, esfarrapado e sangrando, mas com os olhos ainda brilhando pelos seus sentimentos por ela, as infinitas dúvidas do passado, se evaporaram e uma luz iluminou a verdade.

Eu amo este homem. Certo ou errado. Os obstáculos que se danem. Eu amo ele.

Ela poderia ter seguido e o abraçado na frente de metade da cidade, mas ainda havia um pouco da voz de sua mãe a repreendendo para se conter. As convenções sociais atou Catherine como um espartilho e ela não fez mais do que segurar sua mão e oferecer-lhe suas desculpas. A Sra. Albright a tinha puxado para longe dele, e quando ela olhou para trás, os homens cercaram Jim.

Mas Catherine sabia que ela iria para ele na primeira oportunidade e orou para ele perdoar o cruel tratamento que recebeu dela.

Quando ela chegou no estábulo esta manhã e não encontrou nenhum sinal dele, ela tinha ficou severamente desiludida, até que ela viu a barraca do Cruzador vazia, Jim deve ter decidido sair para dar um passeio. Ela acariciou alguns dos cavalos, em seguida, sentou-se num fardo de palha para aguardar retorno de Jim, estava grata por Rasmussen não estar ali para questionar a sua visita numa manhã de domingo.

Ela ouviu o barulho das batidas rítmicas do casco antes de Jim e Cruzador entrarem pela porta. Jim montava o cavalo enorme, com uma graça e facilidade na sela, dando um salto em seu pulso. Ele não a viu esperando por ele, e ela gostou de observar como ele desmontava e removia a sela. Tinha a mão enfaixada e a bochecha esquerda inchada, ferimentos recebidos por sua causa, desejava segurá-lo e beijar todos seus machucados.

Então ele a viu,e novamente a sua expressão continha pura alegria e prazer com isso sua garganta tornou espessa e seus olhos se encheram com lágrimas. Seus lábios se abriram um pouco e por um momento, parecia que ele iria dizer alguma coisa, talvez o nome dela. Ela quase esquece que ele não podia, havia tanta comunicação através de seu glorioso sorriso e o calor em seus olhos.

Caminhou em direção a ele, tomando sua mão enfaixada.

Ele deu a ela, um pequeno sorrindo quando segurou sua mão suavemente e a levou nos lábios.

"Eu sinto muito ", disse ela, olhando em seus olhos. Ela deixou sua mão para dizer a mesma coisa em sinais.

"Eu sinto muito pela forma como eu ignorei você na noite passada. Eu gosto de você, mas eu me preocupo muito com o que as pessoas pensam. "

Ela fez sinais das palavras que ambos conheciam e representou as outras. No final, ela apontou para ela. "Mal".

“Não. Não mal. Eu entendo.”

Com uma série de gestos ele ilustrou o quanto ele tinha para perder e ele não tinha nada.

Quando ele terminou, as suas mãos caíram aos seus lados, imóveis.

Tivemos uma conversa sobre coisas importantes e dissemos tudo silenciosamente, ela estava maravilhada. *Imagine o quanto podemos nos comunicar depois de anos de prática.*

Jim gesticulou em direção ao Cruzador, e Catherine acenou com cabeça. Ela olhou como ele eficientemente retirava a sela do cavalo e o afagou, o devolvendo a sua baia. Ele guardou a sela,

e lavou as suas mãos se voltando levantando uma sobrancelha.

Catherine levantou os ombros. Não havia muito tempo. Embora houvesse uma social após a missa, as Albrights voltariam para casa em pouco mais de uma hora, e ela deveria estar de volta em seu quarto. Ela não queria perder esses preciosos minutos com Jim dando aula. Ela caminhou em sua direção e ele encontrou sua cintura, a puxando a seus braços contra o seu corpo rígido. Ela esfregou o rosto em seu ombro e respirou o cheiro de cavalo, imaginando que ela poderia mesmo sentir o cheiro do sol e do vento de seu passeio pela pradaria.

Depois de alguns momentos juntos, ao mesmo tempo afastados, como se movidos por uma força interior. Ela inclinou seu rosto para cima. Ele olhou para os seus lábios e inclinou-se lentamente para beijá-la. Sua mão embalou a parte de trás do pescoço dela e ela sentiu cócegas pela atadura em sua pele. Sua mão apertou suas costas, puxando seus quadris mais perto dele. Seu sexo se contraiu em resposta à fricção do duro volume contra ela, e a memória dele empurrando na outra noite aumentou a sua excitação.

Sua respiração acelerou quando ela fechou os olhos e se entregou a sensação de seus lábios se movendo contra os dela. Ele sugou o lábio inferior em sua boca, puxando suavemente antes de soltar. Sua língua deslizou entre os lábios e enrolou em volta da dela. Um pequeno gemido subiu em sua garganta pelo seu delicioso calor e umidade. Ela se agarrou a ele, querendo mais dele do que ela poderia ter parada no meio do estábulo.

Catherine se afastou da sua boca a seduzindo com um suspiro. Ela apontou para o seu quarto e gesticulou,

"Cama?"

Seus olhos se arregalaram e ele olhou para ela para ter certeza de que ele tinha entendido corretamente.

Ele olhou para seu quarto e voltou para ela.

"Cama?" gesticulou.

"Sim".

Ela acenou com firmeza, aceitando o compromisso do passado.

Jim engoliu à seco, balançando o seu pomo de Adão. Ele assinalou,

"Cama. Pequena. Muito pequena. "

Seu dedo polegar e ilustrou um incremento pequeno, então ele apontou para o sótão.

Catherine apontou também,e acenou com a cabeça.

Uma vez mais, ela subiu a escada para o sótão. Ela respirou o maduro, aroma de levedura de feno fresco, a poeira flutuou no ar quando os pés dela bateram no joio.

O ranger do assoalho anunciou a presença de Jim atrás dela. Ele trouxe os cobertores de seu

quarto, e ele apontou para um local perto da pequena janela, onde uma corrente de luz derramado no interior.

Quando cruzaram o sótão, Catherine sentiu ampliar o silêncio na atmosfera. Ela ouviu a respiração tranqüila de Jim, os movimentos dos cavalos no estábulo abaixo, e o barulho das pombas no telhado. Sua pele picava, seus cabelos se arrepiaram como que eletrificados pela antecipação. O toque de Jim em seu cotovelo para orientá-la fez uma conexão entre eles, como um fio telegráfico, um transmissor silencioso das mensagens. Ela quase parou de respirar quando tomou o aroma de feno, disparando seu espirro. Jim deu uma pequena risada a banhando de calor em seu corpo pela excitação, era como ter uma febre, mas muito mais prazeroso. Estendeu os cobertores sobre uma deriva de feno, diante dela e estendeu a mão.

Seu estômago balançou quando a realidade do momento a atingiu. Eles não estavam ali para apenas dormirem juntos e beijar. Ela estava realmente pronta para isso, para fazer o que os homens e as mulheres faziam juntos, mas que um homem e uma mulher faziam? Ela olhou para os solenes olhos escuros de Jim, ofereceu-lhe a mão.

Sim. Ela estava pronta. Isso era o que ela queria.

Ela tomou sua mão, e ele a puxou para baixo com ele para o ninho de cobertores. O feno compactou sob o peso de seus corpos, e Catherine pode sentir o duro piso de madeira por baixo. Jim nunca deixou seu rosto, como se ele pudesse ler todos os seus pensamentos pelas menores de suas expressões. Ele pareceu sentir seu nervosismo e não a beijou imediatamente, mas colocou seu

braço em volta de suas costas, a puxando mais perto. Ele segurou a mão dela. Atando com os dedos dela, com o se polegar fazendo longos círculos em sua palma. Um prazer irradiada através seu corpo, onde o polegar acariciava, e ela suspirou.

Como ele fazia isso com apenas um toque delicado?

A mão dele era bronzeada e áspera, as articulações inchadas e aranhadas pela briga de ontem à noite. Contrastando com os seus pálidos, dedos finos e delicados incapaz de fazer um pequeno trabalho pesado. Ela nunca tinha feito nenhum trabalho físico em sua vida. Sempre houve funcionários na casa de seus pais. Ela era bem-educada, mas provavelmente não poderia fazer uma simples refeição, embora tivesse aprendido a lavar pratos e ajudar com as tarefas domésticas com os McPhersons. Que tipo de companheira ela poderia ser para um operário, que estaria esperando uma mulher que saiba cozinhar e cuidar da casa?

Ele levou a mão na boca e apertou seus lábios na palma da mão, e ela parou de se preocupar com seus medos. Imergiu na sensação de sua boca a tocando, seu hálito quente acariciando-lhe a

mão. Ela se emocionou com a beleza de seu cabelo escuro caindo sobre a testa e seus espessos, cílios negros abanando contra seu rosto. Com os olhos fechados, ele parecia extasiado com o toque da mão dela contra o seu rosto, sua expressão era como uma pintura de um anjo ou santo meditando sobre Deus. Ele era tão impressionante com seu estreito nariz, queixo e lábios sensuais cortados. Seus olhos se abriram.Com as meias pálpebras e repleto de sonhos, eles encontraram com os dela com uma fome crua. Um arrepio de excitação passou por ela pelo seu faminto olhar.

Jim se aproximou e tocou o seu rosto com a mão direita enfaixada. Ela tragou uma respiração quando ela viu o quanto inchados e roxo seus dedos estavam abaixo da atadura. Ela tomou sua mão para examiná-los e beijou cada um dos dedos. Ele fez um pequeno som e quando ela olhou para ele, ele estava a observando atentamente.

Ela se inclinou para beijar-lhe os lábios, maravilhada com a forma como eles se renderam a dela, mas ficaram fortes e desafiadores quando ele beijou-a de volta. Catherine estava em cima dele, sentindo a dureza dos músculos e ossos de seu corpo abaixo dela, e seus braços fortes em torno de sua cintura. Ela não tinha colocado o espartilho, assim, havia apenas um vestido e uma camisola fina separando os seios de seu peito sólido. Sentia-se decadente por ter os seios soltos e percebeu que, no fundo, ela sabia que eles ficariam juntos dessa maneira, assim quando ela se vestiu para vir

ali hoje.

Jim gemeu em sua boca enquanto deslizava as mãos para cima e para baixo em seu cabelo, soltando de seus grampos, ele rosnou em torno de seus dedos antes de puxar gratuitamente. Seu suave gemido de prazer e seus apaixonados beijos alimentaram o calor em seu corpo como o despertar da primavera com o sol depois de um inverno muito frio. Todas as suas dúvidas e hesitações foram esmagados sob uma forte onda de pura luxúria.

Virando ela de costas, ele trabalhou nos botões na parte da frente do seu vestido, seus inchados dedos foram desastrados. Ela gentilmente afastou sua mão e desabotoou o corpete até a cintura, e seus próprios dedos tremeram ao executar a ação. Seus olhos brilhavam quando eles focaram na imagem de seus seios por baixo da camisola quase transparente.

Deslizando a mão dentro do corpete aberto, ele embalou e apertou levemente.

Catherine gemia de prazer enquanto ele acariciava um de seus montes, depois ao outro, endurecendo os pico do mamilos com suaves beliscões de seus dedos. Jim baixou a cabeça e sugou um pico ereto em sua boca, molhando o tecido se moldando no corpo dela como papel machê.

A quente sucção de sua boca enviou choques elétricos do peito descendo até seu centro. Ela

apertou as coxas juntos contra um fluxo de umidade.

Ele enfiou a mão por baixo da camisola, empurrando acima de seu peito para revelar-lhe os seios. Sorriu quando ele olhou para seus seios. Seus mamilos ficaram mais duros e enrugados e seu rosto queimou pelo seu olhar. Passou a ponta dos dedos em toda a volta dos seios, a fazendo tremer de antecipação e, em seguida abaixou a cabeça para mamar outra vez.

Catherine descansou a mão na parte de trás de sua cabeça, passando os dedos na maciez do seu cabelo, arqueando as costas, oferecendo-lhe os seios à sua boca quente. Ele soltou seu mamilo molhado e esfregou seus seios, beijando-os por toda parte. Todos os seus dedos brincavam incansavelmente com seus mamilos, puxando e acariciando eles.

A tensão e a umidade escorregadia entre as pernas aumentaram. Prendeu a respiração quando Jim deslizou a mão pelo estômago e abaixo do cós da saia dela.

Através do tecido da calcinha ele tocou a junção das coxas, onde sua necessidade era mais forte. Esfregou ali e ela levantou-se sob sua mão.

Jim lambeu a parte inferior dos seios e beijou abaixo de seu tórax até o estômago; suaves beijos que faziam sua carne tremer. Sua respiração era superficial, crescendo quando ele colocou a cabeça na barriga dela, afrouxou o cordão de sua calcinha e a penetrou como dedo.

"Oh!"

Ela deu um grito assustado e agarrou um punhado de seus cabelos quando ele tocou seu sexo. Seu dedo roçou a carne dura no ápice, fazendo suspirar tolamente por essa elétrica corrente correndo através dela. Enfiou o dedo menor, mergulhando entre suas dobras e explorando seu corpo. Jim emitiu um som suave, em sua garganta, que derreteu suas entranhas.

Seu rosto queimou quando ele tomou sua umidade com os dedos, deslizando-as em torno da entrada de seu corpo. *Certamente ele não iria colocá-los lá dentro.*

Ela sabia que era o pênis do homem que deveria entrar lá, mas não tinha imaginado havia outras partes ele poderia pentrar ali.

Ele beijou sua barriga enquanto ele suavemente sondava seu corpo. Catherine pressionou no lugar, com os lábios sua vagina tencionando em torno de seus dedos, os agarrando. Ela não tinha certeza sobre como se sentia com a intrusão. Sentiu desconforto,quando ele retirou os dedos e se moveu de volta para a carne sensível. Catherine relaxou sob o movimento de círculos de seus dedos. Ela poderia chegar ao orgasmo com mais um pouco disto.

Mas Jim abandonou seu sexo, levando o calor de sua mão. Ele sentou-se para desabotoar a camisa, a tirando em um movimento suave. Seu olhar seguiu a musculatura de seus ombros e no peito, o achatamento do estômago e a pista de cabelos escuros desde seu umbigo até o cós da calça.

Catherine levantou o torso para que ele pudesse puxar o corpete do vestido para baixo dos braços e tirar a camisola. Com ambos nus na parte de cima, ele a puxou próximo a ele. Seus seios derreteram contra seu peito duro. A sensação de pele contra pele foi surpreendente, como tocar em cetim ou seda. O ar fresco fez cócegas em suas costas nuas, e as mãos de Jim percorriam sua pele, deixando rastros de calor pelo seu toque. Elas pararam quando chegaram na pequena anágua bloqueando suas nádegas. Catherine queria sentir suas mãos em todo lugar.

Ela estava pronta para remover seu vestido e deixá-lo ver e tocá-la onde ele tivesse vontade. Seu rosto enterrou em seu ombro, ela respirou seu perfume masculino, sentiu sua respiração e ouviu os suaves sons de gemido que ele fazia em sua garganta quando a tocava.

Seus lábios pressionaram contra a lateral de sua cabeça, pescoço, ombro. Sentia-se tão quente envolta no círculo de proteção de seus braços.

Após alguns momentos, ele se afastou dela, embalando seu rosto em suas mãos e inclinou-se para beijá-la novamente. A bandagem de seu curativo arranhava contra seu rosto e seus dedos eram quentes contra sua pele, o sabor da sua boca macia e a suavidade de sua língua, o ar empoeirado, o leves som dos cavalos - todos esses detalhes tinham um grande significado.

Eu nunca vou esquecer deste momento. Não importa o que possa acontecer mais tarde, eu sempre vou me lembrar disso.

Jim levantou-se e a puxou até ficar de pé. Ele a ajudou retirar o vestido e a saia, desabotoou seus sapatos e desatou suas ligas. Sentou-se novamente e ele ajoelhou-se a seus pés para puxar seus sapatos e as meias e acariciando seus pés. Quando ele embalou um pé em suas mãos e beijou o topo do mesmo, ela exalou um gemido. Ele acariciou-lhe o pé, massageando firmemente ao meio com seus polegares provocou outro suspiro nela. Ele olhou para o rosto dela para buscar sua reação, e sorriu. Ela deveria ter uma expressão de felicidade para coincidir com o que ela estava sentindo.

Depois que ele esfregou seus pés, ele sentou-se para remover seus próprios sapatos e meias, então começou a desatar as calças. Catherine tremeu com a brisa que soprou da janela aberta e cruzou os braços sobre os seios nus, de repente auto-conscientes.

Era inacreditável ela estar sentada ali vestida apenas com suas calcinhas, assistindo a um homem despir-se. Ela estava prestes a ver o bojo duro em suas calças para descobrir seu pênis, e não era como uma estátua de mármore em um museu.

Jim terminou por desfazer a linha de botões e hesitou por um momento, sua língua passou sobre os lábios traindo seu nervosismo. Ele empurrou as calças para baixo abaixo das suas pernas, revelando um par calções que se ajustavam firmemente na sua forma, terminando um pouco

acima dos joelhos. Ela podia ver claramente a forma de sua ereção, lutando contra o tecido, e ela engoliu. Parecia grande, nada como os pequenos membros que poderia ser facilmente encoberto por uma folha de figueira nas estátuas gregas que ela tinha visto no museu.

Catherine lembrou de sua mãe lhe alertando, num o tom forte quando ela iria se entregar uma muito breve, uma explicação clínica da relação sexual, em preparação de Catherine com seu casamento se aproximando. Ela entendeu que o membro masculino se erguia e entrava o corpo da mulher para realização do ato da procriação, mas ela não contava que ele teria esse tamanho.

Jim se abaixou cobrindo o corpo. O cobertor grosso e lascas de feno cutucaram através do cobertor arranhando sua pele nua. Ela virou a cabeça para espirrar com a poeira fazendo cócegas no nariz, e quando ela voltou, ele estava olhando para ela, a cabeça encostada em sua mão.

Senhor, poderia se afogar naqueles olhos insondáveis e nunca mais reaparecer.

Ele tocou-lhe o pulso, deslizando a palma da mão até o ombro, virou a mão e arrastou através de suas costas lentamente até a mão dela novamente. Ela estremeceu. Mesmo que ele não os tivesse tocado, seus mamilos endureceram. Seu sexo latejava e ela queria que ele tocasse ali entre as pernas.

Mas ele não fez, e nem se inclina para beijá-la. Em vez disso, ele passou a ponta dos dedos sobre sua testa, nariz, bochechas, queixo e lábios, como se fosse cego e não surdo e essa fosse a sua única forma de vê-la. Seus dedos fizeram uma pausa no oco de sua garganta com ele sentindo seu batimento cardíaco. Ele traçou as linhas nítidas de sua clavícula, e as ondas suaves de cada mama,

e enquanto ele tocava a todas as partes, seus olhos nunca deixaram seu corpo. O delicado afago de seus dedos feito em cada centímetro quadrado de seu corpo, e seu olhar de fascínio, a fez se sentir como se fosse a mulher mais bela, e mais desejável na Terra.

Ela estremeceu com a intensa tensão. Seu sexo se abriu, ansiando e desejando, querendo ser preenchido, e ela compreendeu que o seu corpo estava respondendo naturalmente aos desejo mais básicos da humanidade, para ter relações sexuais. Um parte de sua consciência estava preocupada e censurava moralmente e socialmente indo contra o que eles estavam prestes a fazer, mas ela se recusou a deixá-los entrar aqui, neste sótão, era um espaço além das regras da sociedade. Ela deixou a natureza tomar o controle.

Jim envolveu um braço ao redor dela e a puxou para perto dele. Ele beijou-a, macio e suavemente, então um pouco mais forte, a língua sondando sua boca como a ereção cutucando

seu entrada. Através da fina camada de tecido que sentia cada centímetro de seu comprimento friccionando contra ela. Suas calcinhas umideceram com sua dureza deslizando sobre o botão em seu sexo. Ondas de prazer irradiou a partir do contato deste ponto. Ela gemeu e apertou-se contra ele.

Um gemido reverberando em seu peito foi a sua recompensa, e sua mão deslizou pelas costas para apertar seu traseiro, puxando-a para mais perto ainda. Sem palavras a sua necessidade de estar dentro dela era visível. Ela entendeu, porque sentia uma necessidade de responder e tê-lo dentro dela, abrir-se e aceita-lo em seu corpo.

Liberando seus lábios, ele inclinou abaixo dela. Ele beijou o caminho para seus seios novamente. Depois de amar a cada um deles por alguns momentos, ele moveu, lambendo e beijando costelas e barriga dela, enquanto ela se movia e se contorcia de prazer ao fazer cócegas. Ele tirou sua roupa interior sobre os quadris e as pernas, expondo seu sexo a sua visão. Seu impulso foi o de se cobrir as mãos sua virilha. Mas Jim as removeu, balançando a cabeça e dando um grunhido. Ele segurou as mãos para que ele pudesse olhar para o triângulo de pêlos e as dobras de pele abaixo. A carne de Catherine brilhava como se estivesse pegando fogo com o calor em seus olhos famintos.

Deslizando suas mãos, ele cutucou para abrir suas pernas, a expondo toda para a sua visão. Mais uma vez ele correu os dedos para cima e para baixo sobre ela, brincando com o broto ereto e mergulhou um dedo depois dois em sua entrada, invadindo suavemente, deixando a se ajustar à seu toque. Ele acariciou dentro e fora até que ela relaxou. Então, ele fez algo tão chocante, tão primitivo, que a fez suspirar. Levantou os dedos ao nariz, e os cheirou. Os tocando com a língua, ele provou sua essência. Seus olhos fecharam e ele sorriu como se tivesse apreciando o doce mais requintado de um banquete.

Seus lábios se separaram em um suspiro sob o calor escaldante de seu corpo em chamas quando ele fez algo ainda mais chocante. Com uma mão apoiada em cada uma de suas coxas, curvou-se ao seu sexo e simplesmente respirou. Inclinando-se mais perto, ele pressionou os lábios sobre ele. Seu coração trovejou e ela girou a cabeça vertiginosamente como se fosse desmaiar.

Será que as pessoas faziam tais coisas? Isto estava terrivelmente errado?

Parecia tão primitivo, algo que apenas um animal poderia fazer, mas era incrível, especialmente quando sua língua moveu sobre o pequeno broto ereto.

Catherine fechou os olhos e gritou, arqueando os quadris, elevando à sua maravilhosa boca, que a tomou como um gato lambendo seus pêlos. Ela não se importava como que os outros faziam ou não. Isto era muito bom para se arrepender. Com a sua persistente língua a acariciando os impulsos mais profundo do desejo cresceram mais forte, mais nítida, mais brilhante. Ela

respirava em rajadas e seu gemido leve tornou-se um gemido agudo quando a sua excitação cresceu. As ondas cresciam mais rápidas e mais intensamente até que a tensão apertou e explodiu. Ela gritou como tremor de prazer quebrando e brilhando como cacos de vidros se quebrando. Seu corpo curvou, as nádegas levantaram do chão e arqueou o pescoço.

Sentiu-se distante de seu corpo por um momento ainda completamente ciente das ondas de êxtase percorrendo seu corpo, seu batimento cardíaco, e o sangue correram em suas veias. Um dos os cavalos relinchou abaixo, talvez em resposta ao seu clamor. Um besouro azul voou monotonamente. O sol e a brisa derramaram sobre seu corpo. A língua de Jim cessou as lambidas em seu sexo e seu hálito soprou calorosamente contra ela. Catherine experimentou a todos estas caricias íntimos, mas ao mesmo tempo, era como se ela estivesse a milhas acima de seu corpo.

Aos poucos, sua respiração atenuou e ela voltou a si mesma. Ela abriu os olhos e olhou para baixo. Jim estava olhando para ela, os olhos fixos em seu rosto. Ele pressionou um beijo rápido em seu estômago antes de subir e deitar em cima dela.

Ela deslizou os braços em torno de suas costas, sentindo o poder de seus músculos sob sua pele suave e quente. Ela deslizou as mãos até a cintura e desceu, se atrevendo a sua aderir em seu traseiro. Sentiu abaixo do material de suas calções os músculos tensos e a frente o rígido músculo de sua virilidade pressionando contra ela. Seu corpo estava quase tremendo pela necessidade.

Catherine olhou em seus olhos curiosos e assentiu.

Jim levantou, se ajoelhando acima dela para desatar o cordão de seus calções e deslizou – caindo de seus quadris. Seu pênis cortou gratuitamente, se projetando a partir da virilha com encaracolados pêlos escuros. Ela pegou apenas um vislumbre do eixo, denso e escuro, com a cabeça quase roxa e o saco pesado abaixo, antes de Jim puxar as calças e as jogasse ao lado. Ele desceu sobre seu corpo e guiou seu membro a sua abertura.

Os lábios de seu sexo se esticaram em torno do seu perímetro, antes de o seu eixo deslizar lentamente para dentro. Os ombros e braços de Jim estavam tensos por suportar seu peso sobre ela. Seu rosto estava muito tenso.

Ela podia sentir seu desejo palpável radiante de seus olhos e na prova sólida entrando em seu corpo. Mas ele estava se segurando. Sua preocupação a tocou. Ela o incentivou ele com um sorriso. Ele exalou um suspiro e empurrou para dentro.Catherine havia sido avisada para esperar alguma dor. Mas o simples deslizar de seu pênis em seu canal não doía nada, apenas estava apertado. Ela gostava da sensação de estar cheia, e apreciou a expressão de êxtase no rosto de Jim. Seus olhos estavam fechados e seus lábios entreabertos em um aspecto feliz.

Seu pênis atingiu uma barreira dentro dela e empurrou insistentemente por ela. Houve uma sensação de queimação e seu corpo ficou tenso, os músculos internos reprimiram duramente parando seu impulso inexorável. Ela choramingou e enrijeceu abaixo dele, com os dedos cavando em suas costas.

Jim abriu os olhos. Levou um momento a se concentrar nela, como se ele estivesse voltando de muito longe. Ele parou de empurrar e se manteve perfeitamente, esperando seu sinal para continuar ou desistir.

Ela lambeu os lábios e assentiu.

"Siga", ela sussurrou.

Ele retirou o seu comprimento total dela e empurrou de novo. A passagem foi mais fácil neste momento, embora ainda dolorido. Ela queria relaxar e aceitar um pouco de dor acompanhada de muito prazer. Porque era agradável. A sensação em volta e segurando-o dentro dela, uma parte viva dentro de seu corpo, foi surpreendente. O sentimento de união, tanto em corpo e espírito, foi tão satisfatório que valeu a pena um pouquinho de desconforto.

Suas pernas se abriram ampla e plana sobre o feno. Jim desceu um braço até agarrar a sua coxa e puxar a perna para cima. Catherine seguiu o exemplo do outro lado assim que seus joelhos estiveram dobrados e os pés apoiados no feno escorregadio. Agora suas pernas embalavam seus quadris, e seu pênis batia num lugar profundo dentro dela.

O ângulo foi muito melhor.

"Oh", ela engasgou e deslizou as mãos pelas costas a curva de suas nádegas.

Seus olhos fecharam e ela esteve imersa nas sensações primitivas de ato, saboreando os músculos rígidos enrijecer e relaxando sob suas mãos, os duros suspiros de sua respiração e seus grunhidos suaves, o seu suor, deslizando sobre a pele dela, o som de suas barrigas se tocando juntos. No fundo de seu núcleo, onde a cabeça de seu membro o atingia, uma onda de calor e prazer se fundiram e ficou mais forte. Ela levantou para responder os seus impulsos em vez de simplesmente aceitá-los, com ele impulsionado em seu interior de novo e de novo.

Jim impulsionou mais rápido, mais duro, com menos cuidado, seus gemidos aumentaram. Os sons desesperados que ele fez a excitaram além de toda a sua razão e a crescente tensão dentro dela abruptamente explodiu. Ela suspirou de prazer estremecendo através dela. Não era o êxtase intenso que ela tinha experimentado com a língua de Jim sobre seu sexo, mas algo mais profundo que sacudiu seu núcleo.

Quase simultaneamente, Jim gritou e se retirou de dentro dela. Catherine se sentiu quase destituída pela perda. Seu eixo bateu em sua barriga quando ele empurrou em sua virilha. Um quente líquido caiu sobre sua pele. Jim pressionou o rosto em seu ombro enquanto ele movia

contra ela. Seus impulsos se abrandou, depois parou, e ele se deitou em cima dela, respirando irregularmente.

Ela acariciou o comprimento de suas costas ofegante, estremecida pelo seu orgasmo e tocada por sua consideração em retirar para fora. O risco de gravidez, que deveria ter sido mais importante em sua mente, mas ela estupidamente mal considerou.

Quando perdeu seu senso comum?

Varridos por uma onda de paixão e emoção, que pareciam estar.

Ela penteou os dedos pelos cabelos dele, apreciando os finos fios. Ela gostava dele mais longo. Havia mais para acariciar. De repente alguma coisa afiada espetou-lhe a mão.Ela gritou e sentou-se, empurrando Jim com ela. Ele rolou de lado, de imediato, em alerta.

Catherine procurou a origem da ferida para ver a traseira de um gatinho desaparecer no feno, com a cauda levantada reta como um mastro. Finas listras vermelhas marcaram a sua mão onde tinha sido arranhada. Sua mão se movia preguiçosamente deve ter facilitado o ataque.

Sorrindo, ela virou-se para Jim e encontrou-o sorrindo de volta. Ele levantou um canto do cobertor, e limpou o líquido branco de seu estômago, olhou para ela e deu de ombros. As bochechas dele estavam vermelhas e ela estava feliz em saber que ela não era a única pessoa que se sentia um pouco estranha, agora que seu apaixonado interlúdio acabou. O pênis dele, estava meio flácido agora, estava muito menos imponente do que tinha sido quando ereto. Ela teria gostado de examiná-lo mais de perto, mas tinha vergonha de fazê-lo.

Ele se inclinou para beijá-la uma vez, alcançando sua roupa de baixo e os colocou. Ela fez o mesmo, batendo o feno para fora de seu vestido antes de puxá-lo até as pernas. Ela procurou por sua camisola cobrindo seus seios, mas Jim colocou a mão em seu braço, a parando. Ele sacudiu a cabeça e a puxou com ele para o cobertor novamente.

"Bom?" perguntou fazendo sinais.

Ela balançou a cabeça, repetindo e reforçando o sinal sublinhando.

"Muito bom".

Seu sorriso estava satisfeito assim quando ele acariciou a mão para cima de seu braço ao ombro. Acariciando sua nuca, ele a puxou para um outro beijo, tão suave e doce que a fez doer por dentro.

"Mm. Eu devo ir ", ela sussurrou contra os lábios.

Ele parou de suas palavras para beijá-la novamente ... e novamente. Finalmente, ele se deitou e a

puxou em cima dele, com a cabeça sobre o peito, o queixo apoiado na sobre sua cabeça.

"Eu não posso ficar", protestou, mas não fez nenhum esforço para se mover. Seu mamilo estava em seu ponto de vista e ela examinou-o com interesse, um circulo escuro de sua aréola com o broto ereto no centro, mesmo ainda assim muito diferente do dela, menor, mais apertado, masculino. Timidamente, ela estendeu a mão para tocá-lo, traçou um círculo ao redor dele, então colocou a palma plana sobre ele. Seus movimentos atraiu outro ataque do gatinho. Uma face um pouco triangular de repente apareceu sobre o topo do braço de Jim, com grandes olhos verdes olhando para ela, e uma mancha branca na ponta da pata arremessou contra a sua mão.Catherine bateu os dedos contra o peito de Jim e o gatinho arremessou pára ela de novo
antes de desaparecer abaixo dos bíceps de Jim. Ela sorriu e bateu sobre a pele,o provocando a jogar mais. Infelizmente, o gatinho atacou com garras desembainhadas as cavando no peito de Jim. Ele grunhiu e saltou. O gatinho correu.

"Oh! Me desculpe. "

Catherine empurrou para cima sobre o cotovelo e se inclinou para beijar os pequenos arranhões acima de seu mamilo. Ela ousou passar a língua e lamber sua pele.

Debaixo do gosto salgado de suor havia a essência da sua pele.

Será que ele gostava da sensação sua boca sobre o seu mamilo, tanto quanto ela gostava da dele?

Ele deu gemido e se moveu por baixo dela.

Ela sorriu presunçosamente e o olhou para seus olhos entrecerrados. Ele empurrou a mão no o cabelo dela, segurando-lhe sua cabeça.

Catherine beijou seu peito e sentou-se. Por mais que ela adoraria ficar ali com ele um pouco mais, ela sabia que seu tempo acabou. Ela não queria ter que explicar para Rowena Albright, onde ela tinha indo tão cedo numa manhã de domingo, quando ela supostamente deveria estar deitada na cama, descansando.

"Eu tenho que ir", disse ela e fazendo gestos.

Jim balançou a cabeça e levantou-se sobre um cotovelo, agarrando o braço e puxando-a para trás em cima dele. "Não." Ele disse em voz alta, uma explosão atonal que soou como, "oh".

"Eu adoraria ficar. Eu realmente gostaria, mas eu não posso. "

Ela começou a se afastar dele, e ele rolou os dois,a fixando sobre o feno. Novamente ele balançou a cabeça. Ele a beijou sedutoramente, provocando a sua boca com mordidelas e lambidas com sua língua, fazendo ela perder o trilho de seus pensamentos. Por mais alguns minutos, ela relaxou sob a pressão deliciosa dos seus lábios e seu corpo a mantendo no lugar. As mãos dela passaram para cada lado da cabeça, e ela gostou da sensação de vulnerabilidade que

lhe deu.

Quando ele finalmente rompeu o beijo e moveu os lábios para seu pescoço, depois ao peito novamente, sugando seus mamilos volta dos picos duros, Catherine saiu de seu transe.

"Não. Eu realmente preciso ir. Não temos tempo para fazer isso de novo. "

Ela empurrou contra o seu agarre, e balançou as mãos por baixo de seu corpo.

"Deixe-me ir agora."

Ele afastou-se do seu pescoço e olhou para cima, com os olhos tão pertinentes pelo o que havia falado.

Seu coração arremeteu e ela desejava poder passar o resto do dia com ele, fazendo amor em seu ninho secreto no sótão.

Ela suspirou.

"Não me dê esses olhos de cachorro triste. Eu tenho que ir. "

Inclinando-se, ele lançou suas mãos, arrastando os dedos ao longo do interior de seus braços, deixando um trilhas de faíscas através deles. Ele se levantou e a ajudou em suas roupas, com grampos e botões. Catherine trabalhou o caminho de seu corpete, enquanto ele se ajoelhou aos pés dela e trabalhou os botões de seu sapato. Ela se levantou e começou a prender seu cabelo, enquanto ele escovava pedaços de feno agarrados em seu vestido.

Verificado o relógio, ela viu que havia apenas alguns minutos restantes antes que os Albrights pudesse chegar em casa da igreja. Por outro lado, eles poderiam não ter ficado depois da missa, quando pela primeira vez Rowena sentiu que Catherine necessitava de sua atenção. Já poderia ser tarde demais para alcançá-los em casa.

"Quando eu te vejo?" Jim fez sinais.

Ela balançou a cabeça e encolheu os ombros. Ele trabalhava durante o período de tempo após a escola no qual ela poderia se dedicar a ele. De maneira nenhuma ela poderia fugir para vê-lo de madrugada.

"Eu não sei".

Seus lábios apertaram, como se ela tivesse dito a ele: *"Nunca"*.

Ela colocou uma mão em seu braço e olhou-o nos olhos. "Eu quero. De alguma forma, nós vamos encontrar algum tempo ".

Ele balançou a cabeça e abriu o caminho para a escada, a desceu e esperar abaixo para tomar-lhe a mão e ajudá-la a descer o degrau. A puxando em seus braços mais uma vez, ele a segurou firmemente por alguns momentos, então, a saltou. Quando Catherine girou para sair, ele pegou

seu pulso, fazendo-a olhar para ele novamente.

"Eu amo você", ele fez os sinais, com os olhos expressivos que significavam mais claramente do que qualquer sinal ou palavras.

Ela hesitou apenas um instante antes de responder:

"Eu te amo".

Era verdade. Ela amava ele, mas o amor não esclarecia a todas as questões que ainda havia entre eles. Tinha dúvidas sobre o significado do amor para eles, que tipo de futuro que eles poderiam ter juntos. Quanto mais ela afundava mais profundo nesta relação, mais o seu perturbado coração continuava a oscilar entre a lógica e paixão.

Capitulo Vinte e Um

As mãos e lábios de Catherine diziam: "Eu te amo", mas seus olhos retiam o que ele esperava ver. Seu olhar se abaixou e suas faces coraram. Ele já não duvidava que ela gostava dele ou estava fisicamente atraída por ele, mas ela não o amava. Não da mesma maneira que ele a amava...incondicionalmente. Se ela o amasse, ele teria visto isso em seus olhos.

Mas isso era de se esperar. Jim disse a si mesmo puxando um cavalo para fora na baia. Ela tinha tudo a perder por amá-lo enquanto ele só poderia ganhar com isso. Mais umas razão para ele continuar trabalhando para Karak, não importando se ele suspeitava do homem. Era o modo mais rápido que podia ganhar dinheiro, e dinheiro significava poder. Dinheiro faziam as pessoas respeitáveis. Mesmo um homem como Jim, que aparentemente não tinha nada a oferecer, poderia ganhar a mulher dos seus sonhos, se tivesse uma perspectiva financeira decente. Assumindo que Karak não o demitiria por conseguir jogar seus homens na prisão novamente. Descansou os braços cruzados na barra superior do curral, assistindo a Lady trotar ao redor como se ela fosse um potro. Sua perna ferida parecia completamente curada.

Jim fechou os olhos e reviveu cada segundo desta agitada manhã. Quase parecia um sonho que se esvaneceria quando ele acordasse completamente. Se ele não decorasse a cada detalhe na memória, a experiência poderia se apagar para sempre. Catherine tinha vindo até ele, de bom

grado, completamente, com a intenção de fazer sexo com ele. Em parte tinha sido uma escolha dele, não empurrar para ir além de alguns beijos, o que fez a união muito mais doce. Foi maravilhoso sentir ela, a beijando, abraçando, saboreando sua essência. Ele tinha de agradecer a Shirley Mae pela dica sobre como usar a boca para estimular a vagina de uma mulher.

Uma noite, quando ainda trabalhava no Crystal, depois do piquenique quando Catherine o tinha deixado acariciar seus seios, ele puxou Shirley de lado e perguntou-lhe o que as mulheres gostavam durante o sexo. Obviamente, a pergunta não tivesse sido tão fácil. Ele teve que trabalhar duro para ela entendesse o seu ponto com muitos movimentos na transversalmente, mas acabou que por fim uma luz acendeu em seus olhos e boca de Shirley tinha formado um "oh" pela compreensão. Ela apontou para sua virilha, fez uma fenda com dois dedos e balançou a língua entre eles, enquanto piscava para ele. Na época, Jim não tinha sido capaz de imaginar colocando a boca lá embaixo, mas quando ele estava com Catherine, esta manhã, parecia a coisa mais natural do mundo. Quando ela chegou a seu pico, os dedos apertando sobre o cobertor de ambos os lados dela, e seu peitos empinaram para o ar enquanto seu corpo arqueava, ele soube que definitivamente Shirley, tinha lhe dado um bom conselho.

Entrando nas profundidades de Catherine tinha sido a melhor coisa que ele já sentiu. Seu escorregadio canal era tão apertado e quente, que ele sentiu como seu membro fosse derreter. Bastava lembrar a sensação de empurrar nela que já tinha outra ereção. Jim descansou a testa sobre os braços cruzados e se entregou a memória. Imagens passaram pela sua mente, seu rosto em êxtase, as lisas dobras de seu sexo, seu pênis sendo engolido por sua buceta, seu canal, seus confiantes olhos em seu olhar, sua boca rindo quando o gatinho o tinha atacado. O cheiro de sexo misturado com um leve traço doce de lírios mais o aroma de feno seria um perfume que ele nunca esqueceria. E o gosto de sua ...

Jim sentiu alguém se aproximando, uma mudança sutil no ar, um tremor sob os pés que o trouxeram de seus devaneios eróticos. Ele virou-se para ver um dos homens da usina de Karak caminhando na direção dele. Jim observou ele procurando ver alguma arma nele ou uma postura agressiva, mas o homem ergueu as palmas das mãos. Ele apontou para Jim e acenou com a mão. "Você. Venha. Karak tem um trabalho para você. Trabalho. Quer? "

Jim verificou para garantir que o portão do estábulo estava fechado e seguiu o homem. Seus pensamentos vagaram e seus sentidos estavam afiados andando pela cidade em direção a usina. Ele olhou para seu companheiro, um homem atarracado com bíceps como presuntos e uma sombra de barba em seu queixo. A atitude do homem não era ameaçadora, mas para onde ele levava Jim ? Karak queria realmente dar emprego para ele ou ele estava irritado com a briga da noite anterior? Se assim fosse, poderia não ser uma simples questão de ser demitido. Jim sabia

que os carregamentos especiais de Karak o colocaram em uma posição perigosa.
Mas o homem corpulento o levou de volta em torno dos edifícios para a faixa onde estava um vagão vermelho parado. A porta estava aberta e os homens que haviam trabalho com ele já estavam descarregando caixas sobre a plataforma.
O atarracado parceiro de Jim apontou para uma carroça de quatro rodas. Jim empurrou a carroça até uma pilhas de caixotes, todos marcados com o símbolo E.U.O mesmo do que da última vez.Ele levantou as caixas pesadas para o carrinho até que derramava suor de seu corpo e os braços e costas doíam. Quando a carroça esteve cheia, ele a empurrou pelo a porta aberta do barracão, se esforçando para movê-lo sobre o chão esburacado e lamacento.

O interior do galpão estava iluminado por uma lanterna. Mesmo com a luz fraca do sol que vinha através das portas o quarto ainda estava escuro. Quase todos os recipientes eram armazenados aqui foram embora, dando um abundância de espaço para a nova remessa.
Jim descarregou a carroça e voltou para a pilha. Outra carroça cheia esperava por ele. Mais uma vez ele lutou pelo terreno irregular até o galpão e após descarregar os caixotes. Algumas caixas eram pesadas, outras mais leves, e sua curiosidade sobre o que estava dentro cresceu ainda mais. As tampas foram pregados por pregos. Não havia como abrir os pregos e fechar no limitado tempo, que ficava sozinho no barracão. Depois de levantar a última caixa sobre o topo da pilha, ele retornou novamente.
O capataz da fábrica, o Sr. Peters, estava lá agora, dirigindo o carregamento nos vagões. Jim fez como lhe foi ordenado, empilhando, colocando óleo nos vagões, e descarregando as caixas que numa hora pareciam como se estivessem cheias de areia e nas outras grãos.
Um par de outros homens cobriam com lonas as caixas, escondendo o conteúdo.
Jim os observou amarrar as lonas e soube onde as mercadorias seriam entregues e se perguntou se seus verdadeiros proprietários reclamaram quando os pacotes nunca chegassem ao seu destino.
Um último carregamento aguardava para ser transportado até o galpão. Peters chamou Jim para fazê-lo, enquanto os outros homens ficaram ao redor conversando.Jim percebeu que essa poderia ser a sua única chance de examinar o conteúdo de uma das caixas. Por um lado, ele não quis saber dos bens roubados que Karak estava lidando. Saber só poderia lhe causar problemas e o faria se sentir pior do que ele já estava por participar deste trabalho. Mas a curiosidade venceu.
Jim entrou no barracão, e olhou para seus colegas de trabalho. Todos eles, e mesmo Peters

estavam num grupo, fumando e conversando.
Ele empurrou a carroça para a pilha de mercadorias, e deu volta para um conjunto de caixas de papelão que seria mais fácil de abrir do que uma caixa de madeira. Ele levava um canivete no bolso e cuidadosamente, cortou a fita que vedava a caixa. Ele ergueu as abas e olhou dentro.
A caixa estava cheia de latas de produtos secos. Ele serpenteou uma mão e levantou uma lata. Tinha palavras escritas as quais ele não soube ler e estava marcado com o selo E.U.A. Devolveu a lata, e fechou a tampa de papelão colocando outra caixa em cima do que ele tinha aberto.Puxando outra na pilha, Jim usou o canivete para forçar a abertura da tampa da embalagem. Esta estava preenchida com sacos de farinha.
Não se admira que tivesse sido tão pesada.

Ele fechou a tampa para baixo tão apertado quanto pôde e olhou para a porta aberta do galpão. Ninguém veio, então simplesmente seguiu empilhando as caixas. Mas ele teve que ver o que havia nas caixas de madeiras que precisava de dois para carregar. A maioria dessas caixas havia sido descarregada em um dos vagões, mas apenas estes dois homens tinham levado para o galpão.
Jim encontrou um pedaço de ferro, ele poderia usar a alavanca para abrir a tampa. Enfiou sob a borda e colocou força até os preços soltaram da madeira. Novamente ele olhou para a porta. Havia somente a terra vazia e céu visível através dele. Forçou para baixo, sobre a esquina da caixa para remover o resto da tampa ainda pregada. Uma lasca bateu em sua mão ferida sob a bandagem. Ele apertou os olhos para olhar no interior e pegou o brilho da luz no metal. Ele sentiu o perfume, metálica oleada de armas. Rifles! Foi o que ele tinha adivinhado, mas saber ao certo enviou uma onda de medo através dele. Armas eram muito mais graves do que mercadorias roubados.
Após um outro olhar para a porta, Jim bateu os pregos no lugar com a barra de ferro.
Ele começou a descarregar o caminhão. Seu coração quase explodia no peito quando ele girou ao lado da pilha e viu a silhueta Grant Karak na porta do galpão.
Jim engoliu em seco e continuou andando em direção a carroça, como se tivesse sido interrompido no meio quando movia uma caixa ao lado. Ele parou e reconheceu a presença de seu chefe com um aceno de cabeça.
Quando Karak se moveu para o edifício, Jim apertou os olhos, tentando ver o rosto dele, mas ele estava sob uma sombra escura contra a luz. Mais uma vez ele teve a impressão de seu olhar de

predador. Ele queria correr para a porta, trancar com o ferrolho como um coelho aterrorizado, mas permaneceu em pé, com a melhor pose casual que poderia reunir.

Assim que a luz atingiu o rosto de Karak revelando suas sobrancelhas grossas, nariz de falcão, bigode desgrenhado e os olhos pratas afiado olhando através de Jim, como se pudesse ler seus próprios pensamentos. Ele baixou a cabeça.

"Como você está?"

Jim deu de ombros.

O homem enfiou a mão no bolso do casaco e o coração de Jim bombou ainda mais rápido. Por um segundo, ele tinha certeza que ele iria sacar a arma e atirar nele, mas Karak retirou um maço de dinheiro.Contou um par de notas, e ofereceu a ele.

"Pelo seu trabalho e pelo o problema da noite passada."

Foi difícil de ler os lábios com o bigode bloqueando sua boca, mas Karak se lembrou de falar devagar para Jim.

Mais do que ele poderia dizer que Rasmussen fez após todos estes anos. Era uma que Karak era um homem mal.

Ele deu um passo mais perto de Jim e tocou um dedo em seu peito.

"Eles não vão incomodá-lo novamente. "

Jim sentiu o toque do dedo de Karak e queria esfregar o peito depois dele ter retirado a mão.

Dois de seus homens estavam presos, e evidentemente, Karak ia deixá-los permanecer lá desta vez. Mas ele não sabia o que tinha acontecido ao homem de barba negra que tinha desaparecido na noite passada.

Karak ofereceu o dinheiro novamente. Jim levantou a mão e aceitou os dólares com um assentimento. Querendo fugir do implacável olhar do homem, Jim apontou para as caixas que ainda faltava para descarregar da carroça.

Karak bateu-lhe no ombro, e o cheiro de tabaco e carne voou em seu rosto.

"Você é um bom homem. É um trabalhador. E eu sei que você vai manter o silêncio sobre o seu trabalho aqui. "

Seu sorriso amigável enviou um frio na espinha de Jim. Ele piscou e pressionou um dedo nos lábios.

Jim não respirou até que Karak tinha se afastado. Ele rapidamente terminou de descarregar as

últimas caixas, deixou a carroça vazia no canto, e saiu do galpão. A porta do vagão estava fechada. Os outros homens tinham ido. Peters e Karak estava ao lado, falando e fumando charutos.

Quando Jim se aproximou, Peters acenou para ele.

"Você pode ir."

Deu um último olhar em Karak, e para as pistas vazias, então Jim se afastou. Ele orou que ninguém descobrisse que ele tinha violado as caixas. Coçou as costas e ele olhou por cima do ombro para ver Karak o observando. Um arrepio tomou conta dele.

Já era tarde quando ele caminhou em direção ao estábulo. Ele estava quase lá quando o policial Scott o interceptou. Jim sentiu o baque dos passos no calçadão atrás dele. Ele virou-se, esperando ver Karak ou um de seus homens. O policial apontou para ele.

"Você. Venha comigo. "

Antes que Jim pudesse responder Scott o agarrou pelo braço e arrastou-o pela rua. Ele tropeçou, tentando manter o ritmo mais o homem era muito alto. Seu estômago rolou. E agora?

O policial o levou a porta do escritório do xerife, passando pela mesa através da porta para a parte traseira. O cheiro bateu na cara de Jim como um tapa.

Num odor metálico de sangre e de amônia. Ainda segurando seu braço, Scott empurrou Jim para frente dele. Dentro das duas celas estavam dois homens como uma pilhas de trapos que alguém havia descartado. Na primeira um homem estava caído meio para fora da cama, uma perna no chão, com os braços abertos para fora. O sangue escorria de seus dedos para o chão. Era o homem de olhos caídos, o atacante de Catherine. Na outra cela, o seu parceiro magro estava encolhido no canto mais distante, o seu magro corpo feito numa bola como se tivesse tentando não ser um alvo possível.

Jim olhou para os homens caídos e as poças de cor vermelha espalhando por baixo de seus corpos. Com exceção de seus pais, ele nunca tinha visto uma pessoa morta antes. Sua mãe tinha simplesmente parado de respirar um dia. Não tinha tido sangue ou violência. Ele correu seu olhar de um lado para outro entre os dois homens que ele imaginava estarem mortos. O que estava deitado de costas tinha os olhos abertos sem expressão. Ele o olhou horrorizado. Cara de seu parceiro estava voltada para a parede. Havia um grande buraco na sua cabeça.

Estômago de Jim balançou. A biles subiu em sua garganta. Ele soltou uma respiração instável e virou-se para Scott.

"O que você sabe?" Perguntou o policial.

Karak ou um de seus homens fizeram isso para mantê-los calados. Seu estômago deu outro tombo quando percebeu que ele estava sendo acusado. Jim balançou a cabeça, mantendo o rosto tão calmo como poderia. Scott andou em sua direção, elevando olhar em seu rosto.

"Você os odiava. Eles tentaram machucar ... Catherine, e você os fez pagar. "

Jim balançou a cabeça mais duro. *Eu não tenho uma arma!* Ele fez um gesto de atirar com o polegar e, em seguida, arrancou com ambas as mãos.

"Quem?" Scott exigiu.

Karak não poderia salvar os homens por uma segunda vez, após terem assaltado uma mulher, mas eles poderiam dar informações em troca de sua liberdade. Ele deu de ombros, não sabendo como explicar tudo e não tinha certeza se ele queria. Trair ao Karak era arriscar ter o mesmo destino. Os olhos dele voltaram para os mortos, longe do olhar de Scott.

O policial tomou seu queixo e puxou o foco de volta.

"Você sabe alguma coisa."

O rosto de Scott estava vermelho. Seu olhar geralmente calmo, até parecia um que estava enfrentado um demônio. "Nada? Então você está preso. "

Ele falou um monte de palavras rápidas, e agarrou o braço de Jim mais uma vez, abriu a porta de uma das celas e empurrou no interior. Jim olhou para o corpo do homem morto no canto, ao sangue escorrendo da parte de trás de sua cabeça. Ele olhou para Scott, cujos lábios ainda estavam em movimento quando ele se afastou da cela e bateu a porta.

"... Pense nisso." O policial seguiu para a frente, fechando a porta atrás dele.

Jim estava com os braços em volta do seu corpo, pressionado contra as grades da cela com poucos metros que o separavam de seu companheiro de cela. O homem morto poderia facilmente ser ele.

Capitulo Vinte e Dois

Catherine deveria ter percebido que algo estava errado quando Jennie estava tão quieta durante o caminho para a escola esta manhã e a tarde, quando disse que ela não se sentia bem e pediu pra voltar para casa. Quando ela notou a ausência de Ned, suas suspeitas foram comprovadas. Mas o fato de ambos estarem ausentes não se intensificou até o meio do dia. De repente, como uma lamparina acendendo, algo estalou dentro de sua cabeça.

Catherine olhou para os dois lugares vazios um ao lado do assento de Jennie ocupado por Sarah Jalkanen, outro era Ronald Wilcox ao lado de Ned, e seu estômago caiu.

Talvez se ela não tivesse passado o dia inteiro repetindo os detalhes de seu encontro com Jim repetidamente em sua mente, ela teria percebido antes. Como professora, era seu trabalho estar ciente de seus alunos, não apenas suas vidas acadêmicas, mas também os outros problemas que possuiam. Sabendo que Jennie imaginava estar amando Ned quis impedir o plano de mãe para mandá-la longe para outra escola, Catherine deveria ter escutado e orientado a menina em vez de estar tão envolvida em seu próprio romance.

Ela rezou para que estivesse errada em supor que haviam fugido, mas ansiosamente contava os segundos para o final do dia na escola. Depois de liberar as crianças quase dez minutos mais cedo, ela correu para os Albrights. Jennie não estava doente na cama ou na casa.

Felizmente, a mãe dela não tinha percebido.

Talvez não fosse tarde demais para que Catherine encontre o jovem casal e dar algum sentido para eles.

Quando ela tentou imaginar onde eles poderia estar e o que eles poderiam estar fazendo, tudo o que ela pôde pensar era ela e Jim rolando no palheiro, como um par de animais. Que tipo de modelo tinha sido para uma menina? Mesmo que ela nunca mostrasse seu desejo por Jim na frente de Jennie, a menina poderia ter pego algum relance de seu comportamento. Ou talvez fosse simplesmente amor e Jennie e Ned já teria fugido juntos, não importava.

Se eles tinham fugido ou simplesmente ido a algum lugar para passar o dia juntos, eles teriam parado no estábulo para alugar um buggy. Catherine deu um último olhar para o quarto de Jennie com a cama feita e correu para a entrada em direção ao estábulo.

Caminhando pelo interior escuro do estábulo, um ataque perverso de excitação bateu nela.

O cheiro de feno e cavalos traziam de volta todos os momentos da manhã de ontem. Ela tremeu e abraçou os braços sobre os seios sensíveis. Jim deveria estar trabalhando na fábrica hoje, mas

ela ainda esperava que ele ia aparecer na sala a qualquer momento.

Em vez disso, o Sr. Rasmussen entrou pela porta lateral que conduzia as baias. Seus óculos brilhavam na penumbra, quando cruzou a andou na direção dela.

"Miss Johnson. Como posso ajudar? "

"Jim não está aqui?"

"Não. Não hoje. "

Foi o que ela esperava, mas o desapontamento a atravessou.

"Eu pergunto se Ned Hildebrandt poderia ter estado aqui antes ".

Ele ajeitou os óculos no nariz, como assim a visse mais claro.

"Pela questão de fato, ele veio esta manhã para pegar King e alugou um buggy também. "

"Tinha... alguém com ele?"

"Não."

O velho franziu a testa.

"Mas isso não parece estranho para mim, ele levou um carrinho em uma manhã de segunda-feira. Eu perguntei onde ele ia e respondeu que iria transportar umas ferramentas até Hastings. Agora, que levou um buggy, pensei. Se ele estava apanhando suprimentos para a loja de ferragem, por que ele não teria que ter tomado uma carroça? "

Os lábios de Catherine apertaram concordando. "Obrigada, senhor Rasmussen."

"Há algo de errado?"

"Não. Provavelmente não. Ned não foi na escola hoje, e fiquei imaginando onde poderia estar. "

"Parece que não foi apenas Ned que desapareceu. Eu não tenho visto Jim desde de ontem de manhã. Eu não acho que ele dormiu aqui ontem à noite. Acho que agora ele está trabalhando para o Karak, ele encontrou outro lugar para ficar. Engraçado, porém, todas as suas coisas estão aqui. "

Ele olhou para Catherine como se ela pudesse ter uma explicação.

"Oh?" Ficar preocupada no topo da sua ansiedade por Jennie e Ned a fez sentir-se enjoada. O que a ausência sua significava? Jim estava com problemas ou ele simplesmente encontrou novas acomodações? Mas não era dele negligenciar com os cavalos ou sair sem dizer nada ao Sr. Rasmussen. Algo estava errado.

"Acho que ele vai voltar para pegar as coisas dele quando ele tiver uma chance."

Antes que Catherine pudesse responder, a voz de Nathan Scott veio atrás dela.

"Miss Johnson? "

Ela se virou na direção dele.

"policial Scott."

Sua expressão estava ilegível, com uma máscara inexpressiva.

"Eu vi você andando e pergunto se poderia falar com você sobre o ataque da outra noite. Você pode vir comigo até o escritório do xerife? "

"Sim, claro."

Ela agradeceu a Rasmussen para a informação sobre Ned, então saiu do estábulo com Nathan . Enquanto caminhava ao lado dele, apressando-se para acompanhar os seus passos largos, ela se perguntava se deveria informar-lhe sobre as crianças desaparecidas. Hastings era a grande cidade mais próxima e esse seria um lugar onde Ned teria tomado Jennie se pretendesse fugir. Ou talvez ela devesse manter este assunto de família confidencial, no momento deve contar aos Albrights o que ela sabia.

"Não tenho nada a acrescentar ao que já lhe disse no sábado", disse ela, sem fôlego seguindo os passos juntamente com o policial.

"Sai para tomar um pouco de ar quando apareceu Sanborn e seus companheiros. "

Nathan balançou a cabeça, a interrompendo, e ele parou de andar.

"Não é isso. Algo aconteceu, e eu preciso de sua ajuda. "

"O que?"

O sentimento oscilante em seu estômago piorou. Ela percebeu que Nathan na verdade, parecia assustado. A preocupação por Jennie e Ned se evaporado sob o medo.

"O que aconteceu?"

"Ontem de manhã aqueles homens que lhe atacaram foram mortos em suas celas. Eu não estava de serviço ainda, e Tate tinha saído, deixando o gabinete do xerife vazio. Alguém entrou e os matou.Ninguém sabe sobre isso ainda. Levei os corpos ao necrotério. Eu quero descobrir isto antes de espalhar boatos. O xerife Tate concorda. "

Catherine sentiu como se todo o ar tivesse sido sugado para fora de seus pulmões. Ela tragou uma respiração. "Você acha que foi o Jim!"

Ele balançou a cabeça.

"Não. Não realmente. Mas ele era até que eu o trouxe a prisão para lhe mostrar os corpos e ver

como ele reagia. "

"Jim nunca faria algo assim", Catherine protestou. "Nunca!"

O olhar de Nathan disse mais do que suas palavras.

"Um homem faz qualquer coisa para proteger a mulher que ama, mas você está certa. Eu não vejo Jim dando tiro em ninguém a sangue frio. Duvido que ele tenha uma arma. "

Removendo o chapéu, ele empurrou a mão pelo cabelo.

"Mas ele sabe alguma coisa. Eu posso ver em seus olhos. "

"Você acredita que ele sabe quem fez isso?"

"Acho que sim, mas eu preciso de alguém para confirmar. Quem mais, além de Jim, que queira aqueles homens mortos? E quem poderiam saber algo sobre? "

Ergueu as sobrancelhas.

Seu coração retumbou. Ela pôs a mão no peito como se quisesse mantê-lo firme. "Grant Karak. "

"Ele não pôde socorrê-los novamente depois que você foi atacada. A comunidade esta em alvoroço. "

Nathan pausou quando Polly Flint passou pela calçada, lançando um curioso olhar para eles. Quando ela tinha ido embora, ele continuou.

"Eu acredito que ele os mandou matar, antes que eles tivessem alguma chance. Portanto, a questão é: o que ele tem a esconder? "

Todos sabiam que Karak comprou quase toda a cidade tendo um domínio sobre o comércio, mas apesar de suas práticas empresariais serem condenáveis não eram ilegais. Catherine arregalou os olhos quando um pensamento estalou. "O incêndio nos McPhersons ? "

"Isso e talvez muito mais. Eu preciso de você para descobrir o que Jim sabe. "

Nathan retomou a caminhada, e Catherine correu ao lado dele.

"Se ele soubesse algo sobre o incêndio, ele já teria dito a alguém."

"Você é a única que se comunica com ele e talvez ele apenas suspeite de algo e não tem certeza o suficiente para compartilhá-lo. Ou talvez ele simplesmente tem medo de Karak. Tudo que eu sei é que ele pareceu bem chocado ao ver aqueles homens mortos, mas não muito surpreendido, se você sabe o que quero dizer. Houve um momento de reconhecimento ... ".

Eles estavam se aproximando ao gabinete do xerife. Catherine estava fora do ar pelo nervosismo e por andar tão rápido.

"Então você o prendeu desde ontem!"

A revelação bateu nela e ela imaginou Jim passando a noite num lugar onde os homens tinham

acabado de ser mortos. Deve estar assustado, mesmo não sendo ele, foi acusado de assassinato e pode ficar preso para sempre. "Você sabe que ele não é culpado. Como você pode fazer isso com ele? "

Nathan parou com a mão na maçaneta da porta do escritório.

"Um suspeito pode ser preso por vinte e quatro horas antes de ser acusado de um crime. Eu queria colocar um pouco de pressão em Jim, dá-lhe a oportunidade de ver que é melhor para ele dizer o que sabe. "

"Você deveria ter me chamado de imediato."

Seus dentes cerraram enquanto segurava a porta aberta para ela entrar. Ela sentiu sua presunção na voz. Talvez o que ele disse era verdade, mas ele também gostou de fazer Jim sofrer. Ela não tinha imaginado que o ciúme poderia fazer Nathan ficar tão mesquinho.

O xerife não estava no escritório quando passaram por ele. "Eu esperei até que Tate saísse por algumas horas para trazê-lo aqui ", explicou Nathan destrancando a sala dos fundos.

"Karak tem muito poder. Jim ficará seguro, desde que Karak não saiba que tenho sido interrogá-lo."

O cheiro de água sanitária vindo da cela enrrugou o nariz de Catherine ao entrar na sala. O que quer que aconteceu aqui ontem, alguém havia limpado. Havia duas celas, barrada por três lados, uma parede de tijolo nos fundos e uma maca e um balde em cada um.

Jim se levantou de umas das camas e caminhou em direção as barras, agarrou-se e olhou para ela como se fosse uma aparição.

Uma dor bateu nela pela expressão tristes em seus olhos. Ela sentiu o seu medo como se fosse dela. Ignorando a presença de Nathan, ela foi até ele e envolveu suas mãos em volta das mãos dele.

Seus dedos estavam duras e sua pele fria. A bandagem branca agora estava cinza pela sujeira e desgastada nas bordas.

"Está tudo bem. Você ficará bem. "

Ela olhou no fundo de seus olhos, oferecendo todo o seu amor e apoio para fortalecê-lo. Ela olhou para o policial. "Deixe-o livre! Eu não posso falar com ele assim. "

Se apressou para obedecer a sua ordem, abriu a cela e acenando para Jim sair.

Catherine percebeu uma mancha branqueada no canto sobre uma sombra enferrujada no chão.

"Dê-nos alguns momento à sós, se você quiser eu o convenço que é seguro confiar em você. "

Ela olhou para Nathan.

"Você pode ficar vigiando no caso apareça atiradores ou o seu xerife corrupto, enquanto você está esperando. "

"Tudo bem, mas eu preciso fazer parte do questionamento." Nathan se dirigiu para a sala,mas não fechou completamente a porta atrás dele.

Jim olhou para ele depois por um segundo, depois para Catherine. Ela avançou até ele e o abraçou, escondendo o rosto contra o seu ombro. Seus braços deslizou em torno de suas costas e a manteve segura. Um gemido silencioso retumbou em sua garganta, enviando uma onda de desejo por ela. Como um este pequeno som mexe tanto com ela?

Enfim, ela afastou-se e gesticulou,

"Como está você?"

"Mal".

"Nathan me contou o que aconteceu com os homens."

Ela sinalizou os conceitos que sabia enquanto ela falava. Olhando diretamente para os olhos de Jim, ela disse, "Karak?"

Um lampejo de emoção passou em seu rosto.

"Ele os matou?"

Jim deu de ombros. Ela puxou seu rosto, forçando a sua atenção de volta para ela.

"Se você sabe alguma coisa. Por favor, diga-me. "

Seu olhar desviou de sua boca para seus olhos e ela podia vê-lo estudando.

"Confie em mim. Você ficará mais seguro se disser a verdade ".

Ele parou por um momento, depois assentiu com a cabeça uma vez.

Antes que ela pudesse chamar Nathan, ele retornou à sala, o que ela entendeu que ele tinha estado escutando. Catherine olhou para ele. "Você tem que prometer mantê-lo seguro. Não envolva ele em mais nada do que você já fez ".

"Eu vou fazer tudo que tiver ao meu poder", Nathan prometeu. E ela acreditou.

O policial os levou para o escritório. Ele trancou a porta e fechou as persianas de ambas as janelas. Ele indicou que Jim sentasse. Catherine ficou ao lado dele, o policial e deu-lhe um papel e lápis que tinha solicitado. Nathan cruzou os braços, se encostou na parede e assistiu.

"Fogo". Catherine redesenhou um celeiro em chamas e olhou para Jim. "Karak?"

Sua mão vacilou para frente e para trás.

"Sim e não." Ele apontou para as celas e levantou dois dedos.

"Aqueles homens fizeram isso?"

Ele balançou a cabeça.

"Mas Karak ordenou-lhe," Nathan sugeriu.

Catherine repetiu suas palavras e Jim balançou a cabeça. Ele fez uma cara zangada e levantou os punhos.

"Karak estava zangado com eles por iníciar o incêndio", ela adivinhou. Jim deve ter visto eles discutindo.

"Karak provavelmente disse a eles para dar um susto nos McPherson, mas não tinha a intenção de ir tão longe",

O policial respondeu se aproximando da mesa.

"Ele teve medo que seus homens o implicaria como mandante por isso ele os matou. Mas não temos nenhuma prova e apenas um homem surdo para depor. "

Jim pegou um lápis e desenhou sobre uma das folhas de papel. Ele escreveu "E.U.A"sobre uma caixa, apontou para uma ferrovia e, em seguida, desenhou um compartimento do trem. Um galpão veio em seguida, e outra seta que ligando o vagão para até ele. Ele esboçou uma carroça com um cavalo de pau e levando as caixas marcadas com o simbolo dos E.U.A de dentro do vagão, para o galpão.

Mercadorias do governo", disse Catherine. "Equipamentos roubados."

"Onde está?" Nathan bateu sobre o edifício pela linha férrea. Ele balançou o ombro de Jim e quando ele olhou para cima, perguntou: "Onde?"

Jim desenhou um conjunto de edifícios. Um silo e identificaram como o moinho.

"São trilhos antigos, de modo que seria fácil para dissociar um vagão de carga e deixá-lo para trás. Tudo o que tem que fazer é pagar as pessoas certas ", Nathan murmurou em voz alta.

Jim pegou rapidamente o papel, desenhando uma caixa retangular, marcando-E.U.A e esboçou um rifle dentro dela.

Maldição!" O rosto normalmente vermelho de Nathan empalideceu, e a tensão de Catherine aumentou quando as dúvidas do roubo se tornou claro. Um homem que roubava fuzis do governo e ordenava matar os homens e não pensaria duas vezes antes de eliminar todos em que estivessem em seu caminho ou o ameaçasse.

"Isso é ruim."

Nathan olhou para o desenho e balançou a cabeça.

"Karak tem mais poder e dinheiro, do que qualquer homem no conselho... talvez até mesmo do todos do estado de Nebraska. A menos que eu tenha uma prova, não posso me atrever a prendê-lo. Eu vou ter que conferir este armazém e verificar essas caixas e o que contém antes que eu ligue para o marechal.Depois disso ... "

Ele balançou a cabeça e andou por todo o escritório até a janela para olhar pelas frestas das cortinas.

"Mesmo assim pode não ser suficiente para prendê-lo. Um homem que pode subornar pode livrar seu caminho de qualquer coisa. "

Jim olhou para Catherine para explicar o que o policial havia dito. Seu coração torcia de medo por ele. Ele estava guardando esta informação sob uma arma carregada. Se Karak suspeitasse de sua traição, ele estaria morto.

Ela sinalizou rapidamente a essência das palavras de Nathan, que planejava verificar a história de Jim.

Jim balançou a cabeça e se levantou da cadeira. Ele bateu com o dedo no peito e apontou para o galpão no papel.

"É muito perigoso", disse Catherine protestou.

"Você não precisa mostrar a ele o lugar.Desenhe um mapa e já será suficiente. "

Ela se virou para Nathan.

"Além disso, por que você não pede ajuda de fora antes de fazer isso? Mesmo os homens de Karak não ousaria atirar num marechal dos E.U.A ".

"Eu não sou tolo em chamar pessoas de fora só para encontrar um armazém vazio. Eu não vou pedir um mandado até que eu tenha certeza de que há algo nessa história. "

"Você está dizendo que Jim está mentindo?"

Sua frustração deflagrou para a ira. Por que Nathan tem de ser teimoso e colocar a si mesmo e Jim em risco?

"E se eles não são bens de governo? E se for um negócio legítimo?Eu não vou chamar o marechal até que eu saiba exatamente que tipo de provas que eu tenho. "

Nathan cruzou os braços sobre o peito, sinalizando o fim da discussão. Ele olhou para trás entre eles.

"Por que você não esconde ao Jim em um lugar seguro até que isso acabe? O estábulo seria o primeiro lugar que Karak procuraria para ele."

Debruçado sobre a mesa, o policial pegou uma folha de papel e entregou o lápis para Jim. Olhando nos olhos dele, ele disse: "Mostre-me."

Capitulo Vinte e Tres

Jim não gostou da idéia de ser deixado para trás, protegido como uma criança, mas Scott se recusou a deixá-lo mostrar o caminho para o galpão de armazenamento. Era impressionante o que poucas horas poderiam fazer.

Ontem ele tinha sido trancado numa cela com um cadáver até que Scott voltou e ambos retiraram os corpos. Juntos, eles limparam a bagunça nas duas celas. Jim passou a noite apavorado e se sentindo totalmente vulnerável. Se alguém entrasse para matá-lo também, não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso. Esta tinha sido a noite mais desanimadora, de sua vida, enrolado no cobertor fino numa cama estreita, tremendo se apegando as imagens dele fazendo amor com Catherine, em vez de relembrar a visão dos homens mortos baleados no escuro. Mas suas memórias não o tinha ajudado. Ele se sentiu mais assustado e sozinho do que nunca e estava certo que nunca voltaria vê-la novamente.

Na parte da manhã, Scott tinha trazido uma taça de aveia. Um pouco mais tarde, o Xerife Tate voltou a olhar para ele como se fosse um animal enjaulado, balançou a cabeça, disse qualquer coisa para o policial e saiu.

Outro longo silêncio se passou. Jim não conseguia segurar sua urina mais e usou o balde no canto da cela, olhando para o local onde o corpo do homem magro tinha deitado.

Ele imaginou o que poderia acontecer em seguida. Prisão ou enforcamento por um crime que não tinha cometido, ou levar um tiro de um dos homens de Karak para garantir o seu silêncio. A melhor situação ele poderia imaginar era que seria liberado por falta de provas e continuaria a trabalhar para Karak porque temia muito para sair. O que ele tinha pensado em se envolver com um assassino a sangue-frio? Ele deveria ter ouvido o conselho de Murdoch e ter repensado.

Jim já tinha contado as barras da cela e as teias de aranha nos cantos, quando Catherine apareceu de repente na porta. Ela era como um anjo iluminando a cela, triste e suja, indo diretamente a ele, e cobrindo as mãos nas barras embora Scott estivesse assistindo da porta. Seus olhos brilhavam com as lágrimas e disse-lhe sem palavras quanto ela gostava dele.

Jim não entendeu quando o policial Scott o soltou e a deixou entrar e os deixou sós. Mas segurar seu corpo, macio e quente em seus braços era a melhor coisa que ele já sentiu.

Seu perfume de lírios cheirava como o céu depois de sentir o mau cheiro em sua cela. Quando ela o tinha questionado sobre Karak, ele entendeu por que Scott tinha trazido ela. Hesitando, Jim quase poderia sentir seu destino balançar para frente e para trás.

Havia momentos na vida de um homem quando ele sabia que seu futuro poderia ir em várias direções diferentes descontroladamente, dependendo da escolha que fez. Ele experimentou este mesmo momento, algumas semanas depois que sua mãe morreu quando ele tinha tomado a decisão de permanecer em Broughton, em vez de aceitar um emprego com pá de carvão em uma locomotiva. Trabalhar na ferrovia o teria levado por todo o país, talvez aberto, para uma melhores oportunidades, mas ele tinha escolhido a familiaridade e o que ele conhecia como a segurança.

Decidir abordar, finalmente, com sua proposta de compra para do estábulo tinha sido outro momento crucial. Ousar a beijar Catherine havia estabelecido um novo rumo para sua vida, e ter aceito trabalhar com Karak o tinha feito seguir em outra direção. Agora ele tinha de decidir se ele tinha coragem para trair o homem mais poderoso, e perigoso da cidade. Por permanecer leal e bancando o ignorante, ele poderia ganhar a confiança Karak e até mesmo sua proteção. Ele poderia ser recompensado com mais dinheiro do que jamais sonhou.

O traindo ele poderia acabar morto ou ser forçado a fugir da cidade. Seria possível Scott prender Karak com as informações Jim possuía ou apenas colocaria a todos eles em perigo?

Catherine olhou expectante com seus grandes olhos azuis e ele sabia que realmente não tinha escolha. Ele deveria dizer a verdade e se levar por esse caminho. Karak não poderia se livrar por roubo, incendiar os agricultores ou matar pessoas, mesmo que fossem seus bandidos.

Depois que Jim tinha partilhado tudo o que sabia, Catherine e Scott começaram a discutir sobre o que deveria ser feito, esquecendo a sua presença como se sua opinião não importasse no assunto. Jim odiava a idéia do policial sair por conta própria, sem apoio. Era provável que Scott fosse morto. A situação exigia algumas manobras cuidadosas e reforços, certamente mais do eles três estariam dispostos a enfrentar a Karak.

Mas Scott recusou a ajuda dele e entregou-lhe um lápis para que ele pudesse desenhar um mapa,

então ele abriu a porta e saiu sem poupar-lhe um outro olhar.

"Venha comigo", Catherine fez um sinal.

"Eu vou levar você para a casa dos Albrights por enquanto".

Sentindo-se inútil e fraco, Jim foi com ela. Enquanto caminhavam pela cidade, ele varreu seu olhar pela rua imaginando se alguém estava pretendendo segui-los. Talvez Karak não sabia que ele tinha sido preso, mas se ele sabia, poderia estar vigiando com seus novos capangas. Jim estava pronto para empurrar Catherine no chão, se avistasse com o alvo de qualquer uma arma. Ficou tonto com a energia do corpo, o sangue correndo em suas veias e seu coração batendo. Eles seguiram assim até a casa do Albrights sem incidentes, apesar das poucas pessoas na rua que ficaram olhando quando passaram. Quando a porta se fechou atrás deles e eles estiveram dentro em segurança, Jim deu um suspiro de alívio. Ele olhou ao redor do vestíbulo e as salas que ele podia ver através dos arcos. Ele nunca esteve em uma casa tão bonita em sua vida.

Ele não era alguém que as pessoas convidavam para visitar suas casas.

No corredor havia um espelho oval em um quadro na parede ornamentada com uma borda intricada ao redor abaixo dela. Retratos pendurados contra o listrado verde e branco papel de parede. Havia um tapete florido cobria a maior parte do piso de madeira, e uma grande lustre com pingentes brilhantes. As salas de estar e jantar também tinha tapetes coloridos e mobilia de luxo. Jim absolveu tudo isso em uma análise rápida antes que a Sra. Albright corresse pelo corredor em direção a eles. Seus lábios se moviam rápido demais para ler, mas seu corpo lhe disse que ela estava desesperada com medo de alguma coisa. Ela mal olhou para Jim, então começou a choramingar para Catherine e gesticulando descontroladamente. Catherine pôs a mão sobre o seu braço em sinal de apaziguamento e disse algo. Enquanto isso, o Sr.Albright se juntou a eles. Ele parecia muito preocupado, mas não tão superado com a emoção como sua esposa.

Jim focou nos lábios e reuniu que eles estavam falando de Jennie. Parecia que ela estava em algum tipo de problema. Ela era uma garota legal e esperava que estivesse bem.

Desviando a sua atenção da conversa. Ele olhou pela janela na porta da frente para ver se alguém estava escondido nas proximidades, mas a rua estava clara.

Catherine tocou o seu braço, o puxando para a frente e falando sobre ele para os Albrights. Ele sorriu com firmeza, sabendo que se a Sra. Albright estava perturbada por sua filha, e provavelmente olharia para ele como se fosse um cão. Assim foi, ela acenou com a cabeça distraída e disse algo que ele não entendeu. Catherine puxou seu braço, o levando para a sala.

Ele se sentou em um sofá, que era duro e coberto com material brilhante e florido. Ele ficou na

beira e acariciou o estofamento liso, estampado com flores.

Catherine caminhou até a lareira de costas, braços cruzados, nervosa. Ele desejou que ela se acalmasse. Se perguntou o que ela havia dito aos Albrights sobre por que ele estava aqui, e como sentia-se sobre ele manter a verdade sobre o incêndio para si próprio. Se ele tivesse dito a alguém, mais cedo aqueles homens poderiam ter sido preso e Catherine nunca teria sido agredida.

"O que aconteceu?" Assinou, apontando para o hall de entrada onde o Sr. Albright estava colocando o casaco quando a sua esposa se levantou e falou com ele.

"Jennie e Ned fugiram juntos. Eles levaram um cavalo e uma charrete da farda e foram para Hastings. Talvez para se casar. "

"Amor?"

Catherine sorriu, mas balançou a cabeça acenando para trás. "Sim. Amor. Mas Jennie é muito jovem. "

"Porquê?" Às vezes, ele realmente não entendia a forma como as pessoas pensavam. Se a menina

e o menino se amavam, qual era o problema?

"Seus pais querem outra coisa para ela."

Ela acenou com a mão como se fosse muito difícil de explicar e mudou de assunto.

"Você deve estar com fome. Fique aqui. Vou trazer-lhe algo comer ".

Ela começou a se afastar, e Jim levantou para segui-la. Ele não queria ficar só na casa dos Albrights.

A cozinha estava limpa e em ordem, nada como o lixo da cozinha caótica no Crystal. Jim encostou-se no balcão, ficando fora de seu caminho enquanto ela se movia em torno da cozinha, pegando carnes frias e queijos da geladeira depois ascendeu um dos anéis de gás do fogão para aquecer a chaleira. Ele observou imaginando como seria ter uma casa e tê-la preparando as refeições para ele todos os dias como as esposas faziam para seus maridos.

Ele baniu o pensamento tolo de sua cabeça. Só porque eles tinham feito amor uma vez não significava que ela já considerava compartilhar toda a sua vida com ele. Ainda assim, Catherine não era o tipo da mulher para ter sexo com ligeireza. Deveria significar alguma coisa para ela. Ele deveria significar alguma coisa para ela.

Ela parou no meio da sala, uma bandeja em uma mão, um prato de salada de repolho na outra, e olhou para ele.

"Você está bem?"

"Sim. Bem. Você? " Ele apontou para ela.

"Com medo. Preocupada. " Ela colocou os pratos no balcão e caminhou até ele.

Ele não teve certeza se ela queria que tomasse em seus braços e a abraçasse ali mesmo na cozinha da Sra. Albright num lugar onde poderia ser interrompidos a qualquer momento, mas ele fez isso de qualquer maneira. Ele puxou-a para perto e descansou sua face contra a lateral de sua cabeça. Catherine sempre cheirava tão bem, como lírios, mas também o cheiro do seu próprio corpo feminino e quente. Uma lembrança súbita de seu sabor almiscarado e a sensação de suas partes femininas sob a sua língua fez o seu galo instantaneamente ficar duro. Como ele queria prová-la e tornar estar com ela novamente. Pensando nisso fez a sua respiração acelerar.

Jim se afastou relutantemente, levando-a pelos ombros e a empurrando suavemente distante. Este não era o momento nem o lugar para uma ereção crescer em suas calças. Ele olhou em seus olhos por um longo momento. Ela virou-se e voltou a fixar em um prato.

De repente a Sra. Albright entrou pela porta da cozinha como uma locomotiva a vapor.

Ela olhou para ele, então, virou as costas e falou com Catherine.

Catherine assentiu com a cabeça e respondeu, mas continuou a preparar a comida. Ela colocou o prato na mesa da cozinha pequena e conduziu Jim na cadeira.

Sentou-se, consciente que estaria comendo aqui apenas uma vez, especialmente está claro que Sra Albright gostaria de tê-lo fora de sua casa. Mas seu estômago não teve tais escrúpulos. Uma mordida do peru frio e clamavam por mais. Ele se concentrou em comer a carne, salada de repolho, fruta e pão, tudo tão fresco e delicioso, em comparação com as conservas que ele comia normalmente.

Catherine trouxe uma caneca de café fumegante na frente dele, e ele olhou para ela com um sorriso. Seu sorriso era quente e doce, e desejou que sua anfitriã saísse, assim poderia ter Catherine para ele. Mas ela pôs duas xícaras de chá para ela e Sra. Albright e as duas mulheres ficaram no balcão conversando.

Jim tinha acabado de raspar o último pedaço de seu prato quando as mulheres reagiram a um som, olhando para a porta. Sra. Albright deixou sua xícara saiu da cozinha.

Catherine virou-se para Jim.

"Parece que eles estão de volta."

Ela acenou-lhe para ficar, e saiu da cozinha por alguns minutos. Ele lavou seu prato vazio, utensílios e caneca com a bomba de mão na pia, e ficou se sentindo fora de lugar e se perguntando como Nathan Scott estava se saindo. O homem era um louco para tomar uma tal

risco. Ele deveria ter aceitado a descrição de Jim do conteúdo do galpão e buscar reforços.

Jim apertou os dedos duros na palma de sua mão e os abriu novamente, apertamento e soltando por alguns momentos. Ele começou a desanuviar com o curativo sujo.

A porta da cozinha abriu e Catherine entrou, sua expressão bem mais relaxada. Ela falou, mas também usou uma combinação de sinais e gestos para explicar o que tinha acontecido.

"Jennie está aqui. Seu pai reconheceu Ned na estrada voltando de Hastings. Nenhum ministro os casaria sem o consentimento dos pais. "

Ela pegou sua mão e terminou de remover o curativo. Ela tocou suavemente a pele machucada. "Isso parece doloroso."

Ela fez-lhe sinal para a pia e jogar água sobre suas mãos.

Lavando com a barra de sabão, pensou no jovem casal apaixonado, mas sem permissão para ficar juntos. Ned parecia ser bom quando Jim foi até a loja de ferragens.

Ele se perguntou por que os Albrights não queriam ele para a sua filha. Talvez sua casa não fosse tão agradável como esta ou sua família não tão rica.

Catherine entregou-lhe uma toalha para secar com e olhou para a janela. O sol já havia se posto, e estava ficando escuro lá fora.

"Nathan deveria estar de volta a esta hora. Espero que ele esteja bem. "

Jim levantou um dedo e balançou a cabeça. Ele levantou as duas mãos, dez dedos e assentiu.

"Mais", que ele assinou. "Mais homens. Um. Ruim ".

Ela concordou.

"Você está certo. Devemos buscar ajuda. Nathan poderia estar em apuros. Eu poderia chamar o marechal em Hastings. "

Muito tarde. Vai levar muito tempo. Seu instinto lhe disse que ele estava no meio de algo e esperar por reforços da cidade era um erro.

Ela tocou no braço dele e inclinou-se para beijar sua bochecha, uma luz, em apenas uma toque de penas de seus lábios.

"Você fica aqui. Eu vou chamar Herbert Nordstrum para enviar um telegrama. "

Ele pegou o braço dela enquanto ela se afastou, querendo protestar contra ela sair correndo pela cidade no escuro sozinha. Mas ele percebeu que deixá-la realizar esta incumbência seria a única forma dele estar livre para fazer o que precisava. Embalando seu rosto com ambas as mãos, ele a

beijou. A suavidade de seus lábios produziu uma sensação de estar queimando mesmo depois que dele se afastar. Em mais um momento, ele se declarou para ela, os bebeu de olhos tomando cada detalhe de seu rosto e forma, em caso desta ser a última vez que ele veria ela.

"Esta tudo bem." Catherine sorriu e tocou seu rosto com a ponta dos dedos.
"Eu voltarei logo. "
Ela olhou para ele na porta da cozinha.
"Os Albrights estam chateados e acho melhor que provavelmente você deva esperar aqui na cozinha ".
Com um último beijo rápido na bochecha, ela se afastou dele. Tomou um xale do gancho na entrada, ela saiu pela porta dos fundos da cozinha.Jim contou lentamente até vinte, então ele seguiu pela noite.
* * * *
Segunda-feira era uma das noites mais calmas no Crystal, que era um problema. Jim teria preferido que o pessoal estivesse ocupado demais para notá-lo. Seu primeiro impulso ir até os Gundersons pedir a Mike Dean para ajudá-lo, mas a sua fazenda era muito longe, e a sensação de formigamento dentro dele lhe disse que Scott precisava de ajuda rápido. A mesmo era idéia foi estimulada por reunir um bando de homens na cidade. Mas o plano que levaria tempo e complicadas explicações. Jim decidiu ir sozinho para ajudar o policial.
Mas, primeiro, ele precisava de uma arma.
Murdoch mantinha uma pistola por trás do balcão. Seria fácil agarrar, enquanto ninguém visse ele. Desde que ele não trabalhava mais ali ele não tinha uma boa razão para estar no Cristal, mas ele era como uma sombra para a maioria das pessoas. Eles geralmente não percebiam a sua presença.
Ele entrou no salão pela saída traseira e ficou no corredor, olhando para ver quem estava cuidando do bar. Era Ted. Murdoch não estava a vista em qualquer lugar. Bom. Jim varreu os olhos pela sala. Apenas alguns clientes estavam sentados nas mesas, o resto preencheram a maior parte do bar. Isto não era tão bom.
Ele ficou ali por um outro momento, vendo Ted servir as bebidas, levando dinheiro e, finalmente, deixando o bar sozinho, enquanto ele foi até a cozinha para algo. Jim estava prestes a caminhar em direção ao bar, quando uma mão leve tocou-lhe a volta. Ele virou-se. Shirley Mae estava atrás dele, com um sorriso curvando seus lábios vermelhos pintados. As contusões

nela tinham desvanecido para manchas de amarelo e lilás, não completamente escondido pelo pó que ela aplicou.

"Olá!" Ela acenou. "Nós temos saudades. Por onde tem andado? "

Ele balançou a cabeça e afastou-se, ansioso para se livrar dela, mas Shirley não estava com pressa para voltar ao trabalho. Ela puxou seu braço até que ele olhou para ela. "Como é o seu novo emprego?"

Ele deu de ombros. "Seu chefe é assustador por aqui." Ela apontou outro lado da sala.

O coração de Jim voou em sua boca. Grant Karak estava sentado de costas para eles, meio escondido por um dos postos de apoio no centro da sala grande. Seu sangue explodiu em suas veias quando Jim foi mais para as sombras no corredor.

A insistente Shirley o puxou e o obrigou a olhar para ela. Ela estava carrancuda.

"Qual é o problema? Você está em apuros? Posso ajudar?"

Ele começou a sacudir a cabeça quando um pensamento lhe ocorreu. Um olhar sobre o bar mostrou que Ted ainda estava desaparecido. Jim assentiu, olhando diretamente nos olhos de Shirley. Ele fez a forma de uma arma com o polegar e o dedo indicador e apontou para o bar.

"Você quer que eu ..." ela hesitou, "pegue a pistola de Murdoch para você? Roubá-la? "

A garganta dela se moveu engolindo seco.

"Porquê?"

Ele balançou a cabeça. Apertando as mãos, na boca ele, "por favor".

Shirley olhou para o bar, em Karak, e voltou até Jim. Seus olhos estavam arregalados.

"Não. Eu não poderia fazer isso. "

"Por favor", pediu novamente.

Ela hesitou por um momento ficando dura pela tensão quando normalmente era plácida. Seu rosto largo sardento estava definido próximo de uma carranca quando ela concordou.

"Tudo bem. Eu vou. "

Sem esperar pela resposta de Jim, ela atravessou a sala

e fui atrás do bar. Inclinou-se abaixo do nível do balcão e ficou lá por vários segundos. Quando subiu novamente, ela tinha uma garrafa na mão. Depois de despejar um tiro de uísque, ela pegou e começou a voltar para Jim.

Só então, Ted retornou através do balanço porta da cozinha. Ele disse algo a Shirley e ela riu. O suor escorreu pela espinha de Jim enquanto observava a conversa, mas num minuto depois, Shirley passou por Ted e atravessou toda a sala, costurando entre as mesas até chegar no

corredor onde ele se escondia. Seu rosto estava vermelho e sudorento.

Levantou a escassa camisola que cobria seu tronco e puxou o grande Colt do cós da saia. Sua mão tremia enquanto ela passou para Jim.

A arma era pesada na mão, o metal frio e duro. Agarrou mão quente de Shirley e olhou nos olhos dela novamente. "Obrigado", ele falou com boca.

"Tenha cuidado", respondeu ela. "Não se mate."

Não tinha planejando, mas não me surpreenderia se eu fizer. Ele se virou e desceu para o hall de entrada, pela porta dos fundos e no beco.

* * * *

Quinze minutos depois, Jim estava de barriga contra o mato do outro lado da linha do trem, tiritando de frio, olhando fixamente para a escuridão, e tentando decidir se a negra forma dentro da sombra de um edifício estava em movimento ou não. Ele aproximou-se da fábrica pelo mato ao invés pela cidade, vagando pela grama alta da pradaria seguindo agachado ao se aproximar do aglomerado de edifícios. Quando chegou a extremidade da terra selvagem, ele mergulhou para o chão e ficou imóvel, pressionado para enfrentar a sujeira, estava certo que tinha visto um guarda patrulhando ao lado do armazém de galpão.

Lentamente, ele levantou o rosto para espiar as sombras profundas ao lado do edifício, ficou paralisado, com a arma apertando dolorosamente em seu estômago. Desde que ele estava deitado em cima da arma, ele não poderia puxá-la para atirar em alguém, mesmo que ele quisesse. Ele teria

sorte se ele não atirasse em seu próprio pau.

Estúpido! Que bom ele acha que poderia fazer isso?

Ele repreendeu a si mesmo.

Tudo estava parado. A forma negra ao lado do galpão não tinha se movido em minutos. O que era seguro ir mais a frente, mas ainda assim ele ficou congelado no chão.

O que ele estava fazendo? Scott provavelmente estaria nos Albrights, enquanto Jim encolhia-se ali em meio das daninhas como um tolo.

Assim quando ele decidiu retirar-se, passando sobre as mãos e joelhos, e começou a engatinhar para trás através da grama, uma lanterna se deslocou sacudindo no galpão para a fábrica chamou sua atenção. Ele identificou o homem alto, carregando a lanterna como o capataz do

moinho,Tom Peters. Atrás dele estava dois homens, que haviam trabalho com Jim no desembarque dos vagões de trem. Entre eles tropeçava Nathan Scott, que parecia estar meio inconsciente com eles o arrastando junto.

O pulso de Jim que estava correndo aumentou para um outro nível. Alguma coisa estava acontecendo e ele tinha que agir antes que eles decidam matar o policial. Provavelmente, os homens estavam à espera de Karak retornar de Crystal e tomar uma decisão.

Respirando com dificuldade, ele levantou, chegou ao cós das calças e tirou a pistola. O comprimento do barril deslizou calmamente sobre sua barriga quente pelo calor. Ele nunca disparou uma arma em sua vida, mas tinha visto os homens fazerem mais algumas vezes.

Havia visto,engatinhar e puxar o gatilho, suave e fácil. Mas a mão tremia tanto que ele era mais provável atirar em Nathan do que salvá-lo.

Trinta metros era longe demais para apontar com precisão para alguém que não sabia o que ele estava fazendo, mas para ele se arrastar mais perto teria que deixar o abrigo das plantas daninhas e cruzar os trilhos.

Jim fez uma pausa na indecisão, a possibilidade de agir se evaporou quando os homens atravessaram o pátio, se movendo mais longe. Em um segundo eles chegaram à porta da fábrica e desaparecem dentro.

De repente, eles pararam. Na esquina do prédio, dois homens mais apareceram, Karak e o homem corpulento que tinha buscado Jim para trabalhar no domingo. Todos aqueles que sabiam sobre as cargas especiais que estavam lá e cinco deles, todos armados, contra Jim, quenem sequer sabia como disparar.

O grupo fez uma pausa no quintal. Karak e Peters falaram. Com os braços amarrados atrás das costas, o policial Scott estava caído entre seus captores. Jim imaginou Karak dando a ordem para matá-lo. Eles provavelmente o levariam para longe, lá no campo onde um tiro não seria ouvido menos que eles usassem uma faca para cortar a sua garganta. Jim poderia dizer que a conversa estava terminando pois Karak se afastou. Talvez ele questionasse Scott antes de matá-lo. Isso poderia comprar algum tempo, mas Jim não podia contar com ele. Se ele estivesse errado, Scott morreria.

Os dois homens de cada lado do policial o puxou para cima e o deixou de pé novamente. Ainda deitado de barriga, Jim levantou a pistola e apoiou seu pulso para firmá-lo. Ele viu Peters e apertou o gatilho. Coice da arma deu um empurrão. Em uma fração de segundo antes da lanterna

cair, Jim viu cacos de vidro voando.

Ele acertou na a lanterna!

Os homens espalharam para todos os sentidos, dando cobertura.

Jim caiu no chão e se contorceu de volta para a moita. Ele se arrastou nas mãos e joelhos longe do local de onde ele tinha estado. Não levaria muito tempo para virem até ele. Ele tinha que chegar mais perto.

Uma vez ele esteve na grama alta, ele se levantou e correu todo o campo aberto para o moinho. Ele chegou ao prédio se encostando contra a lateral. Sua respiração rasgava em seus pulmões, Jim agachou e olhou ao redor da borda do edifício.

O grupo de homens era um caos. Eles deixaram Nathan sozinho quando eles correram para abrigarem-se do atirador invisível. O policial não estava tão incapacitado como Jim tinha pensado porque ele aproveitou a oportunidade, ficou de pé e estava agora em ziguezagueando pelo jardim.

Balas rasgou o chão atrás dele, antes de desaparecer por trás do silo de grãos.

Jim se atrapalhou com a pistola, tentando descobrir como se mover até para a próxima câmara. Ele levantou e apontou mais uma vez, mirando em um homem na sombra agachado ao lado de um vagão. Preparado para o empuxo desta vez, ele não era idiota, mas manteve o braço solto, permitindo ele absorver o impacto. O homem no vagão de repente, caiu para trás, se alastrando na sombra sobre a terra, cinza estrelado. Na penumbra, Jim poderia ver que ele acertou o homem corpulento.

Ele não estava se movendo e sua arma estava centímetros de sua mão.

Jim puxou de volta para a sombra do galpão e encostou-se contra a parede, respirando com dificuldade, sua pele úmida e pegajosa. Seu estômago rolava. Ele tinha matado alguém.Ele mal teve tempo de pensar quando a madeira lascou perto de sua cabeça, salpicando farpas em sua bochecha.

Um tiro! Pelo menos um deles tinha visto ele. Ele ficou de pé, correndo ao longo da parede e se esquivou em todo o canto antes de fazer uma pausa para respirar.

Sem o som para guiá-lo, era impossível dizer onde estavam os seus inimigos. Fora de sua visão, eles poderiam estar em qualquer lugar. Foi o seu pior pesadelo, o sentimento de desamparo estar à mercê da sua deficiência, em perigo e incapaz de ajudar a si mesmo. Ele olhou para as trevas, resistindo à vontade para atirar em qualquer coisa que se movesse.

Vir ajudar Scott tinha sido uma das piores idéias que ele já teve. Se qualquer um deles conseguir sair vivo desta situação, seria um milagre.

Capitulo Vinte e Quatro

Demorou mais tempo do que Catherine teria gostado para fazer Herbert Nordstrum concordar em sair de casa e ir com ela para o escritório do telégrafo para enviar uma mensagem. Convencê-lo de que sua emergência era real implicava alguma explicação, e ele questionou sua decisão de chamar o marechal sem a aprovação de Nathan.

"Eu não posso explicar tudo, Sr. Nordstrum, mas, por favor, confie em mim. O policial Scott esta tomando mais do que ele pode manipular. O xerife Tate é de nenhum uso. Precisamos de homens da lei fora de Broughton para lidar com isso. "

Ela esperou impacientemente pela resposta do marechal, em seguida, teve que enviar outra mensagem

para convencê-lo que não se tratava de uma brincadeira, mas sim uma situação grave. Sua descrição dos caixotes do governo com rifles pareceu finalmente convencê-lo, e talvez ele tinha ouvido boatos sobre Grant Karak já. Passado um momento, ele ligou de volta para dizer que a ajuda estava a caminho.

"Talvez devêssemos alertar alguns homens na cidade, que o policial Scott esta em perigo tão grande como você sugere, "Nordstrum disse, enquanto caminhava os Albrights.

Ela estava prestes a protestar, as autoridades devem lidar com isso, não havia necessidade de deixar Karak saber que havia alguém em cima dele até o marechal chegar, então houve som de tiros ecoando no ar. Os tiros veio da direção da usina. Seus nervos haviam apertado como fios

firmemente amarrados em noite toda, e agora eles trançavam em nós ainda mais apertado.

Por um momento, ela estava enraizada no local, congelada na indecisão. Quem ela poderia pedir ajuda? Quem saberia como lidar com um tiroteio, quando o homem que deveria cumprir a lei era um homem da lei corrupto entre outros, lutando por sua vida?

Outro som a puxou de seu pânico. Ela agarrou o braço de Nordstrum.

"Nós precisamos chamar alguns homens para ajudar o policial. Quem nessa cidade tem alguma habilidade em atirar? "

"John Walker é um bom atirador, eu acho. Murdoch e seu grupo podem disparar uma arma. "

"Reúna quem mais você puder. Eu vou para o Cristal! "

Ela virou-se e correu na direção do salão.

As pessoas já estavam saindo do bar para a rua para descobrir do que se tratava o ruído. Homens em vários estados de embriaguez e as mulheres vestindo roupas muito pequenas se agrupavam em grupos, conversando animadamente. Alguns dos corajosos ou curiosos começaram a descer a rua em direção à usina. Outras portas se abriram na rua principal daqueles que viviam acima de seus lojas saindo.

"Sr. Murdoch! "Catherine empurrou pela multidão para chegar ao taberneiro, que estava de pé, braços cruzados, em frente ao Crystal.

"Você tem que fazer alguma coisa. O policial Scott está na fábrica. Ele descobriu algo sobre Karak e agora parece que eles estão tentando matá-lo! "

Murdoch olhou para ela então olhou para baixo na rua, acariciando a mão sobre o queixo. Ele ficou assim por muito tempo parecia que não ia responder a ela.

Ela queria sacudi-lo. *Depressa! Não há tempo!*

De repente, ele virou-se para o homem ao seu lado.

"Ted. Vá buscar a pistola. "

Ergueu a voz.

"Qualquer homem que saiba atirar, pegue uma arma e venha comigo."

Catherine suspirou de alívio. Seu senso de impotência frustrante vacilou quando Murdoch assumiu o controle da situação, dando ordens e recebendo a multidão concentrada e os organizando. Ela pode não ser fisicamente capaz de fazer qualquer coisa para ajudar Nathan, mas pelo menos ela mexeu com alguém para a ação.

Um minuto depois, Ted retornou do salão.

"A pistola desapareceu . Não está por trás do bar. "

"O que?"

"Sumiu", o homem repetiu.

"Sr. Murdoch. " Uma menina voluptuosa de cabelos vermelhos, que tinha estado lá no dia que Jim foi atacado, se aproximou. Suas mãos trançadas e seu rosto estava em uma preocupada carranca.

"Sr. Murdoch, E-Eu tenho que lhe dizer algo, por favor não me demita. "

As duas frases correram juntos.

"O que você fez?" Murdoch olhou para a menina, cujo rosto sardento estava vermelho

"Jim esteve por aqui faz algum tempo. Ele queria ... Ele precisava ... eu peguei a arma para ele. Eu acho que tinha algo para fazer com o homem de Karak.

Eu não deveria ter feito isso, mas eu queria ajudar. "

"Você o quê?" Murdoch trovejou, encará-la como se ele fosse bater nela.

Catherine teria ido em sua defesa, em nome da menina, mas ela queria fazer a mesma coisa, voar nela e estapear seu rosto. *Você fez o quê?*

Ela apontava para a rua, que agora sinistramente ficou silenciosa. Nenhum tiro foi disparado por vários minutos. "Jim fazendo parte disto? "

Impossível! Deixei-o na Albrights. Ele esta seguro.

"Eu sinto muito. Foi uma estupidez, mas ele parecia tão certo, e eu odeio Karak. As coisas que ele faz para mim ... "

Catherine digeriu, de repente compreensão. Ela estava falando sobre coisas sexuais.

A mulher não só serve bebidas no salão, seu outro trabalho era algo que Catherine nem sequer desejava saber. Ela tentou imaginar que tipo de crueldades Karak poderia cometer.

Com uma carranca, Murdoch soltou a menina e caminhou perto de um homem que Catherine não conhecia.

"Dê-me a sua pistola, Dodd. Você está bêbado demais para dispará-la. "

Ele pegou a arma do homem e apontou para o grupo de homens reunidos.

"Tudo bem, vamos lá ver o que diabos está acontecendo na fábrica. "

* * * *

Jim escalou uma pilha de paletes e espreitou através de uma janela para dentro do prédio. Ele não sabia em que direção os homens estavam, estar dentro parecia mais seguro do que o exterior,

com uns dos lugares para se esconder. Ele poderia fazer um balanço da situação, tentar encontrar Scott, e esperar que tenha escapado quando o tiroteio parou. Agachado atrás de uma pilha de cheias
sacas de grãos, ele examinou o interior escuro do galpão. Apenas uma luz fraca iluminou as máquinas e caixotes.

Ele não viu ninguém, mas isso não significava que eles não estavam lá. Qualquer coisa poderia esconder-se nas sombras. Ele checou a pistola para ver quantas balas foram deixados no tambor. Abrindo para revisar, ele olhou para dentro de seis furos. Quatro deles mostraram prata. Dois foram preto, uma na lanterna e um num homem. Mais uma vez o seu estômago bateu. Ele não gostava do homem corpulento nem ele dele, mas com certeza não queria
matá-lo.

Assim ele agarrou o tambor de volta no lugar, sentiu o ar em seu rosto e a uma vibração. Alguém estava se aproximando-o do seu lado. Ele girou em volta, apontando a arma, mas esquecendo-se de engatilhar quando ele puxou o gatilho, não disparou.

O grande homem caiu de joelhos ao lado de Jim. Era Nathan Scott, seu rosto redondo incandescente branco como a lua na escuridão. A boca dele se moveu, mas era impossível ler seus lábios na escuridão. Ele virou de costas a Jim para que ele pudesse desatar suas mãos. Jim deixou a arma no chão e pegou no nó apertado, mas ele não foi capaz de soltá-las. Finalmente, ele pegou o canivete do bolso e serrou o fio.

Quando suas mãos estavam livres, Nathan pegou a arma, e Jim alegremente entregou. O deputado apontou-lhe para ir com ele. Juntos, eles subiram e rastejaram em torno do perímetro da sala, seguiram em direção à porta. Jim agarrou-se uma madeira na borda, usado normalmente para bater o último da farinha do moedor, para utilizar como uma clave, se necessário.

Scott colocou a mão em seu peito, pará-lo, e apontou-lhe para permanecer posto enquanto ele olhou para fora da porta. Jim manteve de costas para a parede enquanto examinava as máquinas, transportadores, fardos e pacotes, e todas as sombras que eles lançaram. Constantemente em movimento durante o dia, a usina estava imóvel como um cemitério à noite, o vento forte orientava turbina fechada e a pedra de amolar estava imóvel. Jim olhou para o policial. Ele desapareceu pela porta. *Ele devia seguir ou ficar para trás?*

Ele foi até a porta e olhou pela fresta no pátio onde os vagões e os antigas peças de máquinas ofereciam uma infinidade de esconderijos. Um flash brilhante, rápido e pouco maior que um vaga-lume, veio perto do canto do silo celeiro. Cruzando o estaleiro, outro flash brilhou, em seguida, um vulto escuro correu pelo pátio aberto.*Tiroteiro!*

Jim não poderia ser de alguma ajuda para a Scott, por isso ele retirou-se para o local onde o policial disse-lhe para esperar. Sentia-se inútil, encolhido na usina até Scott voltar para ele.

Ele veio aqui para ajudar. Mas o que mais ele poderia fazer sem uma arma?

Jim agachou no escuro, seu corpo crepitava com energia e sua mente corria, de repente, ocorreu-lhe que havia uma peça importante uma evidência necessária se Karak nunca fosse a julgamento. Em algum lugar no gabinete do homem, deveria haver um registro das suas atividades de transações comerciais normais e ilegais. Enquanto Nathan mantinha os homens ocupadas no pátio principal, Jim se esgueiraria para o escritório e veria as informações que ele poderia encontrar para usar contra Karak.

Jim se levantou do seu agachamento e se encostou na parede na parte traseira do edifício onde ele entrou. Houve várias outras portas para que ele pudesse sair.

Ele realmente não esperava encontrar ninguém no interior da fábrica, por isso, quando viu uma pálida nuvem de vapor na escuridão, ele levou um segundo para perceber que era a respiração de alguém. O homem saiu atrás da pedra maciça de moagem e desceu a rampa saltando.

Jim congelou. E se ele tivesse o visto? O homem não duvidaria atirar nele, então qualquer movimento mais poderia chamar a atenção. Ele congelou, segurando o seu pedaço de tábua, com medo de ir mais a frente.

O homem atrás da máquina saindo da sombra profunda, pelo moedor atravessou o piso aberto para a frente do edifício. Jim exalou pesado. Ele iria esperar até o homem estar bem longe dele antes de continuar o seu caminho. Mas então ele percebeu que o homem,era Peters e pelo inclinar de seus ombros, iria atirar em Scott, por atrás. Jim tinha que pará-lo. A madeira em suas mãos dificilmente seria útil contra uma arma. Jim estudou a rede de transportadores e polias acima da qual grandes ganchos foram suspensas. Sacos de farinha ou fubá foram preenchidos no reservatório perto do moedor, amarrados, pendurados em ganchos e movidos por todo o comprimento do edifício. Eles foram postos na doca de carga e empilhados em vagões ou em vagões. Os transportadores devem estar vazios de algo, exceto de ganchos no final do dia de

trabalho, mas alguém tinha se apressado no final de seu turno de sair e deixou vários sacos pesados, grãos-cheios suspenso.

Jim agarrou um saco e puxado para trás e deixar ir, enviá-lo balançando ao comprimento do transportador. Tinha medo que não teria força suficiente para levar todo o caminho para onde Peters estava de pé, mas as rodas de transporte foram recentemente oleada e os o saco de cinqüenta libra escorregou do outro lado da sala. Peters se voltou para o som. O saco bateu no rosto, derrubando-o para trás. A arma bateu em sua mão e pousou no chão, vários metros de distância.

Jim correu toda a sala. Levantando a sua clave improvisada esmagando com toda força os ombros de Peters, o dirigindo ao chão. Ele levantou a clave novamente e trouxe-a para baixo em sua cabeça. Sua cabeça foi a arremetida com sangue. Ele respirou ofegante, olhando para o homem deitado aos seus pés.

Peters não se mexeu.

Apavorado ele o matou, Jim caiu de joelhos e sentiu o pulso. Pressionando os dedos contra a garganta quente do homem sob a gola da camisa, ele localizou uma batida constante.

O socorro foi substituído pela preocupação de que Peters iria recuperar a consciência e trazer mais aborrecimento.

Jim escondeu a arma do homem em seu cinto e cortar vários pedaços de fio de enfardamento no enorme carretel perto da montanha de sacos de pano. Amarrou as mãos de Peters por trás das costas e seus pés nos tornozelos, amordaçou-o com um lenço do bolso do homem, e amarrou-o a um dos anzóis. Ele não podia ir muito longe se ele recuperasse a consciência e tentasse seguir.

Ele soltou um longo suspiro e enxugou o suor da testa. Seus olhos nunca pararam de varrer incansavelmente ao redor da sala, em busca de mais atacantes nas sombras.

Ele retomou seu caminho para o escritório de Karak, verificou se estava tudo limpo. Deixou o prédio e correu para a noite.

* * * *

Catherine estava na rua, quando o grupo de homens desapareceram na esquina. Ela se sentiu pequena, fraca e absolutamente inútil ali de pé, esperando, sem poder ajudar. Ela estremeceu contra o frio e envolveu o xale mais firmemente ao seu redor.

"Miss Johnson?"

A menina ruiva de Cristal foi ao seu lado oferecendo um sorriso hesitante e uma caneca de café fumegante.

"Meu nome é Shirley. Eu convidaria você para dentro para se aquecer, mas ... "

Ela deixou a frase no ar. Claro, Catherine nunca poderia por o pé no salão. De acordo com as

regras da sociedade, ela não deve nem mesmo falar com essa mulher.

Mas então, Catherine tinha quebrado um monte de regras recentemente.

"Obrigada." Muito agradecida aceitou o café quente, soprou então bebeu.

Shirley pairava ao lado dela.

"Esta bom", acrescentou Catherine, enchendo o silêncio.

"Bem, nós temos sempre uma caneca. Às vezes é preciso por um homem sóbrio antes de poder deixá-lo andar para casa ".

Catherine sorriu para a menina do salão se esforçando para ser simpática, e se perguntou o que a trouxera para trabalhar no Cristal, fazendo o que ela fez. Flash de imagens da pele contra pele passaram através de sua mente. Agora ela sabia o que era sexo e o que alguém como Shirley fazia com seus clientes. Seu rosto queimou com o pensamento de partilhar tal intimidades com muitos homens estranhos.

Shirley jogava com um anel de coral em seu dedo do meio, girando-o ao redor.

"Eu sei que não é meu problema, mas posso te perguntar uma coisa?"

Catherine assentiu com a cabeça, engoliu o café quente.

"Jim é um cara muito legal. Ele vem trabalhando no Crystal desde que eu cheguei aqui.

Eu sei que você está ensinando-o a ler e fazer algum tipo de sinal com a mão para falar. Eu acho que é realmente nobre de você. "

Shirley fez uma pausa, e Catherine esperou pela pergunta.

"De qualquer forma, acho que ele gosta muito de você. Um lote inteiro. Só agora, quando você estava pedindo para Murdoch ajudar, eu tive a impressão talvez que você se importa com Jim também. "

"Eu ..." Como ela poderia responder a isso? Por que ela deveria compartilhar seus sentimentos com esta menina?

Foi a conversa mais estranha com a pessoa mais improvável que ela já teve.

"Eu gosto. Muito ", admitiu.

Um sorriso iluminou o rosto largo de Shirley.

"Isso é bom."

"Estou muito preocupada com ele", Catherine acrescentou, minimizando o seu medo.

"Se alguma coisa acontecer com ele ... "

Ela interrompeu, abruptamente, sentindo a força total de como seria. Quando ela recebeu a notícia da morte de Howard, foi como se ela tivesse sido afundada em que navio de guerra com

ele. Saber que Jim tinha sido morto seria como morrer mais uma vez. Ela não podia ter outra dor devastadora como aquela.

"Eu não deveria ter lhe dado a pistola. Foi estúpido ", Shirley murmurou.

"Mas ele ficará bem. Tem que estar. "

Ela segurou o braço de Catherine, ferozmente.

"Alguém tão doce como ele, que sofreu tão duramente durante toda a vida, merece o melhor. Você acha que Deus iria finalmente dar-lhe o amor,para não mantê-lo por muito tempo? Não esta certo!"

Catherine balançou a cabeça, a garganta apertou demais para falar e os olhos lagrimejaram. Seus medos por Jim misturaram com a raiva de si mesma por ter escondido ele de todos até neste momento. As palavras de Shirley a comoveu.

"Ele é inteligente. Ele vai ser cuidadoso. Não se preocupe! E quando isso acabar, vocês poderão viver felizes para sempre como nos contos de fadas ".

Derramando algumas lágrimas pelo rosto Catherine limpou o nariz correndo e assentiu.

"Desculpe. Não pretendia fazer você chorar. "

Shirley enxugou os olhos rapidamente. Soltando seus ombros quando suspirou.

"As mulheres têm dificuldade, não é? Não podemos fazer nada, mais do que esperar o problema passar, e temos de manter nossas bocas fechadas enquanto os homens fazem todas as decisões ".

Catherine elaborou um profundo suspiro e afastou a última das lágrimas de suas bochechas. Ela olhou os escassos hematomas no rosto de Shirley. Avançando, ela tomou a mão da menina na dela e apertou-a.

"Mas há algumas coisas que nós nos convencemos de que não temos controle, quando na verdade é que o poder estava nas nossas mãos o tempo todo. "

* * * *

No escritório de Karak Grant, Jim ficou de pé, olhando para os olhos cinza que não expressavam nenhuma emoção. Suas mãos estavam escorregadias de suor enquanto apertava a pistola. Ele a segurava com as duas mãos.

"Você vai atirar em mim?" Karak acenou para a arma.

Jim acenou com a arma para ele sair de trás da mesa, e fez ele encostar no chão. Karak ajoelhou-se, melhor do que deitar no chão como Jim tinha pretendido.

O homem olhou para ele e balançou a cabeça.

"Você poderia ter feito um bom dinheiro. Deveria ter mantido a boca fechada. "

Jim quase riu da ironia de suas palavras e com o fato de que este homem era uma das poucas pessoas que se preocuparam em ilustrar o que ele dizia com os movimentos das mãos.

Ele ordenou Karak ficar chão, empurrando-o para baixo plantando um joelho em suas costas. Encharcado de suor enquanto ele colocava sua arma de lado o tempo suficiente para amarrar o homem. Ele passou fio em torno de seu pulso, firme o suficiente para cortar a carne de Karak. Preocupado com a resistência do fio e seus nós, Jim bateu com ele na têmpora com a coronha da arma forte para deixar uma marca, mas não duro o suficiente para deixá-lo inconsciente.

Karak abriu a boca quando ele gritou de dor. Jim tirou a gravata de seda fina e o amordaçou para impedi-lo de pedir ajuda. Ele se levantou e caminhou até a mesa. Atrás dela estava um cofre aberto do qual Karak havia retirado um livro e um pequeno estojo de couro.

Girando o trinco do cofre, Jim abriu e chupou em uma respiração. Pilhas e pilhas de contas enchiam o cofre, pilhas de notas de dez e vinte. O montante era incalculável.

O impulso de pegar alguns pacotes e colocá-los em seus bolsos foi quase irresistível. Ninguém saberia. Ele poderia deixar o resto dentro. Ninguém saberia, exceto Karak o quanto dinheiro ele tinha em seu cofre.

Jim imaginou saindo da cidade e começar de novo, um novo caminho na vida agora com dinheiro.

Ele poderia, finalmente, ter o seu próprio negócio, e quando ele o tivesse, seria um homem de verdade, encontraria Catherine e a convenceria a se casar com ele.

Jim bateu o cofre encerrado e trancado antes que a tentação vencesse. Ele entendeu por que seria errado roubar. As pessoas ganhavam dinheiro com todos os tipos de formas, assim foi como ele aprendeu a ver o mundo ao seu redor. Moral era para pessoas que podiam dar ao luxo de tê-los. Ele não podia. No entanto, dentro dele algo profundo não lhe permitiria simplesmente pegar o que ele desejava.

Ele deixou o cofre de lado e folheou o livro-razão. Continha colunas de números rotulados com um monte de palavras que deve significava a transferências roubadas. Ele a colocou ao lado do cofre sobre a mesa então verificou seu prisioneiro.

Karak ainda estava de bruços no chão. Tudo que Jim tinha de fazer era esperar a ajuda chegar ou

para que um dos homens de Karak para estourar a porta. Ele analisou a pistola em sua mão, e levantou a vista para atirar.

A porta se abriu. Seu dedo automaticamente apertou o gatilho e ele disparou um tiro.

Felizmente, seu alvo era pobre e apenas dividiu o quadro, porque o homem que tropeçou em volta da porta era Nathan Scott. Foi a segunda vez nesta noite que Jim tinha disparado contra ele.

Scott entrou na sala,com as palmas das mãos levantadas, seguido por um par de outros homens. Logo o pequeno escritório estava tão cheio que não havia espaço para se mover. Jim baixou a pistola e ofereceu a Scott novamente. Ele mostrou o livro de Karak ao policial e o dinheiro. O policial colocou a mão em seu ombro e cabeça.

Uma corrida de atividade seguiu quando Karak ficou de pé e foi algemado. Scott dirigiu vários homens da cidade com armas, incluindo Murdoch. Dois homens transportavam os corpos dos mortos, enquanto outros ajudaram o policial escoltar Karak e os seus homens para a cadeia. Scott assumiu o comando das provas e Jim não poderia ajudar mas queria saber se alguns daqueles poderia acabar nos bolsos.

Enquanto isso, Jim encostou na parede externa do escritório de Karak e assistiu aos outros homens em torno de moagem. Suas pernas tremiam demais para segurá-lo na posição vertical. Sentiu que ele poderia ficar encostado na parede até que ele simplesmente derretesse ela. Às vezes era bom ser esquecido e deixado sozinho. Mas logo Murdoch, veio até ele.

O taberneiro olhou-o nos olhos e sorriu. "Bom trabalho". Ele balançou a mão de Jim e puxou-o para longe da parede. Colocou uma mão nas costas, e o acompanhou pelo jardim do moinho.

John Walker se aproximou e estendeu a mão a para Jim, e vários outros homens assentiram com a cabeça ou com a ponta do chapéu. Logo ele era parte de um pequeno grupo caminhando de volta para o centro da cidade. A noite agora estava completamente escura e Jim sentia-se quase como se estivesse andando em um sonho.

Tanta coisa tinha acontecido e tão rapidamente que ele estava morto de cansaço. Seria um prazer se afundar na escuridão e não acordar durante cerca de doze horas.

À frente, um agrupamento de pessoas circulavam a rua, elaborado pelos tiros à espera de descobrir o que estava acontecendo. Murdoch, ainda tinha a mão na parte nas costas de Jim. Ele bateu entre as omoplatas para chamar sua atenção e apontou para o grupo da frente.

Ele disse algo, mas estava muito escuro e Jim estava cansado demais para ler os lábios. Deus, será que esta noite nunca iria acabar? Ele ainda tinha que voltar para os Albrights e explicar para

Catherine o que tinha acontecido.

De repente, ela estava ali, rompendo o pequeno grupo de mulheres e correndo na direção dele. Ela correu todo o espaço entre eles e jogou seus braços em volta de seu pescoço. A força de seu corpo bateu-lhe de volta a poucos passos de como ela embrulhou ao redor dele como uma videira em uma viga.

Ele recuperou o equilíbrio e serpenteou os braços em volta dela, segurando próximo. Sua exaustão desapareceu em um instante, apagado pelo incrível fato que Catherine estava em seus braço bem aqui na rua na frente da metade da cidade, levantando o rosto para beijá-lo. Ele não podia recusar a oferta e inclinou a cabeça para cobri-la com seus lábios macios. O calor e a pressão de sua boca tirou toda a ansiedade e o medo residual ainda flutuando nele e o encheu de alegria selvagem em seu lugar.

Depois de vários minutos tomando sua boca como um homem faminto, ele se afastou e abriu os olhos. As lágrimas em seu rosto encheu sua visão. Seu estômago caiu.

Por que ela estava chorando? O que aconteceu com ela?

Ele estava ciente da multidão de pessoas ao seu redor. Olhando para cima, ele viu muitos olhos centrados sobre ele e Catherine, abrindo suas bocas, com expressões de surpresa e de choque. Se afastou dela e deu um passo atrás, mas era tarde demais para proteger a sua reputação.

Catherine embalou seu rosto, chamando sua atenção para ela, e seus lábios estavam em movimento.

"... Não acha? Nunca mais! "

Ela franziu a testa e sinalou quando ela falou.

"Nunca!Entendeu? Eu te amo. "

Suas mãos graciosas fez o sinal de amor, e parecia que ela estava oferecendo o seu coração para ele.

No final Jim percebeu que ela estava chateada com ele por se colocar em perigo. Se ele tinha duvidas que ela se importava, essas dúvidas se evaporaram sob a força de sua fúria. Ele acenou com a cabeça e prometeu. Ele não tinha absolutamente nenhuma intenção de nunca mais usar uma arma novamente pelo resto de sua vida. A memória do corpo sem vida do homem que ele tinha disparado, os olhos arregalados olhando, assombrado para ele.

"Bom!" Ela terminou, e acrescentou: "Você está bem?"

Sorrindo, ele se juntou o polegar e o dedo indicador em um círculo. Ele apontou para ela.

"Você?"

"Muito melhor agora."

Ela agarrou suas duas mãos e as segurou apertadas.

* * * *

Ela segurou firmemente a mão de Jim com a sua para assegurar que ele estava realmente seguro ao lado dela. Catherine virou-se para Murdoch, que está próximo.

"O que aconteceu, Murdoch? O policial Scott está bem? Ninguém foi ferido? "

"Dois dos homens de Karak foram baleados e morreram. Trace Hazen foi baleado, mas parece que foi apenas um arranhão. Karak e o resto dos seus rapazes foram presos. "

"Eu chamei o marechal ele deve estar no seu caminho", disse a ele.

"Ele pode levá-los para a cadeia do condado de Hastings. Roubar bens do governo torna uma questão federal não local. "

Murdoch concordou.

"Scott disse que parece com suprimentos dirigidos para uma reserva no oeste, e os fuzis eram do exército. "

"Uma reserva indígena?"

Catherine esclareceu, olhando para Jim para incluí-lo no conversa. Seus olhos estavam vidrados e ela podia ver que ele estava muito cansado e sobrecarregado. Ela deu um aperto de mão gentil.

"Cobertores, alimentos, produtos secos e medicina. A fábrica de Karak fez uma boa cobertura ".

"Bem, quem iria notar, quando o trem chegou e o inventário esteve fora?"

Murdoch riu.

"Eu estive no exército por um tempo logo após a guerra. O governo dos E.U.A é o maior sorvedouro você nunca ouviu falar, especialmente os militares. Há sempre alguém deslizando, para fazer um pequeno pé de meia para depois que ele é sair.O que exército paga não tem grande significado. "

Seu olhar parou sobre o Crystal sugerindo que ele tinha feito uma reserva para ele, permitindo-lhe começar seu próprio negócio.

"O que acontecerá depois? Você acha que há evidências suficientes para acusar Karak? "

Ele deu de ombros.

"Não há evidência suficiente, mas se ele nunca vai estar em tribunal é outra questão. Karak é rico e poderoso. Ele pode ser preso esta noite, mas os homens como ele raramente vão para a prisão. "

Catherine pensou sobre a injustiça de Karak gastar algumas noites na cadeia quando Jim, havia

feito por nada de errado. Comprar e controlar uma cidade inteira não era o suficiente para Grant Karak. Sua ganância estendia para roubar suprimentos dos índios de modo que ele poderia fazer ainda mais dinheiro. Para alguém como ele parecia que o processo de ganhar poder era mais importante do que gastar sua fortuna.

Catherine agradeceu a Murdoch por ir ajudar Nathan e Jim e desejou-lhe boa noite.

"Pode voltar a trabalhar para mim se você quiser".

Murdoch deu um tapinha no ombro no de Jim, e se afastou.

Deslizando um braço em volta da cintura de Jim. Catherine o conduziu para a frente.

"Vamos. Você precisa descansar ".

Juntos, eles caminharam pela rua, passado pelos grupos de pessoas que ainda discutiam sobre a emoção da noite. Faces voltaram à medida que passavam, alguns sorrindo,alguns carrancudos, mas Catherine manteve o braço em torno de Jim e segurou a cabeça elevada. Ela não temia mais as fofocas ou desaprovação. Ela sabia o que ela tinha quase perdido e estava determinada a nunca mais correr o risco de perder o amor novamente.

Capitulo Vinte e Cinco

A escola estava cheia de adultos sentados nas mesas destinados as crianças.
Mais pais sentaram em cadeiras colocadas na parte de trás da sala. Na frente da sala, a mesa do professor foi movida de lado para dar lugar a um palco temporário, que estava atualmente vazio. Os alunos se sentaram em uma fileira de cadeiras ao longo de uma parede de mais velho para mais jovem,aguardando para cada um ter seu turno para se apresentar.
Melissa Van Hausen estava na beira do seu assento, o rosto brilhando pela excitação, parecia prestes a saltar no palco e lançar seu poema, em qualquer segundo, enquanto Minnie Davis, pressionava as costas da cadeira, pernas balançando, parecia congelada. O rosto dela estava tão pálido que Catherine temia que ela pudesse desmaiar se ela tentasse caminhar até a plataforma para recitar a sua parte. Ela correu para dar palavras de incentivo antes do último estágio atingir a criança.
"Está tudo bem, Minnie?"
Perguntou a ela, agachou na frente dela.
A menina olhou com os olhos atordoados com as pessoas enchendo a sala e sacudiu a cabeça.
Catherine nunca tinha acreditado em forçar uma criança a falar ou ler na frente da classe quando eles estavam quase paralisados com medo. Para algumas crianças falar em público não era natural e ela preferia incentivá-los a perder a sua timidez do que forçá-los a isto.
"Gostaria de que Melissa esteja com você quando você recitar o seu poema?" Um frenético aceno de cabeça respondeu sua pergunta.
"Você faria isso, Melissa? Ira junto com Minnie?
"Oh, sim!" Seus olhos já brilhantes da menina ficaram estrelados e ela mexia na cadeira, clicando em seus sapatos polidos juntos.
"Não tenha medo, Minnie. Eu estarei com você ", disse ela com a altivez de quem era um todo nove meses mais velha.

Catherine estava contente que a alegre energia de Melissa não tinha sido desativada pela nuvem sobre a família Van Hausen. Desde que Charles tinha sido acusado de práticas bancárias ilegais tendo ligação com o caso Karak que estaria enfrentando um tempo na prisão ou, pelo menos

uma multa muito pesada, seus pais, mal conseguiam levantar a cabeça na comunidade. Felizmente, a situação parece não afetar a mais jovem Van Hausen.

Catherine seguiu a linha, verificando a cada um de seus alunos pela última vez. Nos últimos dois lugares sentaram Jennie e Ned. Sua fuga pode ter sido anulada, mas eles eram inseparáveis e disseram que estavam "comprometidos", embora os pais de Jennie não tinham aprovado. Ainda estava determinada que ela vá para o colégio depois do feriado de Natal, a Sra. Albright, evidentemente esperava esfriar o romance antes nos longos meses de inverno, assim impedir de Ned e Jennie estarem juntos. Seria interessante ver se a experiência de Jennie alargaria os seus horizontes, ou se ela voltaria para Broughton para se estabelecer com ela pretendida.

Catherine olhou pela sala cheia de parentes e pais orgulhosos, inclusive os dela.

Ela esboçou um sorriso para seu pai e sua mãe, que parecia deslocados como pavões em um bando de galinhas. Seu pai estava vestido com um terno de negócio que se mistura muito bem com as roupas de outros homens, mas o vestido de brocado de sua mãe era muito elegante, o penteado sofisticado e o ângulo de sua cabeça era um pouco arrogante. Seu comportamento não foi intencional. Era simplesmente o modo como ela fazia, mas inclinação na ponta de seu nariz certamente a fez parecer esnobe.

Jim não tinha chegado ainda. Ele voltou a trabalhar, tanto no estábulo como no Crystal, de modo que ela realmente não esperava que ele estivesse ali a tempo para ver as apresentação das crianças. Foi melhor. Ela preferia passar esta noite antes de introduzir Jim a seus pais. Ao longo das últimas semanas, o povo de Broughton vieram a aceitar que eles eram um casal. Sem dúvida tinha havido muita fofocas atrás das costas. Eles haviam tido o cuidado de manter seu relacionamento aberto, apenas roubando um beijo ocasional, sem contar em entrar furtivamente no palheiro para satisfazer-se com perseguições mais terrenas. Seu comportamento tinha sido irrepreensível.

Claro, a Sra Albright tinha se oferecido sem ser convidada para dar conselho.

"Como mãe, querida, já que ela não esteve aqui para te aconselhar. Você deve perceber que este homem é uma escolha inadequada para você. Ele tem uma deficiência grave e sem perspectivas. O que poderia um jovem educada como você encontra atraente nele? Você deve considerar a sua natureza futura e inadequado deste arranjo antes que as coisas vão longe demais. "

Catherine não tentou explicar-se, sabendo que Rowena não ouviria o que realmente ela tinha a

dizer e nunca iria entender, mesmo que ela ouvisse. Educadamente,

Catherine prometeu considerar o conselho, mas continuou a ensinar Jim e passar o muito tempo com ele possível. O conselho escolar não ameaçou demiti-la e ninguém na cidade tinha falado com ela sobre o seu relacionamento, provando seus medos infundados.

Mas, agora, sua mãe estava ali e, sem dúvida, dar exatamente o mesmo sermão palestra e mais. Após de se encontrar com seus pais na estação de trem, Catherine tinha a intenção de dizer-lhes tudo sobre ela no mês em Broughton, incluindo seu relacionamento com Jim, mas as palavras tinham furado em sua garganta. Ela falou sobre seus alunos, as pessoas na comunidade e mencionou que ela estava dando aulas depois da escola. Antes que ela pudesse levantar a coragem de explicar que Jim era muito mais para ela do que um aluno, sua mãe tinha lançado um episódio após o outro sobre as pessoas em White Plains. Catherine havia permitido que ela falasse, feliz por adiar a revelação.

Olhando de soslaio para os edifícios, sua mãe tinha feito comentários maliciosos sobre a cidade. O pai de Catherine a tinha abraçado com um braço e mudou de assunto para sua viagem ferroviária, o que é uma maravilha moderna de transporte. Eles chegaram aos Albrights e Rowena tinha monopolizado a conversa, claramente tentando impressionar a mãe de Catherine que ela era o centro da roda social em Broughton.

Não houve tempo para falar com um dos seus pais sobre Jim quando refrescou-se, jantaram com os Albrights, e se preparou para ir para a apresentação da escola. Catherine deixou a escola cedo para preparar e organizar, mas durante toda a noite, na parte de trás de sua mente, ela sabia que estava afastando o que ela temia. Apresentar Jim a seus pais como o homem que amava não ia ser fácil. Ela deveria ter avisado eles antes do tempo, mas agora era tarde demais.

Respirando fundo, ela colocou suas preocupações fora de sua mente e se concentrou no assunto em questão. Sobre a plataforma que John Walker havia construído para o evento, ela levantou a mão para o silêncio. Vozes reduziram para um murmúrio, depois se parou. Apenas o som das roupas e uma tosse ocasional perturbou o sossego.

"Boa noite."

Ela sorriu, fazendo contato visual com várias pessoas ao redor da sala .

"Bem-vindo à nossa escola. Onde seus filhos estudaram regularmente todo o ano aprendendo muito. Eles estão muito ansiosos para mostrar alguns de seus conhecimentos hoje à noite, assim, sem mais delongas, vamos todos nos levantar para começar o nosso programa".

Ela virou-se para o pavilhão e havia um rumor de som que todos fizeram o mesmo tempo.

Quando o compromisso foi concluído, Catherine desceu do palco e sentou-se no assento vazio ao lado de seus pais. Olhos de seu pai brilhou num sorriso caloroso levantando as bordas do bigode, dando uma elevação súbita de seu coração. Ele apertou a mão na dela depois que ela tomou seu lugar, e continuou a segurá-la quando Minnie deu-lhe a recitação.

Catherine quase esqueceu seus próprios medos, ela estava tão obcecado por Minnie. Os olhos da menina eram enormes e sua voz suave, não chegava além da primeira linha. Depois de algumas linhas de The Old Cherry Tree, Minnie calou-se, tentando encontrar as palavras. O coração de Catherine bateu mais rápido, disposta a atravessar a até palco.

Felizmente, Melissa, que estava ao lado de sua amiga assustada, teve o bom senso de dar a ela um empurrãozinho e sussurrar a próxima linha de alta. "As flores caem. A deriva dos branco ... "

Minnie chupou em uma respiração e repetiu a linha. Ela terminou o resto do poema em um fôlego, com o rosto vermelho fogo. Tanto a pequena menina quanto Catherine soltou um suspiro de alívio quando acabou, e a platéia aplaudiu educadamente.

Minnie tinha acabado de regressar ao seu lugar antes de Melissa começar seu poema, The Old Blacksmith. Linha após linha com o aumento da velocidade e fervor, ela quase gritou as palavras, trazendo o poema a uma conclusão retumbante.

O resto dos artistas recitavam peças, resolver problemas de matemática no quadro negro ou deram aulas de geografia curtas usando o mapa na parte da frente da sala, de acordo com suas preferência. Dale Timmerman, que não foi muito criativo, e enumerou os presidentes em desde de George Washington até o recém-eleito Theodore Roosevelt. Sarah

Jalkanen deu uma maravilhosa descrição da vida quotidiana dos Sioux, que tinha sido o povoado nas pradarias, antes da descoberta por pioneiros.

Jennie Albright tomou seu lugar no palco para recitar a Declaração da Independência.

Quando ela chegou, a expressão "nós celebraremos estas verdades são evidentes, que todos os homens são

criados iguais, que são dotados pelo seu Criador com o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade ", ela olhou incisivamente para a mãe. Hostilidade havia surgido na casa dos Albrights "estes dias como outrora doce, Jennie flexívelmente demonstrou sua revolta de forma não tão sutil a cada dia. Seus pais podem ter controle sobre sua vida, mas ela não iria se render facilmente. Catherine tentou dar conselhos a ela para ver a experiência na costa leste como uma grande oportunidade para ver outra parte do mundo, mas todos podem veriam que Jennie ela estava sendo arrancada de Ned. Ela terminou sua recitação e falou sobre o significado dessas palavras para ela, algo que ela não tinha pré-aprovado, com Catherine.

"Tenho certeza que todos concordamos com o Presidente Lincoln que Deus quer que sejamos felizes e livre para viver como nós escolhemos. Ninguém deveria ter o direito de ditar a vida de outras pessoas.Isso se estende para os pobres e os ricos, homens e mulheres, jovens, indepentendes de idade.Obrigada. "

Outro olhar para sua mãe e Jennie tomou seu lugar.

Ned foi o último a recitar. Ele lançou em uma dissecção entusiasta do funcionamento da nova lâmpada elétrica, que ele acreditava que um dia iria substituir a iluminação gás das casas.

Durante seu discurso, que transformou em muito em detalhes, Catherine ouviu a porta se abrir. Seu olhar arremessou a Jim entrar no edifício e que se desloca em pé ao longo da parede com outros retardatários que não tinham sido capazes de obter assentos.

Seus olhos se encontraram com os dela e um sorriso nos lábios curvos e acendeu seus olhos.

Seu coração bateu descontroladamente. Ela sempre corria quando via ele, mas sua presença hoje à noite despertou a ansiedade misturada com amor. Oh, como ela desejava que ela tivesse tido tempo para preparar seus pais para esta notícia. Ela não queria que o horror no rosto de sua mãe ferisse Jim, e sabia que não podia deixar de ler a desaprovação em sua expressão.

Finalmente Ned acabou de falar sobre todos os aspectos do passado de eletricidade e seu discurso terminou com a conclusão idealista.

"A eletricidade vai revolucionar o nosso mundo e o motor a vapor vai ser algum dia uma nota de rodapé na história. Obrigado. "

O pai de Catherine, inclinou-se para ela a sussurrar,

"Uns jovens muito radicais que você educa aqui. "

"Eu ensino o pensamento crítico como você fez comigo papai. O que fazer com ele é além do meu controle, mas devo dizer que acho que futuro gerado a eletricidade como Ned diz parece improvável. Eletricidade nunca poderia ser tão rentável como a iluminação a gás, e é perigoso ".

Catherine subiu ao palco pela última vez, levando a escola ficar de pé no canto The Beautiful America antes de chamar para uma última rodada de aplausos para todos os alunos. As crianças e os adultos sorriram quando os aplausos encheram a pequena sala.

Catherine não contava em ser cercada pelos pais cheio de congratulações e excitadas crianças após a apresentação. A sala estava lotada e ela parava toda vez com alguém querendo lhe dizer que foi um ano letivo maravilhoso que tinha sido até agora para o pequeno Johnny ou Susie, e quanto a sua doutrina era apreciada. Apesar de ser bom ouvir isso, não lhe permitiam avançar em direção Jim ou a seus pais rapidamente.

De repente, sua mãe estava na frente dela, alisando sua saia e olhando de soslaio para os corpos se acotovelando em volta dela. Ela sorriu para Catherine e tomou as mãos,

beijá-la em cada bochecha e falando perto de seu ouvido para ser ouvida acima do ruído.

"Um pouco apertado, não é? Eu só queria te dizer como estou orgulhosa de você, querida.Você já fez essas pessoas um grande serviço vindo aqui para ensinar. " Ela conseguiu fazer o elogio soar como se sua filha fosse um missionário entre os pagãos.

"Estou certa de que este será um momento que você sempre lembrará em casa quando voltar. Howard ficaria orgulhoso de você também, mas eu sei que ele quer que você siga em frente com sua vida e encontre alguém que você possa fazer uma família ".

Era sua típica maneira de envolver uma pedrada dura em um doce revestimento.

Engraçado você mencionar isso, mãe. Eu tenho alguém que eu quero que você conheça.

Catherine procurou por Jim na multidão. Ele estava perto da porta, segurando atrás e esperando que ela acenar-lhe quando ela estivesse pronta.

"Mãe, pai. Há alguém que eu quero apresentar a vocês. Lembram-se que eu disse que estava dando aulas depois da escola? Bem, o estudante é um homem surdo que mora aqui em Broughton. Eu tenho o ensinado ele a ler e nós dois estamos aprendemos a linguagem de sinais. "

Ela acenou para Jim, levantando a mão para chamá-lo a se aproximar.

Quando ele passou através da sala, seu estômago amarrou em nós. Será que ela diria a seus pais que Jim era mais do que um aluno, mais do que um amigo? Ou ela deveria guardar a parte para outra hora? Esta era apenas a sua primeira reunião depois de tudo. Seu olhar encontrou o de seu pai por um segundo. Com a testa franzida.

"O que é isso?"

"Papai ..." Ela fez uma pausa muito tempo, tentando encontrar as palavras certas.

Eu amo este homem. Ele é quem eu vou passar o resto da minha vida.

Então Jim chegou a seu lado e neste momento passou.

Catherine virou-se para ele.

"Jim, estes são os meus pais, Aletha e Donald." Ela apontou a seus nomes, embora ela e Jim tinha discutido esta visita, e ele sabia muito bem os seus nomes. Ela virou-se para seus pais.

"Este é Jim Kinney."

Jim estendeu a mão e seu pai apertou-o firmemente, dizendo: "Prazer em conhecê-lo."

Jim estendeu a mão à mãe, que hesitou uma fração de segundo antes de tomar. "Encantada em conhecê-lo", ela murmurou. Os olhos dela questionando Catherine.

"Olá", ele gesticulou. "Como foi sua viagem?"

"Ele pergunta como foi a viagem", Catherine traduziu.

"Muito bem, obrigado." Sua mãe manteve seu sorriso fraco. "Você sempre viveu em Broughton?

"

Jim fez o "mais ou menos" gesto.

"Ele se mudou para cá com sua mãe quando era jovem. Depois que ela morreu, ele ficou. Jim trabalha no estábulo e faz biscates também. "

"Mm."

Catherine poderia tagarelar sobre a forma como ela o conheceu para começar a dar aula a Jim e como ele estava progredindo em seus estudos, relegando seu papel de aluno. Ou ela poderia reconhecer a sua verdadeira relação, que se aprofundou ainda mais ao longo das últimas algumas semanas. Respirando fundo, ela escorregou a mão na dobra do braço de Jim, segurando seu antebraço muito forte para o apoio.

"A verdade é que Jim é mais do que meu aluno.

Temos uma amizade especial. "

Sua mãe deslocou um olhar entre eles, então assentou na mão de Catherine segurando o braço de Jim.

"O que isso significa exatamente?" Seu rosto estava composta, mas o fraco sorriso tinha desaparecido.

"Eu acredito que Catherine está nos dizendo que este é seu namorado, Aletha".

Deus te abençoe, papai!

Catherine sentiu uma onda de calor em direção a seu pai. Ela esperava que ele seria mais fácil de conquistar, sabia que ele era mais aberto, mas não tinha imaginado que levaria seu anúncio assim casualmente. Seu rosto estava calmo e cordial, apesar da permanente linhas gravadas entre as sobrancelhas. Ele sorriu.

"Eu estou contente querida em vê-la feliz novamente. "

Sua mãe travou. Ela olhou para Jim, então ausente, incapaz de controlar até mesmo um fraco sorriso neste momento. "Bem. Isso foi inesperado, devo dizer. "

Ela deixou por isso mesmo, reprimindo muito bem no ar a sua preocupação publicamente, mas Catherine sabia que ela receberia uma bronca depois.

"Eu sei que não deveria parecer assim, mas temos vínculo crescendo, mais por um tempo agora."

Ela pegou a mão do braço de Jim para assinar o que ela estava dizendo para seu benefício.

Sua pele habitual bronzeada, estava ruborizada. Ele estava desconfortável e consciente que sua

mãe ficou chocada e horrorizada pelo envolvimento. Suas mãos voaram quando ele fez uma calorosa mensagem para seus pais. Trabalhamos em conjunto ao longo das últimas semanas aumentado seu vocabulário gestual, mas esta foi a mais longa seqüência que Jim jamais havia feito. Catherine interpretou seus pensamentos em voz alta para seus pais.

"Eu sei que não sou o homem que vocês desejam para sua filha. Mas eu prometo a vocês, que eu a amo e vou fazer tudo que puder para ser digno dela. "

Enquanto falava suas palavras, o coração de Catherine torceu e sua garganta apertou.

Ela tropeçou "Eu a amo" e terminou com a voz embargada.

"Como eu disse," seu pai se inclinou acariciou o rosto, "Estou feliz que a minha menina esteja feliz de novo. "

"Obrigado, papai." Ela mordeu o lábio inferior tremendo e piscou as lágrimas.

"Bem", foi tudo que sua mãe poderia gerenciar e outro sorriso morno.

Por um momento, houve algum silêncio, mas foi bruscamente interrompido pela voz grossa de Dean Gunderson quando ele surgiu ao lado deles como um grandalhão de três anos.

"Ei.Você pegou os biscoitos? Há dezesseis tipos diferentes lá. Eu contei eles. Eu posso contar, você sabia?"

Ele fez um gesto com a mão, espalhando sua bebida sobre a borda do copo.

"Eu sei que você pode", disse Catherine, em seguida, o apresentou aos seus pais.

"Este é Dean o filho de um dos fazendeiros locais. Ele ajuda na escola, fazendo a limpeza após as crianças sairem, reparos e apanhando lenha para nós. Nós não poderíamos passar sem ele limpar o quadro e manter os ratos à distância ".

"Ratos?" A sua mãe arremessou um olhar ao redor da sala como se esperasse um ataque a qualquer momento.

"Apenas estava brincando, mãe. Nós não temos ratos ... pelo menos não neste momento. "

Ela sorriu para Jim recordando a sua defesa corajosa no vestiário contra rato ladrão de almoço.

"Devemos seguir o exemplo do Dean e ver quais as delícias as senhoras prepararam na mesa dos refresco? "

Enganchou seu braço ainda mais firmemente em torno de Jim, e eles seguiram através da sala lotada. Ele era dela agora. Não precisava mais esconder seu relacionamento de ninguém.Catherine levantou a cabeça e acenou para as pessoas ao passarem. Ela olhou para Jim

e deu-lhe um sorriso largo que ela esperava espelhar a sua expressão radiante.

Capitulo Vinte e Seis

Jim ficou na frente do pequeno espelho redondo em seu quarto onde ele estava se vestindo para o maior evento de sua vida. Ajeitou a gravata, mas ainda não estava satisfeito com os resultados. Foi a primeira vez que ele usava uma e ele teve que descobrir por si mesmo como amarrá-la.
Ele correu a escova no cabelo mais uma vez, o prazer que pelo menos ele estava se comportando, ficando bem esticado em sua cabeça. Abaixou a escova, e olhou para o comôda vazia. Não havia mais animais esculpidos em madeira, artigos de higiene, catálogo ou papel. Apenas a escova, e logo seria embalada em sua mala, juntamente com tudo o que possuía.
Ele olhou ao redor do quarto vazio, despojando de tudo o que tinha feito dele. Estes eram os últimos momentos que ele passaria ali. Amanhã a esta hora, ele estaria em um trem atravessando todo o país em direção a Nova York. Talvez ele devesse sentir uma pontada de tristeza, mas ele não estava sentindo. O que ele tinha ali que poderia perder? O futuro se abriu na frente dele. Ele iria freqüentar a Escola para Surdos, em Nova York, e o pai de Catherine, disse a Jim que poderia trabalhar no departamento de contabilidade de sua empresa quando estivesse terminando com a sua educação. Talvez ele faria isso, ou talvez ele comece um negócio próprio. Tudo era possível.
E hoje ... seu estômago capotou e ele passou a língua nos lábios secos. Hoje ele viveria o seu sonho, andando pelo corredor da igreja, e oficializando Catherine como dele. Isto ainda não parecia possível e, ao mesmo tempo sentia como se fosse inevitável. Eles foram feitos para ficarem juntos. Ele percebeu que desde do primeiro momento ele fixou o olhar nela. Ele tinha acabado tomando um pouco de seu conhecimento também.
E ele abotoou o colete e deu um último olhar para o seu reflexão, ele sorriu, lembrando-se quando ele fez a proposta e ela aceitou.
Vários meses após a visita de seus pais e com o anúncio de Catherine que ela e Jim eram um

casal, ele começou a se perguntar se ele deveria esperar até que estivesse financeiramente melhor antes de pedir-lhe para casar com ele. Ganhar o suficiente para ser "digno" de sua mão não parecia tão desesperadamente importante. A vida era muito curta para que vivessem separados, não quando ela
estava tão perto e tão ansiosa por partilhar sua cama.

Além disso, agora que eles eram um casal oficial, Catherine retornou o cuidado com demonstrações em público, certificando-se de que ninguém teria nenhum motivo para julgá-los por um comportamento inadequado . Beijos roubados e carícias era ótimo, mas eles já não eram suficientes. Ele queria seu corpo, alma e coração, a cada hora do dia.

Jim passou a trabalhar algumas horas na loja de ferragens de John Walker, repondo prateleiras e fazendo algumas contabilidades. Mesmo com o dinheiro extra, ele mal podia pagar uma simples aliança de casamento barata no mercantil geral. Nervoso sobre a resposta de Catherine, mesmo que ele estivesse certo de que ela iria aceitar, Jim havia feito uma forma única de apresentar a sua proposta. Ele amarrou uma fita no anel e a passou no pescoço de um gatinho.

Mas quando Catherine chegou ao estábulo naquela noite e ele se ofereceu para ela segurar o pequeno gato, a maldita coisa saltou de seus braços e desapareceu na parte de trás do estábulo. Nada foi mais difícil do que pegar um gato em uma missão para permanecer fora de alcance. Jim passou a meia hora seguinte rastreamento a coisa com Catherine tentando fazer ele explicar porque era tão importante para ele pegar o gato.

Jim estava com a cara vermelha e furioso quando ele empurrou a besta contorcendo para a ela. Catherine começou a rir quando viu a fita e o anel ao redor de seu pescoço. A boca dela se abriu e os olhos piscavam. Ele queria ouvir o seu riso. Em vez disso, ela segurou o gato contra o peito, junto com a mão de Jim também, para que ele pudesse sentir a vibração da sua alegria.

"Sim", ela disse-lhe que quando prendeu a respiração e enxugou as lágrimas de seus olhos.

Ela colocou o gato no chão que saiu em disparada imediatamente.

"Sim", ela gesticulou. "Me casarei com você."

Ela disse que não queria esperar muito tempo.

"Eu não quero ir voltar para casa em Nova York para minha mãe planejar algo muito grande. Podemos nos casar aqui em Broughton, e em breve ".

Logo soava bem a Jim, e assim tinham planejado seu casamento para o final do segundo semestre.

Jim olhou para o relógio preso a roupa que Catherine tinha comprado para ele, antes de dobrá-lo de volta no bolso do colete. Estava na ora de caminhar até a igreja. Ele colocou seu chapéu novo na cabeça e fechou a porta de seu quarto, sem olhar para trás.

Rasmussen esperava por ele no estábulo. Ele estava vestido em um terno também, uma visão rara. Ele caminhou até Jim e apertou sua mão.

"Eu vou sentir sua falta. Você tem sido um bom trabalhador todos estes anos. Tenho um pequeno presente de casamento para você. "

Ele entregou a Jim um envelope grosso.

Sem abri-lo, Jim poderia dizer que estava cheio de dinheiro. Ele sorriu e baixou a cabeça em reconhecimento, colocou o envelope no bolso interno do paletó e gesticulou. "Obrigado".

"De nada". Rasmussen usou o sinal Catherine lhe tinha ensinado.

"Bem, está na hora. É melhor irmos. "

Eles fecharam e trancaram a porta do estábulo e caminhou para a igreja juntos.

O nervosismo de Jim aumentou quanto mais perto chegava na igreja. Suas palmas suavam e sua garganta estava seca. Ele queria um casamento completo, mas estava desconfortável com todos os olhos sobre ele. Eles tiveram a intenção de manter uma cerimônia pequena e privada, mas de alguma maneira todos na cidade tinha assumido que eles foram convidados. A igreja estaria lotada com aqueles que apreciavam e aqueles que estavam apenas curiosos.

Eles entraram no prédio onde o Sr. Rasmussen deu-lhe boa sorte, então foi procurar um assento nos bancos da igreja lotada. Jim olhou mais uma vez para os espectadores, mas depois que a igreja poderia muito bem ter estado vazia, porque ele avistou Catherine. Soltou respiração ao vê-la de pé na parte de trás da igreja esperando por ele.

Ela usava um vestido novo, mas simples de algum material brilhante azul. Seu cabelo estava puxado vagamente na cabeça e flores foram tecidas nele.

Ela sorriu para ele. Ele foi até ela e tomou-lhe o braço. Eles decidiram caminhar pelo corredor juntos para estar frente do ministro desde que seu pai não estava ali para levar a noiva, e também para simbolizar que ambos estavam entrando em seu casamento.

Catherine levantou a mão, dizendo-lhe para esperar. Ela apontou para a frente da igreja para o altar e Jim percebeu que tinha de esperar a música começar. Ela passou o braço através dele, e quando ela deu em seu braço um aperto delicado, ele sabia que estava na hora.

Olhando diretamente para frente no corredor onde o ministro esperava, Jim marchou para a frente. Seu peito doía de felicidade e de orgulho por ter Catherine caminhando ao seu lado.

Quando eles pararam em frente do clérigo, Jim focou em seus lábios, muitas palavras foram

derramadas da boca para ler todas elas. Ainda assim, ele soube que o homem estava dizendo, não só porque Catherine tinha explicado o que iria acontecer durante a cerimônia, mas também porque as suas mãos teciam as imagens no ar. O homem e a mulher se uniram para sempre.
Isso era tudo o que ele realmente precisava saber. O momento chegou para ele dizer, "eu aceito." Ele falou as palavras e os gesticulou, respondendo com todo o seu coração.
* * * *

Jim balançava com o balanço do vagão. O movimento o deixou um pouco enjoado nas primeiras horas, mas ele tinha se ajustado. Agora ele se encontrava e calmo e ...erótico. Ou será porque Catherine estava tomando banho de esponja na pia em seu compartimento. A vista dela vestindo apenas sua camisola e calcinha fizeram acender e endurecer seu pênis.
Sem um espartilho, seus seios balançavam sob a luz material. Ele desejava os embalar e sentir o peso quente em suas mãos, mas ele permaneceu na cama estreita, com as mãos atrás da cabeça, semi-nu vendo ela lavar o corpo com um pano molhado. Seu cabelo dourado caia em ondas luxuriosas pelas costas emoldurando seu rosto.
Tal rosto encantador, suave, como o retrato de cores vivas de um anjo que sua mãe pendurava na parede de seu casebre ou qualquer que vivessem. Tinha sido um de seus poucos objetos. Quando criança, Jim acreditava que um anjo doce, levemente sorria misteriosamente e imaginava que ela falava com ele com palavras que só ele podia ouvir. Agora ele tinha seu próprio anjo na vida real, que conversava com ele com as mãos.
Catherine pegou seu olhar no espelho pequeno sobre a pia, adorável com lábios curvados em um sorriso que fez seu coração pular. Ela ergueu o braço para mergulhar o pano úmido. Seu seios contra a camisola fina, apontou claramente pelo tecido o mamilo delineado.
Jim exalou e engoliu à seco. Seus dedos levemente batidos em seu estômago nu, e seu pênis levantou como um pau da barraca, levantando suas calças. Ele se controlou sofrendo pela vontade de soltar e agarrá-la tomá-la abaixo dele, mas ele esperou ... impaciente. Noite passada, no
quarto de hotel que tinha reservado para depois do casamento, eles fizeram amor uma e outra

vez, e ali, ele estava pronto para mais. Ele não poderia ter o bastante dela.

No espelho, o sorriso de Catherine aumentou. Sua língua varreu os lábios virando para enfrentá-lo, jogando a toalha na bacia.

Jim queria estender os braços. "Venha até a mim!", Mas os manteve atrás da cabeça, casual e descontraído, dando-lhe um sorriso arrogante.

Havia pouco espaço na cama estreita para ela se sentar ao lado dele, mas ela apertou seu quadril contra o seu e olhou para ele. "Feliz?" Suas mãos perguntaram.

Ele balançou a cabeça.

Sobrancelhas disparou. "Não?"

Por fim, movendo os braços atrás de sua cabeça, ele sinalou.

"Não. Eu preciso ... "

Ele alisou a mão até o interior de sua coxa, sentindo o calor de sua pele através de sua calcinha. Sua palma tomou sua vagina, pressionando contra ela. Ele olhou nos seus olhos, seus olhos estavam pesados pela luxúria.

"Você precisa? Eu acho que você quer. "

Ela manteve as mãos abertas, em seguida, fechou num movimento de agarre.

"Quero e preciso." Ele fez os sinais sutilmente antes de ligar a sua mão ao redor dela para puxá-la para baixo em cima dele. Deslizando a mão sobre a massa de seda de seus cabelo, ele levantou a cabeça do travesseiro e se inclinou para cobrir a boca dela. Ela tinha gosto do pó de dente que ela havia acabado de escovar e o cheiro de sabão de sua pele o levou à loucura.

"Mm", ele rugiu o seu prazer no fundo de sua garganta.

Catherine deve ter gostado do som, porque ela beijou-o mais forte separando seus lábios.

Sua língua deslizou entre eles dentro dela, então se afastou. Ele quebrou o beijo e deixou sua cabeça cair no travesseiro, enquanto olhava para o rosto dela, tão perto que seus seios a seus olhos se tornaram um.

Ela o puxou de volta, com um leve franzido vincando na testa. "O que foi?"

Ele balançou a cabeça. Era muito difícil de explicar que ele simplesmente queria olhar para ela por um momento. Recolheu para trás os fios úmidos limpando seu rosto, ele olhou para ela com os lábios, molhados pelo seus beijos. Ele estudou a forma de seu nariz, o suave arredondamento de suas bochechas e queixo, e olhou os céus de seus incríveis olhos azuis.

"Parece até que você está me devorando." Suas mãos eram fáceis de ler agora, depois de meses de prática.

Ele balançou a cabeça.

Eu estou, e logo provarei seus sucos até que você se contorça.

Ele adorava sentir seu corpo ficar mais feroz e tremer debaixo dele quando chegava ao seu clímax,

e ele gostava muito de ver seu lindo rosto desenhado em uma expressão de dor pela intensidade do próximo.

Tão bonita!

Claro, ele também adorava enchê-la até que ele estivesse completamente envolto em calor e umidade, empurrando até que não podia controlar a tensão por mais tempo e explodia dentro dela. E ele adorava ficar abraçados juntos depois. Essa parte poderia ser a sua favorita. Abraçar seu corpo, suave e quente em seus braços sabendo ele acordaria com ela ainda de manhã, porque agora ele pertencia a sua cama, a seu abraço, em sua vida.

Consciente de que ele estava olhando por muito tempo, ele embalou rosto e passou o polegar sobre os lábios dela. Ele a puxou para baixo para um outro beijo, mais quente e mais profundo do que nunca. Mergulhou sua língua possuindo sua boca como a ele,a deixando saber que ela era dele.

Depois de um tempo, Catherine afastou para beijar seu queixo, pescoço e tórax. Ela não ficava mais tímida ou hesitante com seu corpo, o que era maravilhoso. Ela beijou em torno de seu mamilo, então o lambeu arranhando com os dentes até que ele engasgou. Deu um rápido olhar sobre o rosto para ver a reação dele, então ela beijou ao outro mamilo dando o mesmo cuidado. Suas mordidelas enviou um calor descendo a seu pênis. Ele empurrou contra sua barriga.

Catherine olhou para cima novamente, abaixando as pálpebras, lábios curvando-se num sorriso sedutor que seu coração acelerou em antecipação. Ela serpenteou a mão para baixo para desatar o cinto de suas calças. Ao mesmo tempo, ela lambeu o caminho abaixo em ventre palpitante.

Não havia espaço na cama estreita para a manobra, ela passou seus joelhos ao lado dela e puxou sua cueca fora de suas pernas. Seu pênis saltou para cima para cumprimentá-la, ansioso como um cão dando-lhe boas-vindas a seu dono e implorando por uma acaricia.

Ela tomou o seu eixo na mão e o acariciou enquanto admirava a textura e cor. Tendo seus olhos sobre a sua ereção era quase tão emocionante quanto o toque de suas mãos. Novamente ela olhou para seu rosto, se conectando a ele, quando se inclinou e lambeu a ponta já saliente do seu prepúcio. A visão e a sensação de sua língua rosada lambendo a cabeça inchada roxa fez sua bolas contraírem. Ela nunca tinha feito isso antes. Ele não sabia que ela faria, e se perguntou

como ela sabia o que fazer. Então ele parou de pensar quando ela o chupou em sua boca, profundo, tão molhada e quente como um motor a vapor. Foi um milagre ele não se queimar ou derreter nesse calor de luxuria. Sua mão deslizou abaixo de seu eixo enquanto ela o chupava, seu rosto enterrado com o esforço. Seus olhos fechados, quebrando a ligação visual entre eles.

Jim fechou os olhos também e a escuridão e o silêncio aprimoraram todas as sensações correndo através dele. Ele estava consciente não apenas da boca dela e das acaricias de sua mão, mas dos pequenos fio de cabelo dela fazendo cócegas em suas coxas e o gemido macio em sua garganta

vibrando sobre a cabeça de pênis, a pressão do seu braço contra a perna.

Suas bolas contrairam e seu pênis inchou ainda mais. Seus quadris arquearam e ele empurrou contra sua boca. O atrito entre a palma da mão e a pele sensível de seu pênis produziu um calor incrível. Sua saliva revestiu seu eixo, facilitando o deslizar da sua mão. A tensão em sua virilha cresceu mais forte, como dominar as rédeas de um cavalo quando ele queria correr. Sua mão e boca o trouxe mais a frente até que ele tinha de se liberar, impulsinando e mergulhando. Jim arqueado para fora da cama estreita, sua cabeça caiu para trás no travesseiro. Ondas de êxtase explodiram através dele e em sua boca. Ela engoliu cada porção antes de se mover.

Seus olhos abriram para ver Catherine limpando o lado da boca com a sua mão, sua expressão era de orgulho e satisfação. Era o mesmo sorriso que ela usava quando ele tinha feito certo a lição ou a agradou, lhe presenteando com uma flor. Ela era tão fácil de fazer feliz, e ele jurou que ia passar o resto de sua vida fazendo isso. E depois chegassem a Nova York, ele faria tudo em seu poder para fazê-la feliz por ela ter escolhido ele.

Ele estendeu a mão para ela e ela aceitou, subindo em cima dele, sua pela estava quente e suada. Seus cabelos espalhados sobre o peito e o ombro e até presos contra a sua boca. Ele beijou-a. Seu coração estava tão cheio de amor por ela que isso não foi suficiente para expressá-lo fisicamente. Jim queria dizer a ela o que sentia ... em voz alta. Ele ainda não se sentia confortável falando, sem ter idéia se o som que ele fez estava certo ou não, mas ele praticou uma frase em particular com Rasmussen.

"Eu te amo." Ele sentiu a vibração das palavras em seu peito, boca e garganta e esperava que ele tivesse falado da forma correta, colocou a língua corretamente, deu-lhes a direita quantidade de ar.

Levantando-se em seus braços, Catherine olhou em seus olhos.Estavam brilhando como um lago

azul.

"Eu também te amo."

Jim sorriu, satisfeito.

Ela deitou a cabeça no peito dele, e ele segurou-a perto, a embalando com o movimento do trem.

Ocorreu-lhe que ele finalmente tomou o trem no qual tinha recusado um emprego antes. Porém compartilhando o dormitório com Catherine ao invés do inferno lá fora com a pá de carvão no motor.

Ele estava certo de que ele seria acorrentado à Broughton pelo o resto de sua vida, mas agora ele estava seguindo para o mundo para começar uma nova vida. Ele comprovou que tudo é possível acontecer até para as pessoas mais improváveis.

Capitulo Vinte e Sete

Catherine tinha desistido de se preocupar com as convenções sociais e já não sentia culpa ou vergonha em nada em que ela e Jim faziam juntos em nome do amor. Ela nunca teria imaginado que ela iria chupar o membro de um homem e apreciá-lo, mas ela adorava ver ele dando impulsos e gemidos de prazer, como Shirley Mae havia sugerido que faria. Essas sons, desesperados cresceu sua excitação a um passo vertiginoso. Amar um homem que não falava porém lançava grunhidos, gemidos ou suspiros ainda mais preciosos. E as palavras que Jim tinha falado, com mais informe como possa parecer, foi como música para seu ouvidos.

Eu amo você também. Mais do que eu jamais pensei possível. Meu homem. Meu marido.

Seu casamento havia ocorrido de forma rápida e, provavelmente, levantou dúvidas no espírito de todos em Broughton, mas Catherine,não podia esperar para estar com ele por mais tempo. Ela não queria voltar para Nova York para que sua mãe assumisse os planos do casamento, ou pior,

tentasse convencê-la a não se casar com ele. Agora que estava feito sua mãe teria que aceitá-lo.
Nos últimos meses, já haviam aprendido a compreender um ao outro, Catherine tinha descoberto mais e mais sobre Jim. Não havia nenhuma qualidade nele que não derretesse o seu coração: pensativo,sensível, trabalhador, entusiástico, bem-humorado, criativo, gentil, amoroso. Ela ainda encontrou suas falhas cativante: teimoso, possessivo, orgulhoso e inclinado a amuar quando estava descontente. Todos esses aspectos faziam parte da soma total de Jim, e ela adorava tudo dele.
Durante seu último mês em Broughton, ele teve que dar depoimento no julgamento de Grant Karak com a ajuda de Catherine, na tradução. Embora o dinheiro de Karak e suas conexões assegurado brevemente seu tempo de prisão,porém ele tinha ido quase a falência do processo judicial e multas esgotando todos os seus interesses em Broughton. Isso foi dirigido em direção a Jim fazendo de repente aceitável na comunidade. Mesmo a Sra. Albright manteve sua opinião sobre sua relação com ela. A mulher foi subjugada, agora que Jennie tinha ido embora para a escola e Catherine pensou que talvez quisesse ela nunca lhe tivesse enviado. Talvez Ned Hildebrandt não era visto como uma má escolha como filho de um comerciante, afinal.
Agora, aqui deitada nos braços de Jim enquanto o trem sacudia sobre os trilhos os transportando milhas após milhas de distância de Broughton, Catherine pensou que iria perder a cidade e as pessoas que ela veio a conhecer tão bem. Teria saudades dela, especialmente dos estudantes, que tinham lhe presenteado docemente com cartões, desenhados à mão e pequenos presentes no final do ano letivo em honra de seu casamento.
Estava nervosa, mas animada com o futuro. Enquanto Jim freqüentasse a Escola de Surdos, Catherine conseguiria um emprego de professora em uma escola próxima. Eles alugariam uma casa usando o pequeno fundo que ela recebeu da tia Mildred. Entre o salário de professora de Catherine e de qualquer trabalho de Jim pudesse encontrar, eles fariam suas despesas domésticas.
Viver na movimentada cidade de Nova York seria muito diferente do que da tranqüila White Plains ou na sonolenta Broughton. Catherine estava contente que sua tia Lydia e os primos estariam nas proximidades para facilitar a sua transição para a vida da cidade.
Ela suspirou e colocou sua preocupações de lado sobre o futuro para descansar. Esta viagem de trem era a sua lua de mel. Ela não precisa se preocupar com nada além de desfrutar de seu novo marido, satisfazê-lo e deixá-lo agradá-la, o que ele fazia muito bem.
Ela deslizou para fora do corpo rígido de Jim, e ele virou de lado para puxá-la de volta contra a ele. Seu corpo era como um radiador de vapor queimando ela. Seus braços estavam envoltos em torno dela, uma mão preguiçosamente acariciando seu antebraço. Seu hálito quente fez cócegas

na parte de trás do pescoço e ocasionalmente, ele pressionou os lábios de seu ombro. Então ele começou a se comunicar, usando suas mãos em lugar de usar as suas próprio, fazendo os sinais ele silenciosamente falou com ela.

"O que você está pensando? Preocupada?

Catherine concordou. "Um pouco".

"Sobre os pais." Ele fez as indicações para a mãe e pai.

"Não."

"Está arrependida?"

"Não!" Ela acrescentou ênfase com a força de seu movimento. "Nunca".

Outro beijo entre seu ombro foi a sua resposta.

Ela virou o rosto para dele. "Você está preocupado?"

Ele sorriu e segurou o polegar e o indicador de uma polegada distante então gesticulou,

"E se a escola não me aceitar? "

"Ela vai. Se não, vamos continuar trabalhando juntos ".

Se colocam face-a-face no travesseiro, seus olhos escuros olhando para ela de tão perto que ela poderia ver a borda escura do exterior de sua íris e o tom ligeiramente castanhos esverdeados. Suas pupilas estavam dilatadas e sua imagem foi refletida neles. Jim traçou a ponta de sua orelha com o dedo e puxou o lóbulo.

"Gostaria de poder ouvir sua voz", ele sinalizou.

Ele nunca reclamou de sua falta de audição até agora. Sua confissão feriu seu coração em pensar em tudo que perdia: a música, o canto dos pássaros, o barulho da água, o vento soprando, risos, sussurros e mensagens de alegria. Não houve resposta, tudo que ela poderia dar era beijá-lo. Ela penteou os dedos através dos fios de seda de seu cabelo recolhendo atrás de sua cabeça. Seus lábios estavam firmes e sólidos ainda suaves e tenros, ao mesmo tempo. Catherine imaginou se um dia seus beijos não iria deixá-la no anseio e derretendo entre as pernas, mas agora um simples toque de seus lábios acordava seu desejo. Ela se levantou rapidamente, despiu as suas roupas íntimas, em seguida, pressionou seu corpo nu contra o seu quente tórax nu. Envolveu uma perna ao redor de seu quadril e sentiu seu pênis inchar contra ela.

Jim alcançou um dedo abaixo em seu sexo, mergulhando dentro deslizando seus sucos sobre seu clitóris pulsando. Ele fez cócegas sobre broto ereto, fazendo pequenos círculos, e ela gemeu baixinho. Ela estava molhada e escorregadia, dolorida e pronta. Ela apertou sua ereção contra ela e a guiou para a sua entrada.

A cabeça de seu pênis cutucou dentro e num gemido de prazer Jim empurrou profundamente, a enchendo com o peso e a circunferência de sua ereção. Seu suspiro de alivio aqueceu seu

pescoço.

Ela engasgou com o rapidez do movimento em sua entrada, mas os músculos apertaram em torno dele, o puxando mais profundo. Ela amava a sensação da sua virilha batendo contra a dela e de seu duro membro conduzindo através dela.O tremor de prazer dentro dela ficou mais forte, como um pássaro engaiolado batendo as asas, tentando sair livre. Isso era que ela tinha sido até que ela conheceu Jim - engaiolada.

Ela sempre se considerava uma mulher jovem moderna, a escolha de uma carreira docente quando ela poderia dar ao luxo de ficar ociosa, mas ela ainda estaria vinculada pela convenção, e doutrinas de atender a opinião da sociedade e de sua mãe. Foi preciso o amor de um homem especial

para despertá-la para uma nova vida.

Grunhidos suaves de Jim, e choramingos dela, o som da fricção de seu corpos molhados foram encobertos pelo o estrondo das rodas do trem. O som enchia a sala e sua mente quando seu prazer cresceu mais doce e mais intenso com cada impulso de seu pênis. Ele bateu em algum lugar profundo dentro dela mais e mais até que de repente o estouro de um pássaro engaiolado ficou livre, batendo as asas, voando através do espaço ilimitado. Ela gritou e arqueou-se contra ele. Tremores de alegria varreu através dela.

Jim segurou seu quadril e ele bombado mais e mais rápido. Depois de mais alguns golpes, ele congelou. Ele pressionou sua boca contra seu ombro, deu um longo gemido lançando pequenos impulsos constantes.

Quando o último espasmo tinha morrido, Catherine relaxou contra ele e abriu seus olhos.

Jim havia retornado para ela novamente, com os olhos focados nos dela com aquela intensa calma que sempre fez seu estômago se contrair. Seu desejo por ela nunca vacilou e ficou maravilhada com sua constância. Ela estendeu a mão para tocar seu rosto.

Ele beijou a palma da mão e murmurou em sua pele.

"Te amo".

"Eu te amo. E eu preciso de você ", ela fez sinais.

"Eu não queria. Necessitar! Levou algum tempo, mas eu sei que agora. "

Jim olhou em seus olhos e sorriu.

"Eu estou aqui."

Ele a puxou mais uma vez e a segurou até que ambos dormissem embalados pelos movimentos do trem, uma vez que o vapor os levava através da noite para o seu futuro.

FIM

Blog Romananticos&Calientes

Blog RomantiCon